
ANNA TODD
BEFORE
A HISTÓRIA DE HARDIN ANTES DE TESSA
O COMEÇO DO INFINITO
DA SENSAÇÃO DO wattpad IMAGINATOR1D

ANNA TODD

BEFORE

A HISTÓRIA DE HARDIN ANTES DE TESSA



Tradução

CAROLINA CAIRES COELHO

pa ra le la

“Eu, que já era fã da série, sacramentei meu amor eterno com este
último livro lindo”
— *Blog Livros e Laços de Fita*

“Com Hardin e Tessa eu aprendi que uma história de amor não
precisa ser linear e sem erros, não precisa ser incondicional, ela
precisa ser verdadeira”
— *Blog Coração de Tinta*

“Ódio, amor, diversão, raiva, reflexão. Não importa, Anna vai
conseguir arrancar alguma emoção de todos”
— *Blog Meu Mundinho Fictício*

“After foi uma série que me levou do céu ao inferno a cada volume”
— *Blog Histórias sem Fim*

“Sou completamente viciada na narrativa da Anna Todd e na história que ela criou”
— *Blog Por uma Boa Leitura*

“Acabei o livro completamente sem fôlego, me acabando de chorar,
não só porque chegamos ao final, mas principalmente porque acabou
e eu já sinto saudades de #Hessa”

— Blog Every Little Book

“Não há outro final mais lindo que ela poderia ter dado para #Hessa”
— Blog Capa e Título

“Amei e chorei rios no final do livro. Anna Todd, te amo ainda mais!”
— Blog Once Upon a Time

“After foi uma das melhores séries que li em 2015, um verdadeiro
presente literário. Mal posso esperar por mais”
— Blog Fora de Forks

“É um livro marcante, viciante e inesquecível”
— Blog As Meninas que Leem Livros

Também de Anna Todd:

After
After — Depois da verdade
After — Depois do desencontro
After — Depois da esperança
After — Depois da promessa

A todos os meus brilhantes leitores,
que me inspiram muito mais do que imaginam.

Playlist de Hessa



“Never Say Never”, The Fray
“Demons”, Imagine Dragons
“Poison & Wine”, The Civil Wars
“I’m a Mess”, Ed Sheeran
“Robbers”, The 1975
“Change Your Ticket”, One Direction
“The Hills”, The Weeknd
“In My Veins”, Andrew Belle
“Endlessly”, The Cab
“Colors”, Halsey
“Beautiful Disaster”, Kelly Clarkson
“Let Her Go”, Passenger
“Say Something”, A Great Big World, ft. Christina Aguilera
“All You Ever”, Hunter Hayes
“Blood Bank”, Bon Iver
“Night Changes”, One Direction
“A Drop in the Ocean”, Ron Pope
“Heartbreak Warfare”, John Mayer
“Beautiful Disaster”, Jon McLaughlin
“Through the Dark”, One Direction
“Shiver”, Coldplay

“All I Want”, Kodaline
“Breathe Me”, Sia

PARTE UM

ANTES



Quando era pequeno, o menino costumava sonhar com o que seria quando crescesse.

Talvez policial ou professor. Vance, o amigo de sua mãe, trabalhava lendo livros, e isso parecia divertido. Mas o menino não sabia ao certo quais eram suas habilidades — não tinha nenhum talento. Não sabia cantar como Joss, a menina de sua sala, não sabia fazer contas de somar e subtrair como Angela, não conseguia falar na frente dos colegas, como o engraçado e falante Calvin. A única coisa que gostava de fazer era ler páginas e mais páginas de seus livros. Ficava à espera que Vance os trouxesse — um por semana, às vezes mais, às vezes menos. Vance desaparecia de tempos em tempos, e o menino ficava entediado, relendo as mesmas páginas amassadas de seus livros preferidos. Mas ele aprendeu a confiar que o homem gentil sempre voltaria com um livro na mão. O menino ficou mais alto, mais esperto, parecia crescer dois centímetros e ganhar um livro a cada duas semanas.

Com o tempo, seus pais foram mudando. O pai gritava cada vez mais, foi se tornando mais negligente, e a mãe se mostrava cada vez mais cansada, e seu choro preenchia a noite, cada vez mais alto. O cheiro de tabaco e de coisa pior começou a se impregnar nas paredes da casa apertada. Tão constante quanto a louça acumulada na pia era o cheiro de álcool no hálito do pai. Conforme os meses se passavam, às vezes ele se esquecia da aparência do próprio pai.

Vance aparecia com mais frequência, e ele mal notava quando o choro da mãe mudava à noite. Havia feito amizades nessa época. Bom, uma amizade. Quando o amigo se mudou, ele não se deu ao trabalho de arrumar outros. Achava que não precisava de amigo nenhum, não se importava de ficar sozinho.

Os homens que apareceram naquela noite abalaram profundamente o coração do menino. O que ele viu acontecer com sua mãe o tornou mais frio, e o afastamento de seu pai fez sua raiva crescer ainda mais. Logo depois, seu pai

deixou de vez de cambalear pela casa pequena e imunda. Quando foi embora, o menino ficou aliviado. Não havia mais bebida, não havia mais móveis quebrados nem buracos na parede. A única coisa que ele deixou foi um menino sem pai e uma sala de estar cheia de maços de cigarro pela metade.

O menino detestava o gosto que os cigarros deixavam, mas adorava o modo como a fumaça preenchia seus pulmões, roubando seu fôlego. Acabou fumando todos e comprando mais. Fez novos amigos, considerando que fosse possível chamar de amigos uma turma de rebeldes e delinquentes reunidos que causavam mais encrenca do que se podia imaginar. Começou a ficar fora de casa até tarde, e as mentirinhas e brincadeiras inofensivas que os meninos revoltados inventavam foram ficando mais pesadas, e todos sabiam que era errado — mais errado impossível —, mas achavam que estavam só se divertindo. Tinham esse direito, e não conseguiam ficar sem a adrenalina, sem a sensação de poder. A cada inocência roubada, eles sentiam suas veias pulsarem com mais arrogância, mais vontade e menos limites.

O menino ainda era o mais sensível deles, mas já tinha perdido o impulso que o fizera sonhar em se tornar bombeiro ou professor. A relação que vinha estabelecendo com as mulheres não era normal. Ele desejava tocá-las, mas se esquivava de qualquer tipo de elo emocional. Isso incluía também a sua mãe, para quem ele parou de dizer até mesmo um simples "eu te amo". E quase não a via mais. Passava a maior parte do tempo na rua, e sua casa passou a significar apenas um lugar para onde os pacotes eram entregues de tempos em tempos, com um endereço do estado de Washington rabiscado embaixo do nome de Vance, o remetente.

Vance também o havia abandonado.

O menino chamava a atenção das garotas. Elas se agarravam a ele, com as unhas compridas marcando seus braços enquanto ele as enganava, beijava ou transava com elas. Depois do sexo, a maioria tentava abraçá-lo. Ele as afastava, sem beijos nem carinhos. Na maior parte do tempo, ia embora antes mesmo que elas recuperassem o fôlego. Ele passava os dias chapado, e as noites ainda mais. Ficava na viela atrás da loja de bebida ou na loja do pai de Mark, desperdiçando a vida. Arrombando lojas de bebidas, fazendo vídeos caseiros

imperdoáveis, humilhando meninas ingênuas. Não conseguia mais sentir nenhum tipo de emoção além de arrogância e raiva.

Quando foi preso, sua mãe já estava esgotada. Não tinha mais dinheiro nem paciência para lidar com seu comportamento destrutivo. Seu pai havia recebido uma proposta para trabalhar em uma universidade dos Estados Unidos. Do estado de Washington, mais exatamente. O mesmo lugar em que Vance morava, a mesma cidade, até. O mocinho e o vilão juntos no mesmo lugar de novo.

Sua mãe achava que ele não estava ouvindo quando conversou com seu pai sobre mandá-lo para lá. Pelo jeito, o velho tinha dado um tempo na bebida, mas o menino não sabia se podia confiar nisso. Nunca saberia. Seu pai também estava namorando uma mulher bacana que o menino invejava. Ela ficou com a parte boa dele. Compartilhava com ele refeições sem bebidas alcoólicas e palavras gentis, coisas que o menino nunca teve.

Quando chegou à faculdade, mudou-se para uma república, para irritar seu pai. Mas, apesar de não gostar da casa, ao levar as caixas para o quarto grande que ocuparia, ele sentiu um pouco de alívio. Era duas vezes maior do que o quarto que ele tinha em Hampstead. Não havia buracos na parede, nem insetos subindo pelo cano do banheiro. Finalmente, ele teria um lugar para colocar todos os seus livros.

A princípio, ele se manteve retraído, não quis fazer amigos. Seu grupo se formou lentamente e, com isso, o comportamento destrutivo de antes voltou.

Quando conheceu um cara que era quase uma versão americana de Mark, começou a acreditar que a vida seria sempre daquele jeito. Começou a aceitar que sempre ficaria sozinho. Ele era bom em magoar pessoas, em arrumar encrenca. Magoou outra garota, como a anterior, e sentiu a mesma tempestade percorrer seu corpo, tentando destruir sua vida com uma energia poderosa. Começou a beber como seu pai, passou a ser um hipócrita do pior tipo.

Mas não dava a mínima para isso; era apático e tinha amigos que o ajudavam a ignorar o fato de que não havia nada verdadeiro em sua vida.

Nada tinha importância.

Natalie



Quando ele conheceu a garota de olhos azuis e cabelos escuros, percebeu que ela representava um novo desafio para ele em diversos sentidos. Ela era meiga, a alma mais gentil que já tinha conhecido até então… e estava apaixonada por ele.

Ele arrancou a menina ingênua de seu mundo limpinho e cheiroso, e a arrastou para dentro de um lixão, largando-a num mundo escuro e cruel, totalmente desconhecido para ela. A maldade dele a isolou, fez com que se afastasse primeiro da igreja, depois da própria família. As fofocas eram implacáveis, as mulheres a julgavam sem parar com suas bíblias nas mãos. Com a família, não foi diferente. Ela ficou sem ninguém, e cometeu o erro de confiar demais nele.

Para a mãe do menino, foi a gota d'água. Ele foi mandado para os Estados Unidos, para o estado de Washington, para ficar com seu suposto pai. Por ter tratado Natalie como tratou, ele foi exilado de Londres, sua cidade natal. A solidão que sempre sentiu finalmente passou a ser real.

A igreja está lotada hoje, fileiras e mais fileiras de pessoas, todas reunidas para o culto em uma tarde quente de julho. Toda semana, eram quase sempre as mesmas pessoas, que conheço por nome e sobrenome.

Minha família vive como se fosse da realeza aqui em uma das menores casas de Jesus.

Minha irmã mais nova, Cecily, está sentada ao meu lado na primeira fileira, cutucando o banco de madeira lascado com as mãozinhas. Nossa igreja acabou

de receber uma doação para uma reforma, e nosso grupo de jovens vem ajudando a organizar as coisas doadas pela comunidade. Nesta semana, nossa tarefa é conseguir tinta com os comerciantes da região e pintar os bancos na próxima semana. Nos fins de tarde, eu percorri as lojas de materiais de construção uma a uma, pedindo colaborações.

Como se para mostrar que a tarefa era mesmo necessária, ouço um estalo baixinho e, quando olho, vejo que Cecily arrancou um pedaço pequeno de madeira de seu assento. Suas unhas estão pintadas de cor-de-rosa para combinar com o laço de seus cabelos castanhos, mas, puxa, ela sabe como destruir as coisas.

“Cecily, vamos ter que consertar isso na semana que vem. Por favor, para.” Seguro suas mãozinhas com as minhas, e ela faz um bico. “Você pode ajudar a pintar e deixar tudo bonito de novo. Legal, não?” Sorrio para ela. Ela sorri olhando para mim, um sorriso lindo com alguns dentes faltando, e balança a cabeça. Os cachinhos balançam todos juntos, deixando minha mãe orgulhosa de seu trabalho com o babyliss hoje cedo.

O pastor está quase terminando o sermão, e meus pais estão de mãos dadas, olhando para a parte frontal da nossa pequena igreja. O suor se acumula na minha nuca, escorrendo em gotas pesadas pelas minhas costas enquanto palavras sobre pecado e sofrimento tomam conta dos meus pensamentos. Está muito quente aqui dentro, e a maquiagem da minha mãe começou a brilhar em seu pescoço e a espalhar manchas pretas ao redor de seus olhos. Deve ser a última semana que sofremos sem ar-condicionado. É melhor que seja; pode ser que até eu finja estar doente para evitar o calor daqui se não for.

No fim do culto, minha mãe fica de pé para conversar com a esposa do pastor. Minha mãe admira muito aquela mulher — um pouco demais, na minha opinião. Pauline, a primeira-dama da igreja, é uma mulher durona e quase incapaz de demonstrar empatia com os outros, então compreendo por que minha mãe se interessa por ela.

Aceno para Thomas, o único garoto da minha idade que faz parte do grupo de jovens. Ao passar, ele e sua família inteira, seguindo a fila de pessoas saindo da igreja, acenam para mim. Disposta a tomar um pouco de ar fresco, eu me levanto

e passo as mãos no meu vestido azul-claro.

“Pode levar Cecily para o carro?”, pergunta meu pai, com um sorriso.

Ele vai tentar fazer minha mãe parar de falar, como em todo domingo. Ela é do tipo que continua falando sem parar mesmo depois de se despedir no mínimo três vezes.

Nesse sentido, eu não sou parecida com ela. Na verdade, prefiro ser como meu pai, cujas poucas palavras costumam ter muito significado. E eu sei que meu pai adora ver que sou como ele em muitas coisas, desde o jeito calado de ser até os cabelos escuros e olhos azuis, os traços mais óbvios, e também na altura. Ou melhor, na falta de altura. Nós dois medimos menos de um metro e sessenta e cinco, apesar de ele ser um pouco mais alto. Cecily vai ser mais alta do que nós dois aos dez anos de idade, minha mãe sempre diz para nos provocar.

Balanço a cabeça para meu pai e seguro a mão de minha irmã. Ela anda mais depressa do que eu, e a animação da idade faz com que passe correndo pelo que sobra da pequena multidão. Sinto vontade de segurá-la, mas ela dá as costas para mim com um sorrisão no rosto, e não consigo fazer nada além de correr atrás. Saímos em disparada, descendo as escadas em direção ao gramado. Cecily desvia de um casal de idosos, e eu dou risada quando ela grita e quase derruba Tyler Kenton, o garoto mais malcriado da nossa igreja. O sol está forte, e o ar úmido enche meus pulmões enquanto corro cada vez mais, perseguindo-a até ela cair na grama. Fico de joelhos para examiná-la. Eu me inclino e afasto os cabelos do rosto dela. Lágrimas grandes ameaçam escorrer de seus olhos, e seu lábio inferior treme bastante.

“Meu vestido…” Ela passa as mãozinhas no vestido branco, concentrando o olhar nas manchas deixadas pela grama no tecido. “Está destruído!” Ela esconde o rosto sob as mãos sujas, e eu as seguro, puxando-as para o colo dela.

Abro um sorriso e digo delicadamente: “Não está destruído. É só lavar, querida.”

Passo o polegar pela lágrima que tenta escorrer pelo seu rosto. Ela funga, não parece disposta a acreditar em mim.

“Acontece o tempo todo; aconteceu comigo pelo menos trinta vezes”, eu garanto, apesar de ser mentira.

Os cantos de sua boca se contorcem para cima, mas ela se esforça para conter o sorriso. “Aconteceu nada.” Ela repreende a minha mentira. Eu a abraço e a puxo para que fique de pé. Aproveito para examinar seus bracinhos para ter certeza de que não deixei de ver nada. Tudo normal. Eu continuo abraçando-a enquanto atravessamos o pátio da igreja até o estacionamento. Meus pais estão indo até nós daquela direção, já que meu pai finalmente conseguiu fazer minha mãe parar de fofocar.

Durante o trajeto para casa, fico sentada no banco de trás com Cecily, desenhando borboletinhas em seu livro de colorir enquanto meu pai conta a minha mãe que alguns guaxinins estão atacando o cesto de lixo no quintal. Meu pai deixa o carro ligado quando estaciona na frente de casa. Cecily me dá um beijo no rosto e desce pela porta de trás. Eu faço o mesmo e abraço minha mãe. Meu pai me dá um beijo no rosto antes de eu me acomodar no banco do motorista.

Meu pai olha para mim. “Tome cuidado, querida. As ruas estão cheias hoje, por causa do dia de sol.” Ele levanta a mão para proteger os olhos semicerrados. É o dia mais ensolarado em Hampstead nos últimos tempos. Antes estava calor, mas sem sol. Eu balanço a cabeça e prometo a meu pai que vou ser cuidadosa.

Espero até sair do bairro para mudar a estação de rádio. Aumento o volume e canto todas as músicas que tocam até chegar ao centro da cidade. Meu objetivo é conseguir três latas de tinta em cada uma das três lojas em que passar. Vou me contentar se conseguir uma de cada, mas pretendo conseguir três para que a tinta seja suficiente para cobrir tudo.

A primeira parada, a Mark’s Paint and Supply, tem fama de ser a mais barata da cidade. O dono, Mark, é bem conhecido na região, e fico feliz porque vou conhecê-lo. Paro no estacionamento quase vazio; só vejo um carro clássico vermelho e uma minivan estacionados no espaço todo. A construção é antiga, feita com placas de madeira e coberta com um reboco instável. A placa está torta, quase não consigo ver o M. Quando abro a porta de madeira, ela range, e uma sineta toca. Um gato desce de uma caixa de papelão e para na minha frente. Faço um carinho na bolinha de pelos por um momento e então caminho até a caixa registradora.

O lado de dentro da loja é tão desorganizado quanto o de fora e, no meio de tanta coisa, mal consigo ver o garoto atrás do caixa quando me aproximo. A presença dele me choca um pouco. Ele é alto e tem ombros largos; parece ser do tipo esportista.

“Mark…”, digo, sem conseguir lembrar o sobrenome dele. Todo mundo só o chama de Mark.

“O Mark sou eu”, diz alguém atrás do garoto de corpo atlético.

Inclinando-me um pouco para o lado, vejo outro garoto sentado em uma cadeira atrás da mesa, vestido todo de preto. Seu corpo é bem mais esguio que o do primeiro, mas ainda assim sua presença é mais marcante. Seus cabelos são escuros, compridos nas laterais, deixando uma franja solta. Ele tem tatuagens nos braços, espalhadas aleatoriamente em manchas de tinta escura em um mar de pele bronzeada.

Não faz muito meu tipo, mas, em vez de criticá-lo, só consigo me perguntar como pode todo mundo estar bronzeado neste verão menos eu.

“Ele não. Eu”, diz uma terceira pessoa. Olhando para o lado oposto ao do primeiro garoto, vejo um de estatura média, magro, com os cabelos raspados. “Mas eu sou o Mark *Junior*. Se estiver procurando meu pai, ele não está aqui hoje.”

O terceiro garoto também tem algumas tatuagens, apesar de serem mais organizadas do que as do menino de cabelos bagunçados, e ele tem um piercing na sobrancelha. Eu me lembro de quando pedi para meus pais me deixarem colocar um piercing no umbigo, e até hoje não consigo segurar o riso ao me recordar da cara de susto deles.

“Ele é o melhor dos dois Marks”, diz o garoto de cabelos bagunçados, com uma voz profunda e lenta. Ele sorri, e duas covinhas bonitas aparecem em seu rosto.

Dou risada, desconfiando que isso não poderia estar mais longe da verdade. “Não sei por que, mas duvido”, respondo. Todos riem, e Mark Jr. se aproxima, com um sorriso nos lábios.

O garoto da cadeira se levanta. Ele é tão alto que sua presença se torna ainda mais marcante. Ele se aproxima e para na minha frente. É bonito; tem um rosto

forte. Uma mandíbula bem desenhada, cílios escuros, sobrancelhas cheias. O nariz é fino e os lábios são rosados. Olho para ele, e ele olha para mim.

“Está procurando meu pai por algum motivo?”, pergunta Mark.

Não respondo na hora, e Mark e o atleta olham para mim e para o amigo deles.

Voltando a me concentrar na minha tarefa, e um pouco envergonhada por ver que eles estão me olhando, eu começo meu discurso: “Sou da igreja Batista de Hampstead e gostaria de saber se vocês querem doar tinta ou materiais para nós. Estamos reformando nossa igreja e precisamos dessas doações…”.

Eu me interrompo, porque o menino charmoso de lábios rosados está falando, sussurrando com seus amigos com uma voz baixa demais para eu ouvir. Então eles param, e os três olham para mim de uma vez, uma fileira completa de sorrisos.

Mark é o primeiro a falar. “A gente pode fazer isso por você, com certeza”, diz ele.

Seu sorriso parece o de um felino, mas não consigo explicar por quê. Sorrio para ele e começo a agradecer. Ele se vira para o amigo com uma tatuagem enorme de navio no bíceps. “Hardin, quantas latas tem aí?”

Hardin? Que nome estranho; nunca ouvi.

A camiseta preta do tal Hardin mal cobre a parte de baixo do navio de madeira. É um desenho bem-feito, os detalhes e as sombras formam um belo efeito. Quando olho para o rosto dele, parando por um instante nos lábios, sinto meu rosto esquentar. Ele está olhando para mim, percebendo que eu o estou encarando intensamente. Percebo Mark e Hardin se entreolharem, mas não percebo o que Mark diz para ele, sem emitir som.

“Que tal uma proposta?”, pergunta Mark, apontando com a cabeça para Hardin.

Estou interessada em ouvir isso. Esse Hardin parece engraçado, meio maluco, mas até aqui estou gostando dele. “E qual seria?” Enrolo as pontas dos cabelos com o dedo e espero. Hardin ainda está olhando para mim. Ele passa a impressão de que está sempre tentando se resguardar. Percebo isso do outro lado da loja. Fico muito curiosa em relação a esse garoto que está se esforçando tanto para

parecer durão. Eu me retraio, imaginando o que meus pais pensariam, em como reagiriam se ele aparecesse comigo lá em casa. Minha mãe acha que tatuagens são coisas de gente que não presta, mas sei lá. Elas não fazem muito a minha cabeça, mas acho que podem ser uma forma de expressão e, sem dúvida, sempre existe beleza nisso.

Mark passa a mão no rosto liso. “Se você topar sair duas vezes com meu amigo Hardin, posso dar dez galões de tinta.”

Olho para Hardin, que está me encarando, esboçando um sorriso. Que lábios bonitos ele tem. Seus traços levemente femininos o tornam ainda mais atraente, e não tanto as roupas pretas nem os cabelos bagunçados. Será que era isso que eles estavam cochichando? Hardin gostou de mim?

Enquanto penso na ideia, Mark continua:

“De qualquer cor. Qualquer acabamento. Por nossa conta, dez galões.”

Ele é um bom vendedor.

Estalo a língua. “Uma vez”, digo.

Hardin ri; seu pomo-de-adão se movimenta quando ele ri, e as covinhas aparecem em seu rosto. Sim, ele é muito, muito gato. Não acredito que não percebi assim que cheguei. Estava tão concentrada em conseguir a tinta que mal notei seus olhos verdes reluzindo sob as luzes florescentes da loja de tinta.

“Pode ser uma vez.” Hardin enfia a mão no bolso, e Mark olha para o outro rapaz, o da cabeça raspada.

Sentindo-me vitoriosa com o sucesso da negociação, eu sorrio e listo as cores de que preciso para os bancos, para as paredes, para as escadas, o tempo todo fingindo que não estou ansiosa para meu encontro com Hardin, o garoto reservado e de cabelos bagunçados que é tão inocente e tímido a ponto de se dispor a trocar dez galões de tinta por um encontro.

Molly



A mãe dele contava histórias a respeito de garotas perigosas quando ele era pequeno. Quanto mais uma garota maltratar você, quanto mais fugir de você, mais ela gosta de você. Você deve insistir, é o que os garotos aprendem.

O que esses garotos que forçam a barra descobrem quando crescem é que, na maior parte do tempo, quando uma garota não gosta de você, simplesmente não tem jeito. A garota cresceu sem uma mulher para mostrar a ela como deveria ser. Sua mãe sonhava com uma vida acelerada, mais intensa do que aquela que poderia viver ao lado da filha, e a garota aprendeu como os homens deveriam se comportar observando as atitudes dos homens de seu convívio.

Conforme a garota foi crescendo, ela aprendeu o jogo e se tornou excelente jogadora.

Eu puxo a barra do vestido para baixo quando dobro a esquina no escuro para entrar na viela. Ouço o tecido se rasgar quando o puxo, e me repreendo por fazer isso de novo.

Peguei o trem para o centro da cidade na intenção de conseguir… alguma coisa.

Não sei bem exatamente o que, mas estou muito, muito cansada de me sentir assim! O vazio pode fazer com que a pessoa se comporte de maneiras que nunca imaginou, e esse é o único modo de satisfazer o enorme buraco que existe dentro de mim. A satisfação vem e vai conforme os homens me olham. Eles sentem que têm direito ao meu corpo, já que me visto propositalmente de um modo que os atiça. Eles são nojentos e estão erradíssimos, mas eu entro no jogo, incentivando

o comportamento deles com uma piscadinha. Um sorriso tímido para um homem solitário faz milagres.

Por precisar dessa atenção, eu me sinto enojada. É mais do que desconforto; é um ardor terrível dentro de mim.

Quando dobro mais uma esquina, um carro preto se aproxima, e eu desvio o olhar quando o homem ao volante diminui a velocidade para me observar. As ruas estão escuras, e essa viela serpenteante fica atrás de uma das partes mais ricas da Filadélfia. As ruas são cheias de lojas, e cada uma delas tem seus depósitos no fundo.

Há dinheiro demais e alegria de menos em Main Line.

“Quer dar uma volta?”, pergunta o homem quando o vidro automático desce com um leve zumbido. Seu rosto é levemente enrugado, e seus cabelos castanhos e grisalhos são muito bem divididos e penteados para o lado. Seu sorriso é charmoso, e ele é bonito para a idade que tem, mas um alerta soa em minha mente em todos os fins de semana em que faço essa caminhada, em que sigo essa rotina de zumbi por algum motivo desconhecido. A falsa gentileza no sorriso dele é só isso mesmo, falsa como minha bolsa “Chanel”. É um sorriso que vem do dinheiro; já sei disso. Homens com carros pretos e polidos a ponto de brilhar à luz da lua têm dinheiro, mas não consciência. As esposas não transam com eles há semanas — meses, até —, e eles buscam nas ruas a atenção que lhes tem sido negada.

Mas não quero o dinheiro dele. Meus pais têm dinheiro, e não é pouco.

“Não sou prostituta, seu doente do caralho!” Dou um chute no carro brilhoso e idiota dele com minha bota de salto plataforma e percebo o brilho de um anel em um de seus dedos.

Seus olhos seguem os meus, e ele esconde a mão embaixo do volante. Imbecil.

“Bela tentativa. Vai para casa, ficar com a sua mulher. Tenho certeza de que o pretexto que você arrumou para sair logo mais vai deixar de valer.”

Começo a me afastar, e ele diz mais alguma coisa para mim. A distância carrega o som para longe em meio à noite, sem dúvida para um canto escuro. Eu não me dou ao trabalho de olhar para ele.

A rua está quase vazia, já que são mais de nove da noite numa segunda-feira. As luzes nos fundos das construções estão quase todas apagadas, o ar está calmo e tranquilo. Passo atrás de um restaurante de onde a fumaça sai do teto, e o cheiro de carvão toma meus sentidos. O aroma é agradável, e me faz lembrar dos churrascos no quintal que fazíamos com a família de Curtis quando eu era mais nova. Na época em que eu os considerava minha segunda família.

Pisco algumas vezes para afastar esses pensamentos e sorrio para uma mulher de meia-idade usando um avental e um chapéu de cozinheiro, que sai pela porta dos fundos de um restaurante. A chama de seu isqueiro brilha forte na noite. Ela dá um trago no cigarro que segura, e eu sorrio de novo.

“Cuidado aí, menina”, ela me avisa com a voz rouca.

“Sempre tomo cuidado”, respondo com um sorriso e um aceno. Ela sacode a cabeça e coloca o cigarro nos lábios de novo. A fumaça sobe para o ar frio, e o fogo intenso na ponta do cigarro estala no silêncio da noite. Ela joga a bituca no concreto e pisa em cima, fazendo barulho.

Eu continuo caminhando, e o ar fica mais frio. Outro carro passa, e eu vou para o canto da viela. O carro é preto… Olho de novo e percebo que é o mesmo preto bem polido do anterior. Sinto um arrepio percorrer minhas costas quando ele diminui a velocidade, com os pneus amassando o lixo que cobre a viela.

Ando mais depressa, e decido ficar atrás de uma caçamba de lixo para abrir o máximo de distância possível do desconhecido. Meus pés aceleram o passo, e eu me afasto um pouco mais.

Não sei por que estou tão paranoica hoje; faço isso quase todo fim de semana. Visto uma bata horrenda, dou um beijo no rosto de meu pai e peço para ele o dinheiro do trem. Ele franze a testa e diz que eu passo tempo demais sozinha, que preciso me situar no mundo antes que a vida me passe para trás. Se seguir em frente fosse tão simples, eu não estaria trocando de roupa às pressas, pondo outro vestido, nem enfiaria a bata na bolsa para voltar a vestir no caminho de volta para casa.

Seguir em frente. Como se fosse muito simples.

“Molly, você só tem dezessete anos, precisa voltar para a vida real antes que acabe desperdiçando os melhores anos da sua vida”, diz ele todas as vezes.

Se estes são os melhores anos da minha vida, não vejo motivo para viver mais do que isso.

Sempre concordo balançando a cabeça, abrindo um sorriso e desejando, em silêncio, que ele pare de comparar sua perda com a minha. A diferença é que minha mãe foi embora porque quis.

A noite de hoje está meio diferente, talvez porque o mesmo homem está do meu lado pela segunda vez em vinte minutos.

Começo a correr, deixando meu medo me levar pela viela toda esburacada até a rua mais movimentada adiante. Um táxi buzina para mim quando entro na rua e volto para a calçada, tentando recuperar o fôlego.

Preciso ir para casa. Agora. Sinto o peito arder, e me esforço para respirar o ar frio. Volto para a calçada e olho em todas as direções.

“Molly? Molly Samuels, é você?”, uma mulher grita atrás de mim.

Eu me viro e vejo o rosto familiar da última pessoa que gostaria de encontrar. Preciso me segurar para não correr na direção oposta quando meus olhos encontram os dela, que segura uma sacola marrom de compras em cada mão, quando caminha na minha direção.

“O que você está fazendo aqui, e tão tarde?”, pergunta a sra. Garrett, com uma mecha de cabelos caída sobre o rosto.

“Estou só dando uma caminhada.” Tento cobrir as coxas com o vestido antes de ela olhar de novo.

“Sozinha?”

“Você também está sozinha”, digo, num tom mais do que defensivo.

Ela suspira e segura as duas sacolas com um dos braços. “Vamos, entre no carro.” Ela parte em direção à van marrom estacionada na esquina.

Com o clicar de um botão, a porta do lado do passageiro se destranca, e eu entro, hesitante. Era melhor estar dentro do carro com ela e suas críticas do que na rua com o cara do carro preto que parece não aceitar um não como resposta.

Minha salvadora temporária entra pela porta do motorista e olha para a frente por um minuto antes de se virar para mim. “Você sabe que não pode se comportar assim pelo resto da vida.” Sua frase termina num tom forte, mas suas mãos tremem no volante.

“Não estou…”

“Não tente fingir que nada está acontecendo.” Pela resposta, percebo que ela não está a fim de ser simpática. “Você está se vestindo de um jeito completamente diferente de antes, e seu pai com certeza não aprovaria. Seus cabelos estão cor-de-rosa… nada a ver com o seu loiro natural. Você está no meio da rua à noite, andando sozinha. Sabia que eu não fui a única a notar sua presença? John, que frequenta a minha igreja, viu você por aí uma noite dessas. Ele contou na frente de todo mundo.”

“Eu…”

Ela faz um gesto com a mão quando ensaio um protesto. “Ainda não terminei. Seu pai me disse que você não vai mais para a Ohio State, apesar de ter se preparado para ir com o Curtis depois de tantos anos.”

A menção ao nome dele me abala, destruindo uma casca dura dentro da qual me acostumei a morar. O grande vazio em que venho me escondendo. O rosto de seu filho toma minha mente, e a voz dele surge nos meus ouvidos.

“Para”, consigo dizer em meio à dor.

“Não, Molly”, diz a sra. Garrett.

Quando olho para a frente, vejo que ela está vermelha, como se tivesse pilhas e mais pilhas de sentimentos acumulados dentro de si, sentimentos que foram se misturando nos últimos seis meses e agora estão prestes a explodir.

“Ele era meu *filho*”, diz ela. “Então nem tente agir como se tivesse mais motivos para estar sofrendo do que eu. Perdi meu filho, meu único filho, e agora estou aqui vendo você, querida Molly, que vi crescer, se perder também… e não vou mais ficar calada. Você precisa ir para a faculdade, sair daqui, como você e Curtis queriam. Seguir em frente. É o que todo mundo precisa fazer. E, se eu consigo fazer isso, por mais que me doa, você também consegue, pode apostar.”

Quando a sra. Garrett para de falar, tenho a sensação de que ela passou os últimos dois minutos dando nós no meu estômago. Ela sempre foi uma mulher discreta, seu marido sempre foi mais falante, mas em questão de cinco minutos se tornou menos frágil, de certo modo. Sua voz, normalmente suave, ganhou um tom renovado de determinação, e isso me impressiona. Faz com que eu me sinta triste também, pelo fato de ter deixado minha vida se transformar numa

existência sombria.

Mas era eu que estava dirigindo o carro.

Concordei em dirigir a picape de Curtis um dia antes de pegar minha carteira de habilitação. Estávamos animados, e o sorriso dele me convenceu. Eu o amava com toda a minha alma e, quando ele morreu, eu fiquei destroçada. Ele era minha fonte de tranquilidade, minha garantia de que eu não acabaria como minha mãe, uma mulher que vivia e respirava para ser mais do que a esposa de alguém numa casa grande, num bairro rico. Ela passava os dias pintando e dançando em nossa residência espaçosa, cantando e prometendo que logo sairíamos daquela cidadezinha.

"Não vamos morrer aqui… um dia eu convenço seu pai", ela sempre dizia.

Ela só cumpriu metade da promessa e foi embora de casa no meio da madrugada, dois anos atrás. Não conseguiu encarar a vergonha que aparentemente vinha do fato de ser mãe e esposa. A maioria das mulheres não enxergava vergonha nenhuma nisso, mas minha mãe era diferente. Ela queria ser o centro das atenções — precisava que as pessoas soubessem seu nome. Ela punha a culpa em mim por não saberem, apesar de sempre tentar negar esse fato. Sempre sentiu vergonha de mim; sempre me fazia lembrar do que fiz a seu corpo. Ela me disse, muitas vezes, que tinha um corpo perfeito antes de engravidar. Agia como se eu tivesse escolhido entrar no seu ventre de mulher egoísta. Uma vez, me mostrou as marcas que deixei em sua barriga, e eu me retraí ao ver a pele toda enrugada.

Apesar de eu não concordar com seu estilo de vida, ela me prometia o mundo. Contava sobre cidades iluminadas com outdoors enormes nos quais ela gostaria de ser bonita o bastante para aparecer.

E, certa manhã bem cedinho, depois de tê-la ouvido falar na noite anterior sobre o mundo em que queria viver, eu a vi pelo parapeito de metal da escada, arrastando a mala pelo carpete em direção à porta da frente. Ela soltou um palavrão e afastou os cabelos dos ombros. Vestida como se estivesse indo para uma entrevista de emprego, estava totalmente maquiada, com um penteado diferente nos cabelos — deve ter usado metade de uma lata de spray para deixá-los daquele jeito. Estava animada e confiante quando os tocou para ajeitá-los.

Um pouco antes de sair de casa, olhou ao redor da sala de estar lindamente decorada e abriu o maior sorriso que vi em seu rosto. Então fechou a porta, e eu consegui imaginá-la feliz, encostada do lado de fora, ainda sorrindo como se estivesse indo para o paraíso.

Não chorei ao descer a escada na ponta dos pés, tentando me lembrar de como ela era, e de como se comportava. Queria me lembrar de cada interação, de cada conversa, de cada abraço. Percebi, naquele momento, que minha vida estava mudando de novo. Observei pela janela da sala de estar quando ela entrou num táxi. Fiquei olhando para a rua. Acho que sempre soube que ela não era confiável. Meu pai podia ter medo de sair da cidade em que foi criado, onde tinha um emprego incrível, mas ele é confiável demais.

A sra. Garrett toca as pontas de meus cabelos cor-de-rosa com um gesto cuidadoso. “Enfiar a cabeça em uma tigela de corante cor-de-rosa não vai mudar nada do que aconteceu.”

Abro um sorriso ao ouvir seu jeito de falar, e digo a primeira coisa que me vem à mente. “Não tingi os cabelos porque vi seu filho sangrar até a morte na minha frente”, respondo, lembrando que a tinta escura parecia com sangue escorrendo pelo ralo quando enxaguei os cabelos.

Afasto a mão dela e, sim, minhas palavras são duras, *mas quem diabos ela é para me julgar?*

Enquanto ela pensa no que eu disse, tenho certeza de que está pensando no corpo inerte de Curtis, com o qual fiquei por duas horas até aparecer alguém para nos ajudar. Tentei soltar o cinto de segurança dele do local onde eu estava, no assento do motorista, mas não deu. O metal retorcido depois da pancada contra a grade de proteção não me deixava mexer os braços. Mas eu tentei, e gritei quando as ferragens rasgaram minha pele. Meu amor não estava se mexendo, não emitia som nenhum, e eu gritei com ele, com o carro, com o universo inteiro enquanto me esforçava para nos salvar.

Um universo que me traiu e que se tornou sombrio quando o rosto dele empalideceu e seus braços ficaram imóveis. Agradeço por meu corpo ter se desligado quando ele morreu e por eu não ter sido forçada e ficar olhando para aquela coisa que não era mais ele, esperando que de alguma forma voltasse à

vida.

Com um leve suspiro, a sra. Garrett liga o carro e arranca. “Compreendo sua dor, Molly… se tem alguém capaz de compreender, sou eu. Também estou tentando encontrar uma maneira de continuar minha vida, mas você está acabando com a sua por causa de uma coisa impossível de controlar.”

Fico perplexa, e tento ordenar meus pensamentos passando a mão pelo revestimento plástico da porta do carro. “Impossível de controlar? Eu estava dirigindo o carro.” O barulho do metal colidindo contra uma árvore, e então com a barreira de metal, toma meus ouvidos, e sinto as mãos tremerem em meu colo. “A vida dele estava nas minhas mãos, e eu o matei.”

Ele era a vida, a própria definição de vida. Era inteligente, carinhoso e cheio de amor. Curtis conseguia encontrar alegria nas coisas mais simples e idiotas. Eu não era como ele. Era mais cínica, principalmente depois que minha mãe foi embora. Mas ele me ouvia sempre que minha raiva me fazia cometer um erro. No aniversário dele, ajudou meu pai a limpar a sala de pintura da minha mãe depois que eu a destruí espalhando tinta preta pelos valiosos quadros que ela deixou para nós. Ele não me perguntou por que eu desejei que ela morresse em mais de uma ocasião.

Ele nunca me julgou, e me manteve firme de um modo que eu não conseguiria sozinha. Sempre pensei que ele seria o motivo pelo qual eu encararia a faculdade ou faria amizades numa cidade nova. Nunca fui boa em esconder minha verdadeira opinião sobre as pessoas, então não era muito fácil para mim fazer amigos. Ele sempre dizia que tudo bem, que meu jeito de ser era ótimo, só um pouco sincero demais, e que ele teria que assumir o papel do mentiroso no nosso relacionamento. Ele fingia gostar dos riquinhos pretensiosos de blusa de lã amarrada na cintura de nossa escola. Ele sempre era o simpático, aquele que todo mundo adorava. Eu era a pessoa que vinha atrelada a ele. Passávamos tanto tempo juntos que todo mundo começou a aceitar a minha presença e o meu comportamento. Ele compensava isso, acho, com seu charme. Ele era minha desculpa para o mundo, porque aparentemente via alguma coisa em mim. Era a única pessoa que me aceitava e me amava, mas ele também me deixou. Foi por culpa minha, assim como tenho certeza de que minha mãe foi embora porque

estava cansada da vida numa cidadezinha, da normalidade do meu pai, e da filha de cabelos loiros e lacinhos.

O último vestígio da minha necessidade de fingir ser normal se foi quando a pia ficou cor-de-rosa e o loiro se foi.

“Tenho um amigo com alguns contatos em Washington.”

Eu tinha quase me esquecido de onde estava enquanto a minha mente revivia cada experiência de merda da minha vida em menos de dez minutos.

“Posso perguntar se ele toparia mexer uns pauzinhos e colocar você numa faculdade boa de lá. É um lugar bonito. Bem verde, revigorante. Estamos no fim do ano, mas posso tentar, se você quiser”, oferece ela.

Washington? Que diabos existe para fazer em Washington?

Penso na oferta dela, analisando se *ainda* quero fazer faculdade ou não. E, enquanto considero a pergunta, percebo que quero, *sim*, sair dessa cidade horrorosa, então talvez seja melhor eu concordar. Eu pensava em outras cidades quando era mais nova. Minha mãe falava sobre Los Angeles, com seu clima perfeito todos os dias. Falava de Nova York e de como suas ruas ficam cheias de gente. Contava sobre as cidades glamourosas nas quais queria morar. Se ela conseguia encarar essas cidades, eu devo conseguir encarar Washington.

Mas é longe, do outro lado do país. Meu pai ficaria sozinho aqui… mas talvez isso fosse bom para ele. Ele quase não tem amigos porque está sempre muito preocupado comigo, tentando fazer com que me sinta feliz. Desistiu até de tentar se preocupar com a própria vida. Talvez o fato de eu ir para a faculdade ajude. Talvez restaure um certo senso de normalidade.

E pode ser que eu também consiga fazer amizades. Meus cabelos cor-de-rosa podem não ser tão intimidadores para pessoas de uma cidade com alguma sofisticação. Minhas roupas reveladoras podem não ser tão ameaçadoras para meninas da minha idade em outra cidade.

Eu poderia começar de novo e deixar a sra. Garrett orgulhosa.

Eu poderia dar a Curtis um motivo para se orgulhar também.

Washington poderia ser exatamente o que eu mais preciso.

E nesse momento, sentada no carro dessa mulher, dessa mãe gentil do garoto que amei e perdi, eu juro que vou ser melhor.

Não vou pegar o trem para as partes mais perigosas da cidade em Washington.

Não vou viver no passado.

Não vou desistir de mim mesma.

Só vou fazer coisas que ajudem meu futuro — e não vou me importar com o que me disserem pelo caminho.

Melissa



Ele não demonstrou o mínimo interesse pela garota quando a viu pela primeira vez. Não sabia nada sobre ela naquele momento, e até hoje não sabe muito. Conheceu primeiro o irmão dela e passou noites se embebedando com ele, conhecendo-o e notando que era uma pessoa terrível. O irmão dela era uma cobra, usando o campus como um mero campo de caça pessoal, escolhendo sua presa.

Mas, por meio da observação constante, ele viu que aquela cobra tinha uma fraqueza: sua irmã, que era uma fortaleza, alta, com cabelos bem pretos e pele bronzeada. À medida que crescia sua raiva pela cobra, ele notou que sua fraqueza era frágil, que era capaz de se concentrar na garota como se não existisse mais nada de importante na Terra — além de seus próprios desejos malignos, claro. E, convencendo a si mesmo de que a cobra estava fugindo de controle, e que ela espalhava sua imundície como uma praga poderosa que precisava ser contida, o menino elaborou um plano.

Aquela imundície tinha que ser eliminada, e sua irmã não passava de uma simples consequência de guerra.

A casa está vazia demais para uma sexta à noite. Meu pai está num jantar comemorativo da sua promoção no hospital, e todos os meus amigos estão em outra festa. Nenhuma opção parece interessante.

A festa seria uma boa se não fosse na república onde meu irmão sempre fica. Não consigo me divertir ali, porque ele é sempre muito protetor comigo, o que é muito irritante.

O jantar pode ser uma opção melhor, mas não muito. Meu pai, o médico mais prestigiado da cidade, é melhor na medicina do que na paternidade… mas ele se esforça. Seu tempo é precioso e caro, e não consigo competir com os doentes cujas contas de serviços médicos compraram a casa enorme na qual estou reclamando da vida.

Sentindo uma certa culpa, pego o celular para enviar uma mensagem de texto ao meu pai, para dizer que vou, sim. Quando percebo que já são mais de nove da noite, e que o jantar começou às oito, percebo que vou atrapalhar e dar mais um motivo para a namorada jovenzinha dele reclamar de mim. Tasha é só três anos mais velha do que eu e já está saindo com meu pai há mais de um ano. Eu seria um pouco mais compreensiva se não tivesse frequentado a mesma escola que ela no ensino médio e não me lembrasse de como ela é reclamona. Ou se ela não agisse como se não lembrasse de mim, sendo que eu sei muito bem que não é o caso.

Por mais grosseira que Tasha seja comigo, não reclamo dela com meu pai. Ela o faz feliz. Ela sorri quando ele a olha. Ri das piadas bobas dele. Sei que não gosta dele o quanto deveria, mas vi meu pai se transformar numa versão melhor de si mesmo desde que ela entrou no seu consultório com um dedo quebrado e seios arrebitados. Meu pai sofreu muito mais com o divórcio que a minha mãe, que logo revelou que voltaria para o México para viver com meus avós até conseguir se reerguer.

Não sei quem ela pensa que engana. Ganhou dinheiro suficiente na separação para viver na mordomia pelo resto de seus dias.

Em vez de perturbar Tasha e meu pai, envio uma mensagem de texto para Dan. Ele está namorando uma garota com quem estudei no ensino médio. Ela, ao contrário de mim, ainda está no colégio. Meu irmão é protetor e leal comigo até cansar, mas é um canalha. Vou repetir: um canalha *completo*. Faço o melhor que posso para não me meter nos seus joguinhos amorosos. Os amigos dele também não prestam, costumam ser mais novos e piores do que ele, que gosta de se cercar de pessoas tão ruins quanto, para se sentir melhor consigo mesmo. Quer ser o rei dos ratos, acho.

Dan responde depressa: Passo aí em vinte minutos.

Envio um sorriso de volta e saio da cama para me arrumar. Meu rosto sem maquiagem e a camiseta cinza da WCU não vão dar conta do recado. Preciso estar um pouco mais produzida. Ainda assim, tenho que tomar cuidado com a roupa que escolho se não quiser ouvir meu irmão reclamar a noite toda.

Remexo dentro do armário, procurando no mar de roupas pretas e lantejoulas. Tenho vestidos demais. Minha mãe sempre me dava seus vestidos depois de usar apenas uma vez. Meu pai gostava de tentar deixá-la feliz com vestidos brilhosos e um carro esporte vermelho, mas, de algum modo, essa felicidade nunca chegou. Quando ela estava prestes a ir embora, me deu a opção de me mudar para o México com ela. Mas, por mais engraçado que possa parecer, eu não consegui largar minha equipe de natação nem parar de nadar. É mais importante para mim do que qualquer coisa aqui em Washington. Era a única coisa — além do meu pai e de Dan — de que eu sentiria falta. Dan pensou em ir para lá, mas não quis me deixar aqui. Ou não *conseguiu*, já que está sempre de olho em mim.

Depois de experimentar os dois vestidos e de jogá-los de volta no armário, pego um macacão que nunca usei. É todo preto, exceto por uma estampa pequena nas alças grossas nos ombros. É justo o suficiente para mostrar meu quadril, casual o suficiente para ser usado na festa e cobre meu corpo o suficiente para calar a boca do meu irmão.

Quando termino de me trocar, a buzina irritante de Dan toca na frente de casa, e eu pego a bolsa e desço a escada correndo. Se não me apressar, os vizinhos vão reclamar do barulho de novo. Rapidamente digito o código de segurança do alarme e saio. Quando chego ao Audi de Dan, percebo que ele trouxe dois de seus amigos.

“Logan, deixa ela ir na frente”, diz Dan.

Já vi Logan algumas vezes, e ele sempre foi legal comigo. Deu em cima de mim uma vez, numa festa. Quando me levantei do sofá em que estava sentada e ele percebeu que sou pelo menos dez centímetros mais alta, disse que seríamos ótimos amigos. Dei risada e concordei, impressionada com seu senso de humor. Desde então, ele se tornou o meu preferido entre os amigos idiotas do meu irmão.

“Tudo bem. Eu vou atrás”, digo quando Logan solta o cinto de segurança. Vou

para o banco de trás e encontro um cara de cabelos escuros e ondulados escondendo o rosto. Os cabelos estão penteados para o lado de um jeito meio emo esquisito, mas combina perfeitamente com os piercings na sobrancelha e no lábio dele. O carinha não desvia os olhos do telefone quando me sento nem quando digo oi.

“Pode ignorar esse cara”, diz Dan, me encarando pelo espelho retrovisor.

Revirando os olhos, eu pego meu telefone. É melhor me distrair durante o trajeto.

Na fraternidade, não tem nenhum lugar para estacionar. Dan se oferece para me deixar na frente da casa para que eu não tenha que andar. Eu saio, mas quando fecho a porta, ouço a outra porta se fechar também. Olho para a frente e vejo o cara que estava no banco de trás caminhando na direção da casa.

“Cuzão!”, Dan grita com ele.

O desconhecido ergue a mão com o dedo do meio em riste.

“Com certeza ele ia preferir que você fosse andando com eles”, digo enquanto o sigo pelo gramado. Um grupo de garotas olha para ele quando passamos; uma delas sussurra algo para outra, e todas olham para mim.

“Algum problema?”, pergunto para elas, observando seus rostos desesperados e excessivamente maquiados. As três fazem que não com a cabeça de um jeito que mostra que elas não esperavam que eu fosse encará-las.

Bom, estavam enganadas. Não reajo bem a loirinhas nojentas que falam mal dos outros para se sentirem importantes.

“Elas devem ter se mijado de medo”, comenta o garoto de cabelos ondulados. Sua voz é grave, muito grave, e posso jurar que ouvi um sotaque britânico. Ele diminui o passo e não se vira para olhar para mim. Seus braços são cobertos de tatuagens. Não consigo ver com clareza nenhuma delas, mas consigo perceber que são todas feitas com tinta preta, sem cor. Combinam com ele, com a calça jeans preta e com a camiseta da mesma cor. As botas emitem um som abafado na grama macia.

Tento acompanhar seu ritmo, mas seus passos são largos demais. Ele é alto, tem alguns centímetros a mais que eu.

“Espero que sim”, digo a ele, e olho para as garotas mais uma vez. Elas

saíram dali, e estão olhando e apontando uma garota embriagada de vestido curto que passa aos tropeços.

Ele não diz mais nada para mim quando entramos na casa. Não olha para trás quando atravessa a cozinha nem quando desrosqueia a tampa de uma garrafa de uísque e toma um gole. Fico curiosa e, quando Dan e Logan aparecem na sala de estar, decido saber mais sobre o desconhecido das tatuagens. Pego o vinho de um balde sobre o balcão e me aproximo do meu irmão. Ele está sentado no sofá com uma cerveja na mão. Já cheira a maconha, e seus olhos estão vermelhos demais quando encontram os meus.

"Quem era aquele cara do banco de trás?", pergunto a ele.

Sua expressão muda. "Quem, o Hardin?"

Ele não gostou de eu ter perguntando. E *Hardin*? Que nome é esse?

"Fica *longe* dele, Mel", Dan me avisa. "Estou falando sério."

Reviro os olhos e decido que não vale a pena brigar com meu irmão por isso. Ele nunca gosta de nenhum dos meus namorados, mas, mesmo assim, tentou me aproximar de seu melhor amigo, Jace — que de longe é o mais nojento deles. Está na cara que os padrões do meu irmão são tão inconstantes quanto os altos e baixos do seu consumo de maconha e álcool.

Quando meu irmão dá um tapinha numa almofada ao seu lado, eu me sento em silêncio e observo as pessoas por um tempo. A música fica mais alta, as pessoas estão cada vez mais bêbadas e mais envolvidas pela atmosfera da festa.

Alguns minutos depois, quando Logan pergunta a meu irmão se ele quer fumar de novo, olho ao redor à procura de Hardin. Acho que não vou me acostumar com esse nome.

Mas ele está no meio da cozinha, de pé, encostado no balcão. A garrafa de uísque está bem menos cheia do que quando o vi pela última vez — cerca de quinze minutos antes.

Então ele curte baladas. Que bom.

Eu me levanto do sofá depressa, depressa demais, e quando Dan segura meu braço percebo que preciso inventar um motivo para me afastar. Se eu disser que vou procurar Hardin, sei que ele vai me seguir.

"Aonde você vai?", pergunta ele.

“Fazer xixi”, minto. Ele sempre me convida para essas festas, mas age como se fosse meu pai quando saio de perto dele, o que eu detesto.

Ele fica me olhando, observando meus olhos como se soubesse que estou mentindo, mas eu dou as costas. Sinto seus olhos sobre mim enquanto atravesso a sala de estar até a escada. Os únicos banheiros da casa enorme ficam no andar de cima, o que, claro, não faz sentido, mas as repúblicas são assim mesmo.

Subo a escada devagar, e quando chego ao andar de cima olho para meu irmão. Quando me viro de volta, dou de cara com uma parede preta.

Mas não é uma parede — é o peito de Hardin.

“Nossa, desculpa!”, digo, passando a mão na camiseta dele, que molhei com minha bebida. “Pelo menos não vai manchar”, comento, brincando.

Os olhos dele são de um verde tão intenso que preciso desviar o olhar.

“Ha, ha”, ele responde, sem a menor animação.

Grosso. “Meu irmão me falou para ficar longe de você”, digo sem pensar. O olhar dele é tão intenso que me deixa louca. Não quero continuar a encarada, mas também não quero parecer covarde. Tenho a sensação de que ele está acostumado com isso. Tenho a sensação de que é assim que ele afasta as pessoas.

Ele ergue a sobrancelha com o piercing. “Ora, é mesmo?”

Sim, sem dúvida, o sotaque é britânico. Sinto vontade de fazer um comentário a respeito, mas sei que é irritante quando as pessoas reparam no modo como falamos. Acontece comigo o tempo todo.

Faço que sim com a cabeça, e o menino inglês abre a boca para falar de novo. “E por quê?”

Não sei… mas quero saber.

“Você deve ser péssimo, para o Dan não gostar de você”, digo, brincando.

Ele não ri.

Meus ombros estão tensos agora; a energia de Hardin já me envolveu.

“Se a gente for seguir o juízo de caráter dele, está todo mundo fodido”, responde Hardin.

Meu primeiro impulso é brigar, dizer que meu irmão não é tão ruim, só incompreendido. Tenho a obrigação de sair em sua defesa.

Mas então me lembro do dia em que a família toda da última namorada de

Dan apareceu em casa, com a pobre menina grávida se escondendo atrás do pai furioso. Meu pai preencheu um cheque, e todos eles desapareceram com meu sobrinho ou sobrinha, e nunca mais tivemos notícias. Algo dentro de mim sabe que o meu irmão tem um lado obscuro, mas me recuso a admitir.

Com minha mãe tão longe e meu pai tão vidrado em Tasha, ele é tudo o que tenho.

Dou risada. “Tenho certeza de que você é bem melhor.”

Hardin levanta a mão tatuada e afasta os cabelos da testa. “Não, sou pior.”

Ele encara diretamente os meus olhos castanhos, e percebo que está falando sério. Consigo sentir o sinal de alerta por trás de suas palavras, mas, quando ele me oferece a garrafa de uísque pela metade, tomo um gole.

O uísque arde tanto quanto os olhos dele…

E tenho a sensação de que Hardin é feito de gasolina.

Steph



Quando ele viu pela primeira vez a garota de cabelos vermelhos como o fogo e braços cobertos por tatuagens, enxergou algo obscuro nela. Notou a forma competitiva como ela olhava para a amiga de cabelos mais claros. Ela comparava tudo o que as duas faziam, e ele viu o desespero por atenção que ela guardava dentro de si. Isso o fez se lembrar de uma donzela chamada Roussette, de um conto de fadas que ele leu na infância. A princesa ruiva sentiu inveja das irmãs mais jovens quando elas se casaram com príncipes, apesar de ter se casado com um almirante. Mas isso não bastava; ele não era bom o bastante por não conseguir fazer com que ela se sentisse superior às irmãs. A garota detestava a ideia de perder o que quer que fosse, mesmo que fossem coisas que sabidamente nunca foram dela. Não suportava ficar em segundo plano, sentia necessidade de ser o centro das atenções. Não suportava a ideia de que outra pessoa recebesse o que ela sentia que merecia, e acreditava merecer tudo o que havia no mundo.

Meu pai vai chegar tarde do trabalho de novo. Tem sido assim todas as noites, e eu preciso do carro dele para comprar meu vestido de formatura esta semana. Todas as minhas amigas estão com seus vestidos há um mês, e eu estou começando a entrar em pânico. Se eu não tiver um vestido para a formatura, não sei o que sou capaz de fazer. Estou muito irritada, e acho um absurdo meu pai chegar tarde de novo, mas a minha mãe está ocupada demais cuidando da minha sobrinha para ouvir minhas reclamações mais do que justificadas.

Tudo gira em torno da minha irmã e do bebê. As pessoas vivem dizendo que a

filha caçula é o bebê da casa. Parece legal, mas eu cresci usando roupas usadas e ganhando festas de aniversário de última hora só com os parentes mais próximos e mais ninguém. Sou a rejeitada da família, a esquisita que se tornou um fantasma em sua própria casa. E nem sei o porquê.

A última vez em que minha mãe dirigiu mais de duas palavras para mim foi quando manchei a pia do andar de cima de vermelho com tinta de cabelo barata. Ela ficou irritada porque foi um dia antes do chá de bebê da Olivia, a minha irmã. Posso ter espirrado um pouco de tintura, sem querer, no trocador do bebê, e usado as toalhas bordadas dos meus pais para cobrir os ombros enquanto deixava a tintura cor de sangue colorir minhas madeixas.

Mas não tive a *audácia* de estragar a camisa que Olivia usava quando tinha a minha idade.

Isto é outra coisa que detesto ouvir: “Quando Olivia tinha dezessete anos, ela era presidente do grêmio estudantil”; ou “Quando Olivia tinha dezessete anos, ela só tirava nota dez e tinha um namorado popular com quem se casou logo depois do ensino médio”.

Estou de saco cheio de ser comparada com minha irmã — ela era a menina de ouro, e não tem nada que eu possa fazer para ganhar pelo menos a prata, ao que parece. Mal posso esperar para ir para a faculdade. Por causa da pressão incessante de meus pais, vou estudar na Washington Central, onde Olivia se formou com honras.

Eles nunca deram bola para essa faculdade antes de minha irmã estudar lá, e eu nunca vou conseguir me igualar a ela, mas já cansei de tentar. É mais fácil dizer sim e sumir logo daqui.

Assim que o jipe de meu pai aparece na entrada da garagem, pego minha bolsa, olho no espelho uma última vez e desço correndo a escada, onde quase trombo com minha mãe — que nem repara na minha meia arrastão ou na blusa vermelha de couro. Ela só murmura qualquer coisa enquanto olha para seu e-reader. É só o que ela faz na vida.

A porta da frente se abre, e minha irmã entra na sala de estar com meu pai. Sierra, minha sobrinha, está dormindo nos braços de minha irmã.

“Estou tão cansada”, anuncia Olivia ao entrar.

Minha mãe aparece correndo, fechando a capa do tablet e colocando-o em cima do aparador da lareira de um jeito distraído. Claro, pela Olivia, ela pode desviar os olhos de sua preciosa tela.

“Stephanie pode levar você para casa, querida”, meu pai oferece por mim.

“Pai, preciso comprar meu vestido de formatura, e a loja fecha em trinta minutos!” Jogo a bolsa sobre o ombro e pego as chaves.

“Olivia e Sierra podem ir com você.”

Minha irmã entra na conversa. “Por mim tudo bem. Só vou ao banheiro, rapidinho.”

Seus cabelos castanhos balançam quando ela fala. Está usando calça caqui e uma camisa de mangas curtas com flores coloridas. Meu pai sorri como se sua filha mais velha fosse a pessoa mais prestativa do mundo.

É *muito* irritante.

“Certo”, eu respondo. “Mas hoje é o último dia que vão reservar o vestido para mim, então, se eu não puder ir à formatura, a culpa é sua.” Olho para a minha irmã. Olivia assente, e eu passo pelo meu pai para poder sair. “Vou esperar no carro.”

Ligo o carro e fico esperando Olivia. Cinco minutos se passam. Dez minutos se passam. Envio duas mensagens de texto e ela não responde. Sei que ela leu porque vejo o indicador no meu celular. Mas ela ainda está dentro da casa. Imagino que ela e minha mãe estejam no quarto abraço de despedida. Minha mãe faz isso quando vamos à casa de minha avó também, pede um monte de abraços para satisfazer sua necessidade de afeto. Doze minutos se passam, e eu finalmente saio do carro para voltar a casa.

Quando começo a fechar a porta do carro, minha irmã sai com passos lentos e um sorriso alheio a tudo. Ela ainda precisa colocar Sierra na cadeirinha.

“Olivia, precisamos ir”, digo para apressá-la.

Ela suspira e murmura um pedido de desculpas nada convincente.

São 8h03 quando estaciono na frente da loja às escuras. A placa na porta indica que está fechada, e as luzes estão apagadas.

E agora não vou conseguir comprar meu vestido. Era o último dia, e isso depois da minha segunda extensão do prazo de reserva. Implorei por mais tempo, mas disseram várias vezes que seria o último dia. Droga.

“Que pena, Stephanie”, diz Olivia quando encosto a cabeça no volante.

Viro a cabeça para o lado e olho feio para ela. “É tudo culpa sua.”

“Não é culpa minha”, responde ela, com a audácia de parecer surpresa. “O papai quis me levar para comprar sapatos novos para a Sierra. Ela perde sapatos muito depressa...”

Novos sapatos para um bebê? Está falando sério, porra? Perdi o vestido da minha formatura porque a filha dela precisava de sapatos novos — e a criança nem anda ainda!

“Por que o papai não levou você direto para casa? Vocês poderiam estar em casa muito antes”, argumento, levantando a cabeça e minha voz.

“Eu não estava cansada naquela hora… sei lá.” Olivia dá de ombros como se o tempo não significasse nada para ela. Como se não tivesse a menor importância.

“Que puta absurdo!” Balanço a cabeça e levo as mãos ao rosto.

“Não fala assim na frente dela!” Minha irmã sussurra em reprimenda.

Eu solto um resmungo e saio do estacionamento. Permanecemos em silêncio até chegarmos em casa. Olivia não parece nem perceber que fez algo errado, e eu estou brava demais para falar com ela agora. Estou de saco cheio de ela roubar tudo de mim — e, ainda por cima, o choro de Sierra está prestes a rachar o meu crânio.

Odeio a minha vida.

Quando chegamos à casa de Olivia, ela me agradece pela carona. Não quero pisar na casa dela, então fico feliz por não ser convidada para entrar. Uma casa que com certeza meus pais ajudaram a comprar. Roger, o marido dela, é caladão, não fala muito perto de minha família. Olivia provavelmente o manda ficar quieto. Tenho certeza de que todo mundo recebe mil explicações antes de ser exposto a mim.

Eu não quero entrar, mas preciso fazer xixi, e o caminho de volta para a casa dos meus pais leva mais quinze minutos. Ao entrar na casa de Olivia, percebo

logo de cara que o cheiro de canela é *muito forte*. Olivia acende velas a óleo em todos os cômodos.

Roger está sentado no sofá com um controle remoto em uma das mãos e um computador no colo. Quando nota que entramos na sala, sorri para a esposa e pergunta para mim, por educação, como estou. Digo que estou como estava na última vez em que nos vimos, apesar de não conseguir me lembrar de quando foi isso.

Depois de alguns minutos de amenidades trocadas num clima desconfortável, Olivia anuncia que vai colocar a bebê na cama. Sobe a escada com um ursinho de pelúcia numa das mãos e uma mamadeira na outra. Roger quase não olha para mim quando passo, observando todas as fotos idiotas da família deles no aparador acima da lareira falsa. Roger se levanta e caminha para a cozinha — para evitar uma conversa comigo, sem dúvida.

Na última foto, a família perfeita posa com roupas brancas e pretas combinando numa moldura pequena. Ao seguir em direção à cozinha, encontro, pendurada na parede do corredor em uma moldura grande de metal, uma foto de Olivia e de Roger no dia do casamento. Ela está perfeita na imagem: cabelos perfeitos, maquiagem perfeita e com um vestido lindo. Um vestido leve e branco que chega ao chão. Ela parece uma princesa, como se tivesse nascido para usar aquela roupa.

Seu vestido é o oposto do que eu usaria na formatura. O vestido que eu compraria hoje é de algodão preto e tule. O corpete é justo, com barra de tule na saia com pontas. É um vestido que, graças a Olivia, nunca terei. Começo a pensar que gostaria de ter um balde de tinta preta para acabar com o vestido perfeito e idiota dela. Olho para a foto seguinte na parede e deparo com um retrato de Roger com as mãos sobre a barriga de Olivia.

Ela acabou com meu vestido de formatura. Vou acabar com o vestido do casamento dela.

Quando entro na cozinha, Roger está de pé na frente da geladeira, com o rosto enfiado lá dentro e escondido pelas portas. Bato a mão contra o balcão de pedra para chamar a atenção dele. Assim que ele se vira, puxo a barra da camiseta, expondo um belo decote para ele. Roger respira fundo e tosse um pouco.

Abro um sorriso. Aposto que minha irmã não transa com o marido dela desde que deu à luz a filha deles.

“Desculpa.” Enrolo os cabelos com os dedos enquanto os olhos de Roger tentam não descer pelas minhas pernas, observando a meia arrastão.

“Oi”, digo, e continuo caminhando em direção a ele.

Meu coração está acelerado, e não sei que merda estou fazendo, mas estou irritada com minha irmã e bem cansada de vê-la conseguindo tudo, e estou lembrando que tudo sempre gira ao redor da Olivia perfeitinha e que nada nunca é meu, e por isso ela não deveria ter nada também. Muito menos um marido fiel e bonitinho.

“O-o que você está fazendo, Stephanie?”, pergunta Roger, com o rosto muito mais pálido do que segundos antes.

“Nada, só estou conversando.” Seguro o elástico de minha saia e a puxo para cima, até o meio da barriga, mostrando minha calcinha de renda para ele. Quando Roger se afasta, bate as costas nos armários de madeira, fechando uma das portas.

“O que foi?”, pergunto, rindo. Sinto o estômago embrulhado, e parece que vou desmaiar a qualquer momento, mas me sinto incrível e poderosa ao mesmo tempo. Deve ser a adrenalina. Adoro. Quero mais. Eu me aproximo ainda mais, e seguro o zíper na frente de minha camisa.

Roger cobre o rosto. “Para com isso, Stephanie.”

Merda, ele é mesmo um cachorrinho fiel, como pensei. Saber disso só aumenta minha inveja.

“Vamos, Roger. Não seja tão…”

“Stephanie! Porra, o que você está fazendo?” A voz de Olivia toma a cozinha.

Olho para a porta e a vejo encostada ali, com um pijama de flanela com forro azul. Está muito brava.

Depois de alguns segundos, ela se vira para o marido. “Roger?”

“Sei lá, linda, ela entrou aqui e começou a tentar tirar a roupa.” Ele ergue as mãos num pedido para que sua esposa veja como a vaca da irmã dela é louca.

Ela se vira na minha direção, arregalando os olhos para mim. “Fora daqui, Stephanie.”

“Você nem me perguntou se era verdade”, respondo, irritada. Jogo a bolsa por cima do ombro e abaixo a saia de novo para cobrir meu corpo.

“Conheço você”, ela retruca com firmeza.

Ela *me conhece*? Não me conhece coisa nenhuma, na verdade. Se conhecesse, saberia que não deveria ser tão egoísta.

“E…?” Olho para Roger, que se afasta como se eu fosse uma cobra. Quem é ele para me julgar? Se não estivesse com medo de ser flagrado, garanto que ele teria me pegado por trás sobre o balcão de granito brilhoso.

“Então, você tentou dar em cima de meu marido ou não?” Os lábios de Olivia tremem; ela está controlando as lágrimas. Eu deveria negar, virar o jogo contra os dois e culpar o cara. Ele é tão patético que ela acreditaria em mim. Consigo forçar o choro também e, se quisesse, poderia convencê-la de qualquer coisa.

Ah, por favor.

“Você é uma mimada de merda!”, ela grita comigo, e Roger atravessa a cozinha e a abraça.

Eu sou uma mimada de merda? Sério? Ela consegue tudo o que quer, que ódio. Estou cansada de ser o palco para os shows dela. Ela tem sorte por eu não ter feito coisa pior. Poderia ter feito alguma coisa para prejudicar os dois de um jeito muito mais sério. Inclusive, algumas das ideias que estou tendo agora me surpreendem… gosto disso.

“Fora daqui, Stephanie.” Olivia balança a cabeça enquanto seu marido esfrega as mãos trêmulas.

É o que faço. Em pouco tempo não vou ter mais que aguentar essa merda toda.

Vou para a faculdade em breve.

E, quando estiver lá, vou *dominar* aquela porra de campus.

PARTE DOIS

DURANTE



Hardin



Ele estava desorientado, seguindo pela vida com expectativas mínimas em relação a si mesmo. Acabaria se acostumando à vida naquele lugar desconhecido — chegou a acreditar que seu sotaque desaparecia um pouco a cada noite que passava longe de casa. Organizou a vida numa repetição robótica das mesmas ações, mesmas reações, mesmas consequências. As mulheres estavam se misturando, seus nomes se tornavam uma repetição sem fim de Sarahs, Lauras e Marias.

Ele não sabia como sua vida poderia continuar daquele jeito, dia após dia.

E então, na primeira semana do ano seguinte, ele a conheceu. Era como se tivesse sido estrategicamente colocada na Washington Central por alguém ou algo mais poderoso do que ele — para tentá-lo. Ele — ou aquilo — o conhecia muito bem, sabia de sua reputação, e tinha um plano. Estava tudo pronto para que mais uma inocência fosse roubada, para que a vida de outra garota fosse arruinada. Não vai ser tão difícil desta vez*, ele pensou. Não chegaria aos mesmos extremos de antes. Aquela era diferente, mais juvenil. Seria só diversão.*

E foi, até o vento esvoaçar os cabelos que emolduravam seu rosto. Até o tom acinzentado dos olhos dela assombrarem seu sono e até o cor-de-rosa dos lábios dela o enlouquecerem. Ele estava se apaixonando por ela — no início, foi tão rápido que não tinha certeza se estava mesmo sentindo aquilo ou só imaginando. Mas era possível sentir… ele sentia o que estava acontecendo com intensidade. Começou a depender dela para respirar, para pensar.

Certa noite, no meio de tudo, com a neve caindo, cobrindo o concreto, ele se

viu sozinho no estacionamento. Suas mãos apertavam o volante de seu velho Ford Capri, e ele mal conseguia enxergar, muito menos pensar direito.

Como podia ter feito aquilo? Como a coisa tinha ido tão longe tão depressa? Ele não tinha certeza de nada, mas sabia, no fundo do coração, que não deveria ter feito o que fez, e sabia que se arrependeria. Já estava se arrependendo.

Era para ela ter sido um alvo fácil. Uma garota bonita com sorriso inocente e olhos de uma cor incomum que não deveriam ter profundidade nem significar nada para ele. Não era para ele se apaixonar, e não era para ela querer fazer com que se tornasse uma pessoa melhor.

Ele achava que antes estava bem.

Estava se virando bem antes de cometer o lindo erro de permitir que ela se tornasse seu mundo. Mas ele a amava, ele a amava tanto que sentia medo de perdê-la — já que perdê-la seria perder a si mesmo, e ele sabia que não seria capaz de enfrentar tamanha perda depois de passar a vida toda sem nada a perder.

Suas mãos faziam mais força, os nós de seus dedos empalideciam em contraste com o volante preto, e seus pensamentos se tornaram mais confusos. Ele se tornou irracional e desesperado, e percebeu naquele momento, com o silêncio do estacionamento vazio afogando seus medos, que faria qualquer coisa — absolutamente qualquer coisa — para tê-la para sempre.

Ele a tivera, perdera, e a conquistara de novo nos meses seguintes. Não conseguia entender. Ele a amava. Seu amor por ela brilhava mais intensamente que qualquer estrela, e ele grifaria frases de dez mil dos romances preferidos dela para provar isso. Ela lhe deu tudo, e ele viu que ela se apaixonou, e queria parar de decepcioná-la. A fé que ela sentia nele fazia com que ele quisesse ser bom. Queria provar que ela estava certa, e que todas as outras pessoas estavam erradas. Ela trazia um tipo de esperança que ele nunca tinha sentido. Nem sequer sabia que existia.

A presença dela fazia com que ele ficasse à vontade; o calor em seu peito esfriava, e ele se viu viciado nela. Desejou-a até conseguir tê-la e, quando a teve, nenhum dos dois conseguia parar. O corpo dela se tornou sua segurança, a mente dela se tornou seu lar. Quanto mais a amava, mais a feria. Não conseguia

ficar longe e, em meio a brigas e amadurecimento, ela se tornou a normalidade que ele sempre desejou a vida toda.

Seu relacionamento com o pai continuava a se tornar, lentamente, algo familiar. Alguns jantares em família, e ele estava começando a esquecer o ódio que sentia do sujeito. Via a si mesmo de um jeito diferente, e isso o ajudava a ver os erros de seu pai de outra maneira. E então ele precisou que ela o ancorasse, quando sua vida mudou de novo, inclusive sua família. Ele começava a se importar com um monte de desconhecidos de um jeito que jurava que jamais seria capaz.

Não foi fácil para ele lutar contra vinte anos de padrões destrutivos e reações animalescas.

Era preciso lutar, todos os dias, contra o chamado por álcool de seu sangue, contra a raiva da qual tentava se desvencilhar… mas ele não sabia como fazer isso. Jurou que lutaria por ela… e lutou. Perdeu algumas batalhas, mas nunca perdeu de vista a vitória na guerra. Ela o ensinou como rir e como amar… e ele já disse isso para ela muitas e muitas vezes, mas nunca vai deixar de dizer.

1



Os últimos dias das férias de verão sempre são os melhores. Todo mundo está enlouquecido, vivendo seus planos e desejos de verão de última hora. As festas ficam mais lotadas, as meninas ficam mais malucas… mas, mesmo assim, mal posso esperar para que o semestre comece. Não porque sou um calouro idiota, encantado com o mundo da universidade. Não, estou ansioso porque, se fizer tudo direito, vou me formar na primavera, um ano antes do previsto.

Nada mal para um delinquente que todo mundo achava que não faria faculdade, muito menos que se formaria.

Minha mãe estava tão aterrorizada em relação ao meu futuro que me mandou para o outro lado do mundo, para o grande estado de Washington, para viver perto do meu pai. Ela usou o pretexto tosco de que queria que me "reconectasse" com ele, mas eu não sou idiota. Sabia que ela simplesmente não conseguia e não estava mais disposta a lidar com os meus problemas, então me mandou para os Estados Unidos, como um exilado.

"Está quase lá?" Cabelos cor-de-rosa e lábios carnudos me encaram entre minhas pernas. Quase tinha me esquecido de que ela estava aqui.

"Estou." Apoio as mãos em seus ombros e fecho os olhos, deixando o prazer físico que está me proporcionando tomar conta. Ela é uma distração. Todas elas são.

A pressão na minha coluna aumenta, e não me dou o trabalho de fingir que gosto da companhia dela por qualquer coisa que não seja o prazer sexual enquanto gozo em sua boca quente.

Segundos depois, ela seca os lábios com as costas da mão e se levanta.

"Sabe…" Molly pega a bolsa e tira um batom escuro. "Você poderia pelo

menos fingir estar interessado, cuzão.” Ela comprime os lábios e passa um dedo pelo excesso de maquiagem na boca.

“Eu estou.” Dou uma tossida. “Estou fingindo, quero dizer.”

Ela revira os olhos e levanta o dedo do meio para mim. Estou interessado — sexualmente, pelo menos. Ela é boa de cama e uma companhia razoável, às vezes. Somos bem parecidos, ela e eu. Nós dois fomos rejeitados pela família. Não sei muito sobre o passado dela, mas sei o suficiente para saber que alguma merda aconteceu para que quisesse vir para Washington depois de sair de uma cidadezinha cheia de endinheirados na Pensilvânia.

“Imbecil”, diz ela, tampando o batom. Ela fica mais bonita com os lábios naturalmente rosados e inchados por terem chupado meu pau.

Molly é uma conhecida minha. Bom, uma amizade colorida, eu diria. Nossa “amizade” não é exclusiva, não mesmo, e nós dois temos total liberdade para fazermos o que quisermos, com quem quisermos, do jeito que quisermos. Na maior parte do tempo, ela me odeia, mas não estou nem aí. O sentimento é recíproco.

Nossos amigos pegam no nosso pé por causa disso, mas vamos levando. Estou entediado, e ela está aqui. Ela sabe me chupar e vai embora logo depois que termina. Para mim, é perfeito. Parece que para ela também.

“Vai estar aqui hoje à noite, na festa?”, pergunta ela.

Também fico de pé, puxando a cueca e a calça jeans para cima. “Eu moro aqui, não?” Ergo a sobrancelha ao olhar para ela.

Odeio este lugar, e todos os dias me pergunto como vim parar nesta merda de fraternidade, para começo de conversa.

O bosta que doou o esperma para me pôr no mundo. Foi por causa dele. Ken Scott é um imbecil de marca maior, do pior tipo. Um alcoólatra com merda na cabeça que destruiu a minha infância, e então transformou sua vida como mágica e foi morar com uma mulher e seu filho, um otário que é só dois anos mais novo do que eu.

Ele deu uma guinada na vida, acho. Ken Scott deu uma guinada na vida e eu sou um imbecil de uma fraternidade da faculdade por quem ele é responsável, basicamente. Além disso, ele só faltou me implorar para morar em sua casa,

como se fosse uma ideia sensata viver na casa dele, sob seu controle. Quando me recusei, pensei que ele me daria um apartamento, mas é claro que não rolou. Então aqui estou, nessa casa idiota. Ele ficou muito puto por eu ter escolhido esse buraco em vez de seu palacete limpo e imaculado.

A bosta da fraternidade tem suas vantagens, acho. Uma casa enorme com festas quase todas as noites, um fluxo constante de mulheres. E a melhor parte: ninguém me enche o saco.

Nenhum dos caras da fraternidade parece ligar para o fato de eu não fazer nada para representar a casa. Não uso os moletons ridículos deles, nem colo os adesivos horrorosos deles no meu carro. Não participo de porra nenhuma de voluntariado, e com certeza não saio gritando o nome da merda da fraternidade. Eles fazem algumas coisas legais pela comunidade, mas na verdade estão pouco se fodendo para a comunidade, então isso não tem a menor importância.

Quando olho ao redor, percebo que estou sozinho. Molly deve ter saído sem que eu notasse.

Eu me levanto e abro a janela para ventilar o quarto antes de usá-lo à noite de novo. A casa cheia de quartos é uma vantagem para mim, já que não suporto gente no meu. É uma coisa pessoal demais, sei lá, mas não gosto, e todo mundo aprendeu, de um jeito ou de outro, a não entrar aqui. Molly, ou qualquer outra garota que aparecer, sabe que vamos para um dos quartos vazios, e não ao meu.

Quando me aproximo da porta, vejo Logan atravessando abraçado a uma menina baixinha de cabelos encaracolados. Ela não faz questão nenhuma de esconder o que quer com ele, e eu não faço questão nenhuma de esconder o nojo que sinto.

“Vão para um quarto!”, grito para eles.

Ela ri e me mostra o dedo do meio, e eu fecho e tranco a porta. É assim que as coisas são por aqui. Todo mundo meio que me ignora ou simplesmente me manda à merda, de um jeito ou de outro. Eu não ligo. É bem melhor mesmo ficar aqui, sozinho no meu quarto, esperando pela próxima dose artificial de animação.

Passo os dedos pelas tábuas empoeiradas da minha estante de livros. Não consigo decidir qual romance quero viver agora… Hemingway, talvez? Ele me

dá uma boa dose de cinismo. A irmã Brontë do meio? Seria bom ler uma história de amor disfuncional agora. Pego *O morro dos ventos uivantes* e tiro as botas antes de deitar na cama.

Não sei o que tem nesse romance para me fazer ler e reler tantas vezes, mas sempre me vejo folheando as páginas de sua triste história. É bem maluca, na verdade — duas pessoas juntas e então, separadas. Destruindo a si mesmas e a todos ao redor porque são egoístas e teimosas demais para se entender.

Mas, para mim, é o melhor tipo de história. Quero sentir algo enquanto estou lendo, e romances muito certinhos me dão vontade de vomitar nas páginas e queimar a evidência depois.

“Isso, isso!” Ouço uma voz feminina pelas paredes finas.

“Cala a boca, caralho!” Dou um soco na madeira antiga, pego meu travesseiro e cubro minhas orelhas.

Mais uma merda de ano. Mais um ano de cursos idiotas e provas fáceis. Mais um ano de festas chatas cheias de pessoas que se importam demais com o que os outros pensam. Mais um ano aguentando firme para poder voltar para Londres, onde é meu lugar.

2



Até hoje, ele ainda se lembra do cheiro de baunilha no pequeno quarto de alojamento na primeira vez em que ficou sozinho com ela. Os cabelos dela estavam ensopados, uma toalha escondia seu corpo cheio de curvas, e foi a primeira vez em que ele prestou atenção no modo como seu peito avermelhava quando ela ficava brava. Ele a veria irritada de novo, brava de verdade, mais vezes do que seria capaz de contar, mas nunca, de jeito nenhum, se esqueceria de sua tentativa de ser educada com ele, no começo. Ele entendeu isso como uma demonstração de arrogância. Outra garotinha teimosa que finge ser mulher*, ele pensou. A garota desconhecida continuou sendo tão paciente quanto conseguia. Sem qualquer motivo. Ela não devia nada a ele, e ainda não deve, e ele só espera poder vê-la irritada com ele, sempre, pelo resto da vida.*

Ele resgata as lembranças daqueles dias agora, sozinho, preso em seus próprios erros. Essas lembranças de sua raiva, da raiva dela, são algumas das únicas coisas que o mantiveram vivo depois que ela o deixou.

O primeiro dia do semestre de outono é o melhor de todos para observar as pessoas. Muitos idiotas correndo de um lado para o outro como galinhas sem cabeça, muitas garotas vestindo suas roupas preferidas numa tentativa desesperada de chamar a atenção dos machos. É o mesmo ciclo todos os anos e em todas as universidades do mundo. A Washington Central University por acaso é a que eu frequento. Até gosto daqui; é fácil, e os professores não pegam muito no meu pé. Apesar da minha falta de interesse, tenho um desempenho bem decente como aluno. Se eu me “aplicasse mais”, poderia ser melhor ainda, mas

não tenho nem tempo nem energia para gastar com notas, planos ou qualquer outra obsessão. Não sou tão idiota como os professores sempre imaginam que sou. Consigo perder uma semana inteira de aulas e ainda assim tirar nota máxima na prova. Aprendi que, enquanto puder fazer isso, eles me deixarão em paz.

A frente do Centro Acadêmico é o melhor lugar para ver o show. Ficar sentado aqui observando os pais chorando é minha parte preferida. É divertido para mim porque minha mãe não via a hora de se livrar de mim, mas alguns dos pais parecem prestes a ter seus braços decepados quando seus filhos — filhos crescidos, sou obrigado a constatar — vão para a faculdade. Eles deveriam estar felizes, não chorando como crianças irritantes, por seus filhos estarem fazendo alguma coisa da vida. Se dessem uma volta pelo meu antigo bairro, beijariam o chão da Washington Central University por dar a seus filhos uma chance na vida.

Uma mulher com seios siliconados enormes e cabelo tingido de loiro abraça seu filho magricela de camisa xadrez, e eu dou risada quando ele começa a chorar no ombro da mãe. Que florzinha. Seu pai está mais para trás, longe da cena patética, no seu relógio caro, esperando que o filho e a esposa parem com a baboseira.

Não consigo imaginar como seria se meus pais fossem obcecados por mim. Minha mãe quase não tinha tempo, trabalhando desde o nascer até o pôr do sol, e eu precisava me virar sozinho enquanto ela compensava a falta de noção do merda do meu pai. Ela tentava compensar da melhor maneira que podia, mas depois de perder tanto não restava muito o que fazer. E eu recusava a ajuda dela. Sempre. Não aceitava na época e ainda não aceito agora. Nem dela, nem de ninguém.

“E aí, cara.” Nate se senta na minha frente à mesa de piquenique e pega um cigarro do bolso. “Quais são os planos para hoje?”, ele pergunta enquanto risca o isqueiro.

Dou de ombros e tiro o telefone do bolso para ver que horas são.

“Não sei, vamos buscar a Steph no quarto dela.”

Enquanto ele fuma, Nate me perturba até eu concordar em passar no alojamento da Steph depois de passar no Centro Acadêmico. Não é longe, uma

caminhada de quinze minutos, mas preferiria mil vezes ir dirigindo a passar pelos montes de alunos animados.

Quando chegamos aos quartos, Nate está falando a respeito da festa do fim de semana. É sempre a mesma coisa, todo fim de semana. Qual é a graça nisso?

Tudo é sempre igual para mim. O mesmo grupo de amigos, a mesma quantidade de sexo, as mesmas festas, a mesma merda de sempre em dias diferentes.

Estou prestes a entrar no quarto quando Nate diz: “É melhor bater. Lembra como ela ficou puta da última vez?”.

Eu dou risada. Sim, eu me lembro daquele dia. Semestre passado, entrei no quarto da Steph sem bater e a encontrei de joelhos na frente de um idiota. Eu digo idiota porque… bom, porque ele estava usando chinelos. Um cara de chinelos se torna um idiota automaticamente para mim. Ele ficou com vergonha, e a Steph, puta da vida. Quando ele saiu, Steph jogou todos os objetos do quarto na direção da minha cabeça.

Ganhei a semana ao vê-la tão apavorada. Até hoje, eu a provoco por causa disso.

Finalmente paro de rir da lembrança quando ouço Steph gritando para entrarmos.

E quando entro, deparo com um cara loiro de cardigã de lã no meio do quarto. Steph está entre Nate e eu, olhando para os recém-chegados com cara de quem está se divertindo. Demoro um pouco para notar uma mulher com cara de tensa e uma garota mais nova com eles. A mulher é gostosa… observo o corpo dela: alta, cabelos loiros e compridos, peitos decentes.

“Oi, você é a colega de quarto da Steph?”, pergunta Nate, e eu finalmente dou uma boa olhada na garota.

Ela é bem bonita: lábios carnudos e cabelos loiros compridos. É só o que consigo ver, porque ela está usando roupas três vezes maiores que seu tamanho. Percebo que sua saia literalmente toca o chão, e eu me retraio por dentro. Só de olhar, consigo perceber que a faculdade não vai ser muito divertida para essa menina.

E, além disso, ela está olhando para os próprios pés, muito nervosa. Qual é o

problema dela?

“Hã… sou. Meu nome é Tessa”, ela resmunga. Sua voz é tão fraca que chega a ser irritante.

Olho para Steph, que abre um sorriso malicioso e se senta na própria cama, sem parar de olhar para a menina.

Nate reage com um sorriso, sempre mais simpático que nós dois. “Sou o Nate. Não precisa ficar tão assustada.”

Não vejo motivo para trocar amenidades, principalmente com essa garotinha. Ela olha para Nate com os olhos arregalados, e ele estende o braço e toca seu ombro.

“Você vai gostar muito daqui”, diz ele.

Ele é cheio de papo furado.

A colega de quarto de Steph parece aterrorizada ao ver os pôsteres na parede. Essa menina não poderia ser uma escolha pior. É calada, tímida, e parece ter medo do mundo. Ela tem sorte por eu estar me sentindo legal hoje; caso contrário, teria feito com que se sentisse ainda mais desconfortável.

“Estou pronta, meninos”, diz Steph, levantando-se da cama. Ela passa a alça da bolsa pelo ombro e caminha na direção da porta. O cara loiro — provavelmente o irmão da menina — está olhando para mim, e eu o encaro também.

“A gente se vê, Tessa.” Nate acena para a menina, e eu percebo que ela está olhando para mim. Seus olhos passam do piercing que tenho na sobrancelha para o piercing que tenho nos lábios, e para meus dois braços. Então, percebo que a mulher e o carinha estão fazendo a mesma coisa.

O que foi? Nunca viram tatuagens na vida? Sinto vontade de perguntar, mas tenho a sensação de que a mãe dela não é tão bacana quanto a pose que tem, então é melhor eu me comportar. Por enquanto.

Assim que chegamos ao corredor, ouvimos a mulher gritar: “Você vai trocar de quarto!”.

Steph começa a rir, e Nate e eu rimos juntos enquanto atravessamos o corredor.

3



Na manhã seguinte, eu não estou a fim de ir para a minha primeira aula, por isso vou para o quarto da Steph. Ela provavelmente ainda está dormindo, mas estou entediado, e o quarto dela fica perto de onde vai ser minha próxima aula, mais perto do que o quarto de qualquer outra pessoa do nosso grupo. Envio uma mensagem de texto para ela e digo que estou indo, mas não espero a resposta.

O corredor do prédio antigo está quase vazio, só tem alguns apressados correndo com os braços cheios de livros. Bato na porta, para não causar um ataque cardíaco na dona Fresca e, como ninguém responde, entro com a chave que Steph me deu.

Para não acabar dormindo no colchão horroroso da Steph, zapeio os canais do pacote básico da TV a cabo. Enquanto um "médico" cheio de si dá conselho amoroso a dois idiotas, a porta se abre, e a colega de quarto de Steph entra apressada. Está enrolada numa toalha molhada, e seus cabelos compridos e encharcados estão grudados em seu rosto de um jeito quase cômico. Quando ela arregala os olhos, surpresa, desligo a TV e olho para a criatura à minha frente.

"Hã... Cadê a Steph?", ela quase grita. Olha para o chão, para mim e para o chão de novo.

Abro um sorriso porque ela está envergonhada, mas fico em silêncio.

"Você me ouviu? Perguntei onde está a Steph." A voz dela está mais suave agora, mais educada.

Meu sorriso se abre ainda mais. "Não sei."

Ela está se remexendo, e chego a achar, ao vê-la puxar as pontas da toalha, que acabe rasgando o pano. Eu volto a ligar a TV e me sento.

"Certo. Você poderia… hã… sair daqui enquanto me visto?"

Bom, não vou sair. Não depois de encontrar a única posição confortável nessa cama.

Viro para o lado e cubro o rosto com as mãos para tirar um sarro. “Quem vê pensa que quero ficar olhando para você.”

Quanta pretensão achar que eu ficaria sentado aqui olhando para ela.

Bom… certo, provavelmente eu faria isso, principalmente porque a toalha que ela está usando envolve seu corpo de um jeito bem legal.

Ouço quando ela se remexe, o som de um sutiã sendo fechado, e sua respiração ofegante. Ela ainda está nervosa, e eu adoraria ver seu rosto enquanto tenta vestir as roupas com o máximo de rapidez que consegue. Eu descobriria meus olhos só para irritá-la, mas estou de bom humor. Além disso, só vou ver essa garota muito de vez em quando, então posso manter a civilidade.

“Já terminou?” Reviro os olhos embaixo das mãos.

“Que tal mostrar um pouquinho de respeito por mim? Não fiz nada pra você. *Qual é a sua?*”, ela grita.

Como é? Eu não pensei que uma garota tão inocente pudesse ser tão espertinha. Ela está tentando ser paciente comigo, e estou me esforçando para fazê-la explodir. Só consigo rir.

Enquanto fico olhando para a colega de quarto de Steph, parece esquisito rir tanto assim, mas a expressão dela é impagável. Está *muito* puta.

A porta se abre e Steph entra, vestida com as roupas de ontem. “Desculpa o atraso. Estou com uma ressaca infernal”, ela resmunga.

Reviro os olhos de novo. Claro que está de ressaca… quando não está?

“Desculpa, Tessa, eu me esqueci de dizer que o Hardin ia passar aqui.”

Ela encolhe os ombros. Como se ligasse.

“Seu namorado é bem grosso”, diz a loira.

É o que me basta para cair na risada de novo. Steph olha para mim, erguendo a sobrancelha ao me ver rir tanto.

“Hardin Scott *não é* meu namorado!”, ela exclama, talvez meio enfaticamente demais, e começa a rir comigo.

Já transamos, mas nunca namoramos.

Eu não namoro.

“O que você falou para ela?” Steph se vira para mim e apoia as mãos na cintura numa tentativa frustrada de me repreender. Então, ela se vira para a garota. “Hardin tem um… um jeito todo especial de se comunicar.”

Me comunicar? Não estou nem tentando falar com elas. Dou de ombros e volto a procurar alguma porcaria para assistir.

“Tem uma festa hoje à noite, você devia vir com a gente, Tessa”, diz Steph. Ah, sim, claro, como se essa menina fosse a festas.

Puxo meu piercing do lábio entre os dedos para não rir de novo. Olho fixamente para a TV.

“Não sou muito chegada em festas. Além disso, tenho que sair e comprar algumas coisas para pôr na minha mesa e nas paredes.”

“É só uma baladinha! Você é uma universitária agora, uma festa não vai fazer mal.” Steph praticamente implora, tentando convencê-la.

“E como você vai sair para fazer compras? Não sabia que tinha carro.”

“Vou de ônibus. E não posso ir a essa festa… Não conheço ninguém”, diz ela. Dou risada de novo. “Eu ia ficar lendo e conversando pelo Skype com o Noah.”

Porque ir fazer compras é muito divertido. Aposto que ela vai à merda da Target; é a cara dela. E o encontro pelo Skype… aposto que vai mostrar o tornozelo para o coitado do namorado dela.

“Não dá para andar de ônibus de sábado! Fica tudo lotado. Hardin pode dar uma carona quando for para casa… certo, Hardin?”, Steph olha para mim.

Não vou dar carona a ninguém para lugar nenhum.

“E você me conhece, e eu vou estar na festa”, Steph continua. “Vamos lá, vai… por favor?”

“Não sei… E não quero carona nenhuma do Hardin”, a chatinha resmunga. Eu mudo de posição e sorrio para as duas; é tudo o que posso fazer, já que elas estão me irritando demais.

“Ah, não! Eu estava tão a fim de passar mais tempo com você”, digo. “Steph, você sabe que essa garota não vai topar ir à festa.” Demoro um pouco para olhar para a camiseta branca dela grudada no peito e no quadril. Ela deveria se vestir desse jeito, e não com aquela saia comprida que estava usando outro dia. Os shorts cáqui ainda são compridos demais, mas não se pode ter tudo.

“Pensando bem, eu vou, sim”, diz a garota. Tessa era o nome dela, acho. Sim, isso. Ouço gritinhos e comemorações, e nesse momento percebo que está na hora de dar no pé.

“Eba! A gente vai se divertir muito!”, Steph promete à garota quando saio do quarto.

Dirijo para o campus e assisto às aulas do dia. Depois, recebo uma mensagem de texto de Nate, me chamando para encontrar com ele e com Tristan no Blind Bob’s. Aumento o som da música do carro e desço o vidro. Quando eu era adolescente, costumava achar que as pessoas eram muito exibidas quando tocavam música alta com as janelas abertas, mas agora entendo. Às vezes, sinto vontade de abafar o mundo ao meu redor, e a música e a leitura são as únicas coisas que servem para isso. Todo mundo tem uma mania, e essas são as minhas.

Quando preciso de silêncio, o barulho ajuda.

Melhor do que uísque, pelo menos. Minha mãe, chorando ao telefone na madrugada, concordaria.

“Por que demorou tanto?” Tristan dá uma mordida num hambúrguer; metade do recheio cai no prato na frente dele.

“O trânsito estava uma merda.” Eu me sento no banco ao lado do Nate. Nossa garçonete de sempre meneia a cabeça para mim e, momentos depois, aparece com um copo de água.

“Ainda está sóbrio, hein?”, pergunta Nate; seus olhos evitam meu copo quando toma um gole de sua cerveja.

“Sim. Ainda estou sóbrio.” Tomo metade do copo de água, tentando não pensar no gosto de uma cerveja.

“Que bom, cara. Sei que todo mundo enche seu saco por isso, mas eu acho ótimo, o autocontrole que você tem.”

Eu me remexo, todo sem jeito, ao ouvir isso.

Tristan ri, passando um guardanapo pelo queixo.

“Autocontrole? Ouvi a Molly gritando o seu nome ontem à noite.”

“Bom, estou falando de *bebida*. Não de garotas, claro que não.” Nate ri junto,

encostando o ombro no meu, e fico feliz com a mudança de tom. A conversa estava ficando pessoal demais para o meu gosto.

Nate acaba me convencendo a deixá-lo dirigir meu carro. Só tomou uma cerveja, e eu não estou a fim de dirigir, então concordo em deixar se ele for comigo buscar a Steph e a colega de quarto dela.

“Ela está me ligando para dizer que você não atende”, diz Nate quando saímos do estacionamento.

Reviro os olhos. “Eu já respondi, há uma hora, que daria carona para as duas.” Steph sabe ser chata pra caramba.

“Acabei de avisar que estamos indo. Que bom que a tal Tessa vai com ela”, comenta ele, e desce o vidro do motorista.

“Por quê?”

“Porque ela parece ser legal e deveria sair mais. A Steph disse que ela acha que o namorado é o único amigo que ela tem, ou coisa assim.”

“Namorado? Quer dizer que a Madre Theresa tem namorado?” Dou risada. Espera, o cara loiro do quarto? Os dois parecem irmãos, não namorados. É com ele que ela vai falar no Skype? Nesse caso, vai ser uma conversa por vídeo totalmente vestida — e com um blazer por cima, provavelmente, para garantir.

“Sim, ele estava aqui com ela, aquele engomadinho.”

“Vai entender.” Dou risada e aumento o volume. Tess e seu namorado com cara de nerd odiariam essa música. Aumento o volume ainda mais.

Quando entramos no estacionamento do prédio da Steph, meu telefone toca. Vejo o nome da Molly, então ignoro.

“Senhoritas.” Nate cumprimenta as garotas quando elas se aproximam do carro.

Steph está usando um vestido arrastão, e sua amiga veste o que mais parece ser um saco de batata. Não entendo. Vi o contorno do corpo dela com aquela toalha — por que usar essas coisas horrorosas?

“Você sabe que estamos indo pra uma festa, e não pra igreja, certo, Theresa?”, pergunto quando ela entra no carro.

“Por favor, não me chama de Theresa. Prefiro Tessa”, diz ela de modo sucinto. Esnobe.

Eu sabia que o nome dela era Theresa. Já li romances demais para não saber disso. Parece que toquei num ponto fraco.

“Como quiser, Theresa”, digo. No trajeto, olho para ela pelo espelho retrovisor algumas vezes. Ela não parece irritada quando não sabe que estou olhando. A fraternidade fica perto; só temos que enfrentar alguns minutos de silêncio desconfortável até chegarmos. Nate estaciona na frente da casa atrás de uma fila de carros.

Ela resmunga e revira os olhos. “Olha o tamanho disso… Quanta gente será que tem lá dentro?”, pergunta Theresa. O gramado lotado não dá uma ideia?

“Está lotada, vamos logo”, digo a ela, fechando a porta do carro. Ela permanece sentada, em choque, acho, e eu atravesso o jardim da frente.

4



Ele soube desde início, desde o primeiro encontro até a primeira vez em que ela voltou sua língua afiada contra ele, que sentia algo diferente em relação a ela. Ele não sabia ao certo... não, na verdade não fazia a menor ideia de que o fogo dentro dela enfraqueceria, e depois seria extinto pela mania dele de cometer um erro atrás do outro, mas com frequência ele se pega sozinho, revivendo os dias em que ela estava em chamas. Quando a voz e o comportamento dela eram tomados por tamanha intensidade que o ar entre eles chegava a ficar pesado. Ele deveria saber que tanta intensidade causaria destruição, consumiria a alma dela, e faria cada fibra de seu ser se desintegrar, levando a garota que ele amava, a garota sem a qual ele não conseguia e ainda não consegue respirar, e teria que vê-la se afastar com os últimos resquícios de fumaça.

Ando pela festa lotada, passando por um grupo de idiotas chapados fazendo uma brincadeira com bebida para passar o tempo enquanto tentam desesperadamente se entrosar. Seus olhos vermelhos e sorrisos idiotas me deixam enojado quando passo por eles. Um por um, eles me lançam um olhar do tipo “que babaca”, enquanto jogam bolas de plásticos em copos cheios de cerveja e comemoram como se tivessem ganhado alguma medalha por sofrerem uma lavagem cerebral completa para beber cerveja vagabunda todos nos mesmos copos.

Quando chego ao corredor lotado, vejo Steph e sua sombra. A loira parece perdida, totalmente deslocada no meio de um mar de pessoas em movimento.

Entregam uma bebida a ela, que sorri com educação, apesar de não querer. Percebo pelo olhar dela. Mas ela aceita e leva o copo vermelho à boca.

Mais uma maria vai com as outras. Que previsível.

“Oiii, planeta Terra chamando Hardin!” A voz de Molly se eleva acima do barulho. Olho para ela, percebendo a expressão irritada em seu rosto enquanto apoia a mão no quadril. Ela olha para Tessa e para Steph.

“O que você está olhando?”, pergunta ela, com a voz firme.

“Nada. Cuida da sua vida.” Continuo caminhando até a escada em direção ao meu quarto. Atrás de mim, ouço o barulho excessivo e incômodo de pulseiras, um som irritante. Eu me viro para Molly e vejo seus olhos de cachorro pidão. “Está me seguindo por algum motivo?”

Ela afasta os cabelos cor-de-rosa dos ombros. “Estou entediada”, ela reclama.

“E...?” Tiro meu telefone do bolso de trás e finjo que estou fazendo alguma coisa que não seja ouvi-la.

Molly passa a mão pelo meu braço. “Venha me divertir, cuzão.”

Olho para ela de cima a baixo, gostando de ver que seu vestido minúsculo mostra todas as coisas que já vi. Ela crava as unhas na minha pele e sorri mais.

“Vamos, Hardin, quando foi a última vez que você gozou?”

Ela não tem vergonha. Gosto disso.

“Bom, considerando que você me chupou há dois dias…”

Ela me beija antes que eu consiga dizer mais uma palavra. Eu me afasto, ela avança.

Ah, tudo bem. Ela não é tão ruim, e eu poderia estar fazendo coisas piores com meu tempo. Como a Steph, que vai passar a noite com a Theresa Santinha. Seria de fazer qualquer um dormir.

Molly me leva para o último quarto à direita; ela já sabe que é melhor nem tentar ir para o meu quarto. Ninguém entra no meu quarto. Ela fecha a porta quando entramos, e em segundos está em cima de mim. Sua boca é quente, os lábios estão pintados com um batom grudento.

O contato físico, com Molly ou com qualquer uma, é uma válvula de escape. Não faz muito sentido, mas quando minha mente se desliga por um tempo fica mais fácil pensar. É uma injeção de adrenalina, a única vez em que sinto alguma

coisa.

Molly me leva para a cama, uma desocupada, sem nem um maldito lençol. Esses detalhes não fazem diferença quando não existe nenhum sentimento envolvido. Molly deita seu corpo pequeno sobre o meu e se esfrega na minha perna. Eu seguro seus cabelos cor-de-rosa, afastando seus lábios dos meus.

“Não”, aviso. Ela geme, resmungando como faz quando lembro que ela não deve me beijar.

“Você é um babaca”, ela reclama, mas se movimenta para se posicionar sobre minha virilha.

A porta se abre, e ela para de movimentar o quadril. Ela se vira e se senta, e eu me apoio nos cotovelos.

“Quer alguma coisa?” O tom de Molly está tomado pela impaciência e pelo desejo.

E claro — *claro!* — que de pé à porta está Tessa, a colega de quarto de Steph, com uma cara que deixa claro que está mais envergonhada do que Molly e eu juntos.

“Ah… não. Desculpe, eu…”, ela gagueja. “Estou procurando um banheiro; derrubaram bebida em mim.” Ela olha feio para o próprio vestido como se isso provasse alguma coisa. Essa garota passa muito tempo olhando para baixo, pelo que parece.

“Então vai logo encontrar um banheiro.” Molly a dispensa com um gesto de mão. “Vai encontrar um banheiro.”

Tessa sai do quarto imediatamente e fecha a porta.

Mas, quando Molly começa a beijar meu pescoço, vejo a sombra dos pés de Tessa embaixo da porta. Ela está escutando o que estamos fazendo? Que puta esquisitice. Alguns segundos depois, ela desaparece, e Molly leva a mão ao meio das minhas pernas.

“Nossa, aquela menina me irrita”, ela reclama.

Para alguém que não é lá muito querida, Molly se “irrita” com gente demais.

“Eu devia ter pedido para ela brincar com a gente?” Eu encolho os ombros, e Molly faz uma careta.

“Credo. De jeito nenhum. Bianca ou Steph, talvez, mas essa Tessa, não. Ela

nem é gostosa, e é quase o dobro do meu tamanho.”

“Você é uma megera, sabia?” Balanço a cabeça olhando para ela. Tessa, por mais simples que seja, tem um belo corpo — o tipo de corpo que os caras adoram, o tipo de corpo que eu devoraria num instante se ela aprendesse a domar aquele temperamento.

“Não importa. Você só gosta dos peitos dela.” Molly beija meu pescoço.

“Eu não *gosto* dela”, digo, sentindo a necessidade de me defender.

“Ora, claro que não gosta dela.” Molly se afasta e olha nos meus olhos. Ela sorri como se estivéssemos dividindo um segredo ou coisa assim. “Isso não quer dizer que você não gostaria de transar com ela.”

Ela beija meu queixo, mordiscando a pele. Suas mãos me seguram, uma delas vai ao meu pau. Ela não para de mexer o corpo pequeno sobre o meu.

“Chega de falar.” Levo a mão entre suas pernas abertas e passo os dedos ali. Ela geme contra meu pescoço, e eu me concentro no prazer que está me proporcionando. Molly é mais parecida comigo do que seria capaz de admitir. Ela também acha seus dias sem graça e chatos. Também usa o contato físico para fugir de seus pensamentos. Não sei muito a seu respeito, na verdade, e ela não vai me contar, mas sei que sua vida não foi fácil.

O corpo de Molly estremece quando enfio os dedos nela, e agora já sei como fazê-la gozar depressa. Quando geme, percebo que murmura “Lou”, mas ela logo se recompõe e diz meu nome.

Lou? Que merda é essa? Tento não rir ao pensar que ela pode estar falando de Logan, dizendo o apelido dele enquanto eu proporciono prazer a ela. Molly sabe que ele não ia querer nada com ela. Ele a trata bem, porque é um cara legal, mas tem parâmetros.

Se eu me importasse, reclamaria com ela, mas não estou nem aí. Eu a uso e ela me usa — nós dois sabemos disso. Penso na festa que está acontecendo no andar de baixo. Tento imaginar quantas vezes a colega de quarto de Steph já chorou. Ela é bem emotiva, mas com um jeito abusado e desafiador que esconde sua fragilidade.

Molly puxa minha calça jeans, abre o botão. Fecho os olhos quando ela envolve meu pau com os lábios quentes.

Depois, ela não diz nada, nem eu, quando limpa os lábios inchados com os dedos. Molly se levanta, puxando o vestido para baixo para cobrir o corpo até onde é possível, e sai do quarto.

Eu fico deitado, em uma cama que não é minha, e olho para o teto por alguns minutos antes de ir para o corredor. A festa ainda está rolando; a casa está ficando cada vez mais bagunçada. Três garotas bêbadas de mãos dadas passam por mim.

“Vocês são minhas melhores amigas”, a mais baixa delas diz.

Uma delas, com uma blusa de lã azul, está com os olhos vermelhos ao atravessar o corredor, e quase tropeça. “Amo vocês duas!”, ela responde com os olhos marejados.

Garotas bêbadas choram e são “melhores amigas” de qualquer um…

Logan aparece no fim do corredor, com um sorriso torto e uma bebida em cada mão. Ele me oferece uma, mas eu recuso balançando a cabeça.

“O seu é água”, diz ele, estendendo o copo vermelho entre nós.

Eu o pego, levo ao nariz e sinto o cheiro do líquido. “Hum… obrigado.” Tomo um gole da água fria e ignoro o modo como Logan me julga em silêncio por beber água.

“A casa está lotada, cara”, diz ele, pigarreando com uma careta. “Essa vodca barata queima pra cacete.”

Não digo nada, só observo o corredor enquanto caminhamos em direção à escada.

“Olha, eu vi aquela tal de Tessa entrando no seu quarto”, diz ele atrás de mim. Eu me viro para ele.

“O quê?”

“Ela entrou lá com a Steph, que está passando mal, vomitou no banheiro.”

“Por que elas entrariam no meu quarto?”, falo mais alto. Poderia jurar que tinha trancado o quarto. Ninguém entra no meu quarto, passando mal ou não. E certamente ninguém entra lá para vomitar nas minhas coisas.

Ele dá de ombros. “Sei lá. Só estou avisando.”

Logan desaparece na multidão enquanto caminho em direção ao meu quarto. Steph sabe que não deve entrar no meu quarto… por que não avisou a sombra

dela?

Entro depressa e, como era esperado, ao lado de minha estante de livros está Tessa. Na mesma hora, percebo que ela está segurando meu exemplar mais antigo de *O morro dos ventos uivantes*. As páginas desgastadas indicam que já foi muito manuseado.

“O que você está fazendo no meu quarto?”, pergunto a ela, que nem se mexe. Fecha delicadamente o livro que está segurando.

“Perguntei o que você está fazendo no meu quarto”, repito com a mesma grosseria da primeira vez. Atravesso o quarto, pego o livro da mão dela e o enfio de volta na estante. Ela ainda não me respondeu; ela está ali, perto da minha cama, com os olhos arregalados e a boca fechada.

“Nate me disse para trazer Steph aqui…”, ela sussurra, apontando para a minha cama. Steph está apagada no colchão, e não fico feliz com isso. “Ela bebeu demais, e Nate disse…”

Eu já tinha ouvido o suficiente.

“Eu ouvi da primeira vez”, eu a interrompo sem me alterar.

“Você faz parte dessa fraternidade?”, pergunta ela com a voz curiosa e um tanto crítica. Não que eu esteja surpreso com isso. Estou me acostumando a ser julgado, principalmente por meninas mimadas com atitude esnobe. Mas não acho que ela seja rica. Seu vestido parece ser de um brechó, e não de uma butique, o que me surpreende, por algum motivo.

“Sim, e daí?”, eu me aproximo da menina enxerida, e ela se afasta, batendo na estante. “Está surpresa, Theresa?”

“Para de me chamar de Theresa”, ela rebate.

Briguenta.

“É seu nome, não?”

Suspirando, ela dá as costas para mim. Olho para a minha cama quando ela tenta sair do quarto.

“Ela não pode ficar aqui”, digo. De jeito nenhum a Steph vai dormir na minha cama a noite toda.

“Por que não? Pensei que fossem amigos.”

Que meiga… que ingênua.

“Somos, mas ninguém pode ficar no meu quarto.” Cruzo os braços e a observo com atenção. Seus olhos estão percorrendo as tatuagens nos meus braços. Gosto do jeito como ela está olhando para mim, tentando me decifrar. Chega a ser excitante ser analisado assim… ela está interessada, é óbvio.

De repente, parece cair na real e para de me observar.

“Ah… entendi”, ela ri. “Então, só as garotas que topam beijar você podem ir ao seu quarto?”

Não consigo deixar de sorrir para a calourinha briguenta. Cabelos loiros compridos e curvas de matar escondidas embaixo dessa roupa horrorosa… mas alguma coisa nessa garota me irrita de um jeito mais profundo do que Steph, até mesmo Molly. Não sei o que é, mas ela consegue me tirar do sério com muita facilidade, e eu preciso pôr um fim nisso.

“Aquele não era meu quarto. Mas, se está falando isso porque está a fim de me beijar, fique sabendo que você não faz meu tipo.”

Sorrio e observo o rosto dela se contorcer de vergonha e raiva.

“Você é… Você é…”

Eu me sinto desconfortável enquanto ela luta para encontrar as palavras para me ofender.

“Bom… então arranja *você* outro quarto para ela, enquanto arrumo um jeito de voltar para o campus.”

Eu? Ela é tão segura de si que está me irritando cada vez mais.

Ela não deixaria Steph aqui. Deixaria? Ela abre a porta e sai.

Droga, ela é mais corajosa do que eu pensei. Estou um pouco impressionado. *Irritado*… mas impressionado.

“Boa noite, Theresa”, grito quando ela bate a porta do meu quarto.

Olho ao redor do quarto para ver o que mais pode ter sido mexido. O espelho da parede chama a minha atenção, principalmente porque o cara que vejo nele está quase irreconhecível. Não sei quem me tornei nos últimos anos.

Mas a surpresa maior é que eu não sei de onde veio o sorriso idiota que vejo em meu rosto agora.

Estou acostumado a discutir com gente chata nessas festas. Por que curti essa discussão muito mais do que o normal? Foi por causa dessa garota nova? Ela não

costuma ser meu tipo de vítima, mas é divertido brincar com ela.

O barulho que vem do andar de baixo toma meu quarto e, com Steph na minha cama, não posso fazer nada. Vou ter que pedir ao Nate para tirá-la daqui… para o corredor, se for o caso. Com certeza, ela já dormiu em lugares piores. Eu me pego pensando em Tessa e seu comportamento. O jeito como ela levou a mão à cintura, com teimosia, e me enfrentou.

Vou até o corredor e convenço um novato da fraternidade a levar o corpo de Steph para um quarto vazio mais adiante. Fico esperando para ter certeza de que ele não vai ficar ali com ela e, quando ele sai do quarto, eu volto para o meu.

Passando pelo banheiro, ouço uma voz desesperada lá dentro. É a tal de Tessa… reconheço a voz dela imediatamente.

“Sim. Quer dizer, não. Vim para uma festa idiota com minha colega de quarto e agora estou presa em uma república sem ter onde dormir e sem saber como voltar para casa.”

Ela está chorando agora. Eu deveria me afastar da porta. Não tenho energia nem interesse para lidar com uma garota chorosa e supersensível.

“Mas ela…”

Não consigo entender o que ela diz enquanto chora. Encosto a orelha na porta.

“Isso não importa, Noah”, ouço quando ela diz.

Tento abrir a porta. Nem sei por que faço isso, então ainda bem que está trancada.

“Só um minuto!”, ela berra, perdendo a paciência.

Bato de novo. “Eu disse só um min…”

Ela abre a porta, e seus olhos estão arregalados quando me vê. Desvio o olhar quando ela passa por mim. Seguro seu braço para impedi-la.

“Não encosta em mim!”, ela grita e se afasta.

“Você estava chorando?”, pergunto, apesar de já saber a resposta.

“Me deixa em paz, Hardin”, diz ela, sem convicção na voz. Parece exausta. *Com quem estava falando ao telefone? Com o namorado?*

Abro a boca para provocá-la, mas ela ergue um dedo para mim. “Hardin, por favor. Estou pedindo, se você tiver o mínimo de decência, me deixa. Pode guardar seus comentários maldosos para amanhã. Por favor.” Seus olhos cinza-

azulados brilham porque estão marejados, e o comentário maldoso que eu planejei de repente perde a graça.

“Tem um quarto no fim do corredor onde você pode dormir. Foi lá que deixei a Steph”, digo a ela. Ela me olha como se eu fosse um monstro de três cabeças.

“Certo”, ela diz simplesmente depois de um momento.

“É a terceira porta à esquerda.” Caminho em direção ao meu quarto. Sinto muita vontade de me afastar dessa garota, e depressa.

“Boa noite, Theresa”, digo, e entro no meu quarto. Fecho a porta e me recosto nela.

Eu me sinto tonto. Não estou bem. É melhor que o Logan não tenha me enganado colocando alguma coisa na minha água.

Ando até a estante e pego *O morro dos ventos uivantes*, e abro o romance em uma página aleatória. Catherine é a personagem feminina mais irritante que já li, e não consigo entender por que Heathcliff aguenta os chiliques dela.

Ele é um idiota também, mas ela é a pior.

Demoro um tempo para dormir, mas, quando durmo, sonho com Catherine, ou com uma versão loira e mais jovem dela, entrando na universidade. Mas o som dos gritos da minha mãe me desperta, e eu me levanto depressa, suando, e acendo a luz.

Quando essa merda vai acabar? Isso já me atormenta há anos.

Depois de passar algumas horas olhando para o teto e para as paredes, inquieto, tentando me convencer de que devo ter dormido esse tempo todo, tomo um banho e desço para a cozinha. Pego um saco de lixo e decido ajudar a limpar a sujeira, pela primeira vez. Talvez, se eu fizer coisas legais para alguém, tenha uma noite de sono inteira, qualquer dia desses.

Na cozinha, encontro Tessa, ainda aqui, rindo e encostada no balcão.

“Qual é a graça?”, pergunto, tirando um monte de copos vazios do balcão, jogando-os dentro do saco.

“Nenhuma… Nate mora aqui também?”, ela me pergunta.

Eu a ignoro.

Sua voz meiga aumenta um pouco de volume. “Sim ou não? Quanto antes me disser, mais rápido vou embora daqui.”

“Certo, agora você me convenceu.” Dou um passo na direção dela para tirar um monte de toalhas de papel molhadas de cima do balcão. Sorrio para a garota irritada. “Mas não, ele não mora aqui. Por acaso ele parece um cara de fraternidade?”

“Não, mas nem você”, ela diz.

Não respondo. Droga, essa casa está um desastre.

“Tem algum ônibus que passa aqui perto?” Ela bate o pé no chão como uma criança, e eu reviro os olhos.

“Tem, a um quarteirão daqui.”

“Você pode me dizer onde fica o ponto?”

“Claro. A um quarteirão daqui.”

Algo na irritação dela me faz sorrir.

Ela caminha depressa com suas sapatilhas. Dou risada sozinho e ignoro o modo como Logan está sorrindo para mim do outro lado da cozinha. Caminho em direção a ele, mas mudo de direção ao ver Tessa se aproximar de Steph.

“Nem ferrando que vamos de ônibus. Um desses idiotas vai levar a gente de volta. Ele devia estar só provocando você”, ouço Steph dizer. Ela entra na cozinha, parecendo o furacão Katrina. Sua maquiagem escura está manchada ao redor dos olhos. Olho para Tessa, que não está usando quase nada no rosto, e percebo a diferença. “Hardin, está pronto para levar a gente embora? Minha cabeça está latejando.”

“Sim, claro, só um minutinho.” Largo o saco de lixo no chão e dou risada quando ouço Tessa resmungar. É muito fácil irritar essa garota.

Tessa e Steph me encontram perto do meu carro, e acabo escolhendo uma das minhas músicas de metal preferidas, “War Pigs”, durante o trajeto de volta ao campus. Desço os vidros e aproveito a brisa.

“Pode subir o vidro?”, Tessa pergunta do banco de trás.

Olho no espelho retrovisor e puxo o piercing do lábio entre os dentes para não rir do jeito como seus cabelos loiros batem em seu rosto. Finjo não escutar e aumento o volume.

Quando o passeio termina e elas estão saindo do carro, digo: “Volto mais tarde, Steph”. Consigo ver a calcinha dela por baixo da roupa, mas tenho certeza de que é esse o objetivo dela ao vestir meias arrastão.

“Tchau, Theresa.” Abro um sorriso, e ela revira os olhos. Eu me pego rindo quando parto com o carro.

5



Ele acordou uma noite, meses depois de tê-la conhecido. Rolou para o lado e a viu aconchegada contra ele, com as pernas ao redor de seu corpo. Nunca tinha sentido nada assim antes, a dor estava muito menor, mas seu coração e sua mente estavam elétricos ao mesmo tempo — e ele não tinha experiência com nada parecido. Ele queria despertá-la, confessar seus segredos a seu anjo naquela noite, mas ela acordou no momento exato em que pediria perdão… e ele não teve forças.

Era um covarde mentiroso, e sabia disso. Só podia esperar que ela tivesse piedade dele. Os olhos trêmulos dela o procuraram, e ele sentiu um peso forte sobre si. Não podia arruinar quem ela pensava que ele era, mas estava aterrorizado em relação ao futuro, já que tinha aprendido na infância que toda mentira criada no escuro se torna uma verdade terrível sob a luz.

Os sons do riso e de um cachorro latindo me acordaram do sono de três horas. Eu nunca durmo muito mesmo, mas adoraria ter um pouco de sossego nos corredores, considerando que é manhã de segunda e tenho aula em… pego meu telefone e confiro a hora.

São 8h43.

Merda.

Tenho menos de trinta minutos para chegar à minha aula de literatura… e por que tem um cachorro na casa mesmo?

Pegando a calça jeans preta de ontem à noite do chão, eu a visto, cambaleando um pouco e reclamando do corte justo. Minhas pernas são compridas demais

para usar calça larga, fico parecendo um palhaço. Joguei minhas chaves no chão ontem à noite, e preciso remexer em uma pilha de bagunça para encontrá-las. Camisetas pretas, jeans pretos e meias imundas tomam o chão.

Abro caminho pela casa, ignorando os sinais da festa de ontem à noite. Logan acena para mim, com olheiras e um energético na mão.

“Estou um lixo, cara”, ele resmunga, tentando sorrir. Ele está sempre sorrindo, e eu me pego pensando em como seria. Ser feliz o tempo todo como ele. Mesmo de ressaca. Nunca consegui.

“Você é que está certo por não beber.” Ele se aproxima da geladeira. Puxa dois litros de leite e bebe direto do galão.

“Ótimo.” Balanço a cabeça, e ele sorri, dando mais um gole. A cozinha começa a ficar cheia de outros membros da fraternidade e, como não estou a fim de ficar com eles, pego um pedaço de pizza entre os restos de ontem à noite, quando o pessoal decidiu pedir dez pizzas às quatro da manhã.

Quando saio, ouço Neil perguntando a todo mundo se querem ir a um restaurante hoje antes da festa. Não pensei que eles fossem me convidar… nunca me chamam. Não que eu queira andar com um monte de caras de fraternidade idiotas que usam gel demais nos cabelos, só vou a uma festa ou outra em que eles estejam.

Minha mãe sempre me perturba para que eu “faça amizades”, mas ela não entende. Não é fácil, nem divertido. Por que eu me exporia para ter a aprovação de pessoas que não suporto, só para me sentir um pouco mais importante na vida? Não preciso de amigos. Tenho um grupo de pessoas que mal tolero, e é mais do que o suficiente.

Quando chego ao campus, o estacionamento está quase lotado, e tenho que passar na frente de um trouxa com um BMW para conseguir a vaga dele.

O professor já está falando sem parar quando entro na sala. Olhando ao redor, procuro uma cadeira vazia e percebo a garota na fileira da frente. Consigo reconhecer os cabelos loiros e compridos, mas é a saia chegando até o chão que confirma. Tessa, a colega de quarto santinha de Steph.

Ao lado de Landon Gibson. Claro! Vai ser divertido: Tessa numa sala comigo, uma cadeira vazia do lado dela. Isso logo se tornou o ponto alto de meu dia.

Quando me aproximo, ela olha para trás e arregala os olhos. Ela se vira depressa para a frente, e eu me apresso para me sentar ao seu lado. Como sabia que aconteceria, ela me ignora. Está usando uma camisa azul de botões que deve ser dois tamanhos maiores do que deveria, e seus cabelos estão presos, deixando o rosto à mostra.

Quando chego perto deles, meu telefone vibra no bolso. É uma mensagem de texto do meu doador de esperma: Karen está preparando um belo jantar, você deveria vir.

Ele enlouqueceu, porra? Olho para Landon, que por acaso é o filho perfeito de Karen, todo engomadinho com uma camisa polo.

Claro que não vou. Até parece que um dia vou aparecer naquela casa nova em folha para jantar com a namorada dele e com o Landon. O Landon perfeitinho, que ama esportes e puxa o saco de todo mundo para ser o cara mais bacana e respeitoso do mundo.

Blé.

Espero meu querido "irmão" Landon me dizer alguma coisa, mas ele fica em silêncio. A promessa de meu pai de "unir nossa família" não vai rolar. *Idiota*.

"Acho que essa vai ser minha aula favorita", diz Tessa para ele.

Estranhamente, deve ser minha preferida também, apesar de eu só frequentá-la para me divertir. Consegui que fosse uma das minhas eletivas, apesar de já ter cursado essa matéria antes.

Ela se vira para mim quando nota que estou observando os dois. "O que você quer, Hardin?"

Já está funcionando.

Sorrio para ela, um sorriso inocente, como se não quisesse irritá-la. "Nada. Nada. Só estou contente porque vamos fazer uma matéria juntos." Meu tom é sarcástico, e ela reage revirando os olhos. Continuo olhando para ela durante toda a aula, adorando todas as vezes em que bufa ou se remexe desconfortavelmente. É muito fácil afetá-la, e adoro isso. A aula termina antes do que eu gostaria, e Tessa começa a arrumar a bolsa antes de o professor nos dispensar. Calminha aí.

Eu me levanto, pronto para seguir Tessa e Landon. Não quero que a diversão

termine ainda. Quando chegamos ao corredor, Landon se vira para Tessa. Ela parece nervosa ao ver nós dois à sua frente.

“A gente se fala, Tessa”, diz Landon sem olhar na minha cara.

“Você conseguiu fazer amizade com o maior otário da classe”, provoco Tessa quando ele desaparece na multidão de alunos tentando descobrir para onde ir.

Imagino a mãe de Landon e meu pai, de mãos dadas daquele jeito meloso de “vejam como nos amamos”. A mãe dele segurando a mão do meu pai, Ken Scott, também conhecido como o Merda de Pai do Ano, me deixa irado. Não consigo me lembrar de uma única vez em que ele tenha segurado a mão da minha mãe assim.

“Até parece! Ele é um cara legal, ao contrário de você!”, ela rebate.

Eu me viro para ela, surpreso com a demonstração de lealdade. Ela já o conhece? Ele a conhece? Ela gosta dele?

Por que me importaria com isso, porra?

Afastando as perguntas de minha mente, sinto vontade de provocá-la ainda mais. “Você está se tornando mais arredia a cada conversa, Theresa.”

Ela começa a andar mais depressa para se afastar de mim, então eu acelero o passo para acompanhá-la.

“Se me chamar de Theresa mais uma vez…” Seus lábios carnudos se contraem, e ela tenta arregalar os olhos para mim. Mas seu olhar fica mais doce no meio do caminho, perdendo o acinzentado e ganhando um tom mais azulado, e a tensão desaparece dos meus ombros. Chego a sentir algo subindo por minha espinha, e meu corpo começa a relaxar.

Eu afasto a sensação esquisita. Ela continua olhando para mim. Mudei de ideia; achava que gostava do jeito como ela olhava para mim, tentando me decifrar, mas agora percebo que ela me julga. Está olhando para meus braços tatuados como minha avó faz. Não preciso de ninguém para questionar minhas escolhas, porra.

“Para de me olhar desse jeito!”, digo e me afasto. Dobro a esquina e me sinto sem ar. Isso faz com que eu me lembre daquelas noites em que fumava cigarros demais. Não fumo mais, não faço mais isso, tenho que dizer a mim mesmo, e recosto na parede de tijolos aparentes para recuperar o fôlego.

É estranha aquela loira cheia de atitude.

A semana toda foi uma merda. Festa após festa, barulho após barulho. Todos os sons da tristeza.

No máximo, dormi um total de vinte e quatro horas na semana passada, e estou exausto hoje. Mal consigo enxergar direito porque minha cabeça está latejando, e não consigo encontrar minhas chaves. Estou muito irritado e com vontade de brigar com meio mundo.

Enquanto reviro meu quarto, alguém bate à porta. Penso em ignorar, mas batem de novo, mais alto, dessa vez.

Quando abro, uma garota com uma blusa da WCU está de pé na minha porta, com os olhos e o rosto vermelhos.

“Posso entrar?”, pergunta ela, com as mãos trêmulas.

“Não. Desculpa.” Fecho a porta na cara dela. Segundos depois, ela bate de novo. Droga. Não sei quem é a menina, mas ela precisa encontrar outra porta na qual bater. Ela continua batendo à minha porta, e eu abro.

Neil, um dos maiores idiotas da fraternidade, está ali. Seus cabelos loiros estão despenteados, bagunçados, e ele cheira a cerveja e a boceta.

“O que você quer, porra?”, pergunto, e volto a entrar no quarto, jogando uma calça jeans nele.

“Você vi-viu a Cady?” Seu tom de voz é esquisito, as palavras saem arrastadas.

“Quem?”

“A garota com quem eu estava ontem à noite? Você viu?”

Lembro dos olhos vermelhos da garota, do modo como ela andava pelos corredores, e nego balançando a cabeça. A princípio, pensei que ela estivesse drogada, e talvez estivesse, mas nunca é bom tirar conclusões precipitadas.

“Ela foi embora e não vai voltar. Deixa a garota em paz.” Pego um livro da minha estante e jogo nele.

Resmungando, ele me xinga de otário e vai embora.

Ainda estou puto no trajeto até o campus, e sigo em frente com meu novo hábito de irritar a colega de quarto de Steph.

“Estou animado para fazer essa aula. Ouvi coisas muito boas sobre ela”,

Landon diz a ela quando me aproximo deles por trás. Eles devem ser mais amigos do que eu pensei. Ela responde com a voz baixa, e ele sorri. O sorriso dela é caloroso, tão caloroso que desvio o olhar por um momento.

Eles gostam um do outro? Ela tem um namorado modelo. Ele tem namorada, até onde sei. Devem ter terminado, pelo jeito como ele olha para a Tessa.

No meio da aula, Landon vai embora e Tessa literalmente afasta a cadeira de mim.

"Na segunda-feira, vamos começar a discutir *Orgulho e preconceito*, de Jane Austin", diz o professor Sei-lá-o-quê para a sala. Olho para Tessa, que está sorrindo. Não é um sorrisinho. É um sorrisão de orelha a orelha.

Claro que está sorrindo. As garotas adoram *Orgulho e preconceito*. Amam Darcy e sua babaquice de orgulho charmoso. Observo Tessa guardar suas coisas: uma agenda enorme e todos os livros do campus. Estou tentando enrolar, mas sério, fica difícil, porque ela demora demais para reunir tudo de novo e guardar a pilha organizadinha na bolsa.

Eu vou atrás dela quando ela sai da sala e digo: "Me deixa adivinhar. Você é apaixonada pelo sr. Darcy".

Preciso provocá-la com isso. *Preciso*.

"Toda mulher que já leu esse livro é apaixonada por ele", ela responde, com a ponta da língua um pouco para fora da boca e os olhos concentrados em algum lugar que não é meu rosto. Eu continuo atrás dela, observando sua maneira de olhar para os dois lados antes de atravessar a rua no cruzamento.

"Pois é." Dou risada, parando um momento até perceber que ela atravessou quase toda a rua sem mim. Caramba, ela anda depressa.

"É claro que você não consegue entender o apelo do sr. Darcy." Tessa tenta me insultar enquanto corro atrás, mas volto a rir.

"Um homem grosseiro e insuportável que se transforma em um herói romântico? Isso é ridículo. Se Elizabeth tivesse alguma noção, teria mandado o cara se foder logo de cara."

A Senhorita Fresca se vira para mim e, para minha surpresa, ouço uma risada baixinha. O tipo de risadinha inocente e não intencional que aparentemente desapareceu do mundo hoje em dia. Ela cobre a boca assim que ri, mas eu ouço.

Ouço como se o som tivesse reverberado profundamente em mim.

"Então você concorda que a Elizabeth é uma idiota?", insisto.

"Não, ela é uma das personagens mais fortes e complexas de todos os tempos."

Ela defende Elizabeth Bennet de um jeito que a maioria dos adolescentes de dezoito anos nunca seria capaz de fazer, com um toque dos filmes de Tom Hanks para incrementar. Eu me pego rindo, rindo de verdade, e ela ri junto. Sua risada é suave como algodão.

Que porra foi essa que eu…

Imediatamente paro de rir e desvio o olhar. Isso é esquisito demais.

Ela é esquisita. E chata.

"A gente se vê por aí, Theresa." Eu me afasto, andando para o outro lado.

Suave como algodão? A risada dela *reverberou profundamente em mim*? Que merda foi essa?

Afasto essas ideias malucas e ando até meu carro. Tem outra festa hoje à noite, como sempre, e vou me esquecer dessa merda me enfiando numa bela de uma…

Meu telefone vibra no bolso e me distrai de meus pensamentos pervertidos. Pego a aparelho, vejo o nome de Jace aparecer na tela, e atendo depressa.

Ele anda sumido, e vou ficar feliz se voltar. Todo mundo tem alguém com quem anda que considera agradável. Comigo, é o Jace. Ele é um idiota — um baita imbecil, todo mundo sabe —, mas é divertido e sempre deixa tudo mais interessante.

6



Quanto mais se aproximava dela, mais ele precisava saber. Quando se pegou tentando descobrir em que ela pensava quando acordava de manhã, ou quanto tempo demora para se aprontar, soube que ela estava se tornando mais importante do que qualquer uma em sua vida. De repente, ela passou a ser mais do que o joguinho que fazia com ela. Ao seu modo doentio, ele estava feliz por poder usar isso como pretexto para passar mais tempo com ela. Tinha um motivo para descobrir tudo o que havia a ser descoberto sobre ela sem que seus amigos desconfiassem. Tinha explicação para querer passar muitas horas com ela, quantas pudesse.

Para poder vencer, ele tinha que fazer isso, certo?

“Por que ela tem que ir de novo?”, pergunta Molly ao pequeno grupo enquanto traga o cigarro.

“Porque ela é colega de quarto da Steph, e a Steph gosta dela por algum motivo, por isso vai vir com ela”, Nate explica.

“Ela é uma idiota completa. Chata pra caralho.” Resmungo, esfregando a cabeça. Ela me irrita mesmo quando não está por perto. Molly deve gostar da minha reação, porque se encosta em mim. Eu me afasto antes de ela me tocar, fingindo que não percebi sua intenção.

Passo a tarde transando com ela, enfiando meu pau nela e pensando em outra pessoa. Era capaz de sentir as curvas suaves do quadril de Tessa, os seios fartos. Ouvi a voz dela dizendo meu nome. Segurei cabelos cor-de-rosa que imaginei como loiros e gozei com força na camisinha. Molly ficou toda orgulhosa de si

por finalmente me fazer gozar sem a boca.

Se ela soubesse…

“Mas ela é gostosa”, diz Nate.

Será que *todo mundo* já percebeu que a Tessa é gostosa?

“Gostosa? Não, não é”, eu minto, cerrando os dentes.

Passando a mão bronzeada em cima dos cabelos penteados com gel, Zed diz com uma certeza surpreendente: “Ela é muito gostosa, cara. Eu comeria sem pensar duas vezes”.

“Até parece. Ela é toda travada, está na cara. Tipo… quem é virgem na faculdade?”, Molly tira sarro de Tessa.

Nate ri. “Sei… desde quando você é amiga dela para saber dessas coisas?”

Molly faz uma careta para ele. “Eu? Nem falo com ela, mas a Steph sim, e ouviu alguma coisa sobre isso quando a ‘Princesa’ estava falando com o namorado, parece.”

“Deve ser por isso que ela é tão chata, porque nunca foi comida como se deve”, digo, e me afasto um pouco de Molly, torcendo para ela não vir atrás de mim.

“Pode ser que eu tenha que fazer isso, então”, diz Zed, tentando fazer todo mundo rir. Não consegue.

“Ah, claro. Você não conseguiria nem se tentasse”, digo para provocá-lo.

“E você sim? Eu teria mais chances do que você!”, diz ele.

Ele não pode estar falando sério. Não se lembra da sua querida Samantha?

“O que eu perdi?” Jace se senta no concreto e pega um baseado do bolso.

“Steph tem uma colega de quarto totalmente esnobe, e Zed e Hardin aqui estão discutindo quem transaria com ela primeiro”, Molly informa com um resmungo.

Zed acha mesmo que ela transaria com ele? Olho para todos, irritado por todo mundo estar pensando isso dela. Se o corpo dela é tão puro como dizem, consigo imaginar o que o menor toque faria com ela. Ela vibraria embaixo de mim, implorando por mais. Zed nunca seria capaz de fazer Tessa gozar como eu faria.

Mas ela deixaria que ele tentasse? Se nós dois fizéssemos uma tentativa, ela o escolheria no meu lugar?

“Olha… podemos deixar tudo isso muito mais interessante. Está a fim?” Eu me viro para Zed.

Zed sorri. “Depende.”

“Humm… Beleza, então vamos ver quem consegue sair com ela primeiro.”

Para que isso? É o que me pergunto assim que digo essas palavras.

E outra parte de mim responde que poderia ser divertido. *Pelo menos, vou ter o que fazer e um motivo para irritá-la ainda mais*.

“Não sei…”A voz de Zed está cheia de dúvida. Pensei que ele adoraria ter a chance de me derrotar em alguma coisa, por causa do nosso passado e da mágoa que guarda de mim.

“Vamos, não seja cagão. Não vai ser tão difícil. É só pedir para a Steph aparecer com ela na próxima festa, e ela vai virar nossa amiga”, explico a eles. “Ela é novinha e ingênua… vai ser moleza.”

Já fiz esse tipo de coisa antes — em situações diferentes e com vítimas diferentes, mas é um jogo, mesmo assim.

“Que coisa idiota. Quem se importa em tirar a virgindade de uma garota qualquer?”, Molly pergunta, resmungona como sempre.

“Se tem tanta certeza de que consegue, eu dou uma semana para você.” Jace engasga com a fumaça em seus pulmões e passa o baseado a Molly.

“Uma semana? Cara, ela é superchata, e a gente não se dá muito bem. Acho que vou precisar de mais tempo.” Eles não imaginam o quanto essa garota é teimosa. Ela é toda nervosinha e abusada.

“Quanto tempo? Duas semanas? Olha, se você conseguir em menos de um mês, leva quinhentos dólares”, diz Zed, recostando-se no concreto.

“Quinhentos?”, pergunta Molly, incrédula. Sua raiva é divertida. Ela adora ser o centro das atenções, e odeia Tessa por roubar os holofotes.

“E eu dou mais trezentos. Oitocentos. Acha que consegue?”, pergunta Jace com os olhos vermelhos.

“Sim, claro que consigo. Só espero que ela não fique toda louca e grudenta”, respondo, decidindo se devo ou não me gabar das vezes em que ganhei apostas assim antes. Decido não falar nada. Fico impressionado com a rapidez com que meu sorriso, minha marca registrada, volta ao meu rosto, o sorriso que meu

velho amigo de Hampstead, Mark, costumava chamar de “o selo”. É a cara que faço quando sei que vou ganhar alguma coisa ou alguém. Aqui estou eu, sorrindo para Zed, fazendo planos em minha mente enquanto o grupo espera que alguém me faça mudar de ideia.

“Duvido”, diz Nate rindo, acendendo outro cigarro.

“Ela não vai cair na sua. Não parece tão idiota.” Zed arregala os olhos para mim.

Jace ri, me dando uma encarada. “Então, precisamos de provas quando rolar.”

Prova? Não deve ser tão difícil. Sei ser criativo.

“Que tal um vídeo? Seria legal ter um pouco de material novo”, Jace se recosta ainda, olhando para mim.

“Não, não, é arriscado demais”, digo. Já passei por isso antes e quero ficar longe dessas coisas a partir de agora. “Podem acreditar, vocês vão ter a prova sem precisar apelar para isso.” Olho diretamente para Zed e sorrio de novo. “Nunca transei com uma virgem. Vai ser divertido.”

Abro um sorriso falso e levo os dedos ao piercing do lábio como se quisesse escondê-lo.

Molly se intromete. “Espera aí, e como os dois idiotas vão fazer para armar esse teatrinho? Não faz sentido, de repente, os dois parecerem tão interessados em transar com ela!” Ela mexe nos cabelos, irritada. “Pelo menos tentem fazer a coisa direito”, diz ela, e estende a mão para pegar o isqueiro de Nate emprestado.

“Pois é”, concorda Jace. “O que acham de fazermos uma brincadeira?”

“Uma brincadeira?” Zed parece curioso.

“Tipo Verdade ou Desafio. Podemos fazer umas perguntas sobre sexo e confirmar que ela é virgem para que vocês dois não percam seu tempo, para começo de conversa.” Jace aponta para Zed e para mim.

“Verdade ou Desafio? Você só pode estar brincando”, resmungo. Ninguém mais brinca disso.

“Que ideia idiota.” Nate balança a cabeça, e a decepção surge em seu rosto.

Ninguém que não esteja no sexto ano brincaria de Verdade ou Desafio.

“Na verdade, é uma boa ideia. Fica uma coisa menos óbvia”, diz Steph. “Ela é tão sem noção que vai achar que é algo que as pessoas fazem na faculdade para

se divertir. É imprevisível o bastante para parecer perigoso, e infantil o suficiente para que ela entenda."

Quando olho ao redor, todo mundo está concordando e rindo. Que idiotas.

Dou de ombros, concordando com a ideia, mas só porque não tenho uma melhor.

"Então, Verdade ou Desafio é o que vai ser", Jace finaliza.

A festa está lotada, ainda mais do que a da semana passada, e estou sóbrio, como sempre. Fiquei no meu quarto ouvindo a música cada vez mais alta, e então decidi descer.

Ao andar pela sala de estar para encontrar Nate, paro quando vejo Tessa sentada no sofá. Bom, pelo menos *acho* que é a Tessa. Está vestida de um jeito diferente. Bem diferente. Os olhos cinza-azulados intrigantes se destacam ainda mais com a maquiagem, e as roupas estão mais justas em seu corpo cheio de curvas.

Ela é gostosa demais. Eu não diria isso a ela, mas porra, como é gostosa.

"Você está… diferente." Não consigo parar de olhar quando ela se levanta. Seu quadril… caramba, aquele quadril deveria estar envolvido pelas minhas mãos. "Sua roupa não parece ser maior do que você dessa vez." Minha voz sai acompanhada de uma risada, mas não queria que meu comentário fosse uma piada.

Ela revira os olhos para mim e puxa a parte de cima da camisa para cobrir o decote maravilhoso.

"E é uma surpresa ver você aqui", digo, ainda observando seu corpo.

Ela suspira. "Até eu estou um pouco surpresa de ter vindo aqui de novo." Ela se afasta de mim de repente, e eu hesito por um momento, tentando decidir se devo ir atrás dela. Sei qual é o plano e, agora que ela está vestida assim, estou ainda mais disposto a colocar a coisa toda em ação. Decido não segui-la, ainda não. Deixo que ela se misture às pessoas um pouco.

Alguns minutos depois, estou encostado no balcão da cozinha quando Molly se aproxima de mim. "Está pronto para essa besteira ou não?", ela pergunta.

Ela está irritada e com ciúme do novo centro das atenções. Eu entendo. Ela está acostumada ao interesse do sexo oposto; é assim que se sente desejada.

Entendo isso mais do que ninguém.

“Você está?” Ergo uma sobrancelha ao olhar para ela.

Ela revira os olhos marcados pelo delineador para mim. “Vou pedir para a Steph encontrar a Tessa e trazê-la à sala de estar, já que está na cara que você não vai ajudar nisso.”

Quando eu me sento com um copo de água na mão, Tessa está se aproximando. Eu me sinto inquieto, mas por algum motivo também animado, quando a brincadeira começa. Tento não pensar em Natalia nem em Melissa, nem em ninguém. Não é culpa delas o fato de terem nascido nesta sociedade e terem que conviver com o pior tipo de gente, inclusive eu.

“Vamos brincar de Verdade ou Desafio”, Zed começa, e nosso pequeno grupo de amigos tatuados se reúne ao redor do sofá. Molly está passando uma garrafa de vodca na roda, e eu desvio o olhar, bebendo minha água como se queimasse minha garganta de um jeito bem familiar.

Steph, Nate, o colega de quarto dele, que se chama Tristan, Zed e Molly se revezam bebendo no gargalo. Tessa observa, mas não bebe. Acho que não é viciada como eu. Talvez simplesmente não goste de beber. Mesmo na faculdade, numa festa.

“Você devia participar também, Tessa.” Molly sorri para ela. Eu conheço esse sorriso. Não é coisa boa. Ainda não consigo acreditar que estamos levando adiante essa merda de brincadeira.

“Não, acho melhor não.” Tessa cutuca as unhas, e eu olho para Zed. Ele parece um pouco preocupado. Talvez esteja intimidado pelo modo como ela olha para mim, e não para ele.

“Para participar da brincadeira, ela precisaria deixar de ser uma puritana por cinco minutos”, comento. Todo mundo ri. Todo mundo menos Steph, que está disfarçando bem. Ela não me engana. Sei bem como ela é.

Observo Tessa sofrer com a pressão, pronta para ceder, e então me recosto em Zed. “Isso vai ser fácil. Você pode até me pagar agora”, digo a ele.

Talvez essa brincadeira tenha sido uma boa ideia, afinal.

Durante as primeiras rodadas, Zed bebe uma cerveja, Molly mostra seus piercings nos mamilos. Eu me divirto ao ver os olhos de Tessa se arregalarem e seu rosto avermelhar ao observar Molly. Não consigo não imaginar os seios fartos de Tessa, arrebitados e macios, decorados com piercings.

“Verdade ou Desafio, Theresa?”, pergunto, começando o espetáculo. Finalmente.

“Verdade?” Ela parece insegura. Percebo que ela não me corrigiu por chamá-la de Theresa dessa vez, nem fez uma cara de quem quer cortar meu saco e dar de comer para o cachorrinho obediente que é seu namorado.

“É claro”, digo. Ela arregala os olhos para mim, e Nate esfrega as mãos enquanto tenta fingir que ainda não decidimos o que perguntar.

“Certo. Você é… virgem?”, pergunta ele, por fim.

Tessa arregala os olhos, mais do que o normal, e emite um som grave no fundo da garganta. Está chocada, aterrorizada e ofendida por um desconhecido fazer uma pergunta tão pessoal. Ela ficada corada do pescoço ao peito, remexendo as mãos, e eu tenho a sensação de que ela está tentando decidir se deve xingar Nate ou sair correndo daqui.

“E então?”, pergunto. Durante todo o tempo, imagino seu corpo nu embaixo do meu. Sua voz, suave e sutil, emitiria sons que nenhum outro homem já ouviu. Essa ideia é pra lá de intrigante, mas também bem idiota, já que não consigo conversar com a garota sem me irritar profundamente com seu jeito esnobe.

Por fim, a mocinha inocente meneia a cabeça depressa e em silêncio.

Todo mundo está pensando na aposta, e no fato de que essa garota meiga e ingênua acabou de se tornar a nossa atração principal.

Tessa é virgem, acabou de admitir na frente de todo mundo. Eu sabia que era antes mesmo de ela assumir. Sabia pelo modo com que ela agia em nossas conversas. Pensar em ser o primeiro a transar com ela, a mostrar o que ela tem perdido, faz meu pau latejar. Imagino o que tem embaixo da roupa dela. A pele macia, os seios fartos, os mamilos endurecendo sob meu toque. Agora a brincadeira começou, e meu sangue está pulsando forte. Estou ansioso para entrar nela.

Ela mexe nos cabelos do outro lado da roda, e eu imagino minhas mãos

segurando esses cabelos, puxando seu corpo para mais perto do meu enquanto a pego por trás. Daria tapas em sua bunda redondinha, para deixar marcas. Ela gemeria meu nome com aqueles lábios cor-de-rosa e inchados. Meu nome vai ficar lindo naquela boca. Arrumo minha calça e olho para Tessa de novo.

Ela passa a língua pelos lábios, e eu solto um gemido por dentro.

Fico tentando imaginar quantos paus ela já chupou, se já sentiu o gosto da porra de um cara e, conforme a conversa continua, fico sabendo que não fez quase nada em relação a sexo, e pretendo mostrar cada detalhezinho do que ela perdeu.

7



Muitos erros podem ser cometidos na vida, e ele cometeu todos. Todo o respeito que ele tinha por ela parecia desaparecer em meio à confusão em sua mente. Ele a amava e valorizava mais do que o ar que respirava, mas não conseguia demonstrar, de jeito nenhum. Ou se lembrar disso quando era preciso. Ele brincava com ela, fazia brincadeiras imaturas, e não mostrava sua verdade. A verdade que ele tinha escondido, trancafiado a sete chaves e protegido ao longo da vida, pelo fato de não conseguir se lembrar de quantas vezes havia sido abraçado e valorizado na infância. Não estava tentando inventar desculpas, só estava acostumado a isso. Sempre culpava as outras pessoas, nunca assumia a responsabilidade pelo que fazia ou dizia. Era mais fácil assim.

Mas, no fim, ele aprendeu a lição.

"Desafio." Reviro os olhos ao participar da brincadeira infantil. Como se alguém tivesse pensado que eu escolheria outra coisa.

Olho para Tessa e observo a Madre Theresa sofrendo com a dificuldade de inventar um bom desafio.

"Eu… hã… desafio você a…" Ela se interrompe. Todo mundo está esperando, ansioso para ouvir o que ela tem a dizer quando entra na brincadeira.

"A fazer o quê?", eu a apresso para acabar logo com essa porcaria.

Essa garota sequer imagina a encrenca em que está se metendo com esse bando de idiotas… ela permanece em silêncio, olhando ao redor, em pânico. É só uma brincadeira de festa, mas percebo que ela cobra demais de si mesma até nas

coisas mais banais. É divertido ver como ela se preocupa com algo tão pequeno. Ela tem o hábito de morder o lábio inferior, da mesma maneira como brinco com meu piercing. Em pouco tempo, eu a imagino com uma argola no lábio. Ficaria um tesão.

"Tira a camisa e só ponha de volta depois que a brincadeira acabar!", diz Molly por Tessa.

E Tessa fica corada. Para variar.

"Que criancice." Levanto a camiseta preta, tiro e vejo os olhos de Tessa em meu corpo. Ela está olhando fixamente, tão fixamente que nem vê que percebo. Steph dá um cutucão nela com o cotovelo, e ela desvia o olhar, com o rosto vermelho, baixando a cabeça. Estou vencendo essa, oficialmente. Zed não tem chance.

A brincadeira continua, e eu estou sentado aqui seminu, vendo Tessa tentar não olhar para mim. Não consigo entender o que ela está pensando — não sei se está enojada ou curiosa com as minhas tatuagens. Ela não para de mexer a mandíbula. Está se esforçando ao máximo para ficar parada.

Interessante.

"Tessa, verdade ou desafio?", pergunta Tristan.

Eu me apoio com as mãos abertas. "Precisa perguntar? Todo mundo sabe que ela vai dizer verdade…"

"Desafio", responde a teimosa, e me surpreende com a rebeldia em sua voz. É um tom ousado, diferente do que eu teria pensado ser possível alguns instantes atrás.

"Hum… Tessa, desafio você a… beber uma dose de vodca." Tristan sorri.

"Eu não bebo." Ela levanta o queixo, recusando-se.

Logo imaginei, e fico feliz com essa revelação. Todo mundo aqui mal consegue esperar pela próxima bebedeira; é bom ver alguém que não depende disso.

"Por isso é que é um desafio", responde Tristan.

"Escuta só, se você não quiser fazer…", Nate começa a dizer a ela.

"Ela é uma cagona", diz Molly em meu ouvido.

Cagona? Porque não quer beber?

“Certo, uma dose”, diz ela. E, do nada, a srta. Cheia de Não Me Toques cede com facilidade.

Para ser sincero, estou um pouco decepcionado. Não sei bem por que, mas pensei que ela fosse diferente. Pensei que não fosse como todos nós, desesperados para impressionar uns aos outros.

Mas é claro que me enganei em relação a ela.

“O mesmo desafio”, Zed diz a ela, e toma um gole grande antes de entregar a vodca. Fico irritado ao vê-los bebendo da mesma garrafa; é nojento, de verdade.

Conforme a brincadeira continua, com cada vez mais bebida, ela faz uma careta e passa a mão para secar o líquido forte de seus lábios. Seus olhos estão vermelhos, assim como seu rosto. Ela parece perdida e sem equilíbrio, mesmo estando sentada.

Ela leva a garrafa aos lábios de novo, e eu me pego puxando a garrafa de sua mão. Ela não tenta me impedir — será que percebeu que já bebeu demais?

Será que ela vê isso como seu primeiro gosto de liberdade? Uma garota tão protegida, solta no mundo de pessoas cruéis que bebem para se anestesiarem dos problemas provocados por pais de merda. Talvez o problema dela, como o meu, seja o abandono. Será que ela também foi abandonada? Eu olho para a gola bem passada de sua camisa. Não, com certeza ela não foi abandonada. É possível que sua baixa autoestima seja só uma fase. Ela quer se livrar do controle da mãe e do pai e mostrar a si mesma que também pode ser um pouco louca. É totalmente capaz de andar com o grupinho de ovelhas negras e beber até passar mal.

A outra possibilidade é que somos especialistas em arrastar as pessoas para a lama.

“Acho que você já bebeu o suficiente”, digo, e entrego a garrafa a Nate. Mas Tessa logo a pega no último segundo e toma mais um gole. Ela abre um sorrisinho quando seca os lábios. Observo sua garganta quando ela engole a bebida de um jeito desafiador, e sinto vontade de abrir seus lábios e beber o destilado de sua boca.

Sou obrigado a afastar essa ideia. Molly olha para mim, balançando o dedo no ar para indicar que sou maluco.

Talvez eu seja.

“Não acredito que você nunca ficou bêbada, Tessa. É divertido, não?”, pergunta Zed.

Ela dá uma risadinha, e eu reviro os olhos.

“Hardin, verdade ou desafio?”, pergunta Molly.

“Desafio.” Ela precisava perguntar? Talvez eu devesse ter feito o mesmo que Tessa, só para provar.

“Desafio você a beijar a Tessa.” Os lábios pintados de Molly abrem um sorriso, e ouço Tessa soltar um suspiro de susto.

Ela responde antes que eu consiga falar. “Não, eu tenho namorado.”

“E daí? É só um desafio. Beija logo”, incentiva Molly, cutucando as cutículas.

“Não.” Tessa ergue o tom de voz. “Eu não vou beijar ninguém.” Ela se levanta e atravessa a sala. Tomo um gole de minha água e observo quando ela sai pela porta da frente. Passou a noite olhando para mim e para meu peito nu, mas ficou tão enojada com a ideia de me beijar a ponto de dar chilique e fugir?

Ou é possível que um beijo significasse mais para ela do que um simples desafio?

“E lá vai ela, senhoras e senhores!”, Nate ri, encostando em mim. A cerveja de seu copo transborda e cai no carpete na frente dele, que não se importa em secar. O chão já ficou sujo de coisa pior.

“É melhor você correr atrás dela, ou então vai perder”, ironiza Steph.

Cara, ela anda tão chata ultimamente, qual será o problema dela?

“Quem de vocês, imbecis, vai atrás dela?”, pergunta Nate. Olho ao redor. Ela não está em lugar nenhum. Zed me observa, analisando minha reação ao chiliquinho de Tessa. Mantenho a expressão neutra, não expresso nem um pouco de interesse ao observar a sala de novo. Não vou permitir que ele seja o primeiro a chegar nela. Ela está puta porque a desafiaram a me beijar. Essa brincadeira idiota não foi ideia minha, e já deu errado. Eu falei que era uma ideia ruim. Enquanto Logan distrai Zed, eu estico o pescoço e olho para a cozinha. Vejo Tessa e me levanto.

“Aonde você vai?” Molly segura meu braço quando me levanto.

“Hã… Vou pegar mais água.” Olho para meu copo quase cheio, e não ligo se ela perceber que é mentira.

Olho ao redor, abrindo caminho em meio à aglomeração enquanto procuro os cabelos loiros de Tessa. Quando entro na cozinha, ela está de pé ao lado do balcão, segurando uma garrafa de uísque. Quando levanta a garrafa, eu sinto a vontade familiar no fundo da garganta.

Fico assustado ao ver essa garota entrando num esquema perigoso assim tão depressa. Ela fecha os olhos com força e emite um som de ânsia quando termina… O líquido queima, e ela se sente mal, mas toma mais um gole. Será que vai querer mais? A bebida vai fazer com que se esqueça das coisas, anestesiando sua mente das lembranças, como anestesiava a minha? Essa garota tem lembranças que precisem ser anestesiadas? Ao que parece, tem.

Continuo observando quando ela abre a torneira e procura um copo. Quando abre o armário, olha na direção da porta. Eu me afasto para não ser visto.

O que estou fazendo aqui? Por que estou atrás dela, observando sua busca pela amnésia causada pela bebida?

Eu me viro depressa e volto até onde está o grupo. Molly está perturbando Logan por causa do encontro dele de ontem à noite, e Nate está acendendo um cigarro quando me sento no chão sujo.

“Vamos sair daqui. Estou entediada e estou vendo que você também.” A respiração de Molly sopra quente em meu pescoço quando ela me abraça pelos ombros. Eu a afasto e balanço a cabeça, negando. Ela dá em cima de novo.

“Vou subir”, digo a ela. Seus braços parecem de aço, me puxando para baixo.

“Boa ideia.” Ela beija meu pescoço.

Pela combinação de sua bebedeira e de meu movimento brusco, ela cai no carpete quando tenta me abraçar. Eu me levanto.

“Nossa, que vexame”, Logan a provoca. Ela mostra o dedo do meio para ele e se vira para mim.

“Sério, Hardin?”, ela resmunga.

“Sério, Molly.” Eu me viro de costas e subo a escada.

Quando chego ao topo da escada, meu telefone toca dentro do bolso da frente. O nome de Ken aparece na tela, e eu ignoro a chamada. Não estou a fim de falar com ele. Normalmente, nunca estou a fim. Só quero ficar sozinho, longe de toda essa música e dessas vozes. Quero que meu pai de merda pare de tentar se

“conectar” comigo. Quero me perder no mundo de um romance no qual os personagens têm problemas muito piores do que eu para poder me sentir um pouco mais normal do que sou.

Mas, quando me aproximo do quarto, vejo que a porta está entreaberta o suficiente para eu saber que alguma coisa está errada. Sempre tranco a porcaria da porta; será que esqueci?

Do lado de dentro, Tessa está sentada na minha cama, com um dos livros na mão. Meu telefone toca de novo. Minha raiva se transfere do Ken para ela, que acha que pode fazer o que bem entende. Que pode entrar no meu quarto, mais de uma vez, sem minha permissão? Por que ela está aqui? Eu já tinha avisado. Qual é o problema dela?

Caminho em sua direção.

“Que parte de ‘ninguém pode ficar no meu quarto’ você não entendeu?”

Ela endireita os ombros, surpresa.

“D-desculpe… Eu…” Sua voz falha, e os olhos se arregalam não de medo… de raiva. Ela está tentando fazer aquilo de novo, se esforçando para ser paciente comigo.

Eu aponto para a porta.

“Sai daqui.”

“Por que você precisa ser tão babaca?”, ela grita comigo.

“Você está no meu quarto outra vez, mesmo depois de eu ter dito que não quero você aqui. Então se manda!”

“Por que você não gosta de mim?”, pergunta ela. Consigo perceber que está tentando ser durona, mas seu tom mudou, e seus olhos grandes fazem minha pulsação acelerar.

8



A pergunta, tão sincera e direta, o surpreendeu, e fez com que ele percebesse que estava à beira de um abismo. Um sopro do vento e ele cairia.

Por que ela perguntaria isso? Não está na cara o motivo por que não gosto dela?

Ela é chata pra caramba. Ela…

Bom…

É crítica. Está sempre me julgando e me enchendo por causa do meu comportamento quando começo a provocá-la. E ela…

Acho que ela não é tão ruim assim.

“Por que está me perguntando isso?”, questiono, tentando manter um tom de voz tranquilo.

Ela está me encarando. Faço a mesma coisa com ela. Ela acha que pode me intimidar? Está no meu quarto, fazendo perguntas idiotas, olhando para mim assim…

“Sei lá… porque sempre fui legal com você, e você só me trata mal. E achei que poderíamos ser amigos.”

Seus olhos vermelhos estão intensos, guardando muita coisa que não sei sobre ela. Que também não quero saber.

Amigos? Ela está falando sério? Não tenho amigos. Não preciso de amigos.

“Nós dois? Amigos?” Forço uma risada. “Não está na cara por que não podemos ser amigos?”

“Pra mim, não”, responde ela, e a princípio quase chego a achar que é piada.

A convicção em sua voz, porém, me diz que ela está falando sério. Essa garota é maluca mesmo. Pensa que alguém como eu pode ser amigo de alguém como ela? Não sabe que mal consigo tolerar as pessoas em geral, nem mesmo meu grupo de "amigos"? Por onde começar a relacionar os motivos pelos quais nunca daria certo?

"Bom, pra começar, você é certinha demais… Deve ter sido criada em uma daquelas famílias ideais, em uma casa igual a todas as outras do bairro", começo, pensando no bolor preto que cobria o teto do quarto que eu tinha na outra casa. "Seus pais deviam comprar tudo o que você queria e nunca deixaram faltar nada. E aquelas saias de prega…" Olho para a roupa que ela está usando agora, ignorando o modo como o material se agarra a seu quadril. "Fala sério, quem ainda usa isso aos dezoito?"

Ela fica boquiaberta e dá um passo na minha direção. Eu me afasto sem pensar. Percebo pelos olhos acinzentados e tempestuosos dela que entrei numa encrenca.

"Você não sabe nada sobre mim, seu babaca arrogante! Minha vida não é nada disso! Meu pai é um alcoólatra que foi embora de casa quando eu tinha dez anos, minha mãe teve que se matar de trabalhar para eu poder entrar na faculdade, e eu arrumei um emprego assim que fiz dezesseis anos para ajudar a pagar as contas. E eu gosto, sim, das minhas roupas…" Ela balança a mão em direção ao que está vestindo, gritando, irritadíssima, a ponto de suas mãos pequenas tremerem. "Sinto muito se não me visto como uma piranha, como as outras meninas que você conhece! Para alguém que faz tanta questão de ser diferente, você é bem preconceituoso com pessoas que não são como você!"

Com isso, ela se vira de costas para mim, olhando para a porta.

Ela está dizendo a verdade? Essa garota perfeita realmente faz parte do grupo de azarados que precisam amadurecer rápido demais? Se for esse o caso, por que está sempre sorrindo quando eu a vejo?

Preconceituoso? Ela está me chamando de preconceituoso depois de rotular como piranhas garotas que se vestem de um determinado jeito? Ela está me encarando agora, esperando minha reação, mas não tenho nenhuma. Estou sem palavras diante dessa mulher intensa, intrigante e que vive me *julgando*.

“Quer saber, Hardin, não quero ser sua amiga”, diz ela antes de eu sair de meu estupor.

Tessa leva a mão à maçaneta da porta, e eu penso em Seth, o primeiro amigo que tive na vida. A família dele também não tinha dinheiro, mas, quando um de seus avós ricos, que ele não conhecia, morreu, ele ganhou uma grana. Seus sapatos puídos foram trocados por tênis brancos com luzes embaixo. Eu adorava aqueles tênis. Pedi de aniversário para a minha mãe, uma vez. Ela abriu um sorriso triste e, na manhã de meu aniversário, me deu uma caixa de sapatos. Eu fiquei muito animado para abrir o presente, esperando aqueles malditos tênis. Dentro da caixa havia um par de tênis, sim, mas sem luzes embaixo. Percebi que o presente a deixou triste, mas só entendi meses depois, quando passei a falar com Seth cada vez menos, até que só passei a vê-lo quando ele passava na frente da minha casa com seus novos amigos, todos usando tênis com luzes embaixo.

Ele foi meu primeiro e último amigo, e minha vida tem sido muito mais simples sem amizades.

“Aonde você vai?”, pergunto a Tessa, uma garota que pensou que pudéssemos ser amigos. Ela interrompe o movimento, confusa. Assim como eu.

“Pegar o ônibus pra voltar pro meu quarto e nunca mais pôr os pés aqui. Estou *cansada* de tentar ser amiga de vocês.”

Eu me sinto um fracasso total. Por um lado, no longo prazo, vai ser melhor que ela me odeie, mas por outro… bom, quero que ela goste de mim o suficiente para transar comigo. Ela pode me odiar depois que eu ganhar a aposta.

“Está muito tarde pra pegar o ônibus sozinha”, eu aviso. Considerando seu estado depois de ter bebido destilado a noite toda, seria uma péssima ideia ela ir para o ponto de ônibus sozinha.

Ela se vira para mim, e percebo pela primeira vez que seus olhos estão marejados. “Por acaso faz diferença para você se vai ou não acontecer alguma coisa comigo?”, ela ri, balançando a cabeça.

“Não estou dizendo que faz… só estou avisando. Não é uma boa ideia”, respondo. Olho para a minha estante, comparando-a com Catherine, a protagonista do livro que ela estava lendo quando eu entrei. As duas são muito parecidas: temperamentais e com muito a provar. Elizabeth Bennet é a mesma

coisa, sempre que abre a boca tem algo para provar. Gosto disso. As universitárias de hoje em dia parecem ter perdido a noção. Só querem agradar aos homens, não a si mesmas… e qual é a graça nisso?

“Bom, Hardin, não tenho nenhuma outra opção. Todo mundo está bêbado, inclusive eu.” Ela começa a chorar de novo. Eu a acalmo um pouco. Por que está chorando? Está sempre chorando, parece.

Tento animá-la da única maneira que sei… com sarcasmo.

“Você sempre chora em festas?”

“Pelo jeito, sim, ou pelo menos quando encontro você. Como estava nas duas únicas que fui…”

Tessa abre a porta, mas, quando vai sair, tropeça e se segura na ponta da minha cômoda.

“Theresa…” Minha voz está suave, mais suave do que nunca. “Está tudo bem?”

Ela balança a cabeça afirmativamente. Parece confusa, irada, e linda; mas acima de tudo irada.

De que me importa se ela está bem? Ela está passando mal, bêbada, e de jeito nenhum vou tentar sair na frente do Zed hoje. Não quero, e seria trapaça, de qualquer modo; ela está muito bêbada.

“Por que você não senta um pouco antes de ir pegar o ônibus?”

“Pensei que ninguém podia ficar no seu quarto.” A voz dela sai baixa e cheia de curiosidade quando se senta no chão. Se ela soubesse de tudo o que já caiu nesse chão, não estaria sentada ali, com certeza.

Eu me pego sorrindo, e me interrompo quando percebo o que estou fazendo. Deixo bem clara a minha postura. Ela balança a cabeça e soluça, dando a impressão de que vai vomitar a qualquer momento. “Se você vomitar aqui…”, aviso.

Ela vai limpar tudo, sem dúvida.

“Acho que preciso beber água”, diz Tessa.

Entrego a ela meu copo. “Toma.”

Ela empurra o copo enquanto revira os olhos, irritada. “Eu disse água, não cerveja.”

“Isso *é* água. Eu não bebo.”

Ela solta um risinho de deboche. “Que ironia. Mas você não vai querer ficar aqui de babá, né?”

Porra, vou, sim. Não vou deixá-la sozinha aqui para mexer nas minhas coisas e vomitar em cima dos meus livros.

“Você desperta o que existe de pior em mim.” O comentário dela me surpreende e me tira de meu silêncio.

“Agora você pegou pesado”, digo a ela. Eu desperto o que existe de pior nela? Ela nem me conhece. Continuo: “Mas, sim, vou ficar aqui de babá. Você está bêbada pela primeira vez na vida e tem mania de mexer nas minhas coisas quando não estou por perto”.

Eu me sento na cama enquanto ela toma um gole da minha água. Foi o que pensei. O quarto todo deve estar começando a rodar para ela. Coitada. Eu a observo com atenção enquanto bebe a água. O modo como seus olhos se fecham e ela lambe os lábios quando termina, o modo como respira profundamente. Olho para ela sem que perceba e faço o melhor que posso para não me perguntar por que estou fazendo isso, para começo de conversa.

Tem muita coisa que não sei sobre ela, tanto que quero saber.

Ela parece tão fácil de entender por fora. É loira, bonita de um jeito simples e, percebo pelo modo antiquado como fala, deve passar horas e horas com o rosto enfiado num livro. Mas seu temperamento e a desconfiança que demonstra me fazem questionar o que pode haver por baixo de tudo isso.

“Posso fazer uma pergunta?”, falo sem pensar. Tento sorrir para ela, mas tenho a sensação de que pareço um tarado.

Ela franze o cenho. “Claro”, diz ela, prolongando o som da palavra.

O que diabos vou perguntar a ela? Eu meio que pensei que ela fosse me mandar para o inferno.

Escolho a pergunta mais fácil que me vem à cabeça. “O que você quer fazer depois da faculdade?” Sei que deveria ter perguntado algo mais pessoal, que me ajude a ganhar a disputa com Zed.

Tessa parece refletir sobre a pergunta, tamborilando o dedo no queixo, e então responde: “Bom, quero ser escritora ou editora, o que acontecer primeiro”.

Eu já sabia disso, fácil.

Não digo a ela que pretendo fazer exatamente a mesma coisa. Em vez disso, só olho para a frente com uma expressão vazia depois de revirar os olhos.

“Esses livros são seus?” Tessa aponta para as estantes.

“São”, resmungo.

“Qual é seu favorito?”

Meu Deus, ela é curiosa.

“Não faço listas”, minto. Ela está entrando em assunto muito pessoal, e não para de falar disso. O fato de saber quais são meus livros preferidos não vai me ajudar a conseguir o que quero.

Preciso mudar o rumo da conversa, tornar tudo menos pessoal. Preciso irritá-la. “O seminarista sabe que você saiu de novo?”

Minha risadinha a faz fechar a cara de vez. Missão cumprida.

“Seminarista?”

“Seu namorado”, explico. “O maior bobalhão que já vi na vida.”

“Não fale assim, ele é… ele é bonzinho.” Não consigo deixar de rir do jeito como ela se complica toda para elogiar seu namorado bobalhão.

Ela ergue um dedo para mim. “Você jamais conseguiria ser como ele.”

“*Bonzinho*? Essa é a primeira coisa que vem à sua cabeça quando fala do seu namorado? É só uma forma educada de dizer que ele é chato.”

“Você não sabe nada sobre ele”, ela insiste com um admirável destemor.

“Bom, que ele é chato eu sei. Dá para dizer isso só de olhar pro cardigã e o mocassim que ele usa.” Estou rindo agora, rindo de verdade, com dor na barriga. Não consigo evitar. Quando olho para a expressão de raiva dela, gargalho ainda mais, imaginando o boneco Ken humano resmungando ao encontrar um furo em sua blusa.

“Ele não usa mocassim.” Tessa cobre a boca para esconder a vontade de rir. Eu entendo. Eu também riria. Ela toma mais um gole de água e continua.

“Bom, se vocês namoram há dois anos e ele ainda não comeu você, está na cara que é um trouxa.”

Quando digo isso, Tessa cospe a água de volta no copo.

“O que foi que você disse?”

“Você ouviu o que eu disse, Theresa.” Sorrio para ela, aumentando sua raiva.

“Você é um cretino, Hardin.”

Cara, adoro ver como ela fica…

Sinto a água fria em meu rosto.

Solto um suspiro de susto, surpreso com sua audácia. Pensei que estivéssemos nos divertindo, trocando comentários grosseiros. Eu a estava provocando de propósito, e parecia que ela estava se divertindo tanto quanto eu.

Pela cara de nojo dela, penso que talvez não estivesse se divertindo, não.

Por que diabos eu fui falar do namorado dela, para começo de conversa? Sou muito idiota. Ela estava bem, sentada no meu quarto, rindo comigo, e eu tinha que estragar tudo.

Tessa sai às pressas do meu quarto enquanto seco meu rosto e caminho em direção à porta, e vejo que ela desce a escada de dois em dois degraus.

No meu quarto, o zunido baixo do ventilador de teto é minha única companhia. Sento na cama e, pela primeira vez desde que me mudei para essa casa, gostaria de não estar sozinho aqui.

9



No momento em que os lábios dela tocaram os seus pela primeira vez, ele sentiu. Sentiu uma mudança no fundo da alma, em algum ponto escondido e coberto pela poeira. Estava totalmente intocado fazia muito tempo, provavelmente desde sempre. Ela o despertou, o levou para a luz, para o riso, para o desejo, e ele soube assim que suas bocas se encontraram que nunca mais seria o mesmo.

Tessa acabou de jogar água na minha cara e saiu do meu quarto batendo a porta e os pés. Mas aqui estou, descendo a escada atrás dela depois de passar alguns minutos sentado no meu quarto, resmungando como uma criancinha que dá chilique depois de quebrar seu brinquedo preferido.

Mas Tessa não é meu brinquedo preferido; ela é brilhante e nova demais para que minhas mãos sujas a toquem.

Eu só estava tentando deixar o clima mais leve, alegrá-la, mas é claro que fracassei. Deveria saber que tocar no assunto de seu namorado de merda a deixaria com raiva.

Ela é muito irritante. Acha que está sempre certa, e é muito inconstante. Sensível demais, sim, e me irrita pra caramba. Quem joga uma bebida, ainda que seja água, na cara de outra pessoa daquele jeito? Para alguém que se acha tanto, seu comportamento lembra demais o de uma criança petulante.

Quando chego lá embaixo, Tessa está na cozinha, pegando a garrafa de destilado. Ela olha ao redor à procura de alguém e, enquanto a observo, meu telefone toca no bolso. É outra mensagem de texto de Ken: Karen está

preparando o jantar, se quiser vir. Quero conversar com você sobre um assunto. Você não respondeu às minhas outras mensagens, então pensei que enviar uma às três da madrugada pelo menos seria lida quando você acordasse.

Quer conversar comigo? Tenho coisas melhores para fazer, como mostrar a Zed quem manda aqui. Olho para trás, para onde Tessa está, e percebo que Zed se aproximou dela. Claro que aquele idiota vai querer dar o bote quando não estou por perto.

Tessa ainda está bebendo; não deveria beber tanto assim. Vai se sentir péssima amanhã. Claro, é assim que Zed quer que ela fique.

“Olha que bonitinho, os dois juntos.” Ouço uma voz e, quando olho para o lado, vejo Steph com uma bebida na mão. Seus cabelos vermelhos estão despenteados, cobrindo seu rosto.

Olho de novo para Zed e para Tessa, dessa vez prestando mais atenção ao modo como ela suspira enquanto olha dentro dos olhos dele. Ela parece à vontade; seus ombros estão relaxados, e seu olhar é tranquilo. Nem um pouco parecida com a maneira como fica perto de mim. Zed também é quase um desconhecido para ela, então por que essa diferença? É porque, ao contrário de mim, ele está recostado no balcão com o olhar concentrado somente nos olhos dela? Ele não deixa que o decote dela o distraia. Ele se aproxima, e ela sorri para ele. Parece que ele é o mocinho, e eu, o vilão.

Caramba, ele é melhor do que eu tinha imaginado.

Tessa lança um olhar em direção à porta, e Steph dá um pulo para trás, puxando meu braço. Eu a afasto.

Os olhos de Steph estão totalmente embriagados, e as pupilas são pontinhos pretos num mar de vermelho. “Não diga a ela que estou aqui. Estou cansada de bancar a babá”, avisa ela, e revira os olhos. Steph nem sequer tenta bancar a amiguinha quando Tessa não está por perto. Uma vaca de marca maior.

Uma loira bêbada com um vestido superjusto passa, piscando para mim. Eu me lembro dela… lembro?

“Ela veio com você”, eu digo a Steph, mantendo a voz baixa. Não estou interessado nisso. Nem sei direito por que estou tocando nesse assunto, na verdade.

“E daí? Não estou com paciência para ela hoje, e ela veio aqui para ser um brinquedinho para vocês dois, lembra?” Ela dá de ombros e se afasta de mim.

Bom…

“Você vai perder se ficar parado aí feito um idiota!”, Steph grita quando chega à porta da frente e segura a mão daquele cara esquisito de quem estava reclamando semana passada. Vou perder?

Qual é. Não tem a menor chance.

Mas também não vou ficar aqui na porta como um idiota.

Volto para a sala de estar e encontro um lugar no sofá. Vou esperar que ela venha até mim. Ela vai se entediar com Zed e com o papo idiota dele sobre ciência e plantas, salvar o mundo uma flor por vez, essa merda toda. Acho que ele acredita nisso, mas com esse cara nunca dá para saber. É mais provável que saiba, inconscientemente, que só as plantas conseguem ficar perto dele.

Um tempo depois, Tessa entra na sala de estar, com Zed grudado nela como um cãozinho perdido. Ela nem sequer nota que estou na sala quando se senta no chão com meu grupo, a poucos metros de mim.

Sinto um apertão no braço e me viro a tempo de ver a loira de um instante atrás passar os braços pelo meu corpo, me abraçando com força.

“Hardinnnnn…”, ela tenta dizer, mas está tão bêbada que não consigo entender se está tentando me molestar ou só tentando fazer a sala parar de girar. “Que bom ver você de novo. E melhor ainda sentir você…”

Eu a afasto um pouco, tentando me desvencilhar. Mas o álcool a transformou numa espécie de polvo insistente, e ela me agarra de novo. Por fim, eu me aproximo de um dos “irmãos” da fraternidade cujo nome não consigo lembrar e passo um dos braços dela pelo ombro dele. Como já era esperado, a coisa toda se encaixa, e ela diz: “S-Steeeeve, há quanto tempo…”. Eu me afasto, e minha irritação com a noite aumenta a cada passo que dou com minha bota no carpete manchado.

“Os ônibus circulam a noite toda?”, ouço Tessa perguntar, e está claro que ela não está mais alegrinha; agora, está totalmente embriagada. Sua voz está mais grossa. Observo seus lábios, e o de baixo está mais protuberante do que o de cima. Está falando devagar, praticamente arrastando as palavras. Eu me forço a

parar de escutar e volto para a cozinha. Ela não é problema meu — não tenho motivos para me importar se está bêbada ou não. Menos de dez segundos depois, volto para a sala de estar e paro na frente de Tessa, que está sentada no chão.

Quando me vê, a garota esnobe revira os olhos. Parece que está acostumada a fazer isso muitas vezes.

Não para o Zed, claro. Nunca para o Zed.

"Você e o Zed, então?" Ergo uma sobrancelha para ela, que tropeça ao se levantar. Quanto ela bebeu? Seus olhos estão opacos quando encontram os meus; não sei dizer.

Estendo a mão para segurá-la quando ela passa. "Me larga, Hardin!" Ela balança os braços, e tento não rir de seu jeito dramático. Ela observa a sala como se estivesse procurando algo que pudesse jogar em mim. "Só estou tentando descobrir como voltar de ônibus."

Ela passa por mim, e seu ombro esbarra no meu. Com um gesto delicado, eu a seguro pelo braço para equilibrá-la.

"Desencana… são três da manhã. Não tem mais ônibus." Eu solto seu braço e observo sua reação quando ela se dá conta. "Seu recém-descoberto gosto pela bebida fez com que ficasse presa aqui."

A graça disso é inegável. Ela está determinada a odiar este lugar, mas vai ter que passar outra noite aqui.

Ela olha para mim com uma expressão vazia, com os olhos arregalados e os lábios carnudos, e eu espero um pouco antes de jogar um pouco de sal em seu ego ferido.

"A não ser que você queira ir para casa com o Zed…" Aponto com a cabeça para a sala de estar, e ela faz uma careta.

Sem dizer nada, ela se afasta.

Para que isso? Por que estou atrás dela, tentando provocá-la? Não tem motivo, e é uma perda de tempo. Ela parece jogar esse jogo tão bem quanto eu.

Quando volto para meu quarto, pego um livro da estante, arranco a camiseta, jogo no chão e ainda acrescento meu jeans à pilha de bagunça. Abro o romance numa página qualquer e começo a ler:

Para que serviam a raiva e os protestos em relação a sua credulidade tola? Nós nos separamos naquela noite… hostil; mas o dia seguinte me colocou na estrada a caminho de Ventos Uivantes, ao lado do pônei de minha jovem senhora. Não suportei testemunhar seu pesar; ver seu rosto pálido e triste, e os olhos pesados; e eu cedi, na leve esperança de que Linton pudesse provar, ao nos receber, que pouco da história se baseava em fatos.

Uma Catherine loira estava ali, sobre os campos alagadiços, com os cabelos presos numa fita vermelha como o sangue que corria em suas veias. Ela não estava pensando; estava perdida. Virou-se para ele, com a voz soando entre eles. "Hardin?"

A voz de Catherine, tão alta que adentra meu sono. Estou sonhando?

"*Hardin, Hardin! Por favor, abre a porta!*"

Saio da cama num pulo, confuso e em pânico quando vejo alguém girando a maçaneta. Socando a porta.

"Hardin!", a voz grita de novo.

Essa é…?

Destranco a porta e a abro. Tessa está ali, com o rosto vermelho e tomado pelo horror, e os olhos arregalados de medo. Os pelos da minha nuca se arrepiam, e entro no modo de defesa instantaneamente.

"Tess?" Seco os olhos para ver melhor, tentando afastar o sonho e me concentrar no que está acontecendo.

"Hardin, por favor, posso entrar? Tem um cara…" Tessa olha para o corredor, então eu saio do quarto para ver do que ela está com medo.

Neil está andando na nossa direção, com os olhos vermelhos e a camisa manchada. Ele é nojento. E, quando bate na parede, vejo como ele está embriagado.

Por que ela está fugindo? Ele…

Os olhos de Neil encontram os meus, e ele para imediatamente. Se tiver alguma noção do perigo, vai se virar e se afastar. Se não tiver, Tessa e todas essas pessoas no corredor, pessoas que não pareciam interessadas em ajudá-la, vão testemunhar um baita show.

Olho para ela depressa, para ter certeza de que ele não fez nada para que eu

tenha que esconder seu cadáver da polícia.

“Você sabe quem é?”, pergunta ela, com a voz esganiçada.

Sinto minhas mãos tremendo ao lado do corpo.

“Sei, sim, entra aí.” Eu a levo para dentro do quarto e me sento na cama. Os olhos acinzentados dela me observam com intensidade, e esfrego meus olhos de novo. “Você está bem?”, pergunto.

Ela parece bem — nervosa, talvez, mas não está chorando. É um bom sinal… não?

“É… estou”, respondeu ela, baixinho. “Desculpe ter vindo aqui acordar você. Não sabia o que…” As palavras de Tessa saem rápidas e trêmulas.

Ela está se desculpando por ter me acordado?

Passo a mão pelos cabelos, afastando-os da testa.

“Não se preocupe com isso.” Vejo que suas mãos, como as minhas, estão tremendo, e faço a pergunta que tomou minha mente desde o instante em que abri a porta. “Ele encostou em você?”

Ideias assassinas surgem na minha mente. Ninguém sentiria falta do Neil, com certeza.

“Não”, ela começa, e então hesita. “Mas tentou. Fui burra o suficiente para me trancar dentro de um quarto com um bêbado desconhecido, então acho que a culpa é minha.”

Culpa *dela*? *Como assim?*

“Não é culpa sua. Você só não está acostumada com esse tipo de… situação.” Tento manter a voz calma para não assustá-la ainda mais. Já vi isso acontecer com muitas garotas na minha vida. Desde a minha própria mãe a garotas embriagadas em festas. Tive que salvar Molly, totalmente bêbada, de Neil, ano passado mesmo. Pensei que ele tivesse aprendido a lição com o nariz quebrado e o ombro deslocado, mas acho que não. Está na cara que ele precisa de um lembrete. Logan vai me ajudar, como da última vez.

Tessa caminha na minha direção, e eu faço um gesto para que ela se sente ao meu lado na cama. Ela obedece e coloca as mãos no colo. A expressão vulnerável de repente faz com que eu perceba que estou usando só uma cueca preta. Quero vestir mais alguma coisa, mas sem chamar a atenção dela para o

fato, e não quero que se sinta mais desconfortável, já que veio aqui em busca de um abrigo, um refúgio.

“E não quero me acostumar. É a última vez que apareço aqui ou em qualquer outra festa. Não sei nem por que vim. E aquele cara… Ele foi tão…” Ela estremece, e as lágrimas começam a rolar pelo seu rosto.

“Não chore, Tess”, sussurro, e levo a mão ao seu rosto.

Meu polegar ampara as lágrimas à medida que caem, e ela funga. É um som tão inocente e vulnerável que tento desviar o olhar dela, mas não consigo.

“Não tinha notado que seus olhos são meio cinza”, confesso.

Não tinha prestado muita atenção em muitos detalhes além dos seios dela e de sua susceptibilidade às minhas provocações até agora. Estava ocupado demais, e sendo raso demais.

Mas então interrompo meus pensamentos. Estou mentindo. Venho prestando atenção total a cada detalhezinho a respeito dessa garota desde que a vi.

Minha mão está pousada no seu rosto, e ela ainda está me olhando, com os lábios carnudos entreabertos. Puxo o piercing de metal entre os dentes, como sempre faço. Os olhos dela estão grudados na minha boca e, quando afasto a mão, ela se inclina para a frente, pressionando os lábios nos meus.

Respiro fundo, totalmente desprevenido. O que ela está fazendo? O que eu estou fazendo, porra?

Mas não paro. Não consigo parar. Passo a língua pelos seus lábios macios; engulo seus leves soluços enquanto seguro seu rosto com as duas mãos. Ela suspira dentro da minha boca, como se estivesse aliviada por estar me beijando. Sua pele está quente, sua boca é macia e nervosa, e eu levo as mãos ao seu quadril.

Quando sinto o gosto de vodca em sua língua, me afasto.

“Tess…”, digo, ofegante. Ela suspira, e eu passo a língua por seus lábios, afastando-os de novo. Respiro fundo, tentando clarear a mente. Como chegamos a esse ponto?

Eu me sinto tranquilo, apesar do calor que arde dentro de mim. É bom. É um alívio do ardor constante. Nunca senti essa calma antes; é ameaçador.

Minha mente não está mais no controle; sentir os lábios dela nos meus

inflamou todos os meus sentidos. Eu a puxo para mais perto, apertando a mão em seu quadril, e me deito no colchão. Ela sobe em mim e apoia as mãos no meu peito. Sua língua provoca a minha, não sai da minha boca. Ela é ótima nisso. Porra, como é boa nisso.

Seus cabelos caem sobre a minha pele, e eu afasto os lábios dos dela. O gemido que ela emite assim que faço isso me deixa duro na hora. Ela me quer. Suas mãos sobem e descem pelo meu peito agora, testando seus limites, eu sei.

Não vou deixar isso ir muito longe. Não hoje. Ela andou bebendo, e não gosto disso. Eu a desejo… porra, eu a desejo sem parar. Vou senti-la por completo. Mas não hoje. Ela é virgem, mas até onde foi com o namorado? Será que ele já a pegou assim, em cima dele quando estava só de cueca, com ela movimentando o quadril contra o dele, provocando-o assim? É assim que ela age com ele, mas se mostra toda santinha e pudica para todo mundo?

Será que ele já passou a língua na pele macia do pescoço dela? Pelo modo como ela fica ofegante com o toque de minha língua, acho que não. Ela geme, e eu a seguro pelos cabelos enquanto beijo seu pescoço. Desço mais, mordiscando seus ombros, e ela geme de novo, dizendo meu nome baixinho.

Levo seus lábios aos meus, e ela continua se esfregando em mim. Sei que está sentindo como estou duro, como a desejo.

“Hardin… para”, ela geme, com a língua ainda passando na minha. “Hardin!”, ela repete. Eu me afasto e olho para ela. Seus lábios estão inchados, pecadoramente rosados, e os olhos estão arregalados.

“Não podemos fazer isso”, diz ela. Seus dedos se afastam de minha pele, e o calor se transforma em gelo.

Eu sabia que não duraria; foi só um… impulso no calor do momento. Foi um momento que eu queria prolongar, mas tudo tem que terminar no fim das contas. Eu me apoio nos cotovelos, e ela sai de cima de mim e vai para o outro lado da cama.

“Desculpa, desculpa”, ela diz. A voz dela está baixa, rouca, e não parece estar arrependida, a julgar pela respiração ofegante e pelo modo como seus olhos continuam fixos na minha boca.

Olhando para ela, penso num livro que li no qual as mulheres da cidade

prometem parar de se desculpar no dia a dia. Foi bem interessante elas perceberem que noventa por cento dos pedidos de desculpa que davam eram em relação a coisas pelas quais não eram responsáveis. Se Tessa vivesse nessa cidade, ela se encaixaria.

“Pelo quê?”, pergunto com toda a calma do mundo, e me levanto para vasculhar a gaveta bagunçada cheia de camisetas pretas. Quando pego uma delas, vejo que ela está me observando, olhando para a minha cueca. E fica corada.

“Por beijar você…”

Por que ela se desculparia por me beijar? Se não quer nada comigo, então tudo bem, mas eu não dei nenhum sinal de que não estivesse a fim.

“Foi só um beijo… As pessoas se beijam o tempo todo.” Mantenho a voz neutra de propósito, para não fazer com que ela se sinta pior. Ela já está arrependida e pronta para fugir a qualquer momento. Sei muito bem disso e, se ela fugir, tenho que ir atrás. Não posso perder pontos no jogo depois de um progresso como esse. Ela já me tocou, eu já senti seu gosto, fiz com que ela quisesse mais. Estou em vantagem em relação ao Zed agora, e não posso deixar isso escapar. Ela vai dar a isso uma dimensão muito maior do que a necessária. Se eu acalmá-la agora, tenho mais chances de ganhar sua confiança, o que pode me render outra chance para ir ainda mais longe da próxima vez.

Ela olha para o chão. De novo. Já está toda arrependida e nem consegue olhar para mim? Não gosto disso.

Ela não pode estar arrependida tão cedo; se não conseguir superar isso, estou fodido, e o Zed vai vencer.

“Então podemos fingir que isso nem aconteceu?”, pergunta Tessa.

“Pode acreditar que também não quero que ninguém fique sabendo. Já chega de falar sobre isso.”

Ela se retrai ao ouvir o que digo, e eu me arrependo do que falei. Sou péssimo com essa merda.

“Pelo jeito você já voltou a ser o mesmo Hardin de sempre.” Seus olhos estão mais firmes agora, preparados para uma batalha. Quero responder, mas mantenho a boca fechada.

Ela não sabe porra nenhuma sobre mim. Fico irritado por ela achar que, depois de ter me visto algumas vezes, já é especialista em Hardin Scott. Ela se acha muito melhor do que eu, e está morrendo de medo que as pessoas descubram que me beijou porque… bom, porque eu sou eu e ela é a Mocinha Perfeita. Não consigo ficar quieto.

"Nunca fui nada diferente disso", retruco. "E não pense que, só porque me beijou, praticamente contra a minha vontade, a gente tem algum tipo de intimidade agora."

Percebo que minhas palavras percorrem o corpo dela como um maldito choque elétrico, e ela se levanta. A fúria é evidente em seus olhos arregalados. Uma Joana d'Arc moderna, preparando-se para *me* queimar na fogueira.

"Você podia ter me impedido", responde ela, com raiva. Ela cerra as mãos em punhos que deve achar que são feitos de fogo.

Minha boca reage antes que eu consiga pensar em algo a dizer. "Até parece."

Tessa suspira e cobre o rosto com as mãos. Desvio o olhar. Ela é tão emotiva, mas isso não é a parte mais estranha. Ser emotiva é normal, acho, mas ela se deixa levar demais por isso. Não sou seu amigo nem parente, mas ela está revelando suas emoções como se eu a conhecesse desde sempre. Não tem medo de mostrar como se sente; não parece se importar em ser exposta assim.

Theresa Young é um baita mistério para mim. É muito indefesa e frágil, mas também contida e afiada como faca. Não consigo entendê-la. É muito esquisito. A tranquilidade que parece sentir em relação a me deixar vê-la desse jeito é levemente enternecedora, mas ainda assim é esquisita.

"Você pode passar a noite aqui, já que não tem pra onde ir", ofereço baixinho.

Tessa recusa sacudindo a cabeça com as mãos na cintura e faz uma careta para mim. Sinto vontade de dizer que talvez esteja arrependido por ter sido duro com ela, que talvez eu fale umas besteiras às vezes, coisas que não deveria dizer, mas por que gastar energia com uma desconhecida? Ela não me conhece e nunca vai me conhecer.

"Não, obrigada."

Quando ela desaparece no corredor, eu me apoio no batente da porta e em silêncio desejo a ela uma boa noite de sono, sabendo que não terei a mesma

coisa.

“Tessa”, digo seu nome baixinho, sem saber muito bem se quero que ela ouça.

10



Ele sempre foi teimoso, desde o começo. Ela o irritava de um modo que ele não sabia ser possível, e fazia com que encarasse o mundo de um jeito diferente. Ele nunca imaginou que alguma coisa fosse surgir daquela aposta, e não sabia que cada olhar recebido dela, cada sorriso com que o presenteava, o estavam mudando. Ele passou a agir de modo protetor em relação a ela desde o início, e não reconheceu quando seu instinto protetor se transformou em impulso controlador. Tentou lutar contra isso, mas só teve forças quando já era tarde demais.

Faz vinte minutos que ela saiu correndo, e não consigo encontrá-la em lugar nenhum. Por que ela não é como Molly ou qualquer outra garota com quem fiquei? Por que não volta correndo? Como pode ser tão decidida?

Pelo que a conheço — pelo pouquinho que sei sobre ela —, chego a acreditar que ela vai derrubar toda ideia preconcebida que eu tinha sobre todas as garotas.

Puta que pariu. Vai ser tão divertido.

“Ela foi embora, cara.” Logan entra na cozinha com uma garrafa de vodca na mão.

Foi embora? Ela não iria embora. Não sabe nem como voltar ao campus, e seu celular velho não vai ajudar em nada caso se perca.

“Até parece.” Balanço a cabeça e pego um copo vazio. Quando abro a torneira, Nate está olhando para mim com uma das sobrancelhas erguidas e um sorriso idiota no rosto.

“O que foi, idiota?”, questiono, bebendo a água.

“Nada, cara.” Ele ri e troca um olhar esquisito com Logan.

“Aconteceu alguma coisa aqui que eu não estou sabendo?” Balanço a mão para os dois.

“Não.” Logan apoia a mão em meu ombro, e eu me afasto. “Por que está procurando por ela, afinal?”

“Por que você acha?”, pergunto depressa, sem saber se estou mentindo para eles ou voltando para a aposta. Sim, eu ainda estou no jogo, mas nesse momento só quero saber para onde ela foi.

“Sei.” Nate cutuca Logan como eu e meus amigos costumávamos fazer quando estávamos na escola. “Bom, ela foi embora mesmo. Vi quando ela saiu pela porta.”

“E você deixou ela ir embora?”

“Como assim, deixei? Que diferença faz para mim se ela foi embora? Você também não deveria se importar… pelo menos era o que eu achava”, diz Nate, olhando nos olhos de Logan.

“Onde está o Zed?”, pergunto a eles. Espero que a pergunta faça com que pensem que estou mais preocupado com a possibilidade de ele ganhar vantagem sobre mim do que qualquer outra coisa.

Os dois sacodem a cabeça e dão de ombros, e então voltam a conversar como se já tivessem perdido o interesse no assunto.

Quando me afasto deles, cerro os punhos. Ela pode ter ligado para alguém ir buscá-la, não? Essa garota tem amigos? Parece ser do tipo que julga todo mundo e com quem ninguém quer ter amizade. É parecida comigo, nesse aspecto. Só que ela é um pouco mais simpática. Um pouco.

Tenho certeza de que não é tonta o suficiente para tentar encarar uma caminhada de mais de cinco quilômetros até o alojamento.

Tonta o suficiente? Não.

Teimosa o suficiente? Com certeza sim.

Passo pelos corredores do andar de cima mais uma vez para me certificar de que ela saiu mesmo da casa. Meu quarto está vazio; queria que ela desse uma de irritante e entrasse no meu quarto de novo. Estava meio que esperando encontrá-la sentada na minha cama com um dos meus livros na mão.

Mas não, claro que ela precisava dar uma de difícil e ir embora. Sozinha.

Sozinha.

Que merda, ela está andando sozinha pelas ruas.

Por que ela foi inventar de… Nossa, como ela me irrita. Poderíamos ter escolhido uma garota mais difícil para a aposta? Duvido.

“Nate!”, grito o nome dele mais alto do que a música quando desço a escada.

“O que foi? Está com pressa?”, pergunta ele para mim, com um sorriso no rosto. Eu diminuo a velocidade ao chegar ao andar de baixo.

“Não, eu só…” Afasto os cabelos da testa. “Estou procurando aquela morena… aquela que estava usando uma blusa preta, a dos peitões.” Levanto as mãos na frente do peito para indicar o corpo da mulher que estou inventando.

Nate olha para baixo e sorri. Mal consigo ver as palavras tatuadas dentro de seu lábio inferior quando ele diz: “Ah, entendi”.

Ele pisca e Logan ri.

“Bom, vou atrás dela…” Dou as costas para eles depressa. Consigo ouvir a conversa abafada dos dois quando me afasto. Saio da casa sem olhar para trás e entro no carro. As ruas estão vazias. Totalmente vazias, e ela não está em lugar nenhum.

Depois de rodar mais algumas vezes pelo bairro, decido ir até o alojamento. Ela deve estar lá agora. Tem que estar.

Quando chego lá, percebo que estive fora por cerca de duas horas. A porta do quarto se abre sem esforço, e encontro Steph e Tristan deitados na cama dela. Ela está sem camiseta, passando a mão pelo corpo nu dele. Steph para de beijá-lo e se senta.

“Pois não?” Steph lambe os lábios, borrando o resto do batom.

“Onde está Theresa?”, pergunto a eles. Tristan pega a camiseta, e Steph a arranca da mão dele e a joga no chão. “E então?”, insisto.

“Não está aqui. Passamos por ela no caminho.” Steph gruda os lábios no pescoço de Tristan, e eu sinto meu estômago se revirar.

“Passaram por ela? Vocês viram que ela estava andando sozinha na rua e não ofereceram carona?” Eu me abaixo e pego a camisa de Tristan, jogando-a para ele, cobrindo o rosto dos dois com ela. Tristan sai da cama, e eu me afasto em

direção à porta.

“A Steph me disse para não parar”, diz ele enquanto se veste.

“Como assim?”, pergunto para ela.

Steph dá risada. “Ela está bem. Andar um pouco faz bem para a saúde.”

“Ei.” Tristan a cutuca, com uma cara de desaprovação.

Steph revira os olhos.

“Vistam-se, vocês dois, e saiam. Ela deve chegar daqui a pouco”, digo a eles.

“Aqui é meu quarto. Não vou sair”, responde Steph.

“Vamos.” Penso num motivo para ela sair. “Preciso de um tempo a sós com ela.”

Ela ri. “Para quê? Para comer ela?”

“Para preparar o terreno para isso.”

“Vamos lá para casa. Nate provavelmente não vai estar lá”, diz Tristan, prendendo os cabelos de Steph atrás da orelha dela. Ela sorri, assentindo e concordando.

Quando o quarto fica vazio, eu me sento na cama de Tessa. Enquanto decido se devo ou não ceder à curiosidade e mexer nas coisas dela, a porta se abre. Ela para na entrada do quarto, parecendo mais alta, com os punhos cerrados. Seus olhos estão arregalados, e sua irritação parece cuidadosamente contida. Quando sorrio para ela, ela começa a gritar.

“Não acredito!” Sua voz sai bem aguda, e ela joga as mãos para o alto.

“Onde você estava?”, pergunto a ela sem perder a calma, e meu tom de voz é o oposto do fogo que cresce lentamente dentro dela. “Rodei quase duas horas de carro tentando te encontrar.”

“Quê? Como assim? Por quê?”, pergunta ela, e sua expressão é uma mistura de irritação e confusão. Seu rosto está rosado por causa do ar frio do outono, e os cabelos estão despenteados, e não impecáveis, como costumo vê-los.

Eu procuro algo para dizer que explique tudo, mas consigo responder apenas: “Só achei que não era uma boa ideia você andar por aí sozinha de madrugada”.

Ela começa a rir. Quem diria! Qual é o problema dela? É um riso solto, totalmente o contrário de seus sorrisos controlados e de suas risadinhas falsas. Ela parece meio brava.

“Sai daqui, Hardin… some da minha frente!”

“Theresa, eu…”

Mas uma batida na porta me interrompe.

“Theresa! Theresa Young, abra essa porta!”, a voz de uma mulher surge ao gritos.

“Ai, meu Deus, Hardin, entra no armário”, Tessa sussurra, segurando meu braço e me puxando da cama.

“*Não vou* me esconder no armário. Você tem *dezoito* anos”, respondo. Tessa corre até o espelho, observando o rosto com atenção e alisando os cabelos despenteados. Ela corre até o outro lado do quarto com um tubo de pasta de dente, pega um pouco com o dedo e passa na língua. Parece que estou vendo uma adolescente sendo flagrada depois de uma saída às escondidas da casa da mamãe. Ela parece desesperada ao andar até a porta. Sua mão treme quando ela gira a maçaneta.

“Oi. O que estão fazendo aqui?”, pergunta ela à mãe quando esta entra pela porta. A mãe toma conta do quarto um instante antes de outra pessoa entrar.

É o cara da outra vez. Noah.

Vejo que a mãe de Tessa está vindo direto em minha direção, mas estou concentrado demais no garoto. O namorado de Tessa, o famoso Noah. Seus cabelos loiros são um pouco mais claros do que os de Tessa, seu cardigã é bem alinhado e desce até a calça cáqui bem passada. É meio incrível que tão cedo ele pareça um bonequinho ainda na embalagem. Mas por que está aqui? O relacionamento é tão sério assim?

Ele telefonou para a mãe dela como um defensor da moral?

A mãe dela respira fundo e então descarrega: “Então é por isso que você não estava atendendo o telefone? Porque estava com esse… esse…”. Ela agita os braços da mesma maneira que a filha faz. “Arruaceiro tatuado no seu quarto às seis da manhã!”

Arruaceiro tatuado? De onde essas mulheres tiram esses insultos de escola primária?

Tessa endireita os ombros, e eu observo quando ela corrige a postura, pronta para brigar.

Bom, agora eu sei onde Tessa aprendeu a julgar os outros desse jeito. E também de onde vêm sua estrutura física, suas curvas e sua intensidade. Ela está lançando um olhar fulminante para a mãe, mas a mulher parece não notar o modo como a filha cerra os punhos. Ou como a pele de seu pescoço ficou um pouco cor-de-rosa. Ela não parece notar. Nem o seminarista.

Isso me irrita — o fato de Tessa estar sendo repreendida por se comportar como uma universitária normal. No mínimo, ela é muito mais comportada do que as pessoas que conheço. Sua mãe deveria sentir orgulho dela.

"É isso que você anda fazendo na faculdade, mocinha? Fica acordada a noite inteira e traz garotos para o quarto? O coitado do Noah estava morrendo de preocupação. Então, viemos até aqui só para encontrar você com esse garoto."

Esse garoto? O modo como Noah se afasta lentamente em direção à porta sem perceber conforme a mulher vai falando mais alto… tenho a sensação de que ele recebeu uma lavagem cerebral ainda maior do que a de Tessa.

Não consigo me controlar. Falo antes que Tessa tenha chance de responder. "Na verdade, acabei de chegar. E ela não estava fazendo nada de errado."

Tessa arregala os olhos para mim como se eu fosse louco por contrariar sua mãe, que não parece acreditar. E a indignação delas me faz rir por dentro; essas pessoas não têm ideia do que sou capaz.

"Como é? Eu não estava nem falando com você. E não sei o que alguém como você está fazendo com a minha filha, por falar nisso."

O idiota permanece calado em seu canto, como deve ficar.

"Mãe…", diz Tessa, tentando soar ameaçadora. Ela olha para mim brevemente, com os olhos mais firmes do que o normal. Não sei se está com vergonha ou raiva da situação.

A mãe dela não se dá por vencida. "Tessa, você está fora de controle." E continua, falando por entre os dentes cerrados: "Dá para sentir o cheiro de bebida daqui, e não venha me dizer que isso tudo não é influência de sua coleguinha de quarto e *dele* ali", diz ela, olhando diretamente para mim. *Apontando* para mim.

Se ela me conhecesse, abaixaria esse dedo.

"Tenho dezoito anos, mãe. Nunca bebi antes e não fiz nada de errado. Sinto

muito que a bateria do meu celular tenha acabado, e que por isso vocês tenham vindo até aqui, mas está tudo bem comigo."

Tessa se senta na ponta de sua cadeira. Não gosto de vê-la assim tão desconfortável na presença deles. Ela parece uma desconhecida quando se senta toda tímida, esperando o próximo golpe da bruxa.

Não me mexo. Nem mesmo quando a tempestade dos olhos dessa mulher se volta para mim.

"Poderia nos dar licença um minutinho?"

Ela não está pedindo, na verdade. E seu tom pode parecer educado, mas ela só está tentando ser uma megera, me humilhando e tentando parecer cheia de razão. Eu cresci perto de pessoas ricas. Sei como elas agem.

Olho para Theresa, tentando mostrar que só vou embora se ela estiver bem para encarar a mãe e o namorado sozinha. Ela balança a cabeça afirmativamente, mas consigo ver a confusão em seus olhos acinzentados.

Eu vou embora, conforme o solicitado, com o peito ardendo.

11



Quando ele começou a vê-la em seus sonhos, ficou apavorado. Ela agora o engolia inteiro, tomando cada parte de sua vida e fugindo com elas. Ficou aterrorizado ao pensar nas coisas que ela poderia fazer com ele quando entrasse em sua vida de vez. Ele não queria permitir, mas não tinha força para resistir. Sempre pensou que fosse forte, que mandava em tudo, até ela chegar e tirar sua coroa.

Espero durante muito tempo para que a porta do quarto se abra e para que sua mãe e o lacaio dela saiam. A cada minuto que passa, mais questiono minha sanidade.

Por que estou esperando por ela? O que vou dizer para ela quando as visitas forem embora? Ela vai querer falar comigo? Talvez sim, se eu pedir desculpas por tê-la deixado me beijar. Isso pode ser a solução para todos os problemas.

Finalmente, a porta se abre e a mãe dela sai, lançando um olhar intenso para mim, encostado na porta de um vizinho. Atrás dela, vem Tessa, de mãos dadas com Noah. Eu me levanto, sem saber direito o que dizer, mas sentindo que preciso falar ou fazer *alguma coisa*.

“Vamos até a cidade”, avisa Tessa, e o que posso fazer além de assentir e deixar que partam?

Não consigo parar de olhar para a mão de Tessa na de seu namorado. Ela fica vermelha e se afasta enquanto sua mãe abre o sorriso mais falso que já vi.

“Não gosto nem um pouco desse cara”, ouço o seminarista dizer.

“Eu também não”, responde Tessa, baixinho.

Melhor assim. Porque também não gosto dela.

Quando chego ao meu carro, meu telefone está vibrando no porta-copo. Eu o pego e atendo quando vejo o nome de Molly na tela. Ela diz uma palavra — “pegação” — e desliga.

Cinco minutos depois, entro no apartamento de Molly sem bater, e sua colega de quarto olha para mim, com a fumaça saindo de sua boca. Os brancos de seus olhos brilham embaixo do rímel pesado, e ela traga o cigarro de novo. “Ela está no quarto dela.”

Molly está deitada na cama, com a cabeça apoiada num monte de travesseiros e as pernas nuas totalmente abertas. Seu quarto é pequeno, com as paredes azul-claras cobertas de pôsteres de revistas de moda. Em sua maior parte, são imagens em preto e branco, que ela cortou e pendurou. A cama está posicionada contra a parede mais distante da porta, e o quarto não tem janelas. Eu detestaria ficar preso num quarto sem janelas. Não é à toa que ela nunca fica aqui.

Ela faz um gesto para que eu vá para a cama com ela; os cabelos cor-de-rosa estão presos no topo da cabeça num coque. “Ora, ora, veja quem está aqui”, ela diz quando me sento ao seu lado. Levantando a saia ainda mais, ela mostra a calcinha preta. Em seguida desce as mãos pelas coxas, levando com elas a calcinha de renda.

“Você me chamou”, digo a ela.

“E você veio”, responde ela, dizendo a frase de modo sarcástico e orgulhoso.

“Vê se não se empolga demais. Eu estava entediado, e você estava disponível.” Dando de ombros, olho para ela. Está com o cenho franzido, fingindo estar ofendida.

“Verdade.” Ela ri, e eu balanço a cabeça por causa de seu jeito sem-vergonha.

A mão de Molly está fria quando ela segura meu braço e me puxa para mais perto. As cicatrizes em seu pulso brilham à meia-luz da luminária da mesa de canto.

Molly pressiona os lábios no meu pescoço, e tento não pensar nos lábios carnudos de Tessa. Molly sobe pelo meu corpo, e leva as mãos aos botões de

minha calça jeans. Ela os abre depressa e desce minha calça e a cueca. Eu me levanto para ajudá-la a me despir enquanto tento me convencer de que quero mesmo isso. É divertido. É disso que as pessoas como eu gostam de fazer para se divertir. Pessoas como eu e Molly, pessoas que têm uma vida de merda. Eu tenho meus problemas, e ela tem os dela, sobre os quais nem tentou me contar, problemas com os quais não me preocupo nem um pouco. Sei que ela é como eu. É só o que preciso saber.

Ela passa a língua na cabeça do meu pau, me provocando. Não gosto desse tipo de coisa, por isso seguro os cabelos cor-de-rosa dela, guiando-a para me enfiar inteiro na boca. Ela engasga um pouco, e eu a solto. Sei que ela gosta que a coisa seja intensa — na verdade, mais intensa do que pretendo com ela.

Os cabelos de Tessa são fartos em minha mão, e eu puxo com mais força. Sua boca é muito molhada, muito quente. Sua língua passeia por mim com mais agressividade do que eu poderia imaginar. As mãos dela sobrevoam minhas coxas; as unhas são mais compridas do que me lembro.

"Hardin", ela geme, e lambe de novo, me segurando entre os lábios. Sua voz está estridente, brochante.

"Porra, Tessa."

Assim que digo essas palavras, os lábios carnudos de Tessa param.

Molly fica tensa no mesmo momento e se afasta de mim. "Sério mesmo?"

Eu limpo a garganta. "O quê?"

Ela revira os olhos. "Ouvi o que você disse."

"Você não ouviu nada e, mesmo que tivesse ouvido, não vem querer agir como se nunca tivesse me chamado de Log…"

"Cala a boca." Ela levanta uma das mãos e a agita de modo dramático. "Você quer que eu termine?" E, do nada, o tom muda e volta a ser brincalhão, e eu percebo que ela está me olhando com uma expressão esquisita de compaixão, como se precisasse sentir pena de mim ou coisa assim.

Essa ideia me enfurece. Ela é tão solitária e fodida quanto eu… quem pensa que é para se sentir mal por mim?

"Não." Volto a vestir a calça e, quando me levanto e enfio o telefone no bolso, ela ainda está com a mesma cara. Minha raiva não significa nada para ela.

“Não vou acompanhar você até a porta”, diz ela, aos risos, voltando ao niilismo de sempre. Mas então acrescenta: “Cuidado com essa merda. Garotas como ela nunca ficam com fodidos como você no fim das contas”.

Ela me encara com ainda mais tristeza, e sinto vontade de vomitar em cima do tapete preto. Sei que ela não está nem tentando me ofender — está sendo verdadeira e honesta, mas não preciso de seus conselhos.

Não quero ficar com a Tessa “no fim das contas”. Quero transar com ela e vencer. Só.

Sem dizer mais nada, saio e dirijo de volta para a minha casa.

12



As batidas na porta não param. O homem do lado de fora diz meu nome, e tento fazer o mínimo de barulho ao abrir a porta do armário para me esconder. Fecho a porta e espero, tampando os ouvidos conforme as batidas aumentam.

“Saia agora mesmo!”, diz ele.

Meu pai está bêbado de novo; fica assim todas as noites agora.

Com uma última batida, seu soco atravessa a madeira da porta, e o barulho da superfície se rompendo causa um arrepio em minha espinha. Odeio ter medo dele, não deveria ter. Tenho doze anos e sou bem alto para a minha idade. Eu deveria ser capaz de me defender.

Por que estou com medo? Porque sou muito ridículo.

A voz dele se mistura às vozes dos outro homens… eles estão aqui de novo? Não sei bem. Não deveriam estar, porque ele está, mas talvez ele não nos protegesse no fim das contas.

A porta do armário se abre e eu me recosto contra a parede até não ter mais onde me esconder.

Acordo com um grito forte no quarto vazio e solitário. Estou nesse quarto há quase três dias seguidos, e ninguém chamou, ninguém bateu na porta. Mas fiz um monte de trabalhos. Não quero encontrá-la. Não quero ver Zed nem ninguém. Eles também não me procuraram.

É o que acontece com quem é invisível: ninguém se importa com você, e você não tem com quem se importar. Pego a camiseta preta e suja que está no chão ao lado da cama e seco o rosto coberto de suor. Meus cabelos estão úmidos e minha visão está borrada, misturando passado e presente, mantendo minha falta de futuro longe dessa bagunça por enquanto.

Acho que eu não diria “falta de”. Vou acabar sendo um daqueles homens que trabalham demais, transam demais e voltam para uma casa vazia toda noite. Vou ser bem-sucedido financeiramente e comprar uma casa até maior que a do Ken, e nunca vou convidá-lo para ir lá, só para me vingar.

Não sei do que estaria me vingando, mas deve ter alguma coisa em algum lugar. Em algum lugar.

Vou sair dessa cama hoje.

Quando chego ao campus, procuro Tessa imediatamente. Faz um tempo que não a vejo. Fico tentando imaginar se Zed a encontrou… Será que ele ganhou alguns pontos durante meu isolamento? A esta hora da manhã, ela deve estar saindo da aula de literatura. A não ser que tenha matado aula…

Até parece. Chego ao prédio quando a aula está terminando e a tempo de vê-la sair da sala. Ela fez alguma coisa diferente com os cabelos. Acho que só os cortou. Estão bonitos, quase iguais, mas a mudança é suficiente para eu notar. Fico me perguntando se mais alguém percebeu… mas, quando vejo Landon caminhando atrás dela, percebo que *é claro* que ele notou.

Caminho para perto dos dois e digo: “Cortou o cabelo, Theresa?”.

Eu a surpreendi, mas ela se vira e me cumprimenta baixinho. “Oi, Hardin.” Em seguida, apressa o passo. Seus sapatos sem salto fazem um barulho alto enquanto ela anda. Por que tanta pressa…?

E então eu me dou conta: ela não quer que seu amigo angelical saiba que me beijou. Que praticamente se jogou em cima de mim. O desconforto dela é como um desafio que não posso ignorar.

“Como foi o seu fim de semana?”, pergunto com um sorrisão.

Em resposta, ela segura o braço de Landon e o puxa para mais perto de si, andando ainda mais depressa para longe de mim. “Foi bom, a gente se vê por aí!”, grita ela, olhando para trás.

Ela sai com Landon pela porta principal do prédio, e eu os deixo ir, já que minha necessidade de vê-la estava satisfeita.

Ando pelas ruas do campus, chegando ao carro lentamente. Na verdade,

estudar agora parece bem difícil.

Depois de alguns minutos, encontro Zed sentado em um banco na frente do prédio de ciências, com um cigarro entre os lábios.

Ele olha para mim, soprando fumaça pela boca. “E aí?”

“E aí.” Não sei se devo me sentar ou me afastar.

“Você fez algum progresso com a garota?”, pergunta ele.

“Sim, um pouco”, minto. “E você?”

Espero pacientemente enquanto ele traga de novo. “Nem. Estou me sentindo meio mal com essa história. Você não?”

“Nem”, respondo, do jeito que ele sempre diz. É sempre “nem” para cá e “nem” para lá, como se nada fosse bom o suficiente para chamar sua atenção, desimportante demais para que ele tenha mais o que dizer.

Zed dá de ombros, e eu decido encontrar Tessa enquanto ele fica aqui sendo um idiota e se entupindo de cigarros. Odeio o cheiro de cigarros — faz com que eu me lembre da casa da minha mãe. Na infância, eu não conseguia respirar em meio à fumaça densa, e quase consigo sentir as manchas amarelas e grudentas cobrindo o papel de parede desbotado da sala de estar.

Para matar um pouco o tempo, paro e tomo um café, mas acabo engolindo tudo em menos de dois minutos. Minha garganta queima com o calor, e me pergunto por que estou tão ansioso.

Depois de me levantar sem nenhuma meta em mente, decido ir ao prédio da Steph, mas vou devagar, observando todas as pessoas que andam pelo campus. Casais andando juntos, nerds reunidos em conversas animadas, grupos de atletas batendo bola. É demais para aguentar.

Enquanto atravesso o corredor do alojamento, vejo os cabelos vermelhos de Steph.

“Hardin! Está me procurando?”, pergunta ela com a mão levantada.

“Não exatamente.” Olho para o outro lado do corredor, em direção à porta de seu quarto.

“Ahhhh, entendi.” Ela ri e arruma o decote. “Bom, vou procurar o que fazer, para você passar um tempo com ela.” Quando se afasta em direção à saída, ela se vira no fim do corredor e grita: “De nada, cuzão!”.

“Eu não vou agradecer”, murmuro, e bato à porta dela.

Ouço o barulho de papéis e de um livro sendo fechado. Tessa dá seis passos até a porta, e eu dou uma baforada dentro da camiseta para conferir meu hálito.

Sério mesmo que eu fiz isso…

“Steph ainda não chegou”, Tessa diz assim que abre a porta. Surpreendentemente, não olha para mim nem uma vez antes de caminhar até sua cama — e não bate a porta na minha cara. Um belo começo.

“Vou esperar.” Eu me sento na cama de Steph e olho para o lado de Tessa no quarto.

“Fique à vontade”, responde ela com um resmungo e, de maneira infantil, puxa o cobertor para cobrir a cabeça. Dou risada e observo seu corpo inerte, tentando imaginar o que está acontecendo em sua mente. Será um método de esconde-esconde para fazer com que eu desapareça ou coisa assim?

Começo a tamborilar com os dedos na cabeceira de Steph, torcendo para irritá-la o suficiente para que fale comigo. Não acontece, mas quando, alguns minutos depois, um despertador toca, ela estica um braço por baixo do cobertor e o desliga.

Ela vai a algum lugar? Com quem?

“Você vai sair?”, pergunto.

“Não.” Ela se senta, o cobertor cai e revela seu rosto, cheio de atitude. “Eu estava tirando um cochilo de vinte minutos.”

“Você programou o alarme para garantir que seu cochilo durasse só vinte minutos?” Dou risada, mentalmente desejando que pudesse dormir mais do que isso de vez em quando.

“Sim. E o que você tem a ver com isso?”

Observo enquanto ela organiza os livros em ordem de horário de aula. Eu não deveria notar que é isso que ela faz, mas não tem jeito. De algum modo, parece que sei muito sobre ela. Ela pega um fichário pequeno e o coloca do lado de uma pilha bem organizada de livros. É obsessiva.

“Você tem TOC ou coisa do tipo?”, pergunto, meio surpreso.

“Não, Hardin. Gostar de ordem não significa ser maluca. Não tem nada de errado em ser organizada.”

Ela se acha muito. É bem desagradável, apesar de parecer muito meiga. Dou risada, imaginando que ela deve pensar que é tão perfeita e educada, mas tem um dos piores temperamentos que já vi e julga as pessoas como se fosse seu trabalho.

Eu me aproximo, tentando pensar numa nova maneira de irritá-la. Ela se irrita fácil, não precisa ser nada sério. Rapidamente, passo os olhos pelo quarto organizado, vendo a cama perfeitamente feita com pilhas organizadas de papel e de livros. Entendi.

Pego um monte de papéis da cama assim que ela se vira para mim. Ela baixa os olhos, tentando pensar numa maneira de negociar comigo. Em seguida tenta pegá-los, mas eu a provoco, erguendo-os muito alto para que ela não consiga alcançá-los. Fico me perguntando até onde devo ir com isso, observando sua respiração, o modo como seu peito se enche e os lábios tremem de raiva. Isso meio que me excita, e quero ir um pouco além. Não o suficiente para irritá-la, só para perturbá-la a ponto de poder jogar meu charme de novo. Jogo os papéis para cima e observo as folhas brancas flutuarem pela sala e caírem espalhadas no chão. Ela abre a boca, e seu rosto fica corado de raiva.

“Pode recolher isso agora!”, ela grita.

Abro um sorriso, tentando imaginar se ela realmente acha que vou lhe obedecer. Se ela topasse chupar meu pau, talvez. Eu pego mais um monte de papéis e espalho tudo no chão.

“Hardin, para!”, ela grita, ameaçadora.

Repito a ação, e então ela me surpreende quando me ataca e me afasta da cama.

“Como assim, você não gosta que mexam nas suas coisas?”, eu a provoco, rindo da cara dela. Tessa está muito brava agora, muito mais do que uma pessoa normal ficaria por algo tão idiota.

“Não, eu não gosto!”, ela grita e me empurra de novo.

Eu me alimento da raiva dela. Sua energia me dá vida. Estou tão bravo quanto ela, e preciso tê-la. Agora.

Dou um passo em sua direção, segurando seus braços e encostando-a contra a parede. Ela me encara, determinada a não ceder, e vejo seu olhar passar da

frustração para o desejo por mim. Se eu sei alguma coisa sobre mulheres, é que elas ficam assim quando estão excitadas. E Tessa certamente está. Ela se alivia com essa raiva intensa, assim como eu. Depois de passar pelos meus olhos, seu olhar rapidamente se concentra na minha boca, e é quando tenho certeza de que ela quer que aconteça. Ela me quer, porra. Pode não gostar de mim, mas se sente atraída por mim. *A atração é mútua*, sinto vontade de dizer. Eu a encaro, me segurando para não falar que também não gosto dela, que essa coisa entre nós não passa de tesão. Que estamos na mesma frequência. Que não passa de desejo animal — um nível muito alto de desejo, mas desejo mesmo assim.

"Hardin, por favor", ela sussurra.

Seu tom grave me mostra que ela quer que eu vá embora e que a beije ao mesmo tempo. Sei disso porque quero correr para longe dessa garota, mas estou aqui também, olhando para sua boca. Seu peito sobe e desce depressa. Estendo a mão, sentindo a necessidade de tocá-la, e assim que meus dedos encostam em sua pele ela suspira. Está olhando para mim, me desejando. Eu solto seu braço, mas uso a outra mão para segurar seus dois punhos. Ela coloca a língua para fora, cobrindo o lábio inferior, e eu perco a cabeça. O som é tão baixo, tão fraco, que acho que ela nem percebeu que o emitiu. Mas eu sim. Ouvi e fui vencido por ele.

Pressiono meu corpo contra o dela, prensando-a delicadamente contra a parede. Ela geme em minha boca, e estende os braços para envolver meus ombros. Sua língua segue a minha, movendo-se em perfeita sincronia com meus lábios. Aperto suas coxas e a puxo para mim. Enquanto a seguro contra meu corpo, meu coração bate muito acelerado e estou tão excitado que não sei como vou parar com isso. O corpo de Tessa se gruda ao meu, e sua boca contra a minha é insaciável. Eu a levo de volta para a cama.

Tessa puxa meus cabelos e me deixa maluco. Sinto como se cada centímetro do meu corpo tivesse se espalhado pelo quarto; e então ela geme, com a respiração descontrolada, e eu me sento na cama, levando-a comigo. Eu a posiciono no meu colo, com as mãos em seu quadril. Sei que meus dedos estão apertando sua pele, um sinal de meu corpo tentando entender o que está acontecendo. Já fiz isso antes, muitas e muitas vezes, então por que não consigo

me controlar? Não consigo me controlar com ela.

“Caralho”, digo, sentindo meu pau duro dentro da calça. Passo as mãos pela cintura dela e seguro a barra de sua camisa; ela geme, e eu interrompo o beijo para tirar sua camisa. Meus olhos passam para seus lábios carnudos e inchados, e então para seu peito. Seus seios estão cobertos por um sutiã preto: não tem renda, não tem brilho, nada especial. Só tecido preto gasto. Tão inocente, normal e simples que acabo por achá-lo bem interessante. Mordo meu lábio, tentando ter algum controle sobre mim mesmo e não rasgar a peça do corpo dela. Seus seios são grandes, inchados, e escapam por baixo do tecido. Tem uma pintinha ali, logo abaixo da linha do pescoço, e sinto vontade de beijá-la. Quero cobrir o corpo todo dela com a boca e senti-la gozando na minha língua.

“Como você é gostosa, Tess”, digo aos sussurros. Ela respira fundo, gemendo, e me delicio com esse som incrível.

Meu controle continua a diminuir quando ela se esfrega com força contra meu corpo. Passo os braços pelas costas dela para trazê-la ainda mais para perto de mim…

Tessa sai de meu colo e pega a blusa de volta. O transe no qual estávamos é quebrado quando ela se veste e cobre o corpo, e só então ouço o barulho da porta se abrindo.

Como ela ouviu… não estava tão envolvida quanto eu? Eu não teria parado de jeito nenhum, nem se sua mãe megera e o seminarista tivessem entrado por aquela porta.

Mas é Steph, fingindo estar chocada. Já vi essa cara antes, e logo me pergunto se Zed pagou para que ela viesse nos interromper. Espero que Tessa não goste dela de verdade, nem pense que é sua amiga. A personalidade de Steph é mais falsa do que a cor de seu cabelo.

“O que foi que eu perdi aqui?”, pergunta Steph, com as mãos na cintura.

“Nada de mais”, respondo e me levanto. Steph pisca para mim enquanto Tessa olha para a parede, evitando encará-la.

Saio do quarto sem olhar para trás.

Não posso dizer nada, caso contrário, vou explodir. Meu peito está apertado, meu coração bate forte, e eu sinto que estou enlouquecendo.

Numa espécie de transe, volto para casa, para o meu quarto e imediatamente decido tomar o banho mais demorado da minha vida para tentar esquecer o modo como essa garota desconhecida faz com que eu me sinta. Eu não deveria desejar seus lábios e sua mente da mesma maneira. Não deveria pensar em como ela deve ser apertadinha sentada em cima de mim. Não deveria gozar imaginando minhas mãos em seu corpo.

Eu deveria conseguir o que quero, ganhar a aposta e seguir com a droga da minha vida.

Depois de um bom tempo, a água começa a esfriar, e eu finalmente saio do banho. Quando abro o armário para pegar uma toalha, a garrafa de líquido marrom escondida sabe-se-lá-por-quem se oferece, fazendo com que eu me lembre do controle que exerce sobre mim. Passei muito tempo sem abrir esse armário — por que estou olhando para ela agora? Eu meio que esperava que um dos caras da casa fosse acabar com ela, mas também desejei secretamente que não fizessem isso.

Tenho uma necessidade escrota de controlar tudo na vida. Até agora, desde que estou sóbrio, tenho feito um ótimo trabalho em me manter alerta e no controle dos meus pensamentos e das minhas ações; mas os olhos acinzentados de Tessa não param de olhar para mim, e sua mente brilhante não para de me implorar para descobrir mais de seus segredos.

A garrafa me chama, e eu bato a porta do armário.

Ainda tenho controle.

Não vou deixar Tessa nem aquela merda de garrafa me controlar.

Não vou.

Olho para o teto quando finalmente chego à cama, e sei que a noite vai ser longa.

Está muito escuro, muito escuro dentro do armário. Estou cansado de me esconder aqui, mas não tenho para onde ir. Os gritos da minha mãe não vão parar e, por mais que eu a procure no andar de baixo, não consigo encontrá-la. Eu a ouço, mas não a vejo. Mas vi os homens. Eu os vi e ouvi suas vozes

ecoando pelas paredes da casa pequena e para dentro de minha cabeça.

A porta do armário se abre e eu me retraio, torcendo para não ser visto, mas querendo que eles acabem com os sons dos gritos de minha mãe.

Uma mão aparece ali, e eu olho ao redor à procura de algo com que possa me defender que não seja um cabide.

"Hardin?", uma voz suave me chama no escuro.

As roupas penduradas são afastadas, e ela aparece, olhando para mim.

Tessa.

Ela está aqui? Como?

"Não tenha medo, Hardin."

Ela se senta ao meu lado, com seu corpo muito quente e destemido. Tem uma flor atrás da orelha, e está segurando minhas mãos. Suas unhas pequenas estão cheias de terra, com cheiro de floricultura ou estufa.

Os gritos da minha mãe pararam, o ritmo dos meus batimentos diminui, saindo do pânico para a tranquilidade quando ela segura minha mão.

Quando chego ao campus, a cafeína já tomou meu corpo, afiando minha visão e me ajudando a esquecer o sonho esquisito que tive.

Por que ela estava lá? Por que eu sonharia com Tessa? Não era nem a Tessa como a vejo agora; era uma versão mais jovem, com o rosto arredondado e os olhos claros e reconfortantes, prematuramente maduros. Foi esquisito — muito esquisito, na verdade —, e não gostei nem um pouco.

Mas adorei dormir. Adorei conseguir dormir pelo menos uma vez na vida, e hoje eu me sinto… hã… descansado? Bom, mais calmo, pelo menos.

Na aula de literatura, eu me sento na fileira da frente, ao lado de duas cadeiras vazias. Olho para a frente da sala, esperando a aula começar. Estou me controlando para não olhar para a porta, para não ficar esperando por ela.

Quando finalmente olho para trás, alguns minutos depois, Tessa e Landon entram na sala. Ela está sorrindo, concentrada só nele. Sua amizade com o cara se desenvolveu além do que eu previa.

Não fiquei surpreso por eles terem se dado bem… mas não pensei que a

amizade de Landon seria mais ameaçadora do que a concorrência de Zed na aposta.

13



“Hoje vai ser o último dia de discussão sobre *Orgulho e preconceito*”, informa o professor. “Espero que tenham gostado e, como agora já leram até o fim, podemos começar o debate falando sobre como Jane Austen lida com as expectativas criadas em suas histórias. Como leitores, vocês esperavam que Elizabeth e Darcy terminariam juntos?”

Tessa levanta a mão no mesmo instante, e eu me recosto em meu assento. Ela nunca para de ser a sabichona. Assim como Landon… o casal americano perfeitinho.

“Srta. Young”, diz o professor, e eu vejo o rosto dela se iluminar. Ela adora deixar os outros felizes ou satisfeitos. Eu poderia usar isso ao meu favor, com certeza.

Interrompo o diálogo interno e pacientemente espero até que ela termine de falar um monte de coisas sobre o bom e velho *Orgulho e preconceito*. Se ela for tão esperta quanto acho que é, isso vai ser interessante.

“Bom, na primeira vez que li, fiquei desesperada para saber se eles terminavam juntos ou não.”

Ah, eu apostaria que os dois terminariam juntos, assim como aposto que Tessa e o Landon perfeitinho vão ter um relacionamento perfeito.

“Mesmo agora, depois de já ter lido umas dez vezes, ainda sinto a tensão que existe no início do relacionamento deles. O sr. Darcy é muito cruel e diz coisas tão terríveis sobre Elizabeth e a família dela que parece impossível que ela seja capaz de perdoá-lo e ainda mais amá-lo.” O sorriso no rosto de Tessa está largo quando ela termina, e suas mãos estão muito bem posicionadas em cima de seu livro. Ela espera com ansiedade para que o professor a elogie e diga que ela é

uma aluna incrível. Landon olha para ela como se seu corpo reluzisse com todas as cores do arco-íris e seus dedos emanassem glíter.

Vou acabar com isso.

Fala, Hardin.

Minha voz emite um rosnado no fundo da garganta. Só preciso dizer algumas palavras. O lembrete de minha mãe: "Respire, Hardin. Você pode falar na frente das pessoas", ela sempre me dizia, para eu não me preocupar. "Muitas pessoas têm ansiedade social, Hardin. Não é nada do que se envergonhar."

Mas eu, eu não tenho ansiedade social. Só não gosto de gente.

"Que papo furado." Minha voz sai bem alta, e se espalha pela sala silenciosa.

"Tem alguma coisa a acrescentar, sr. Scott?", pergunta o professor, claramente surpreso com minha participação.

"Tenho, sim." Eu me inclino para a frente em minha cadeira. O rosto de Tessa está inexpressivo; ela está chocada, mas esconde bem. "Eu disse que é papo furado. As mulheres querem aquilo que não podem ter. É a grosseria do sr. Darcy que atrai Elizabeth, então está na cara que os dois vão terminar juntos."

Depois de dizer isso, olho para baixo e começo a cutucar a pele rasgada e avermelhada ao redor de minhas unhas.

"Não é verdade isso de as mulheres quererem o que não podem ter", esbraveja Tessa. Olho para ela com a maior tranquilidade de que sou capaz. "O sr. Darcy só foi cruel com ela porque era orgulhoso demais para admitir que estava apaixonado. Quando parou com a encenação ridícula, percebeu que a amava de verdade." E, para reforçar o discurso intenso, ela bate uma mão trêmula na mesa, com força.

Olho ao redor para a sala cheia de olhos piscando para nós. A irmã de meu amigo Dan está sentada na fileira da frente, sorrindo abertamente para mim.

Consigo sentir os olhares de meus colegas voltados na minha direção. Preciso responder. Preciso me manifestar. "Não sei com que tipo de sujeito você costuma lidar, mas acho que, se ele fosse apaixonado por ela, não seria grosseiro", rebato. Assim como tenho certeza de que seu atual namorado e seu futuro namorado Landon não seriam. Eles não a desafiariam. "Ele só pediu a mão dela em casamento porque ela ficou se jogando em cima dele."

Elizabeth deu em cima de Darcy? Não, foi exatamente o contrário.

Tessa se joga em cima de mim? Não, de novo, exatamente o contrário.

Mas não poderia deixar que ela vencesse assim.

“Ela não se jogou em cima dele! Ela se deixou iludir e pensou que ele estava sendo gentil, e ele se aproveitou desse momento de fraqueza!”

“Ela se ‘deixou iludir’? Conta outra…” Eu me interrompo quando meus pensamentos confusos começam a interferir na minha fala. “Ela está… Quer dizer, ela estava tão aborrecida com sua vidinha entediante que foi atrás de emoções em outro lugar… então se jogou em cima dele, sim!”

Paro de falar, um pouco chocado por ter *gritado* essas palavras para ela, por minhas mãos cheias de hematomas estarem segurando a borda da carteira antiga.

“Bom, se ele não fosse tão promíscuo, talvez pudesse ter parado por ali em vez de aparecer no quarto dela!”

Quando ela termina, os risinhos, as expressões de surpresa e as gargalhadas indicam que todo mundo na sala definitivamente ficou surpreso com nosso show. Poderiam ter escrito “barraco” em um cartaz e pendurado do lado de fora.

Promíscuo?

Posso ter transado com metade do campus, posso ter errado mais do que ela e me esquecido de metade desses erros, mas pelo menos não sou um fresco, um cara que julga tudo e todos. Imagine se eu a chamasse da versão feminina do que ela me chamou?

“Muito bem, uma discussão bastante animada, mas acho que já chega desse assunto por hoje”, diz o professor, aparentando pânico, provavelmente preocupado porque a emoção das pessoas estragou sua aula perfeitamente planejada.

Tessa pega a bolsa, segura contra o peito e corre em direção à saída. Landon fica onde está, sempre sem saber o que fazer em qualquer tipo de situação estressante. Talvez porque a vida dele sempre foi perfeita. Sua mãe provavelmente fazia bolinhos frescos cobertos com amor todos os dias de manhã para ele antes da aula.

Eu comia cereal murcho, e tinha que cheirar o leite da caixa para saber se estava estragado ou não. Não existem precedentes para o que Tessa e eu

parecemos estar fazendo.

Saio da sala também. Tessa não vai fugir de todos os conflitos que cria. Sei que ela está acostumada com isso, a sempre ter o que quer.

“Você não vai fugir de mim desta vez, Theresa”, grito para chamá-la.

Todo mundo no corredor olha na minha direção, mas ela continua andando, e eu preciso correr para alcançá-la. Quando ela se vira para sair, eu a seguro pelo braço para detê-la. Ela puxa o braço e eu diminuo a pressão.

“Por que você sempre fica me segurando assim? *Se pegar no meu braço de novo vai levar um tapa na cara!*” Ela está furiosa, e sua voz está muito alta.

Seguro o braço dela de novo. Ela não faz nada.

“O que você quer, Hardin? Dizer que estou desesperada? Rir da minha cara por deixar você me pegar de novo? Estou cansada desse seu joguinho…” Ela bate os pés no chão enquanto diz isso, e suas mãos balançam no ar, como sempre. Acho engraçada sua maneira de falar com as mãos.

Ela não parou ainda. Sinceramente, não consigo distinguir o que ela está dizendo. Está bem brava, muito irada comigo, e perdeu a cabeça. Quando ela está perto do Landon, é toda sorrisos e simpatia. Comigo, é raiva e eletricidade. Seus olhos estão brilhando de raiva ou tristeza, não sei bem, mas pelo menos sei que ainda consigo extrair uma reação emocional dela.

“Eu desperto mesmo o que existe de pior em você, né?” Meus dedos tocam um furo feito com cigarro na barra da minha camiseta preta. “Não estou fazendo joguinho nenhum com você.”

Ao ver uma plateia se juntando, passo as mãos pela cabeça. Por que tudo precisa ser tão *dramático* com ela?

Tessa esfrega as têmporas com as pontas dos dedos. “Então está fazendo o quê? Suas mudanças de humor me deixam louca.”

Seguro os braços dela com delicadeza para chamar sua atenção. Ela não resiste, então a levo para uma passagem estreita entre dois prédios, fazendo cara feia para as pessoas que estão por perto, para que se afastem. Não quero que ninguém ouça nossa conversa, nem que ela se sinta pressionada a manter sua aparência de “garota perfeita”.

Olho para ela, admirando sua imobilidade. Ela parece muito calma, neutra,

mesmo com a proximidade de nossos corpos. Vejo que ela se abala quando olha para mim, puxando o ar com lábios trêmulos.

“Tess, eu… Não sei o que estou fazendo. Foi você que me beijou primeiro, lembra?”, digo. Não importa se o gosto de seus lábios não sai da minha cabeça desde então. Foi ela que tomou a atitude, e isso sempre será um argumento ao meu favor.

“Pois é… Eu estava bêbada, lembra?” Ela olha para baixo, envergonhada. “E ontem quem me beijou foi você.” Ela nunca vai admitir que me queria. Sempre vai ter uma desculpa. Estou ficando cada vez mais irritado com essa negação constante. Senti que ela se abriu para mim naquele beijo.

Pode até me odiar, mas seu corpo não odeia.

“Pois é… E você não fez nada para impedir.” Paro um pouco, observando a curiosidade crescer em seus olhos. “Deve ser cansativo.”

“O que deve ser cansativo?”, questiona ela, com o queixo erguido de forma desafiadora.

“Fingir que não quer nada comigo, sendo que nós dois sabemos que você quer, sim.” Dou um passo à frente de propósito, fazendo com que suas costas toquem a parede. Ela não reage, como se seu corpo tivesse percebido sua verdadeira vontade.

Mas então sua mente assume o controle de novo e ela diz: “*Quê*? Eu *não quero* nada com você. Tenho namorado”. Ela está se esforçando para manter a voz calma.

Dou um sorrisinho. “Um namorado que entedia você. Pode admitir, Tess. Não para mim, mas para si mesma. Você está entediada.” Digo cada palavra do modo mais lento que consigo, aproximando o rosto do dela cada vez mais. Ela olha para os meus lábios — claro. Está avaliando suas opções. Deve estar se lembrando dos meus beijos, porque toca os lábios de leve com os dedos. Está totalmente na minha. Seu desejo e a enorme curiosidade sexual em relação a mim não deixam que ela se afaste, não dessa vez.

“Ele já fez você se sentir como eu faço?” Faço essa pergunta por curiosidade genuína.

“Q-quê? Claro que sim”, ela tenta insistir.

Não estou acreditando. Ela parecia mais sincera falando sobre um romance clássico do que sobre a capacidade do namorado de satisfazê-la.

“Não… não fez, não. Dá para ver que você nunca foi tocada… *de verdade*.”

Os lábios dela se entreabrem, e quase consigo ouvir seu coração batendo no peito. Fico tentando imaginar como ela me vê. Será que consegue perceber que sua respiração ofegante e lábios carnudos estão me deixando maluco? Tem alguma coisa nos meus olhos que mostra para ela que quero segurar seus cabelos, virar sua cabeça para mim e beijá-la?

O corpo dela sabe, o corpo dela sabe.

“Isso não é da sua conta.”

Ela não deve saber. Quando se usa uma máscara por tanto tempo, como ela tem feito, é impossível tirá-la. Ou então é ela quem se sente invisível.

“Você não tem ideia do que sou capaz de fazer você sentir”, digo e me aproximo. *Quero te convencer, quero te mostrar*, é o que sinto vontade de implorar para ela.

Ela se encosta na parede de novo, olhando ao redor à procura de uma maneira de se distanciar de mim. Está ofegante agora, claramente afetada por mim. Enfim.

“Tudo bem, você não precisa admitir. Eu já sei.”

Ela solta um suspiro de susto — um som aparentemente inocente, mas sei que não é. Sei que ela quer mais; sua mente e seu corpo desejam isso.

“Seu coração acelerou, não? Sua boca está seca. Você está pensando em mim e sentiu uma inquietação… lá embaixo. É ou não é, Theresa?” Imagino seu corpo nu exposto a mim, meu dedo percorrendo a umidade que vem de sua boceta.

Ela puxa o ar com força e tenta desviar o olhar, mas não consegue.

“Você está errado.” Ela sabe que estou certo.

“Nunca estou errado.” Abro um sorriso. Ela hesita, prendendo uma mecha de cabelo atrás da orelha. “Não sobre isso.”

Tessa respira fundo, e sei que estou certo. “Por que dizer que eu me jogo em cima de você se é você que está vindo atrás de mim agora mesmo?”

“Porque o primeiro passo foi você quem deu. Não me entenda mal, fiquei tão

surpreso quanto você.”

“Eu estava bêbada e tive uma noite difícil… como você já sabe. Fiquei confusa, porque estava sendo legal comigo. Bom, sua versão de alguém legal, pelo menos.” *Minha versão de alguém legal?* Costumo ser legal com ela. Bem mais agora, que tenho motivo. A aposta ronda minha mente, e eu me lembro de pegar mais leve do que normalmente pegaria.

Tessa passa por mim e se senta na calçada. Olho ao redor para ver se alguém está nos observando, mas parece que não tem ninguém prestando atenção em nós.

“Eu nem trato você assim tão mal”, digo, apesar de estar começando a me perguntar se ela acha mesmo isso.

“Trata, sim. E faz absoluta questão disso. E não é só comigo, é com todo mundo. Mas parece pegar ainda mais pesado comigo.”

Pegar pesado? Eu não pego mais pesado com ela do que pegaria com um filhotinho indefeso. Tenho pegado bem leve com ela.

“Não é verdade. Trato você da mesma maneira como trato qualquer outra pessoa”, digo brincando. Ela não acha a menor graça. Se pudesse, me mandaria para longe num piscar de olhos.

Tessa se levanta. “Não sei por que ainda perco meu tempo!”

Ela vai embora. Mas eu não quero que ela vá, certo?

Não, não quero. Não sou muito bom em pedir desculpas, principalmente quando não acho que são necessárias, mas tenho que parar de ser um idiota e me desculpar. Ela costuma se acalmar com um pedido de desculpas, como eu logo aprendi.

“Ei, desculpe. Volta aqui”, digo, usando o tom persuasivo que sei que as garotas gostam. Ela se levanta, e eu me sento na calçada perto de onde ela estava.

“Senta aqui.” Dou um tapinha no chão ao meu lado. Ela resmunga um pouco e se senta. Em seguida cruza as pernas e suspira. Fico surpreso com a calma que sinto quando recebo seu perdão.

“Você está muito longe”, reclamo. Ela revira os olhos. “Não confia em mim?” Sei bem qual é a resposta para essa pergunta.

Claro que não, mas quer confiar. Quero que ela confie em mim mais do que seria capaz de admitir.

“Não, claro que não. Por que confiaria?” Suas palavras saem rápidas e afiadas.

Eu me afasto um pouco. Também *não* confio nela, mas ela não precisa ser tão rápida nas respostas. Obviamente, se sente atraída por mim; caso contrário, não estaríamos conversando assim. Ela não estaria aqui se não se sentisse.

“Que tal a gente combinar de manter distância um do outro ou ficar só na amizade? Não tenho estômago para essas briguinhas.” Não acho que brigamos muito; só conversamos mais do que nós dois esperávamos. Eu brigo com Tessa menos do que com Ken, e converso mais com ela. Isso significa alguma coisa.

Nós dois nos acostumamos com isso. Seria estranho pensar em não ver Tessa de novo. Já me acostumei com sua língua afiada e de ver nos seus olhos quando ela está com tesão. Seu fogo é contagiante. Está se tornando um vício para mim, como se precisasse ouvi-la chamando meu nome para me acalmar.

“Não quero manter distância de você”, admito. Detesto ter que me comportar tão bem com ela; um escorregão, e ela sai correndo. Gostaria de pensar que nos aproximamos um pouco hoje, que talvez ela não fosse fugir tão depressa. Preciso dizer a ela como me sinto, ser mais aberto do que me é confortável, e sem receber quase nada em troca. Parece que estou casado sem os benefícios do sexo e do jantar na mesa toda noite.

“Quer dizer… acho que não tem como a gente manter distância, já que uma das minhas melhores amigas é sua colega de quarto e tudo mais. Então é melhor tentarmos ser amigos.” Tenho uma aposta a ganhar aqui, e ela não é um prêmio dos mais fáceis.

“Certo, então somos amigos agora?”, pergunta ela, com a voz de alguém que está tratando de um assunto profissional. Eu poderia oferecer metade dos lucros para ela. Que belo início de amizade seria.

Amizade? Amizade colorida, talvez? Amigos porra nenhuma.

“Somos.” Estendo a mão para ela.

Meu sorriso é enganador, feito sob medida para conquistá-la. Ela segura minha mão e balança a cabeça para mim. Percebe um pouco do perigo que está correndo, mas não o suficiente para se afastar.

“E *nada* de amizade colorida”, ela insiste, mas acaba corando. Eu não tinha percebido como sua inocência pode ser atraente.

Levo a mão à sobrancelha para mexer no piercing. “Por que está dizendo isso?”

“Como se você não soubesse… Steph me contou.”

“Sobre ela e mim?” Ela foi legal, interessante à sua maneira. Tem os problemas dela, como qualquer um, mas sabe levar numa boa, esconde tudo do mundo, ao contrário de Molly e de mim. Eu fico me perguntando o que a ruiva poderia ter dito a Tessa a respeito do tempo que passamos juntos. Acho que ela exagerou quando contou essa história. Steph sempre quis mais do que eu podia dar, e adora uma competição, não sabe aceitar um não.

“Sobre você, ela e mais um monte de meninas”, Tessa complementa.

“Bom, eu e Steph… foi divertido.” Sorrio para Tessa, e ela desvia o olhar. “E sim, eu trepo com mais um monte de meninas. Mas por que isso teria alguma coisa a ver com você, amiga?”

Imagino Tessa como uma dessas garotas, deitada embaixo de mim, com a boca aberta de prazer. Ela fecha os olhos e respira fundo. Imagino sua respiração falhando enquanto ela goza nos meus dedos e na minha boca ao mesmo tempo. Tenho certeza de que nunca ninguém chupou seu clitóris enquanto enfiava o dedo lentamente…

“Não tem mesmo”, diz Tessa, interrompendo meus pensamentos. “Só não quero que pense que vou ser mais uma dessas meninas.”

“Ah… Você está com ciúme, Theresa?”

Ela me empurra de novo. “Não, claro que não. Só lamento muito por elas.” Tessa balança a cabeça, e eu dou risada. Ela não lamentaria coisa nenhuma… sentiria prazer, muito prazer, tanto que nem imagina.

“Ah, mas não tem por quê.” Não consigo parar de imaginar seu corpo nu. Preciso ver o que ela esconde sob essas roupas largas. Ela ficaria louquinha quando sentisse as minhas mãos pelo seu corpo todo. “Elas gostam, pode acreditar.”

“Tudo bem, tudo bem. Já entendi. Podemos mudar de assunto, por favor?” Tessa fecha os olhos e joga a cabeça para trás. Em seguida resmunga e diz:

“Então você vai tentar me tratar melhor?”.

“Claro. Você vai tentar parar de ser tão certinha e reclamona o tempo todo?”, provoco.

“Não sou reclamona; você que é irritante.”

Nós dois rimos quando ela termina a frase. Sua risada sai suave, pairando ao meu redor. Eu me sinto leve, de um jeito esquisito, mas bom.

Leve? Sério, Hardin?

Preciso me controlar e colocar esse Trem da Amizade nos trilhos.

Eu me aproximo um pouco de minha nova amiga. “Olha só para nós, dois amigos.”

Tessa se levanta. Passa as mãos na saia, e eu me contenho, pensando em arrancá-la de seu corpo. “Essa saia é horrorosa, Tess. Se vamos ser amigos, você precisa prometer que não vai mais usar isso.” Não é tão feia, mas com certeza não é bonita.

Tessa demonstra toda sua vergonha no olhar, e eu sorrio para acalmar a situação. Não pretendia ofendê-la. Só estava provocando. Sério, se quer usar roupa sem graça, problema dela. Eu uso as mesmas calças e camisetas manchadas de sempre.

O telefone de Tessa começa a vibrar, e ela o tira da bolsa. “Preciso voltar para o quarto para estudar”, diz ela.

Olho para o aparelho de plástico em sua mão. É um Nokia?

“Você coloca um alarme para estudar também?”, pergunto, pensando que o telefone dela com *flip* deve ser o último que existe no mundo. Parece que ela *tenta* ser desatualizada.

Ela dá de ombros. “Coloco alarmes para um monte de coisas. Sou assim mesmo.”

Esse comportamento a deixa tímida, como se houvesse motivo para se envergonhar de ser como é. Por que pensaria isso? Alguém em sua vida deve ter feito com que ela precisasse justificar seu comportamento esquisito. A mãe, com certeza. Bom, estou fazendo isso de certo modo também, mas aquela mulher parece ser um saco. A mãe de Tessa provavelmente colocava alarmes para a filhar ir mijar, de tão controladora que parece ser.

“Bem, então coloque um alarme para fazermos alguma coisa divertida amanhã depois da aula”, digo.

Quero ficar com ela. Preciso.

Ela olha para mim franzindo o cenho, confusa. “Acho que minha ideia de diversão é diferente da sua.”

Ela não está errada. Nossos conceitos de diversão são diferentes. A ideia dela seria estudarmos juntos, com um monte de anotações e livros pesados espalhados na cama entre nós. Um programa de índio acadêmico.

Minha ideia de diversão é muito diferente. Minha ideia de diversão é me sentar na cama com as costas na cabeceira enquanto Tessa chupa meu pau. Eu adoraria incluir um copo de uísque, com um cubo de gelo dentro, estalando contra o vidro enquanto ela enfiasse meu pau cada vez mais fundo na boca.

Mas não posso beber, então acho que posso ganhar um boquete sem uísque.

Em vez de dizer tudo isso a ela, falo apenas: “Bem, vamos sacrificar *alguns* gatos, vamos incendiar *algumas* casas…”.

Tessa dá risada, e eu não consigo conter meu sorriso. Mas me distraio um pouco quando um casal passa por nós, de mãos dadas e rindo de alguma piada que o cara fez. Não entendi muito bem o que estão dizendo, mas sei que é bobo, porque os dois estão usando meias listradas. Sutilmente esfregam o relacionamento deles na cara dos pedestres inocentes. Besteira. Tessa nem parece notar a presença deles; está olhando para o chão.

“Mas, falando sério, você está precisando se divertir, e como agora somos amigos podemos fazer alguma coisa juntos.”

Antes que ela possa dizer não, eu viro as costas e me afasto. “Legal, que bom que topou. A gente se vê amanhã.”

Quando atravesso a rua, olho para ela sentada no meio-fio. Não tentou recusar, concordou em me ver amanhã, e agora não sei o que vou fazer, porque pensei que ela me rejeitaria algumas vezes antes de decidir sair comigo.

Quando chego ao carro, tento pensar no que fazer com Tessa. Nunca vou a lugar nenhum, a não ser a festas ou à casa das pessoas. Fora isso, fico o tempo todo no campus ou sozinho no meu quarto.

Ligo o carro e continuo pensando em algo para fazer. Um filme? De qual tipo

de filme ela gosta? Alguma coisa baseada em um romance de Nicholas Sparks, com certeza. Eu poderia abraçá-la. Poderia comprar pipoca ou um chocolate caro para impressioná-la. O problema de ver um filme é que não podemos conversar no cinema. Alguém reclamaria, e eu acabaria arrumando encrenca.

Os encontros eram muito menos complicados no passado. Se vivêssemos em um romance de Austen, eu a cortejaria e a levaria para passear pela mata, devidamente acompanhada, para uma conversa. Se tivesse coragem, seguraria sua mão por cima da luva. Ela coraria e levaria um dedo aos lábios carnudos, olhando para nosso acompanhante com os olhos atentos.

Os encontros modernos são muito diferentes. Hoje, se eu tivesse coragem, esticaria o braço e tocaria seus mamilos por cima da blusa, e ela levaria minha mão ao calor entre suas pernas. Sem acompanhante, sem regras.

Meu planejamento é interrompido pelo toque do celular.

Tessa tem meu número? Por falar nisso, preciso conseguir o dela com a Steph.

Quando vejo o nome de Ken na tela do aparelho, eu me retraio, mas atendo, finalmente. Acho que ele merece um prêmio pela persistência.

“Alô?”, digo, entrando na via expressa. Posiciono o telefone entre o rosto e o ombro. O único problema com meu lindo Ford Capri 1970 é que não tem conexão Bluetooth.

“Oi, Hardin”, ele gagueja.

Está confuso porque atendi. Ele me liga às vezes, e tenho certeza de que considera uma boa ação de sua parte. Ele telefona para “perguntar como estou” porque sabe que não vou atender, e isso faz com que fique bem na fita por se esforçar para se relacionar com o filho rebelde. Sua nova namorada provavelmente o elogia, o abraça com força e o incentiva. “Ele vai ceder um dia”, ela provavelmente promete. “Essa raiva passa.”

Ela também ficaria com raiva se tivesse um pai de bosta como o meu.

“Oi.” Pressiono o botão do viva voz e coloco o telefone no porta-copo.

“Como você está, filho?”, pergunta ele, imediatamente me irritando.

“Bem.”

Ele pigarreia. “Que bom saber. Queria convidar você para vir jantar amanhã à noite. Karen vai fazer um frango, e nós adoraríamos receber você.”

Ele quer que eu vá jantar? Por que diabos eu iria à casa dele para comer frango com sua nova família e conversar sobre como adoramos estar uns com os outros? De jeito nenhum, valeu.

“Tenho planos para amanhã”, respondo. Não estou mentindo dessa vez.

“Ah. Bom, você poderia vir mais tarde. Karen vai fazer sobremesa também.”

“Meu compromisso é para a noite toda”, digo. Fico tentando imaginar como o tempo vai estar amanhã. As nuvens estão carregadas, como sempre, nessa merda de estado. O sol deve detestar passar por aqui — é por isso que está sempre chovendo e frio.

“Vai chover amanhã?”, pergunto a Ken. Mais fácil do que consultar a previsão do tempo.

“Não, vai esquentar entre hoje e amanhã e só volta a chover semana que vem”, ele avisa.

Se eu tivesse um relacionamento normal com o cara que ajudou a me criar, poderia pedir sugestões a respeito do que fazer no meu encontro. Mas não tenho. Não posso.

Só o que posso perguntar a esse homem é quando cada formulário da faculdade deve ser preenchido e entregue. Não temos nada em comum, e estou muito longe de pedir conselhos amorosos a ele.

Talvez Vance tenha algumas ideias. Prefiro perguntar a ele do que a qualquer outra pessoa, acho.

“Preciso desligar”, aviso, e então desligo e ligo para Vance.

Ele atende depois do primeiro toque. “E aí, Hardin?”

“Tem alguma recomendação de um lugar para levar alguém?”, pergunto. Minha voz está esquisita quando digo essas palavras apressadas.

“Tipo um cadáver?” Ele ri ao telefone. Abro um sorriso. Ele é um idiota.

“Não, não dessa vez.” Procuro uma maneira de pedir sua ajuda sem mencionar Tessa. “Tipo para sair com alguém.”

“Um encontro, então?”, ele conclui.

“Não, não exatamente. Mas algo assim.”

Não sei exatamente como chamar esse programa com Tessa. Não é um encontro de namorados. Somos amigos.

Amigos até eu trepar com ela, lembro a mim mesmo.

Ela é toda pudica. Usa roupas que não lhe caem bem e quase não fala palavrão. Aonde poderia levá-la para que se soltasse? Tento pensar no meu lugar favorito desde que me mudei para Washington.

O riacho perto da Highway 75 é bacana. Se o tempo estiver bom, pode ser legal. Não é muito fundo, e dá para ver as pedras dentro da água. Tessa nadaria numa correnteza não exatamente cristalina? Provavelmente não, mas posso tentar.

“Bem, sempre apostei muito nas caminhadas no mato”, diz Vance.

E, nesse momento, eu me lembro da aposta pela primeira vez em várias horas.

14



Na primeira vez em que ficou sozinho com ela, ele notou que algo fervia dentro de si. Pensou que seria capaz de controlar, que talvez estivesse amolecendo um pouco, e não só para ela, mas para todos em sua vida… com certeza. Ele havia passado a vida toda sozinho, dominando a arte de evitar qualquer forma de intimidade além do sexo. Não precisava de amigos, e não tinha uma família funcional que lhe ensinasse a interagir com as pessoas. Gostava de ser assim durão — isso mantinha sua vida simples. Sentiu-se sufocado durante seu primeiro encontro com ela, mas, conforme o tempo passou e começou a sentir algo mais, algo que poderia mudar tudo, ele prometeu se apegar ao status quo.

Estava acostumado à solidão absoluta, e ela estava acabando com isso.

A manhã chegou, e eu mal dormi ontem à noite. Não foram os malditos pesadelos que me mantiveram acordado; foi Tessa.

Ela apareceu assim que fechei meus olhos, e não da maneira como eu gostaria. Em vez de estar nua, gemendo enquanto eu a penetrava, estava furiosa e entediada durante o trajeto até o riacho ao qual decidi que vou levá-la. Em uma cena assustadora, parecida com a de um filme que minha mente insone e atormentadora criou, ela estava um saco, reclamou a tarde toda. Em outra, estava entediada demais e queria que seu namorado de merda fosse ao campus para buscá-la. Quando ele chegou, parecia ser um *cardigã ambulante*. Um enorme monstro de cardigã assustador e patético ao mesmo tempo.

É frustrante o tempo que perdi pensando nessa garota. Nada disso vai

importar em um mês, mais ou menos. Se esse “encontro” for bem, espero ganhar a aposta em menos de duas semanas… Caramba, se eu conseguir pegá-la de jeito, talvez no riacho mesmo…

O alarme do meu telefone toca do outro lado do quarto, e saio da cama para desligá-lo.

Hoje é o dia. Minha cabeça já está latejando, e fico incomodado com a pressão que sinto para usar o tempo que tenho com ela a meu favor. Seria melhor tomar um banho. Enquanto me visto, penso rapidamente no que ela está fazendo agora… será que está tão estressada quanto eu? Imagino que sim; ela é sempre tão certinha o tempo todo, deve literalmente ter anotado seu compromisso comigo na agenda assim que sugeri que fôssemos amigos.

Depois do banho, remexo na gaveta para encontrar uma camiseta preta limpa. A que encontro está amarrotada, mas vai servir. Lá fora, ao ligar o carro, ouço algo sendo amassado por meu pé e encontro uma garrafa de água vazia embaixo do pedal do acelerador. Em meu estado meio sonolento, o som é tão irritante que saio e encontro um lugar onde descartá-la.

Gostaria muito de dormir melhor.

Chegando ao campus um pouco cedo, acabo esquecendo meus livros, algumas anotações e minha blusa preta no banco de trás. Só percebo quando estou indo para a aula, mas não vou voltar de jeito nenhum.

Na aula de literatura, as cadeiras de Tessa e de Landon estavam vazias quando entro, e uma pequena parte de mim fica se gabando por isso. Ela está mais atrasada do que eu, e, de certo modo, sei que isso vai deixá-la irritada. Bem, é preciso encontrar alegrias nas coisas simples.

Passo meu tempo olhando para a porta e para as chamadas e mensagens de texto perdidas de Molly, Jace e de uma garota esquisita cujo nome eu me esqueço. Quando Tessa e Landon finalmente entram, eles estão tagarelando, e *ela* parece feliz e bem descansada. *Sem* olheiras, sem *nenhum* sinal de uma noite insone.

“Está pronta para nosso encontro de hoje à noite?”, pergunto quando Tessa passa roçando o quadril na minha carteira. O contorno do quadril dela é muito atraente. A curvatura das coxas das mulheres, na lateral do quadril, é uma das

partes de que mais gosto no corpo feminino — é muito sensual.

“Não é um encontro”, retruca ela, e então se vira para Landon e diz: “Vamos sair como amigos”.

“Dá no mesmo.” Olho para ela e observo a roupa que escolheu. Está usando calça jeans, justa o suficiente para eu conseguir ver o formato de suas coxas e de seu traseiro. *Caramba*.

Tessa consegue me evitar durante toda a aula. Eu também não olho na direção dela.

Depois da aula, não ouço o que Landon diz a ela — o imbecil fala baixo demais —, mas escuto a resposta dela. “Ah, a gente está só tentando se entender, já que ele e minha colega de quarto são amigos.”

Só tentando se entender, né?

Dou alguns passos em direção ao Nerdácula e sua amiga nerdinha gostosa. A camisa polo de Landon está por dentro da calça social. Esse cara sabe que deveria ser um universitário sem grana? Ah, espera… ele tem grana. Mora numa casa grande perto daqui, com um homem que teoricamente é meu pai, enquanto minha mãe vive na Inglaterra num buraco. E o que eu chamo de lar é uma casa antiga de fraternidade cheia de caras esquisitos que não fazem nada para ajudar essa comunidade incrível como quem banca tudo isso acha que ajudam. O namorado de Tessa provavelmente estaria em uma fraternidade. Cabelos loiros, olhos azuis, mocassins, cardigã. Seria a combinação perfeita, na verdade.

Bem, se ele aprendesse a beber pra cacete…

Landon olha nos meus olhos e não tenta disfarçar o que diz: “Eu sei, e você é ótima. Só não sei se Hardin merece sua amizade”.

Sério? E o que eu mereço, Landon? Um paizinho novo e bacana que não ame a bebida mais do que ama seu filho biológico?

“Você não tem nada melhor para fazer a não ser falar mal dos outros? Se manda, cara”, digo da maneira mais gentil que consigo. Se eu falasse o que realmente estava pensando, Tessa cancelaria nosso passeio, com certeza.

Landon não responde, só franze o cenho para Tessa, dizendo algo que de novo não consigo ouvir. Quando ele se afasta, ela se vira para mim.

“Ei, não precisa ser assim tão cruel com ele… vocês são praticamente

irmãos.” Ela está quase cuspindo fogo.

Praticamente irmãos? Em que mundo maluco Landon e eu somos alguma coisa parecida com irmãos? Somos dois desconhecidos que por acaso têm um terceiro desconhecido em comum.

“O que foi que você disse?”, pergunto para ela, com raiva.

Só porque o merda do meu pai colocou o Landon e sua mamãe em uma mansão cheia de cookies com gotas de chocolate… espera… como Tessa sabe disso?

Passo os dedos pelos cabelos.

“Você sabe, por causa do seu pai e da mãe dele…”, responde ela, parecendo muito confusa. Em seguida sacode a cabeça e franze a testa como se tivesse acabado de deixar um segredo escapar.

Olho para o local por onde Landon desapareceu para ver se consigo encontrá-lo. “Isso não é da sua conta.”

Por que ele acha que tem o direito de falar das coisas da minha família? “Não sei por que aquele imbecil foi contar isso a você, mas pelo jeito vou ter que calar a boca dele.”

Estalo os dedos e ignoro o ardor da pele rasgada em meus dedos sempre machucados.

Ela arregala os olhos para mim. “Não faça isso, Hardin.” Essa garota é muito convincente. “Praticamente tive que arrancar essa informação dele.”

Então, ela sabe sobre minha família agora? Por que seria justo? Ela não precisa saber nada sobre mim. Isso está indo longe demais. Isso tudo.

“E então, aonde vamos à noite?”, pergunta ela.

Está se aproximando de mim agora; sua curiosidade chegou a um nível pessoal, e não me sinto bem com isso. Ela provavelmente procurou respostas para outros questionamentos a meu respeito também. Por que não moro com Ken e sua nova família, por que não converso com meu pai… Provavelmente até perguntou como eu era na infância, e Landon deve ter despejado tudo o que ouviu a meu respeito. Ela já está me julgando, dá para perceber.

“A lugar nenhum. Não foi uma boa ideia”, digo a ela, e a deixo ali, plantada.

Eu não a quero ainda mais próxima do que já está. É invasiva demais, crítica

demais. Não quero mais saber dela. Preciso ficar longe dessa garota. Quando chego ao carro, minha cabeça está latejando, e minhas mãos estão suadas. Por que ele fez isso? Por que Landon contaria a ela sobre minha família? Isso deve significar que ela sabe de tudo. Ou, pelo menos, das coisas positivas que Landon contaria: que meu pai é o reitor da universidade, que foi o terceiro melhor aluno de sua turma na faculdade, que adora esportes.

O que ela não sabe é que ele era um bêbado — da pior espécie — porque o queridinho do Landon não conhece esse lado dele.

Fico me perguntando se ele sabe alguma coisa a respeito do cara, alguma coisa real. Será que ele foi totalmente enganado pelo meu paizão querido?

Adoraria poder contar as coisas para ele enquanto comemos o bolo de coco de sua mãe.

De repente, eu me sinto claustrofóbico e desço o vidro para pegar um ar. A maçaneta está dura e eu faço força, irritado por esse carro lindo ser tão velho. Recupero o fôlego depois de cerca de trinta segundos e finalmente saio da vaga do estacionamento. Se Tessa tivesse me seguido, eu não sei o que teria feito.

Estou no quarto há menos de dez minutos quando recebo uma mensagem de texto de Molly: Zed está com a Barbie virgem no alojamento. É melhor correr, garanhão.

Quê? Como você sabe?, respondo, me perguntando como posso estar recebendo notícias de Tessa por ninguém menos do que Molly…

Ela está me zoando?

Não posso revelar minhas fontes.

Praticamente consigo ouvir sua risadinha pela tela enquanto calço as botas de novo. O lado de dentro está tão puído que posso, a qualquer momento, ficar sem sapato no meio da rua, mas eu as uso há anos, e não existe nada mais confortável.

Sei que Molly não vai dizer mais nada, então, antes de ir para a rua, envio uma mensagem de texto para Steph: Tessa está com o Zed?

A resposta dela vem na hora: Não, aqui, não J.

Percebo na hora que ela está mentindo, e piso mais fundo ainda no acelerador.

15



Quando abro a porta, Tessa está na cama de Steph com Zed, apesar de a sua estar desocupada. Em uma cama pequena, com Zed. E com Steph e Tristan também, e Tessa só está sentada, nada mais, mas mesmo assim. Está com Zed. Numa cama. Numa cama com Zed.

Parece a pior história de terror do mundo.

E me deixa puto da vida.

“Puxa, cara, você poderia pelo menos bater na porta primeiro”, Steph reclama, tentando dar uma de idiota. Ela sabe muito bem que eu entro direto. E é o que ela queria que eu fizesse — por isso contou para Molly, com certeza. Mas estou surpreso por Molly ter me contado. Steph olha em meus olhos e ri. “Eu poderia estar pelada ou coisa do tipo.”

Poderia? *Estava*, seus olhos agitados me dizem. Sim, já a vi totalmente nua, então sei que seus peitos não são nem metade do tamanho que o sutiã com enchimento faz parecer. Mas, por outro lado, ela tem uma das melhores bundas que já peguei…

Entro mais no quarto, e comento: “Não seria nenhuma novidade para mim”.

Tessa e Tristan fazem cara de coitados.

“Ah, cala a boca.” Steph ri, adorando receber a atenção que sempre quer.

“O que vocês estão tramando?”, pergunto, e me sento de frente para eles na cama de Tessa. Pelo menos, Zed não foi para a cama dela. Acho que isso é um consolo, de certo modo.

Zed sorri do outro lado do quarto minúsculo. *Por que* ele está sorrindo, porra?

“Vamos ao cinema mais tarde”, conta ele. “Tessa, você devia vir também.”

Tessa olha para mim e então, para ele. Parece nervosa. Vai dizer sim!

“Na verdade, Tessa e eu já temos planos”, respondo antes que eles possam combinar alguma coisa.

Olho diretamente para Zed, lançando um aviso. Ele pisca lentamente, e me desafia. Tristan está calado quando olho para ele, não quer se meter em nosso drama. Ele não é um cara do mal, apesar de estar namorando uma bruxa.

“Quê?”, Zed e Steph perguntam juntos.

“Pois é, só passei aqui para isso.”

Mas Tessa continua sentada, não faz nenhum movimento para me acompanhar.

“Está pronta?”

Ela parece indecisa, como se estivesse em conflito consigo mesma. Quando me preparo para tomar uma atitude para convencê-la, ela concorda e levanta da cama.

“Bom, vejo vocês mais tarde!” Minha voz sai muito alta, e eu empurro Tessa para fora depressa, como se estivesse com pressa ou coisa assim.

Do lado de fora, ela me segue, dando passos largos para me acompanhar. Suas pernas são bem compridas. As coxas são meio grossas. Não consigo parar de pensar que quero segurá-las enquanto estiver trepando com ela em cima do capô do meu carro. Tento não pensar nela estando tão perto. Consigo sentir meu pau doendo, me implorando para pensar em como deve ser macia, em como eu adoraria apertá-la…

Interrompo os pensamentos quando noto que chegamos ao meu carro e que eu abri a porta do passageiro para Tessa de modo automático. No entanto, olhando para ela, vejo que não está fazendo menção nenhuma de entrar, por algum motivo. Em vez disso, está de braços cruzados, o que faz com que seus seios subam.

Tenho certeza de que está tentando demonstrar raiva, mas só está conseguindo mostrar o quanto é gostosa.

“Certo, vou me lembrar de nunca mais abrir a porta para você…”, digo, lançando um olhar sarcástico.

Ela sacode a cabeça para mim, e sei que está prestes a cuspir fogo. “O que foi isso? Sei muito bem que você não veio aqui para me buscar, porque acabou de

dizer que não queria mais sair comigo!”

Agora, ela está gritando. Olho ao redor no estacionamento, que não está vazio. Ela parece não notar as pessoas por perto. Tessa não me parece o tipo de mulher que gosta de brigar na frente de todo mundo, apesar de já termos discutido em público duas vezes.

Ela me deixa maluco.

“Pois é, disse mesmo, agora entre no carro.” Faço um gesto para que ela entre. Eu limpei o carro e tudo — é melhor ela entrar.

“Não! Se você não admitir que não veio até aqui pra me ver, vou voltar lá para dentro e depois ir ao cinema com Zed!”, diz ela, cheia de confiança.

O que deu nela? Sempre diz que *eu* sou grosseiro, e veja como ela fala comigo! Uma hipócrita, isso sim.

Caralho, e agora?

Digo que Molly me contou? Claro que não… se fizer isso, a Tampinha nunca mais vai me contar nada. E por que Tessa me ameaçaria dizendo que vai sair com Zed? Será que ela sabe alguma coisa sobre a aposta? Ela está armando alguma com Steph?

Não sei quase nada sobre ela, e já percebo que alguma coisa em sua cabeça não bate bem. Aposto que a Steph contou tudo.

“Trate de admitir, Hardin, se não quiser que eu volte lá para dentro”, ameaça ela.

Não sei se está de brincadeira ou não. Parece irritada de verdade, e suas narinas estão se abrindo — é bem engraçado. Vou aproveitar esse acesso de raiva.

“Certo, tudo bem. Eu admito. Agora entre na porcaria do carro. Não vou pedir de novo.” Quero vencer a aposta, mas ela está se tornando um projeto bem complexo, e não vou investir mais esforços nisso para entregar o troféu a outro. Eu vou até o lado do motorista e deixo a porta do passageiro aberta caso ela queira entrar.

E, como eu esperava, ela entra.

Estou muito irritado quando saio do estacionamento. Eu havia decidido não ir — resolvi pular fora —, e agora estou aqui com ela de qualquer modo. Minha

cabeça está doendo, e minha mente parece em conflito. Uma parte de mim quer gritar e descer os vidros para que todo mundo escute, mas outra parte encontra um meio de manter a calma, lentamente, mas uma calma tomada pela imobilidade. Aumento o volume para desligar minha cabeça; isso costuma resolver: alguns homens aos berros cantando sobre morte e depressão em refrãos repetitivos, com solos tempestuosos de bateria para tornar a coisa ainda mais intensa.

Tessa parece não concordar com o Slipknot e estende o braço em direção ao rádio. Tem que ser muito corajosa para fazer isso.

“Não encosta no meu rádio.”

“Se você vai ser um babaca o tempo todo, não quero ser sua amiga”, Tessa ameaça. Ela volta a se recostar no assento de couro para deixar bem claro o que pensa.

“Não estou sendo babaca. Só não encosta no meu rádio.”

Mal consigo respirar, e o barulho está encobrindo meu pânico. Quando viro a cabeça para ela, vejo que está olhando para o rádio com muito ódio. Isso me tira de meu estado e me faz querer rir, apesar de provavelmente não ser o melhor momento para isso.

“Que diferença faz pra você se eu for ao cinema com Zed? Steph e Tristan vão estar junto”, diz ela, elevando o queixo determinada.

Ah, claro, um encontro com dois casais. Acorda…

“Acho que Zed não tem boas intenções com você.” Não sei o que dizer além disso, por isso continuo só olhando para a frente.

Depois de um momento desconfortável de silêncio, Tessa começa a rir. *Qual é o problema dela?*

“Ah, e você tem? Pelo menos o Zed é legal comigo.”

Ela ainda está rindo. O Zed é legal com ela? *Legal?*

Ele entrou numa aposta para tirar sua virgindade, querida, é o que não posso dizer.

Porque estou nessa também.

Fico quieto, e Tessa mantém a guarda de pé.

“Você pode baixar o som, *por favor*?”, ela grita mais alto do que a música.

Concordo. É melhor deixá-la de bom humor.

“Essa música é horrível.” Eu sabia que ela não ia gostar; só de olhar para ela dá para ver que ouve um certo tipo de música. O oposto do que eu gosto.

Tamborilo os dedos no volante e observo enquanto Tessa faz a mesma coisa nas coxas, distraidamente.

“Não é, não. Mas adoraria saber o que você considera música boa.”

Sorrio pensando no que ela ouvia na adolescência: ’N Sync, Jessica Simpson e, sem dúvida, alguns daqueles grupos horrorosos de garotas que a Mãe Inglaterra produz de tempos em tempos.

“Bom, eu gosto de Bon Iver e The Fray”, diz ela depois de pensar no assunto por alguns segundos.

“Ah, sim, claro.” Uma banda de músicas cristãs e outra super-hipster. Não surpreende nem um pouco.

Certo, as duas fazem música boa, mas não no meu estilo. Prefiro uma coisa mais sofrida.

“E qual é o problema? São supertalentosos, e a música deles é maravilhosa.” Ela é intensa na resposta. Quando viro a cabeça em sua direção, ela olha pela janela.

“Ah, sim… eles têm *talento*. Para fazer as pessoas dormirem.”

Tessa estende a mão e bate no meu braço de modo brincalhão. É uma coisa esquisita que vejo casais fazerem o tempo todo, mas ninguém nunca fez isso comigo.

“Bom, eu adoro.” Ela sorri com orgulho. Parece estar se divertindo. “Para onde estamos indo?”

“Para um dos meus lugares favoritos.” Não dou uma resposta exata. Ela já é curiosa demais.

“Onde é?” Ela continua a insistir, como sabia que aconteceria. É certinha demais.

“Você sempre precisa saber de tudo com antecedência, né?”, pergunto, virando o jogo.

“É… eu gosto de…” Ela começa a se explicar.

“Controlar?”

Ela fica em silêncio.

Decido parar por enquanto. Não quero irritá-la demais. “Só vou contar quando chegarmos lá… o que, aliás, não deve demorar mais que uns cinco minutos.”

Seguimos em frente, e Tessa olha ao redor, confusa. Consigo perceber que está se segurando para não perguntar de novo. Está tentando relaxar, e isso torna tudo mais fácil para mim. Depois de alguns minutos, vejo que está olhando para o banco traseiro.

“Está vendo alguma coisa interessante aí atrás?”, provoco, e ela nega sacudindo a cabeça. Uma mecha de seu cabelo comprido cai por cima do ombro, e ela a prende de novo. Seus cabelos parecem muito macios. Fico tentando adivinhar se ela é loira natural, e me lembro da mãe dela. Eu diria que sim.

“Que carro é este?”, pergunta ela, olhando para seus sapatos de pano.

“Ford Capri… um clássico”, digo a ela. Amo meu carro mais do que a mim mesmo, e sinto um baita orgulho dele. Tessa mantém a conversa, e eu conto a ela sobre o motor e o escapamento recém-silenciado. Ela sorri e assente o tempo todo e, apesar de eu saber que ela não está entendendo muita coisa, é estranhamente bom conversar com um ser humano de verdade.

Depois de alguns minutos, olho para ela de novo, e ela está olhando diretamente para mim. Sinto uma pressão crescente na nuca, descendo pela espinha.

Perto demais. Ela está se aproximando demais. *É um jogo, Hardin. E ela faz parte disso.*

“Não gosto que fiquem me encarando desse jeito.” Tento manter a seriedade.

Ela é curiosa demais, e estou percebendo que gosto disso mais do que deveria.

16



Entro em mais uma estrada estreita e estaciono no fim do caminho de cascalho abrigado entre várias árvores frondosas. Eu adoro tudo aqui; ninguém nunca vem para cá, e isso é perfeito para mim. Principalmente num dia bom e raro como hoje, quando não está chovendo na Olympic Peninsula. O céu nublado é uma coisa com a qual estou acostumado desde a infância em Hampstead; o sol é raro na maior parte do outono.

Tessa olha ao redor, e então franze o cenho.

“Não se preocupe, nós não viemos aqui para eu matar você”, digo, tentando extrair uma risada dela enquanto saímos do carro.

Ela olha na direção do campo de flores selvagens amarelas, e seus ombros relaxam um pouco. *O que está pensando*?

“O que viemos fazer aqui?”, pergunta ela.

“Bom, pra começar, uma caminhada.”

Tessa suspira e me segue pelo caminho de terra que costumava ser de grama. Ela já parece aborrecida. *Onde* eu estava com a cabeça? “Mas não muito longa.”

Ela não confia em mim, e parece estar de mau humor hoje. Vai entender. Quando não está de mau humor? Foco minha atenção na nuvem de poeira que minhas botas levantam em contato com o caminho seco e cheio de terra. Os passos de Tessa são quase silenciosos, e ela está andando incrivelmente devagar.

“Bem, se nos apressarmos, vamos chegar antes do pôr do sol”, eu a provoco quando nos aproximamos de uma árvore com uma bicicleta velha e abandonada e amarrada ao tronco. É o ponto que marca o meio do caminho, e o percurso tem cerca de um quilômetro e meio. Não é tão ruim. Tessa diminui o passo, mas sua cara quando chegamos à água vale cada momento perdido. Ela se surpreende um

pouco, como se esse riacho simples no meio da mata fosse mágico. Ela sorri e arregala os olhos.

Ela gosta de nadar? Eu provavelmente deveria ter perguntado.

Fico quieto, deixando que ela analise a paisagem antes de fazer qualquer pergunta. Agora que estamos juntos e a sós, não consigo pensar sobre o que falar. Talvez eu devesse entrar na água. Tessa está de pé no mesmo lugar onde estava da última vez em que olhei para ela. Está empurrando a terra com o sapato para não olhar para mim.

Que merda. Vou entrar na água.

Tiro minha camiseta e espero Tessa reclamar. Ela não diz muita coisa, mas consegue emitir sons que combinam muito bem com suas expressões. Com um sorriso, costuma vir um suspiro, com a irritação vem um bufar, e com a excitação, a respiração ofegante.

“Espera aí, você está tirando a roupa por quê?”, pergunta ela. Acho que não percebe a intensidade com que olha para meu peito. Em seguida limpa a garganta e pergunta: “Você vai querer nadar? Aí?”.

Ela aponta a água com uma cara de nojo. Claro que a Fresquinha não quer molhar as roupas e os cabelos.

“Sim, e você também. Faço isso o tempo todo.” Abro o botão de minha calça jeans, e Tessa continua reclamando.

Mas, mesmo assim, ela observa enquanto tiro a roupa.

“Eu não vou nadar aí.”

A água daqui é mais clara do que a da maioria dos lagos que já vi, na verdade, e é exatamente por isso que não suporta meninas de nariz em pé que têm medo de sujar de terra as unhas pintadas.

“E daí? Deve ter peixes e sabe Deus o que mais aí dentro!”, ela exclama.

Peixes? Sério? É com isso que essa garota esquisita está preocupada?

“Além disso, você não me avisou, então não trouxe biquíni.”

“Está me dizendo que você é do tipo que não usa calcinha e sutiã?” Sorrio para ela, desesperado para vê-la só de roupa íntima. “É só entrar assim.” De jeito nenhum ela vai aceitar. Consigo ver a raiva crescendo atrás daqueles olhos acinzentados, e mal posso esperar pela resposta.

“Não vou nadar só de calcinha e sutiã, seu tarado.” Ela se senta na grama a alguns metros acima da barranca. “Vou ficar só olhando.”

Ela sorri e cruza as pernas.

Está olhando para meu corpo de novo. Dessa vez, está olhando para o contorno do meu pau dentro da cueca. Seu rosto está corado, e ela está se esforçando para desviar o olhar, fingindo estar concentrada no monte de grama em sua mão.

“Você não é nada divertida. Azar o seu”, digo a ela quando pulo na água fria.

Caraaalho, a água está mais fria do que pensei. Nado em direção à margem oposta, onde o sol bate na água o dia inteiro e a temperatura muda drasticamente.

“A água está quentinha, Tessa!”, digo a ela.

Ela desvia o olhar do monte de grama que está acumulando para se distrair. Está muito entediada, e eu não tenho a menor ideia de como mudar isso. Ela nem sequer quer entrar na água comigo. O que eu faço?

“Até agora essa amizade está bem entediante…”

Tessa revira os olhos e vira o rosto para o sol.

“Pelo menos tire os sapatos e molhe os pés. Está bem gostoso, mas daqui a pouco vai começar a esfriar.”

Tessa concorda e tira os sapatos, colocando-os bem alinhadinhos ao seu lado. Os sapatos que ela usa são esquisitos, parecem umas porcarias de pano presas a um solado de papelão. Não devem ser confortáveis. Ela dobra a barra da calça e morde o lábio inferior ao enfiar os pés na água.

Espero pela reclamação, mas ela abre um sorrisão. “Está boa, né?”, pergunto a ela.

Ela desvia o olhar, inclinando a cabeça para o sol.

“Então entra.” Mergulho a cabeça na água e molho os cabelos, tentando convencê-la.

Quando me levanto, Tessa está recusando com um gesto de cabeça. Ela não vai entrar na água. *Cacete, essa mulher é difícil*. Espirro água nela, que dá um grito e volta correndo para a grama. Nunca estive aqui com outra pessoa; é meio esquisito ter companhia.

Como fazer para que ela entre? O dia todo vai ser uma enorme perda de tempo

se ela não entrar na água. Preciso negociar. Mas o que ela pediria em troca?

Ela não parece gostar de se comprometer…

“Se você entrar, topo responder uma das suas perguntas indiscretas de sempre. Pode ser qualquer coisa, mas só uma.” Digo minha ideia em voz alta assim que ela me ocorre. Tessa é tão curiosa que vai ficar interessada.

“Minha oferta expira em um minuto.” Tenho que dar um limite de tempo ou ela, com certeza, vai demorar o dia todo. Mergulho na água e prendo a respiração enquanto nado cerca de seis metros. Tessa provavelmente está com cara feia. Pensar nisso me faz rir, e eu quase engasgo com a água.

“Tessa…” Queria que ela parasse de pensar tanto. “Para de pensar tanto e pula logo.”

Ela olha para a roupa que está usando. “Não tenho roupa para isso. Se entrar na água vestida, vou ter que entrar ensopada no seu carro.”

“Usa minha camiseta.” Com essa oferta, ela franze o cenho e olha para a roupa em questão, a peça que está perto da grama. “Sério, pode vestir minha camiseta. Ela é bem comprida, e você pode ficar de calcinha e sutiã também, se quiser”, acrescento. Claro que gostaria muito que ela *não* ficasse de sutiã e calcinha, mas depende dela, claro.

Tessa olha ao redor de novo, observando a água e meu corpo seminu, e então se abaixa e pega minha camiseta do chão. Venci.

“Tudo bem, mas vire de costas, e nada de ficar me olhando enquanto eu me troco… Estou falando sério!”

A gatinha brava voltou. Dou risada, e ela faz um movimento esquisito com o quadril, mexendo-o para a frente e para trás para prender a camiseta preta entre as coxas enquanto tira a sua. Eu me viro depressa. Sou um cavalheiro… sério.

“Anda logo ou vou virar”, digo impacientemente depois de contar até trinta em silêncio. Olho para ela enquanto está abaixada colocando a calça jeans bem ao lado dos sapatos. Ela é totalmente psicopata, alinhando os sapatos desse jeito. Por alguns segundos, eu me pergunto como ela reagiria se eu jogasse seus sapatos na água. Ficaria puta da vida. Controlo um sorriso e finalmente olho para o corpo dela. As pernas são bronzeadas — é a primeira coisa que noto. Minha camiseta serve perfeitamente em seu corpo. Porra, por causa do tamanho dos

seios dela, a camiseta mal chega às coxas. Puxo a argola de meu lábio entre os dentes e aproveito a vista.

“Hã… que tal você entrar na água?” Tento tossir e paro de olhar para suas coxas. “Pule logo!”

“Tá bom! Tá bom!”

“Pega um pouco de impulso antes.”

“Certo.”

Tessa respira fundo antes de correr em direção à água de um jeito tenso, esquisito. Ela grita e cobre o rosto quando chega à beirada e para um passo antes de pular.

“Ah, qual é? Você estava indo tão bem!” Minha risada toma conta do espaço entre nós, e eu olho para Tessa de novo. Ela está me encarando, sorrindo e rindo à luz do sol, e isso me confunde. O que estamos fazendo aqui? Rindo um para o outro num riacho? O que é isso? Um dos filmes de Nicholas Sparks nos quais a briga do casal é tão bonitinha que o trailer se espalha como fogo num palheiro na internet? Mulheres entediadas achando que têm um herói literário para salvá-las. É mentira, e elas sempre, sempre, acabam com um marido de merda que não liga e nunca ligará para elas nem para a família, só para si mesmo.

“Não consigo!”

Ela parece bem assustada. Será que tem medo de água? Meu Deus. “Está com medo?”, pergunto.

“Não… Sei lá. Um pouco.”

Caminho pela água para me aproximar dela. Bato o dedão numa pedra grande no fundo do riacho.

“Senta aí na beirada que ajudo você a entrar”, ofereço. Estendo os braços quando ela se aproxima. Ela tenta esconder a calcinha juntando as pernas, o que é bom. A última coisa de que preciso é de uma distração.

Minhas mãos seguram as coxas dela, e meu pau reage na hora.

Caralho, ela tem coxas muito macias e bonitas, no meio das quais estou louco para enfiar a cara.

“Está pronta?” Respiro fundo e passo as mãos para a cintura dela. Seu quadril se molda em minhas mãos, e preciso manter o autocontrole. Minhas mãos estão

coçando para apertar seu quadril, curvá-la para a frente e trepar com ela aqui mesmo.

O que está acontecendo comigo? Eu não sou esse tipo de tarado. Seriam sua inocência e seu corpo que é um convite ao pecado, ou seria o desejo competitivo de tomar seu corpo para derrotar Zed?

Sua pele está quente quando ela entra na água, e eu a solto. A água bate logo abaixo de seu peito. Ela estica as mãos e sente a água. Sua pele está toda arrepiada, o que dá para ver melhor à luz do sol.

"Não fica aí parada." *Preciso que você se mexa para que eu não fique aqui olhando para você o dia todo.*

Ela parece me ignorar, mas entra um pouco mais no riacho. Ao passar pela água clara, a camiseta levanta como se tentasse decolar. Antes que eu consiga desviar o olhar, Tessa desce o tecido, esticando-o dentro da água da melhor maneira que consegue.

"Você podia tirar isso de uma vez", digo. Certamente eu não reclamaria.

Tessa torce o nariz e passa a mão pela água — ela *espirrou* água em mim? É irritante como acho graça nisso.

"Está espirrando água em mim?"

Tessa ri e bate as mãos espalmadas na água.

Balanço a cabeça para tirar a água dos cabelos e parto para cima dela. Seguro sua cintura, puxando-a para dentro da água. Com as mãos pequenas, ela tapa o nariz. Ela ainda tapa o nariz?

Dou muita risada. "Não sei o que é mais engraçado: o fato de você estar se divertindo ou de precisar tapar o nariz para afundar a cabeça." Mal consigo falar porque estou rindo muito.

Tessa se movimenta na minha direção, com a cara de uma mulher muito determinada. Levanta os braços e tenta afundar minha cabeça na água. É uma tentativa cômica. Para dizer o mínimo. Antes eu tentava ignorar o fato de minha camiseta estar toda erguida ao redor de seu corpo, mas não mais, e ela ri de si mesma e minha barriga dói de rir. Sua risada é baixa; faz com que eu me lembre das flores selvagens amarelas que vi no começo de nosso encontro.

"Acho que você ainda me deve uma resposta", diz ela. Eu sabia que ela não ia

esquecer, mas pensei que fosse esperar um pouco mais antes de perguntar.

“Certo, mas só uma.”

Ela provavelmente vai perguntar alguma coisa idiota, tipo: “Você sentiu dor quando fez suas tatuagens?”. Olho para a margem do riacho e espero pela intrusão.

Sua voz rompe o silêncio. “Quem você ama mais que qualquer coisa no mundo?”

Que porra é essa?

Que tipo de pergunta é essa? Estranha pra caralho. Não quero responder isso. Nem *tenho* uma resposta. Agora estou ainda mais desconfiado sobre suas conversas com Landon sobre mim. *Amor?* Quem eu amo mais que qualquer coisa no mundo?

Quem eu mais amo? Bom, eu amo minha mãe, acho. Não digo isso a ela há anos, mas é minha mãe. Além dela, só eu. Eu me amo mais. Mas não acho que “eu me amo mais do que tudo” seria uma resposta.

Dane-se: “Eu mesmo”, respondo com sinceridade. Não tive muitas namoradas na adolescência, por isso nunca precisei fazer juras de amor falsas antes de ter idade para saber o que isso significava. Mergulho na água e desapareço por alguns segundos enquanto o cérebro de Tessa constrói uma série de ideias a meu respeito.

“Isso não pode ser verdade”, diz ela assim que sinto o ar fresco bater na minha pele. “E seus pais?” E, assim, ela passa do limite. Tessa Young não tem limites para suas perguntas invasivas. Seus olhos estão com uma expressão suave, e seus lábios estão entreabertos enquanto espera minha resposta. Detesto os olhos dela quando estão cheios de piedade.

Para, Theresa.

“Nunca mais fale dos meus pais, entendeu?”

“Desculpa, só fiquei curiosa. Você disse que podia perguntar qualquer coisa.” Ela está falando baixo. “Desculpa, Hardin, não vou mais falar sobre isso.”

Não sei bem se acredito nela. Está armando alguma. Consigo sentir isso. Ela é muito intuitiva e muito intrometida. Eu nem a conheço, e com certeza ela não me conhece. Por que fica pensando que pode perguntar qualquer coisa?

Podem acontecer duas coisas hoje: vamos brigar até ela voltar correndo para o quarto, em pânico, ou vou seduzi-la e fazer com que queira ficar perto de mim.

Decido manter a civilidade. Prefiro não ter que voltar para casa num silêncio constrangedor. Estendo os braços na direção dela e envolvo sua cintura com minhas mãos. Seu corpo está leve na água quando a levanto e a jogo para o lado. Ela grita e bate os braços no ar como um passarinho. Em seguida aparece na água com os cabelos ensopados e os olhos arregalados.

Está feliz.

A situação poderia tomar dois rumos, e eu, de algum jeito, fiz com que ela ficasse feliz.

“Você vai pagar por isso!”, ela grita, animada, e parte na minha direção. De repente, acredita mesmo que tem como se vingar. Tessa se aproxima de mim, com a água escorrendo de seu rosto. Sua pele está molhada e brilhando, e por que ela ainda está se aproximando?

Eu me assusto quando Tessa passa as pernas ao redor de minha cintura e ergue o corpo na mesma direção que o meu. Eu deveria estar no comando aqui.

Ela fica tensa e relaxa a pressão das pernas. “Desculpa.”

Não, não.

Eu seguro as pernas dela, incentivando-a a envolver meu corpo de novo. É ótimo senti-la pressionada contra mim, tão quente. Quando passa as mãos pequenas ao redor do meu pescoço, sinto uma onda de pânico na base da coluna. Olho para ela e tento ler sua mente. É impossível.

“O que está fazendo comigo, Tessa?” Eu lhe pergunto enquanto passo o polegar em seu lábio inferior trêmulo. Sua respiração quente sai em baforadas profundas. O gosto de sua boca ainda está fresco na minha memória. Eu quero sentir de novo, preciso.

“Não sei…”

Ela não sabe. Eu também não. Nenhum de nós entende isso, e podemos perder o controle bem depressa.

É o que eu quero.

Essa garota faz ideia de como é sensual? Sabe que só o contorno de seus lábios faz com que eu imagine coisas muito, muito obscenas com nós dois?

Imagino Tessa de joelhos na minha frente, com os lábios carnudos entreabertos, língua molhada e muita vontade de me chupar, de me satisfazer. Quero esfregar meu pau contra seus lábios e provocá-la. Posso enlouquecer seu corpo, como ela está fazendo comigo. Sua boca tem um tom cor-de-rosa claro, e a curva do lábio superior é muito acentuada, como a de uma personagem de desenho animado. Uma personagem bem sexy, como Jessica Rabbit.

Porra, estou perdendo a cabeça por ela. Isso não tem como ser bom.

Ainda bem que eu não tenho nenhum pudor em ser mau.

"Essa boca… as coisas que você poderia fazer com ela." Paro e me lembro de como ela me beijou em meu quarto e depois, no dela. "Você quer que eu pare?" Olho para ela, procurando sinais de nervosismo. Suas coxas ficam tensas ao redor do meu corpo, e encaro isso como um não, mas dou a ela poucos segundos para reagir antes de agir.

Ela se aproxima mais, pressionando o corpo contra o meu embaixo da água.

"Não podemos ser só amigos, você sabe, né?"

Quando digo isso, ela respira fundo e eu me aproximo, pressionando os lábios delicadamente contra o contorno de sua mandíbula, perto do queixo. Suas pálpebras tremem, e eu subo mais um pouco a boca, tocando sua pele molhada com carinho. Quando meus lábios tocam o ponto em seu pescoço logo abaixo da orelha, um gemido é emitido, me surpreendendo. "Ai, Hardin."

As palavras causam um choque em mim. A voz dela está muito rouca, muito desejosa. Ela me quer. Está parada nos meus braços, e meu coração acelera ao pensar que tenho controle sobre seu prazer. Ela nunca foi fodida, apesar de eu ter certeza de que, pelo menos, já se masturbou.

Quero ouvi-la gemer meu nome de novo, assim como preciso sentir seu gosto outra vez.

"Quero fazer você gemer meu nome sem parar, Tessa. Você deixa, por favor?" Minha voz está estranha quando imploro isso a ela.

O silêncio é total, exceto pela respiração ofegante e pelo correr da água ao redor de nossos corpos em uma onda calma. Ela assente.

"Fala pra mim, Tessa", continuo. Eu puxo o lóbulo da orelha dela entre meus dentes e cuidadosamente mordisco sua pele. Ela geme e se encosta em mim

enquanto assente sem parar.

Assentir não basta, Theresa. Você quer, então me diga. “Preciso que você me diga, linda, pra eu saber se me quer de verdade.” Levo as mãos à barriga dela e embaixo da camiseta que cobre seu corpo.

“Eu quero…” A declaração de Tessa vem sussurrada, desesperada. Sorrio contra a pele quente de seu pescoço, e ela suspira. Essas duas palavras são um convite suficiente para mim. Eu me agarro ao corpo dela, que fica tenso — com receio de que eu a largue, acredito. Começo a sair da água com Tessa agarrada a mim. Suas pernas estão abertas, e ela pressiona meu pau duro a cada passo que dou.

Eu a solto quando chegamos à margem, e ela geme, literalmente. O som faz o sangue correr direto para minha virilha. Eu subo a barranca e me viro para ajudá-la a sair da água. Ela estende o braço para mim; seus olhos estão fixos no meu peito. Eu observo enquanto ela olha para a tatuagem na minha barriga, para a árvore seca desenhada na minha pele. Ela provavelmente odeia minhas tatuagens, por ser da cidade pequena e cheia de frescuras da qual deve ter vindo. Sua mãe temente a Deus provavelmente ensinou a ela que pessoas com tatuagens são más e devoram almas ou coisa do tipo.

Tessa provavelmente está acostumada a ver o peito de pele clara e de pelos aparados de seu namorado. Observo com atenção enquanto ela continua me olhando, tentando decifrar meus desenhos. Seu namorado não tem tatuagens. Com certeza. Ele provavelmente também não tem nenhuma cicatriz na pele nem na mente.

Eu me afasto, e ela permanece parada, esperando instruções.

Eu me vejo sem saber o que fazer. Ela ainda está olhando para a minha pele… Por que ainda está olhando para a minha pele? Mais importante, por que isso me irrita tanto? Fiz minhas tatuagens para mim, não para uma garota que julga todo mundo.

Por que estou me justificando, porra? Eu nunca dou a mínima para o que as mulheres pensam de mim; só penso em fodê-las e senti-las se desmancharem ao meu toque, numa distração mútua.

Para de pensar, Hardin. Estou como ela, pensando demais em tudo. O que ela

está fazendo comigo?

Vou direto ao ponto: “Você quer que seja aqui? Ou no meu quarto?”.

Será que posso trepar com ela aqui? Eu poderia deitá-la na grama, abrir suas pernas e fazer com que grite meu nome enquanto passo a língua em seu clitóris.

Tessa dá de ombros enquanto eu arrumo minha cueca. “Aqui”, ela decide.

“Apressadinha, hein?”, comento. Consigo sentir a atração do corpo dela ao meu, e me pergunto se ela também está sentindo. Sei que ela está excitada por minha causa, isso é óbvio, mas será que sente essa necessidade tremenda de me tocar, como eu sinto?

“Vem cá”, digo. Ela obedece com o rosto corado e passos lentos na minha direção. *Mais rápido*… Sinto vontade de apressá-la.

Não tenho paciência para fazer joguinho agora, preciso senti-la. E preciso que ela me sinta. Vou comer Tessa aqui na grama. Vou deitá-la e tocar cada parte de seu lindo corpo. Minha camiseta preta está encharcada, totalmente moldada ao corpo dela como uma luva de borracha. Precisa ser retirada.

Eu puxo a barra da camiseta para cima. Não é fácil tirar o tecido molhado; parece que ele quer ficar grudado nela, assim como eu.

A primeira parte de nosso dia ficou sujeito à vontade dela, e proporcionei um dia simples e bacana. A segunda parte será como eu quiser. Não estou acostumado a conversar nem a ter que responder quem mais amo no mundo. Estou acostumado a usar um corpo macio para dar prazer ao meu.

17



Ele estava prestes a vencer. Estava pronto para vencer.
E então percebeu que não estava pronto para ela *de jeito nenhum.*

Estendo a camiseta molhada sobre a grama como um lençol improvisado sobre o qual ela pode se deitar. Meus dedos estão tremendo.

“Deita aí”, digo, e a ajudo a se deitar no chão comigo. Eu me coloco ao lado dela e me apoio no cotovelo para poder observá-la melhor. Seu corpo está exposto a mim, os seios fartos à mostra; a pele levemente bronzeada literalmente reluzindo ao sol. Ela é uma maçã suculenta e vermelha, esperando que eu lhe dê uma mordida. Já vi muitas, muitas outras mulheres mais nuas do que isso, mas Tessa está em outro nível. Enquanto admiro a curva de seu quadril até o contorno de seus seios arrebitados, duas mãos pequenas tentam interromper meu passeio visual. Eu me sento; a grama está macia sob meu corpo, uma coisa boa que a maldita chuva faz.

Seguro os braços dela com os dedos e os puxo para os lados. “Nunca tente se esconder assim, não de mim”, digo, e ela olha em meus olhos.

“É que…” Seu rosto está corado, e ela desvia o olhar. Não deixo que ela termine a frase ridícula.

“Não, você não vai se esconder, porque não tem motivo nenhum para ter vergonha, Tess.” Ela não parece convencida. Quem arruinou a confiança dela? “Estou falando sério, olha só para você.”

“Você já ficou com tantas meninas…” Claro que ela tocaria nesse assunto. Que diferença faz se já estive com outras garotas? Não temos um relacionamento

e nunca teremos. Nenhuma das garotas com quem fiquei era como a Tessa; poucas eram parecidas, mas não costumo escolher meninas inocentes e que nunca foderam. Gosto de mulheres que já tenham experiência suficiente para transar sabendo o que estão fazendo. Não sou professor de ninguém, muito menos na arte do sexo.

Tirando a Natalie. Aquela vozinha irritante soa em minha mente. Natalie, a menina boazinha da igreja com uma bunda grande demais para não ser admirada e cabelos pretos como petróleo. Ela era tão inexperiente que nem conseguia colocar a camisinha no meu pau. Ir à igreja toda semana desde o nascimento não deixou tempo para que aprendesse.

“Mas nenhuma como você.” Digo quando olho para ela. Tessa parece nervosa, deliciosamente novata, e quero me enfiar fundo nela.

“Você tem camisinha?” A voz de Tessa fica mais baixa quando ela diz “camisinha”. Será que já viu uma? Natalie não.

Por que diabos estou pensando na Natalie agora?

Posso foder Tessa aqui mesmo e vencer o lance todo. Posso penetrar seu corpo puro e conseguir aquilo de que estava atrás. Ela está olhando para mim agora. Esperando. Acha que sou o cara que traz meninas aqui para comê-las na mata. Principalmente as que nunca fizeram sexo na vida.

“Camisinha?” Dou risada, decidindo naquele momento que a transa não vai rolar aqui. “Não vamos transar”, digo, apesar de querer.

“Ah”, diz Tessa com a voz envergonhada.

“Aonde você vai…”

Por que ela acha que vamos embora se eu não vou comê-la?

“Ei… Não, Tessa, não foi isso que eu quis dizer. É que você nunca fez nada antes… tipo, nada mesmo, então não posso transar com você.” Tento perceber se ela acredita em mim, e então continuo: “Hoje”. A leve vermelhidão em seu rosto desaparece.

“Tem tantas outras coisas que quero fazer com você primeiro…” E tem mesmo. Vou fazer com que ela implore por mim. Preciso que seu corpo se entregue ao meu toque. Cada pedacinho dela vai pertencer a mim nesse momento. Eu a tenho aqui, com o corpo exposto e pronto, e vou fazer o melhor

que puder, por ela.

Subo em cima dela, que treme um pouco quando gotas de água caem de meus cabelos em seu rosto. Eu sorrio e observo quando ela fecha os olhos, esperando mais água.

“Não acredito que ninguém nunca comeu você.” Estou sendo muito sincero. Quero roçar meu corpo no dela para que ela tenha uma leve ideia de como seria se eu a fodesse hoje. Eu me apoio no cotovelo e coloco a mão no pescoço de Tessa, passando as pontas dos dedos entre seus seios fartos. Parecem muito macios, grandes o bastante para que eu possa enfiar o pau no meio deles, muitas vezes, mas eles permanecem arrebitados, com os mamilos apontados para cima, duas bolinhas duras à espera da minha boca. Se eu parar aqui para admirá-los com meu toque, não vou conseguir me controlar. Ainda bem que ela está usando sutiã.

Meus dedos descem por sua barriga, pela curva suave e modesta de sua barriga. Sua pele está toda arrepiada, e ela suspira. Enfio a mão por dentro de sua calcinha, passando o polegar brevemente por baixo da costura. Meus dedos passam por cima da boceta, procurando pela umidade até encontrar seu clitóris.

“Está gostoso?”, pergunto, e seguro o clitóris com o polegar e o dedo indicador.

Ela não responde. Está molhada e quente; seu corpo está se entregando a mim com apenas um toque. Acabei de começar a mostrar o que posso fazer que ela sinta. Abaixo a cabeça e passo os lábios sobre os seus.

“É mais gostoso do que quando você mesma faz?”, pergunto. Solto seu clitóris e corro um dedo por sua abertura. Fico tentando imaginar como ela faz para gozar quando está sozinha. Ela estimula o clitóris ou enfia o dedo? Tenho a sensação de que ela deve ir direto ao ponto, ao clitóris.

“É ou não é?”, pergunto de novo.

“O-o quê?”

“Quando você se toca… É assim também?”

Ela continua sem responder… Por que não me diz?

É sensual, sensual pra caramba, imaginá-la deitada em sua cama, com as pernas abertas e os dedos pequenos estimulando seu corpo. Ela teria que fazer

silêncio porque sua colega de quarto está dormindo, mas se masturbaria até gozar e cobriria a boca com uma mão. Às vezes, se gozar forte, pode até morder seu lábio carnudo ou conter a respiração ofegante enquanto volta à realidade. Preciso saber como ela faz isso, mas Tessa ainda está olhando para mim como se eu fosse um alienígena. Só perguntei como ela se masturba.

Ah.

De repente, me ocorre que a Fresquinha nunca fez isso.

"Espera aí… você nunca fez isso também, né?", pergunto enquanto continuo a provocá-la, curtindo a umidade que sua excitação causa. "Você reage tão bem ao meu toque, fica tão molhadinha."

Ela geme. O som é incrível. Presto atenção ao seu clitóris e delicadamente o aperto entre os dedos molhados.

"O que… foi… isso?" A voz de Tessa não passa de um sussurro, e toda a resistência se desfaz ao meu toque. Repito o toque prazeroso e o esfrego em círculos pequenos com meu polegar. Tessa está ofegante agora, as pernas se contraindo, e sei que ela está perto. Muito perto. Mal posso esperar para vê-la se descontrolar por minha causa. Não acredito que ela nunca sentiu a euforia que o sexo traz. Porra, ela não sabe o que está perdendo.

Suas costas se arqueiam na grama, aproximando seus seios do meu rosto. Só uma lambidinha não faria mal.

Sim, faria. Eu me distrairia. Eu a beijo de novo, dessa vez pra valer, dando a ela exatamente o que precisa. Estou oferecendo a ela algo que nunca sentiu. Ela está se desconectando da realidade, e sou a causa disso. Meu toque. Eu.

Enfio a mão livre dentro do sutiã, segurando seu seio perfeito. Eu o massageio, fazendo com que ela sinta mais de uma sensação por vez. Suas pernas tremem agora.

"Isso mesmo, Tessa, goza pra mim", eu a incentivo. Ela está deitada na grama, mordendo o lábio inferior, com o rosto corado, e seus olhos… seus olhos estão enlouquecidos.

"Olha pra mim, linda", imploro, mordiscando a carne que transborda de seu sutiã.

"Hardin", ela geme, com a voz rouca, recusando-se a me deixar desviar o

olhar. Ela é muito sensual, erótica, mesmo sem tentar.

“Hardin…” Ela me puxa mais para perto ao dizer meu nome. Está ofegante, tentando recuperar o controle.

“Vou dar um minutinho pra você se recuperar”, digo ao tirar a mão de dentro de sua calcinha, lentamente. O rastro molhado de seu orgasmo brilha em sua barriga onde minha mão descansa. Ela suspira, e eu passo a mão na cueca para limpá-la.

Meu pau está muito duro agora, e mal consigo pensar com clareza. Ela ainda está deitada aqui, com cara de quem acabou de ter o melhor momento da vida. E gostaria de sentir mais, sei disso. Só Deus sabe que eu daria isso a ela num piscar de olhos. Quero penetrá-la com toda a minha vontade. Quero ouvi-la respirar fundo e sentir sua boceta apertada.

Não hoje, não posso. Fico de pé e pego minha calça jeans e os sapatos da barranca.

Sinto que Tessa me observa enquanto me visto de novo. “A gente já vai?” Ela pergunta com a voz baixa, tomada pela incerteza.

Ela quer que eu a faça gozar de novo? Deve estar querendo, já que agora sabe como seu corpo reage deliciosamente.

“Já, você quer ficar mais?”

“Só pensei que… sei lá. Achei que você fosse querer alguma coisa…”

Ela parece humilhada. Por quê? Já está arrependida por ter me deixado fazer com que gozasse?

Eu deveria ter imaginado.

Tessa muda a posição em que está, cobrindo o corpo. Já está tentando se afastar. Espera aí, ela disse que pensou que eu ia querer alguma coisa…

“Ah, não. Tudo bem.”

Eu adoraria ver sua língua quente na cabeça do meu pau agora, isso não está no plano.

Mas, em vez disso, acrescento: “Agora não”, para que ela saiba que vou gostar muito quando isso acontecer. Tessa assente e veste a calça jeans e a camiseta.

Observá-la se vestir mexe com minha cabeça. Sinto vontade de me aproximar

e despi-la de novo. Ela se remexe como se estivesse sentindo desconforto entre as pernas. Não deve estar dolorida; eu não a penetrei. Provavelmente não está acostumada a sentir a calcinha molhada assim. Pensar nisso me faz querer rir e me excita demais ao mesmo tempo.

"Algum problema?", pergunto a Tessa no carro quando pegamos o caminho de cascalho. O sol desceu um pouco, e o vento está úmido. Vem chuva por aí.

"Não sei. Por que você está sendo tão esquisito?"

Esquisito? Como assim?

"Quem está sendo esquisita é você."

"Nada disso, foi você que não me disse uma palavra desde que… você sabe." Ela é tímida demais para ser específica.

Digo por ela: "Desde que fiz você gozar pela primeira vez?".

"Humm, é. Depois disso, você não falou mais nada. Já foi logo se vestindo, e a gente veio embora. Fica parecendo que estou sendo usada ou coisa do tipo."

Usada? Para quê?

Ah, ela está *mesmo* sendo usada. Droga.

Mas ela não sabe disso. É só sua insegurança fazendo com que pense assim.

"Quê? Claro que não estou usando você. Quem usa as pessoas geralmente quer alguma coisa em troca", respondo e dou uma risadinha.

Quando olho para ela, vejo que não está rindo. Seus olhos estão vermelhos, e uma única lágrima rola de seu rosto. Merda.

Está chorando?

"Você está chorando? O que foi que eu falei?" Não compreendo. Por que ela é tão emotiva, e por que precisa fazer com que eu me sinta tão culpado? Ela transforma tudo o que digo em algo grosseiro. Não me considera muito legal, e não posso criticá-la por isso. Ela é sensível demais.

"Não foi isso que eu quis dizer… desculpe. Não estou acostumado ao que acontece depois de ficar com alguém, mas também não ia deixar você no alojamento para depois cada um seguir seu caminho. Que tal sair para jantar ou coisa do tipo? Tenho certeza de que você está morrendo de fome." Aperto a coxa dela com a mão. Ela sorri para mim, e a dor em meu peito diminui muito.

"Então, de que tipo de comida você gosta?", pergunto a ela. Não sei aonde

levá-la. Nunca saí para comer sozinho com uma mulher. Triste, eu sei, mas a maior parte do meu tempo com as mulheres acontece em outro lugar.

Tessa enrola os cabelos embaraçados com as mãos para puxá-los para cima. Acho que gosto dos cabelos dela presos… assim, consigo ver mais de seu rosto.

“Bom, na verdade gosto de tudo, desde que saiba o que estou comendo… e que não tenha ketchup.”

“Você não gosta de ketchup? Os americanos não são malucos por aquilo?” Que garota estranha.

“Não faço ideia, mas acho nojento.”

Ela é muito determinada, orgulhosa e certa de seu ódio por ketchup. Chega a ser cômico.

Ela ri comigo. “Então podemos ir a uma lanchonete mesmo?”

Quando ficamos muito quietos, pergunto: “Quais são seus planos para depois da faculdade?”.

Droga, já perguntei isso a ela. Sou péssimo em puxar conversa.

“Vou me mudar para Seattle para procurar emprego em uma editora ou então começar a escrever. Sei que é bobagem.” Ela olha para as mãos. Não é bobagem; tenho o mesmo sonho. “Você já me perguntou isso antes, lembra?”

“Não é bobagem. Conheço uma pessoa na Editora Vance. É meio longe, mas de repente vale a pena se candidatar para um estágio. Posso falar com ele.” Vance faria qualquer coisa para ter alguém inteligente como a Tessa naquele lugar.

“Como é? Você faria isso por mim?” Ela está surpresa. Consigo perceber em sua voz.

“Claro, não é nada de mais.” Dou de ombros. Odeio a atenção que estou recebendo no momento. Consigo sentir Tessa toda animada na minha frente. Não é nada de mais conseguir um estágio para alguém na Vance. Eu ajudaria qualquer um. De verdade.

“Uau, obrigada. De verdade. Vou precisar de um emprego ou de um estágio em breve mesmo, e trabalhar numa editora seria, literalmente, realizar um sonho!” Ela bate palmas. Bate palmas literalmente, como uma criança que acabou de ganhar um urso de pelúcia gigante no parque de diversões. Sinto

vontade de sorrir.

Quando estaciono, Tessa parece um pouco incerta em relação ao restaurante, e observo quando seus olhos observam a fachada antiquada.

“A comida daqui é boa demais”, prometo, e saio do carro. O restaurante está quase vazio quando nos sentamos. Uma mulher mais velha e atarracada traz os cardápios, e eu tento olhar para qualquer lugar, menos para Tessa.

Ela começa a conversar comigo depois de pedirmos a comida. Tenta saber sobre minha infância, mas eu não deixo.

“Meu pai bebia muito; quando ele foi embora, eu era menor”, diz ela, de repente.

Não digo nada, só olho para meu prato e tento não imaginá-la criança, escondendo-se do pai que teve, tão merda quanto o meu.

Eu fico calado durante o trajeto de volta, e me concentro em usar os dedos para desenhar círculos na perna de Tessa.

“Você se divertiu?”, pergunta Tessa quando chegamos ao campus. É um questionamento carregado de expectativas.

Eu me diverti, sim. Gostaria de ter me divertido *mais*, fazer com que ela gemesse meu nome enquanto eu a penetrasse sem parar.

Mas só digo: “Ah, sim, foi divertido. Escuta só, eu até queria acompanhar você até o quarto, mas não quero ficar sendo interrogado pela Steph…”.

Eu me ajeito no banco para olhá-la. Está decepcionada, apesar de estar se esforçando para manter o sorriso falso no rosto.

“Tudo bem. A gente se vê amanhã”, diz ela, com um tom de lamento.

Percebo que ela não quer ir, e saber disso me agrada. Ela me olha, esperando que eu diga alguma coisa. Não digo nada, mas estendo a mão e pego uma mecha de seus cabelos e a prendo atrás da orelha. Não tenho muito a dizer, mas quero senti-la de novo. Quero sentir essa calma enorme que ela traz consigo quando me toca. Ela vira o rosto para repousá-lo em minha mão, e parece bem mais jovem, receptiva e aberta a mim. Seguro seus braços, pedindo para que se aproxime. Preciso que ela fique mais perto. Ela cede e passa por cima do câmbio

para se sentar no meu colo. Meu corpo está quente depois da tarde ao sol, e as mãos de Tessa contornam os desenhos em minha barriga por cima da camiseta fina. Cada toque de seus dedos cria um arrepio.

Toco sua língua com a minha, recebendo tudo o que ela pode me dar. Passo os braços por suas costas, puxando-a para bem perto. Ainda não basta, preciso de mais. Não me canso dessa garota. Minhas mãos sobem por sua barriga quente, e somos interrompidos por um toque de celular.

"Outro alarme?", pergunto enquanto ela procura o telefone na bolsa. A tela de seu telefone antigo é pequena, mas grande o suficiente para eu conseguir ver o nome que aparece nela: Noah.

Seu namoradinho querido resolveu ligar enquanto ela está no carro com a língua na minha boca. Ela aperta ignorar e sorri para mim. Sério? Acho que não é tão inocente quanto pensei. Um bom orgasmo parece ter tirado sua moral, um pouco a cada gemido.

Percebo que ela nunca vai contar a ele nada do que aconteceu hoje. Nadinha. Vai me beijar, sair do carro e telefonar para seu namoradinho assim que entrar no carro. Vai dizer que o ama. Ele vai responder que também a ama, e ela vai sorrir da mesma maneira que sorriu quando a beijei.

Ela passa a língua pelos lábios e se inclina para me beijar de novo.

Não, não.

"Acho melhor eu ir embora", suspiro e olho pelo para-brisa.

"Hardin, eu ignorei a chamada. Vou conversar com ele sobre tudo isso. Só não sei como, nem quando… mas vai ser em breve, prometo."

Bem, eu estava enganado quando disse que sua moral tinha desaparecido, mas isso é pior do que pensei. Ela passou uma tarde comigo e agora vai terminar com o namorado de infância na esperança de que eu o substitua?

Não, não.

O clima no carro está pesado, sufocante, enquanto Tessa espera pela minha resposta.

"Conversar com ele sobre o quê?", pergunto, sabendo que não deveria iludir essa criaturinha inocente ainda mais.

"Sobre tudo isso." Ela movimenta as mãos, e tenho certeza de que não vou

mais conseguir respirar. Onde eu estava com a cabeça quando fiz isso com ela? Deveria ter só transado com ela, sem jantarzinho depois, e sem discussão sobre ketchup, sem falar de futuro. Como as mulheres sempre fazem, agora ela quer fazer parte da minha vida. É uma doida de pedra se acha que isso seria possível. "Sobre nós."

Ela está usando palavras como *nós*, e isso é assustador. "*Nós*? Você não está me dizendo que vai terminar com ele… por minha causa, né?" Ela parece mais pesada em meu colo, uma lembrança sólida do motivo por que as virgens não são meu alvo prioritário. Nem mesmo Natalie era virgem; tinha perdido a virgindade com um cara da igreja enquanto "dava uns amassos".

"Você não… não quer que eu faça isso?" Tessa franze a testa, confusa.

Cara, isso está degringolando depressa.

"Não, por que ia querer? Quer dizer, se você está a fim de dar um pé na bunda dele, vá em frente, mas não vem me dizer que é por minha causa."

"É que… eu pensei que…"

"Já disse pra você que não namoro, Theresa."

Ela se retrai, magoada com minhas palavras. Isso está pior do que pensei que seria. Por um lado, sinto vontade de dizer que não quero ser um cretino, mas que isso está enraizado em todas as fibras de meu ser, não é culpa minha. Nem dela. Só que é, *sim*, culpa minha, é culpa minha não ter um pingo da vontade que as pessoas têm de se unir e viver felizes para sempre enquanto passam por maus bocados. Simplesmente não consigo.

"Você é um escroto." Ela sai do meu colo e logo pega o telefone e a bolsa. Sua ausência no meu colo me afeta. Assim como a tempestade que aparece em seus olhos. "Fica longe de mim de hoje em diante… Estou falando sério!", ela grita e sai correndo.

A voz de Natalie dizendo exatamente a mesma coisa para mim, com os olhos cheios de lágrimas, ressoa em minha mente. Os olhos de Tessa estão marejados, mas ela está mantendo o controle por orgulho. Somos parecidos nesse aspecto; o tamanho irracional do orgulho que temos poderia ser perigoso.

Tessa abre a porta do carro e sai sem nem olhar para mim. Bate a porta com força e atravessa o estacionamento. Imediatamente, arranco com o carro e

aumento o som. Preciso do barulho para silenciar o furacão que toma conta da minha mente. Minhas mãos estão formigando, minha mente está a toda velocidade.

Natalie, Theresa. Natalie, Theresa.

Natalie de pé no terraço na casa da minha mãe em Hampstead, com uma bolsa de livros com estampa de flores presa ao peito e os olhos vermelhos cheios de lágrimas.

“Por favor, Hardin”, ela chorava. “Não tenho para onde ir.” Ela implorou. Uma nuvem de fumaça se projetou no ar frio enquanto ela falava. Eu não consegui colocá-la para dentro. Não consegui, simplesmente. Soube que sua família e a igreja a haviam abandonado, expulsando-a de seus santuários. Ela pareceu tão pequena naquele momento; seus olhos azuis brilhavam na escuridão enquanto ela esperava, torcendo para que eu mudasse de ideia.

Mas eu não mudaria, não podia mudar, porra. Não podia permitir que ela ficasse na minha casa. Minha mãe mal ficava em casa, assim ela ficaria sozinha comigo o tempo todo. O que eu poderia fazer por ela? Eu não queria nada com a garota e, mesmo se quisesse, não podia fazer nada para ajudá-la. Meu pai era um alcoólatra que a acordaria quando entrasse na casa cheirando a bolor, de paredes manchadas de fumaça de cigarro, com um fedor que já tinha impregnado a mobília. Onde ela dormiria se de repente ele voltasse? Já estava longe havia alguns anos, mas minha mente infantil acreditava que pudesse voltar. Eu era um tonto.

Agora ele *voltou*, e tem uma bela família e um casarão, e eu odeio pensar tanto nisso. Já me mudei para outro país para morar perto dele, e agora ele entrou nos meus pensamentos e parece ficar na minha cabeça o dia todo.

Uma buzina me leva de volta ao presente, e rapidamente viro o volante, fazendo a minivan buzinar para mim de novo. Meus olhos não conseguem ajustar o foco; o mundo do lado de fora do vidro do para-brisa é um borrão.

Piscando algumas vezes, levo a mão ao botão do volume do rádio. Preciso parar no acostamento. Meu peito está doendo, uma batida constante e forte dentro de mim. Meus ossos estão tremendo com a força dela. Consigo sentir gotas de suor, talvez lágrimas, encharcando minha pele. Envergonhado, passo a

mão no rosto.

“Porra!”, grito. Preciso de ar. Parece que minha garganta está se fechando, então abro a porta. O ar frio do outono entra no carro, acalmando minha respiração.

O rosto de Natalie está vívido em minha mente. Tessa se une a ela, e as duas estão rindo de mim, gargalhando e me provocando. Estão rindo do poder que têm sobre mim. O sorriso de Tessa se amplia, e Natalie desaparece. Que porra é essa que está acontecendo comigo? Preciso ficar longe da Tessa, independentemente da aposta idiota que tenha feito, mesmo que eu fique com cara de idiota quando Zed ganhar.

Zed.

Ele é sempre um problema. Não consigo tolerar a ideia de que ele possa tê-la. Penso nele e nas gotas de suor em sua pele enquanto pressiona o corpo contra o dela.

Fecho os olhos e encosto o rosto quente no volante frio. Em que bagunça eu fui me enfiar.

Quando vou à aula de novo, Tessa não está sentada em sua cadeira. Está vazia, assim como a de Landon. Eu me sento e pego meu telefone. Recebo uma mensagem de texto de Logan me convidando para tomar alguma coisa na hora do almoço. Recuso e enfio o celular de volta no bolso da calça preta. Ela é meio justa, mas tudo bem. Minhas pernas são compridas demais para que eu use calça larga, fico parecendo um palhaço. Tem uma mancha de caneta — ou talvez seja de alguma maquiagem que não sai na água — na manga da minha camiseta branca. Eu não queria lavar roupa, e essas merdas que as mulheres passam no rosto devem fazer mal ao meio ambiente.

Eu me esqueço da realidade nojenta sobre minha higiene pessoal quando Tessa entra pela porta. Olho diretamente para ela, chamando sua atenção para mim quando ela caminha em direção à fileira da frente. Fico surpreso por não ter escolhido outro lugar. Acho que a raiva que sente de mim é bem forte no momento.

“Tessa?”, sussurro na pequena distância entre nossas cadeiras. Ela me ignora, mas percebo que se retraiu quando eu disse seu nome.

“Tess?” Ela engole em seco, e respira num ritmo nada natural. A tensão entre nós é evidente; consigo senti-la com toda a força, irradiando de nós dois.

“Não fala comigo, Hardin.” Ela ajeita os ombros para mostrar que está falando sério.

“Ah, qual é?” Tento desarmá-la com um sorriso, mas ela não está nem aí.

Ela lambe os lábios e diz: “Estou falando sério, Hardin, me deixa em paz”.

“Tudo bem, como você quiser.” Se ela quer ser difícil, eu também sei ser difícil. Ah, eu sou o rei da dificuldade.

Landon entra na conversa parecendo um cãozinho ansioso. “Está tudo bem?”, pergunta à Tessa.

“Está, sim.” Ela assente e se ajeita para me dar as costas de vez.

A semana se passa com noites em claro e apelos irresistíveis das garrafas empoeiradas embaixo da pia. Está cada vez mais difícil ignorar o canto das sereias. Na sexta-feira, estou exausto. Estou um caco e me sinto um caco. Quando chego à aula de literatura, Landon está sentado em sua cadeira, e olha nos meus olhos imediatamente.

“Preciso falar com você”, ele insiste. Olho ao redor para ver se tem mais alguém por perto a quem poderia estar se referindo. Não pode ser comigo, mas Tessa acabou de entrar, então pode ser com ela.

“Sim, você”, diz ele, parecendo mais irritado do que antes.

Eu me sento na cadeira e o ignoro. Cruzo as pernas embaixo da carteira e me recosto no encosto de plástico.

“Gostaria de reforçar um convite para um jantar em alguns dias. Nossos pais têm algo a dizer a você.” Ele deve perceber sua própria estupidez, porque se corrige: “Minha mãe e seu pai”.

Nossos pais? Ele é demente ou o quê?

“Nunca mais diga isso, seu merda.”

Em um movimento para se levantar, Landon pousa a mão em cima da mesa.

Que puta cara abusado.

“Deixa o Landon em paz, Hardin!”, Tessa grita e segura meus braços para que eu não parta para cima do Landon. Ela realmente não sabe cuidar da própria vida. Abaixo os braços. *Merda*. Por que ela tinha que chegar logo agora?

“Você precisa aprender a cuidar da sua própria vida, Theresa.”

Tessa se inclina na direção de seu melhor amigo e sussurra alguma coisa para ele. Esse negócio de melhor amigo é uma idiotice, mas aposto que é assim que esses dois trouxas se consideram.

“Ele é um imbecil, nada mais. Isso resume tudo”, Landon diz com o sorriso mais charmoso de que é capaz.

A risadinha de Tessa me irrita profundamente.

Ela se vira para Landon: “Tenho uma boa notícia!”. *Eca.* Ela está fazendo showzinho por minha causa, provavelmente pensando que não percebo essas táticas infantis.

“Sério? Qual?”

“Noah está vindo me visitar hoje e vai ficar aqui o fim de semana todo!”

O ciúme começa a me invadir, e não parece disposto a me abandonar. A cada vez que Tessa bate palmas, sinto meu olhar fulminante aquecendo sua pele, e cada watt de claridade que cresce em seu sorriso faz minhas mãos formigarem sobre a mesa mais e mais.

“Sério? Que ótima notícia!” Landon puxa o saco de Tessa, e nenhum dos dois presta atenção em mim quando finjo vomitar.

18



Conforme ele foi conhecendo a garota, seus medos começaram a aumentar. Ele nunca havia enfrentado muita concorrência no que dizia respeito a casos com garotas. Suas breves aventuras amorosas nunca eram ameaçadas por outros homens.

Isso até o cara perfeito de cabelos dourados entrar na dança, conhecendo todos os segredos dela. Ele sabia que o garoto havia visto a garota crescer, que permaneceu ao lado dela na maior parte do tempo e provavelmente a conhecia melhor do que ninguém. Era fácil odiá-lo, mas no fim ele notou que a presença do garoto não oferecia risco nenhum.

Enquanto atravesso o corredor do alojamento de Tessa, tento afastar os pensamentos da minha mente. Imagino Tessa nua sob o corpo de seu namoradinho. Ele mantém o cardigã amarrado nos ombros enquanto transa com ela.

Se esse pensamento não me deixasse enojado, eu acharia a imagem hilária.

Bato à porta de Tessa uma vez antes de girar a maçaneta e entrar. Não está trancada, o que deixa claro que ela e o namorado não estão planejando nada muito louco. Ela e Noah estão sentados na cama no escuro, e Tessa se sobressalta quando me vê, abrindo espaço entre eles.

“O que você está fazendo aqui?” Tessa eleva o tom de voz assim que percebe quem acabou de chegar. “Não pode ir entrando desse jeito!”

Abro um sorriso para o casal adorável.

“Vim ver Steph.” Eu me sento na beira da cama de Steph, sabendo que estou

mentindo. Com raiva. Eu me viro para Noah, querendo irritá-lo. Ele é tranquilo ou chato como a Tessa? Tessa provavelmente vai mijar na calça assim que eu disser o nome dele. “Oi, Noah, legal ver você de novo.” Penso em propor um aperto de mãos. Tenho certeza de que ele está acostumado com esse cumprimento no clube de campo do qual é sócio.

“Ela está com Tristan, provavelmente lá na sua casa.” Ela diz isso como se estivesse tentando me mandar embora.

Ainda não, loirinha.

“Ah, é?” Brinco com os nervos de Tessa. “Vocês dois vão à festa?” Isso seria muito mais divertido. Consigo imaginar o carinha se adaptando bem à fraternidade — encontraria sujeitos com o mesmo cabelo loiro que o receberiam muito bem. Sua alma pura seria maculada, e Theresa teria que encontrar outro modelo da Abercrombie. Que vida dura.

“Não… não vamos. Estamos tentando ver um filme”, responde Tessa. Noah se mexe, e faço uma careta quando ele segura a mão de Tessa. Consigo perceber o desconforto dela, mesmo no escuro.

“Que pena. Eu já vou indo…” Eu me viro, e um pouco da pressão desaparece de meu peito. “Ah, Noah…” Faço uma pausa entre minhas palavras e observo Tessa ficar tensa. “Bonito esse seu cardigã.”

Tessa parece aliviada quando percebe que não vou fazer escândalo.

“Obrigado. É da Gap”, responde ele, sem perceber que estou tirando sarro de sua cara.

“Percebi. Divirtam-se”, digo e saio do quarto. Meu peito arde quando fecho a porta. Ele é um trouxa.

19



Quando sua vida estava começando a fazer um pouco de sentido, voltou a ser sacudida. Ele acreditava ter total controle sobre si, sobre ela, sobre tudo. Estava resistindo à doce tentação do destilado amargo. Só voltou a querer beber como antes quando conversou com o pai ao telefone, ao receber um resumo da vida nova — e melhor — do sujeito.

Quando desligou o telefone, não teve opção.

Estava totalmente sozinho com sua única amiga. A garrafa de uísque estava quase vazia; nesse aspecto, era como ele.

Quando chego à casa dos Scott, estaciono bem no meio da entrada para carros. Odeio essa casa linda dos infernos. Fica bem no meio de um gramado perfeitamente verde. Ken e Karen gastam uma grana para cuidar do jardim, sem dúvida; também gastam uma grana com os cuidados dispensados a si mesmos. A futura esposa de Ken ama morar aqui, tenho certeza. Provavelmente adora gastar o dinheiro dele para cuidar de si também.

Estou puto da vida.

Estou irado, e ainda não bebi o bastante para conseguir lidar com essa porra. Que tipo de pai de merda diz ao único filho que vai se casar com outra mulher bem quando estão começando a se reaproximar? É exatamente por isso que eu não queria saber dele. Estou puto porque só havia um quarto da garrafa de uísque no armário. Minha cabeça está latejando, a garganta está seca, e quero sentir o ardor do uísque. Scott tem umas belas garrafas que ganhou de seus colegas que acabaram de voltar das férias na Escócia. O merda do meu pai vai se

casar, e ele diz assim: “Karen e eu nos casaremos. Em breve, muito em breve”.

Nos casaremos? Por que ele está falando assim, todo empolado? E me conta isso por telefone?

“Nos casaremos”, repito ao subir os degraus da varanda com dois passos compridos. O cara tem tanto mato em casa que acabo me sentindo na selva. Porra, acho isso horrível.

Antes de qualquer coisa, preciso de mais uísque.

“Cheguei!”, exclamo para a escuridão.

E estou ferrado. Estou bêbado, mas não tanto quanto quero. Preciso de mais destilado. Ken tem mais destilado. Sempre tem.

Bato à porta, e ninguém atende. A casa do cara é grande demais. Casa idiota de tijolinhos.

“Oi?”, grito para o quintal escuro, e ouço grilos atrás de mim. As varandas de todos os vizinhos estão com as luzes acesas, e toda casa tem uma picape estacionada na frente, com os para-choques cheios de adesivos da WCU. Todos os acadêmicos mais bem pagos moram nessa rua. Puxo minha touca para baixo, torcendo para parecer mais ameaçador do que o normal.

Landon abre a porta antes de eu perceber que estou batendo de novo. Meus dedos ainda nem cicatrizaram totalmente; e pele ainda não cicatrizou, já que estou sempre abrindo as feridas de novo.

“Hardin?”, pergunta ele com a voz baixa, como se eu o tivesse acordado.

“Não”, digo, passando por ele na varanda. Caminho diretamente para a cozinha e falo mais alto para que ele possa me ouvir enquanto me segue. Meus olhos param por um instante no sofá; o tecido de flores cor de vômito e cheio de frescura me incomoda. “É outra pessoa idêntica a ele, só que esse modelo acha você ainda mais idiota do que o outro.”

Abro um armário na cozinha e começo a procurar. Meu doador de esperma — ou seja, Ken —, desde que ficou sóbrio, jogou fora a maioria de suas bebidas, mas sei que mantinha pelo menos uma garrafa de um uísque raro aqui. Talvez seja um lembrete, talvez uma tentação, mas ele gosta — adora, até. Eu já o ouvi falar mais dessa garrafa idiota, e com mais prazer, do que fala sobre seu filho desde que estou aqui. Ele sempre a deixa num canto diferente; não sei se

esconde a garrafa de si mesmo ou se a usa como marco constante de sua sobriedade. De qualquer modo, ela é minha agora.

“Eles não estão em casa. Minha mãe e o Ken estão passando o fim de semana fora da cidade.” Landon explica o que eu já sei.

Fico quieto, não quero conversar com esse cara que logo vai ser meu irmão postiço. Pensar nisso me dá nojo. Eu não deveria ter família, nem irmão para cuidar de mim e vice-versa. Sou sozinho e cuido do meu nariz.

Continuo procurando, e passo para o quarto de Ken e de Karen. O cômodo é enorme, grande o suficiente para três camas *king size* como essa com dossel que eles têm no meio do quarto. A penteadeira, as cômodas e a cama são de cerejeira escura, a mesma da mesa de Ken no escritório.

Idiota meticuloso.

O quarto é horroroso e é de péssimo gosto, então espero que Ken e Karen sejam felizes aqui com sua mobília combinando e vida perfeita. Puxo a cordinha dentro do armário para acender a luz e passo a mão pelas estantes. Depois de encontrar um pouco de pó e uma caixa, meus dedos encontram um objeto de vidro. Na mosca.

Desço a garrafa com cuidado e limpo uma camada fina de poeira que se acumulou desde a última exibição pública realizada por Ken. Na mesma hora, abro a tampa, sentindo uma profunda satisfação quando o plástico se rasga, estragando o selo ainda intacto.

O scotch queima minha língua, e faz arder um pequeno corte que tenho dentro da boca. Aprecio o ardor lento e profundo da bebida. Ken Scott sempre amou uísque, é um grande fã desse tipo de destilado. O gosto é incrível… tão suave, mas tem um sabor bem intenso. Pessoalmente, considero o scotch uma bebida um tanto pretensiosa, e fiquei decepcionado ao descobrir que é o único tipo de uísque que de fato vem da Escócia. Idiotas exibidos. Ainda assim, adoro o gosto — um traço que herdei da curta lista de contribuições de Ken para a minha existência.

Já bebi metade da garrafa, minha cabeça está girando, e acho melhor virar logo tudo. Por que não? Meu pai não merece isso; ele nem bebe mais. Quando decidiu parar de abraçar o capeta, perdeu seu direito de ser dono de uma garrafa

tão espetacular.

Além disso, ele já tem muitas coisas preciosas e perfeitas. Como seu novo filho, por exemplo, que agora mesmo parece achar que pode me deter em minha missão de fazer seu novo papai se sentir um merda, assim como eu. Ken tem uma futura esposa perfeita que mantém sua despensa e seu estômago cheios. *Ela* não precisa cumprir turnos de oito horas e depois ainda correr para outro emprego. Não precisa enfileirar as contas na mesa da cozinha com uma perna quebrada e decidir qual não vai poder pagar naquele mês. Nas vezes em que falei com ele, Ken parecia achar que estávamos bem em Hampstead, e coloco a culpa dessa ilusão, em parte, na minha mãe, cujo orgulho era maior do que o cérebro.

A casa dele é limpa, até mesmo a geladeira é limpa — não há marcas de dedos no aço escovado. Lambo os dedos e os passo pelo metal.

Landon me repreende, esbravejando atrás de mim. “Você bebeu essa garrafa inteira?”, questiona ele. Seus olhos estão arregalados quando se fixam na garrafa que estou segurando.

“Não, ainda tem metade. Quer um pouco?”, ofereço.

Ele vai para a sala de jantar, jogando as mãos para cima, e eu o sigo. “Não.”

O filho perfeito que não bebe. Que lindo.

“Pensei que você não bebesse mais”, diz ele. Eu me viro para ele, me segurando na porta de um armário grande e cheio de pratos caros e brilhantes para não cair. Como é que ele sabe se bebo ou não, porra?

Cravo os dedos na madeira. “Por que diz isso?”

Ele percebe que não deveria ter dito nada na presença do filho traumatizado, o coitado, e arregala os olhos. “Só quis dizer…” Ele tenta me enganar.

“Para.” Levanto a mão que segura a garrafa, e ele dá um passo para dentro da sala de estar. Pelo jeito não vai parar de falar. Vai ficar insistindo e insistindo. Não tenho controle nenhum sobre ele, sobre o que está acontecendo agora. O merda do meu pai vai se casar, estou bêbado e de saco cheio, e esse filho da puta não sabe quando parar de me encher o saco.

Eu seguro a borda do armário de louças ao meu lado.

Ele não sabe quando parar. “Seu pai disse…”

E agora é a minha vez de *insistir*: antes que ele possa acabar a frase, puxo o

armário. Uso mais força do que o necessário, derrubando a garrafa. Landon grita alguma coisa, mas não consigo ouvi-lo em meio ao barulho da porcelana se estilhaçando toda.

“Fora! Você precisa sair daqui!”, Landon grita. Eu me inclino para a frente e pego a garrafa no meio da bagunça de vidros quebrados, madeira lascada e pedaços e fragmentos de pratos brancos e azuis. Corto a ponta do meu dedo e lambo o sangue enquanto fecho a garrafa de uísque direito.

“Tessa ficaria impressionada com isso!” Ouço a voz dele quando abro a porta dos fundos.

Tessa? Sinto vontade de perguntar o que Tessa tem a ver com isso, mas não quero dar a ele a satisfação de saber que pode usá-la contra mim. Independentemente do motivo, ele acha que dizer o nome dela vai me fazer cair na real, e não vou deixar ele pensar que isso é verdade. Ignoro o que ele diz, apesar de não querer, e vou até o deque no quintal dos fundos.

O ar está quente, mas calmo; o começo do outono está chegando, e as noites de verão logo se tornarão frias e, depois de frias, ficarão geladas. Na próxima vez em que eu estragar tudo, vou para um lugar quente.

“*Tessa ficaria impressionada*”, digo em voz alta, imitando a voz de Landon. Ele estava tentando dar uma de espertinho, para mostrar que não concorda com as besteiras que estou fazendo e com meu chilique.

“Tessa, Tessa, Tessa!”, grito na escuridão.

Até o quintal é perfeito. É quase do tamanho de um campo de futebol americano, ladeado por árvores altas, mantendo a propriedade protegida do sol durante o dia e escondida na escuridão à noite.

Minha cabeça está rodando, e o silêncio não ajuda em nada. Tomo mais um gole.

Alguns minutos depois, o ranger da porta de tela faz com que eu me levante. Tessa está na varanda da frente com Landon. Ela vem andando na minha direção, e, a cada passo, a garrafa na minha mão fica mais pesada. Seus olhos claros estão fixos nos meus.

Ela é de verdade? Seus cabelos loiros estão brilhantes demais à luz do quintal. Ela está reluzindo inteira. Franzindo o cenho, mas radiante.

Ela está aqui mesmo? Acho que sim… a menos que haja algum alucinógeno nessa garrafa.

“O que está fazendo aqui?”, pergunto a ela. Vejo que ela olha para Landon e fica paralisada. Aquele idiota.

“Foi Landon… Ele…”, ela começa.

“Porra, você ligou para ela?”

Landon me ignora, entra na casa e fecha a porta de tela ao passar.

Tessa aponta um dedo para mim. “Pare de implicar com ele, Hardin… Landon só está preocupado com você”, diz ela, defendendo o amigo.

O irmão perfeito tem a amiga perfeita.

Ela costuma ser tranquila, mas não quando está brava. Seus olhos são lindos, perfeitos demais para um rosto tão delicado. Não consigo ficar olhando para ela. Me dá dor de cabeça. Preciso sempre adivinhar o que ela está pensando, e já tive uma noite bem longa. Eu me acomodo à mesa do quintal e faço um gesto para que ela se sente à minha frente.

Quando ela se senta, tomo mais um gole, e ela olha para mim, com um olhar claramente crítico. Bato a garrafa no vidro e ela se sobressalta. Ela deveria ir embora; não deveria estar aqui. Landon não deveria ter ligado para ela pedindo para que viesse. E por que ela veio? O namorado dela está aqui para o fim de semana, e tenho certeza de que queria ficar agarrado nela.

Pensar nisso me irrita. Landon não tinha de jeito nenhum o direito de chamá-la aqui.

“Ah, vocês dois são uma coisa mesmo. Tão previsíveis. O coitadinho do Hardin está chateado, então vocês se juntam e tentam me fazer sentir culpado por ter quebrado umas porcelanas vagabundas.” Sorrio para ela, mostrando que estou dando uma de vilão hoje.

“Pensei que você não bebesse”, diz ela.

É mais uma pergunta do que uma afirmação. Ela está tentando entender quem sou. Eu a confundo, e ela detesta isso.

“E não bebo mesmo. Quer dizer, não bebia. Não vem querer dar uma de

superior. Você não é nem um pouco melhor do que eu.” Aponto um dedo para ela, usando sua conhecida técnica de repreensão.

Ela não parece impressionada com minha atitude. Dou mais um gole.

“Não disse que sou melhor do que você. Só quero saber por que resolveu beber justo agora.”

Nunca vou entender o que faz essa garota achar que pode perguntar o que bem entende. Limites? Ela não tem.

“Que diferença faz para você? Cadê seu namorado?” Faço a pergunta sem rodeios. Ela vira a cabeça para o outro lado, incapaz de olhar em meus olhos.

“Ficou no meu quarto. Só estou querendo te ajudar, Hardin.” Tessa segura minha mão, e eu me retraio antes que ela possa me tocar.

O que está fazendo? Deve ser alguma piada de mau gosto. Landon deve ter pedido a ela para vir aqui e ser toda gentil, toda boazinha para me acalmar. Ela não deveria encostar em mim sem motivo.

“Ajudar?”, dou risada. “Se quer me ajudar, então vá embora.” Balanço a garrafa e a mão em direção à porta.

“Por que você não me conta o que está acontecendo?”, ela insiste. Seus cabelos estão soltos, cobrindo os ombros em ondas. Está usando roupas casuais, parecendo mais jovem do que nunca. Seus olhos se desgrudam dos meus, e ela olha para as mãos no colo.

Por hábito, eu tiro a touca da cabeça e passo a mão pelos cabelos. Consigo sentir o uísque saindo por meus poros, e ouço a respiração ofegante de Tessa. Minha respiração também está acelerada, e me pergunto que merda estou fazendo.

Prefiro que ela fale a ficar nesse silêncio tenso. “Meu pai decidiu me contar só agora que vai casar com Karen… e o casamento vai ser no mês que vem. Ele já devia ter me contado isso há muito tempo, e não pelo telefone. Tenho certeza de que Landon, o menino perfeito, já sabe de tudo faz um tempão.”

Tessa olha para mim, e parece um pouco surpresa por eu ter falado com tanta sinceridade.

Eu não pretendia dar tantos detalhes.

Deve ser culpa do uísque.

“Com certeza ele tinha um bom motivo para não contar”, argumenta ela, em defesa dele. Claro. Ken Scott é como ela; educado, bonito e sempre bonzinho.

“Nem conheço o cara. Ele não está nem aí pra mim. Sabe quantas vezes conversamos no último ano? Umas dez! Ele só se preocupa com seu casarão, com sua nova esposa e com seu novo filhinho perfeito.” Bebo mais da garrafa e passo as costas da mão nos lábios. “Você precisa ver o buraco em que a minha mãe vive na Inglaterra. Ela diz que gosta, mas sei que é mentira. A casa inteira é menor que o quarto do meu pai! Minha mãe praticamente me obrigou a vir fazer faculdade aqui… pra ficar mais perto dele… pra ver se a gente se dava bem!”

“Quantos anos você tinha quando ele foi embora?”, pergunta Tessa. Não sei se ela está sendo intrometida, se está sentindo pena de mim ou só querendo saber.

Hesito antes de responder. “Dez. Mas mesmo antes de ir embora, ele nunca estava por perto. Estava sempre em um bar qualquer. Porém agora ele é o cara perfeito e tem tudo isso aqui.” Faço um gesto apontando para a casa. Vasos de flores coloridas se estendem pelo quintal, acrescentando ainda mais beleza ao cenário.

“Lamento muito que tenha abandonado vocês, mas…”

“Não preciso que você tenha pena de mim.” Eu a interrompo. Ela está sempre inventando desculpas para todo mundo ao seu redor. É muito irritante. Ela não conhece meu pai, não teve que tolerar as merdas dele até cansar, nem sentiu sua falta quando ele se foi.

“Não tem nada a ver com pena. Só estou tentando…”

Me julgar?

“Tentando o quê?” Eu insisto para que ela complete a frase.

“Ajudar você. Apoiar.”

É legal ouvir isso dela. Pena que ela não saiba nada sobre mim. Não sabe quem está tentando ajudar. Precisa entender que não posso ser consertado e que está perdendo tempo aqui. Precisa ir embora e nunca mais falar comigo.

“Você é patética. Não está vendo que não quero você aqui? Não quero seu apoio. Só porque tivemos um lance não significa que estou interessado em algo mais. E, mesmo assim, aqui está você, deixando de lado seu namorado bonzinho — que pelo menos quer sua companhia — para vir até aqui tentar me ‘ajudar’.

Isso, Theresa, é a definição clássica de patético", retruco, e vejo seus olhos acinzentados se transformarem em pedra.

"Sei que não é assim que você pensa." Ela não me conhece, mas sabe me sacar.

Dou um golpe final. "É, sim. Vai pra casa." Levanto a garrafa num gesto triunfal e abro a boca. De repente, a garrafa é arrancada da minha mão e jogada no gramado do quintal.

"Que porra é essa?", grito com ela. Está maluca para jogar uma garrafa cara de uísque caro assim no chão? Olho para ela e depois para a garrafa, e então a observo pegar a garrafa e deixá-la no canto do quintal, perto da mesa. Meu equilíbrio está precário, mas consigo parar na frente dela.

"Aonde você vai?" Olho para ela, impedindo-a de entrar na casa. A luz fraca ilumina seus cílios de um modo que parecem estar roçando seu rosto. Eu a encaro enquanto ela olha para os pés.

"Vou ajudar Landon a limpar a bagunça que você fez e depois vou embora." Sua voz está muito determinada, e ela não me deixa margem para argumentar. Mas sou mestre na arte de encontrar uma brechinha, uma fresta, por menor que seja, para argumentar.

"Por que vai ajudar Landon?" O cara me apunhalou pelas costas ligando para Tessa, para começo de conversa, e agora ela vai me deixar para ir com ele?

"Porque ele, ao contrário de você, merece minha ajuda", diz ela.

Sinto o impacto de suas palavras em meu peito quando ela me encara com um olhar de desafio.

Ela tem razão. Ele é o cara perto de quem todo mundo quer ficar. Não quebra nada nem faz escândalo quando recebe notícias ruins. Merece o tempo e a atenção dela, assim como merece entrar nessa casa grande e ser bem recebido antes de ir para seu quarto. Ele merece uma refeição caseira; não deveria ter que comer comida congelada num quarto vazio dentro de uma casa cheia de desconhecidos que o odeiam em segredo.

Ela tem razão, e é por isso que permiti que passasse por mim e entrasse na casa sem dizer mais nada. O modo como me olhou ao passar está ardendo em minha mente, se repetindo sem parar. Pego o telefone e observo algumas fotos

que tirei dela. Uma enquanto caminhava até o riacho… seus cabelos estavam tão loiros ao sol, e sua pele brilhava. Estava calada… nervosa, talvez, mas parece tranquila na foto. Ela é linda. Por que desejaria me ajudar? O que Landon contou a ela sobre minhas bebedeiras?

Volto a colocar a touca e, depois de alguns minutos, acabo entrando. Meus olhos estão ardendo, e minha cabeça está latejando quando abro a porta.

“Tessa, posso conversar com você, por favor?”, pergunto assim que ponho os pés lá. Landon está abaixado, pegando pedacinhos de porcelana para jogar dentro de um saco plástico. Tessa assente, e olho para seu rosto. E então, meus olhos descem por seu corpo, parando no dedo ensanguentado, que ela segura sob o jato d’água na pia.

Atravesso a cozinha com poucos passos. “Você está bem? O que aconteceu?”

“Não foi nada, só um pedacinho de vidro”, responde ela. O corte parece pequeno, mas não consigo ver direito. Pego a mão dela e tiro da água. O corte tem cerca de quatro centímetros de comprimento e não é muito fundo. Ela vai ficar bem, só precisa de um curativo. Sua mão parece muito leve na minha, muito quente, e sinto minha respiração se acalmar quando a seguro. Solto sua mão, e ela suspira.

“Onde tem curativo?”, pergunto a Landon.

“Banheiro.” Ele está irritado comigo. Dá para perceber por seu tom de voz. Encontro a caixa pequena de curativos com facilidade dentro do armário. Pego o creme antisséptico na prateleira de baixo e volto para a cozinha.

Seguro a mão de Tessa pela segunda vez e passo o antisséptico na ponta de seu dedo. Ela me observa com atenção… talvez não saiba o que pensar. Curativos me fazem lembrar da minha mãe e daquela noite desgraçada há muito tempo, e eu afasto a lembrança ao enrolar a tira plástica no dedo de Tessa.

“Posso conversar com você, por favor?”, pergunto a ela, pela segunda vez. Tessa assente, e eu seguro seu braço, levando-a de volta ao quintal. Temos mais privacidade ali. Landon não vai ouvir.

Quando chegamos à mesa, solto o braço de Tessa e puxo a cadeira para ela. É o mínimo que posso fazer, acho. Minha mão está fria, e minha pulsação não está mais acelerada. Eu me sinto calmo e tranquilo.

Pego outra cadeira e a arrasto pela parte cimentada do quintal. Quando me sento na frente dela, meus joelhos quase tocam os dela.

“O que você quer me dizer, Hardin?”, pergunta Tessa, parecendo totalmente desinteressada.

Tiro a touca da cabeça e a jogo na mesa entre nós. Passo os dedos pelos cabelos. Eu me sinto um idiota completo por ter sido tão imbecil alguns minutos atrás. Quero que ela saiba que não preciso de piedade, que não sou seu bonequinho com defeito, mas, agora que a adrenalina está passando, estou começando a ver como sou otário.

“Desculpa”, digo baixinho. As palavras pairam entre nós, e ela permanece em silêncio. “Você me ouviu?”

“Sim, eu ouvi”, diz ela, erguendo o queixo do modo mais desafiador. Está puta da vida.

Ela está puta? *Eu* estou puto. Ela veio aqui, soube do meu drama familiar e não aceita meu pedido de desculpa?

Pego a garrafa e abro a tampa. Ela arregala os olhos para mim quando a bebida desce pela minha garganta. “É difícil demais lidar com você.”

“*Eu* sou difícil? Você está de brincadeira? O que quer que eu faça, Hardin? Você é cruel comigo… muito cruel.” Seus lábios tremem, e seus olhos começam a marejar. Ela tenta endireitar os ombros, mas eles se encolhem; ela está mais do que chateada com isso.

Sussurro para responder: “Não é de propósito”.

“É, sim, e você sabe muito bem disso. Você faz tudo por livre e espontânea vontade. Nunca fui tão maltratada por alguém em toda a minha vida.” Isso não pode ser verdade. Nem sou cruel com ela. Ela teve uma vida bem mole se esse é o pior tratamento que já recebeu.

“Então por que continua falando comigo? Por que não desiste?”, pergunto. Se sou tão ruim assim, por que ela simplesmente não para de tentar conversar?

Ignoro a parte do meu cérebro que questiona como eu me sentiria se ela parasse de tentar.

“Eu… na verdade não sei. Mas posso garantir que depois de hoje vou desistir. Vou trancar minha matrícula na aula de literatura e fazer essa matéria só no

próximo semestre”, avisa ela. Está com os braços cruzados, e o vento sopra seus cabelos atrás dos ombros. Fico me perguntando se está com frio.

Não quero que ela largue a aula; é o único momento que tenho com ela. “Por favor, não faça isso.”

“Que diferença faz pra você? Assim não precisa ser forçado a conviver com uma pessoa patética como eu, certo?” Percebo a mágoa por trás de suas palavras, mas não a conheço bem o suficiente para saber se é verdadeira. Gostaria de saber avaliar. Fico me perguntando quantas pessoas a conhecem de fato, sabem como ela é realmente. A garota que ergue as sobrancelhas antes de sorrir, que talvez não tenha tudo tão planejadinho quanto sua mãe imagina.

“Não é nada disso… o patético aqui sou eu.” Suspiro e me recosto na cadeira.

Seus olhos se voltam para os meus. “Bom, não vou discutir”, diz ela, com os lábios contraídos. Ela pega a garrafa, mas sou mais rápido dessa vez.

“Quer dizer que você é o único que pode beber?” Ela olha para mim com os olhos focados no piercing da minha sobrancelha.

“Pensei que você fosse jogar longe de novo.” Eu entrego a garrafa a ela. Não gosto quando Tessa bebe, mas ela está disposta a brigar por isso, e eu não. Só quero que ela fique aqui. Gosto da calma que sinto quando ela está por perto.

Ela fica com ânsia de vômito assim que sente o gosto do uísque. “E você, desde quando bebe desse jeito? Até onde entendi, você não bebia.” Ela está me fuzilando com o olhar.

“Fazia uns seis meses que não bebia.” Seis meses jogados pela janela. Parabéns, Hardin, seu merda.

“Bom, você não deveria beber nunca. Isso faz com que fique pior que o normal”, diz ela de modo brincalhão, mas sei que está falando sério.

“Acha que sou uma pessoa ruim?” Não desvio o olhar do chão enquanto espero a resposta. Ela vai dizer que sim, como todo mundo.

“Acho.”

Não me surpreendo com a resposta, mas acabei torcendo para que dissesse não.

“Eu não sou. Bom, talvez seja… O que quero mesmo é que você…”, começo. Não sou tão ruim, sou? Poderia ser melhor, por ela, se me pedisse. Olho para

Tessa, vendo seu lábios tremerem, à espera de que eu termine meu pensamento confuso. Quero ser bom, quero que ela me ache bom.

“O que você quer de mim?”, pergunta ela, sem paciência. A garrafa volta para as minhas mãos, e eu a coloco sobre a mesa sem beber.

Como responder a isso sem ser ridículo? Posso parar de beber, posso ser mais legal com as pessoas ou só com ela. “Nada.” Não consigo encontrar as palavras certas para ela.

“Preciso ir.” Ela se levanta e se afasta de mim. Está andando muito depressa, e não quero que ela vá embora. Preciso me esforçar mais.

“Não vai embora”, eu vou atrás dela. Quando ela para, seu rosto está tão perto do meu que até sinto o cheiro de uísque em seu hálito.

“Por que não? Você tem mais algum insulto que queira fazer?”, ela grita, e as palavras me atingem com mais força do que o comum. Ela dá as costas para mim de novo, e eu estendo a mão para segurá-la. Seguro seu braço e a puxo de volta.

“Não dá as costas para mim!”, respondo aos berros. Ela não pode vir aqui, bagunçar minha cabeça e ir embora. Estou de saco cheio de pessoas fazendo isso comigo.

“Eu já deveria ter dado as costas para você há muito tempo!” As mãos de Tessa empurram meu peito. “Não sei nem por que estou aqui! Vim assim que o Landon ligou! Deixei meu namorado sozinho — que aliás, como você falou, é a única pessoa que quer minha companhia —, para vir falar com você!”

As palavras dela vão entrando na minha cabeça, uma por uma. Ela deixou mesmo seu namorado sozinho para vir aqui. Não tem motivo para ter vindo aqui além de mim. Talvez eu não seja uma pessoa tão ruim quanto imaginava, talvez ela veja isso em mim.

“E quer saber? Você tem razão, Hardin, eu sou patética, sim. Sou patética por ter vindo até aqui, sou patética por tentar…”

Elimino o espaço entre nós sem pensar e grudo meus lábios aos dela. Ela me empurra, resiste, mas consigo sentir seu corpo relaxando em meus braços.

“Me beija, Tessa”, imploro. Preciso dela.

“Por favor, me beija. Preciso de você.” Tento mais uma vez, pela última vez, fazer com que ela me beije. Minha língua toca seus lábios fechados, que se

entreabrem. Ela enfim se abre para mim, completa e totalmente. Ela se recosta em mim, suspirando contra minha boca, e eu levo as mãos ao seu rosto, protegendo-a e devorando-a ao mesmo tempo.

Minha língua passa por seu lábio inferior, e ela estremece. Eu a abraço, e sua força é um esteio para mim. Ouço um barulho vindo da casa, e Tessa se afasta. Não volto a beijá-la, mas continuo abraçado a ela.

“Hardin, preciso mesmo ir. Não podemos continuar com isso. Não está fazendo bem para nenhum de nós dois”, diz ela.

Ela está mentindo para si mesma. Consigo perceber.

“Podemos, sim”, respondo. Não sei de onde surgiu essa esperança repentina, mas dá uma sensação boa aqui no meu peito.

“Não podemos. Você me odeia, e não quero mais ser seu saco de pancadas. É tudo muito confuso. Em um momento, você diz que não me suporta, ou então me humilha depois de uma experiência íntima…”

Fiz isso mesmo, estraguei tudo. Preciso explicar o que aconteceu, e que às vezes eu estrago as coisas de propósito. Sempre fui assim. Minha avó, certa vez, tentou fazer uma festa de aniversário para mim, quando eu tinha doze anos. Distribuiu convites e encomendou um bolo especial. No dia do aniversário, eu disse a todo mundo que a festa estava cancelada e fiquei trancado no quarto o dia todo. Não toquei no bolo. Eu estrago as coisas às vezes… mas posso encontrar uma maneira de parar de fazer isso. Se puder beijar Tessa, se puder sentir sua entrega a mim de novo, faço qualquer coisa.

Tento interrompê-la, mas ela me impede pressionando o dedo indicador em meus lábios. Se não tivesse um curativo nele, eu estaria beijando seu corte. “Então, no momento seguinte, você me beija e diz que precisa de mim. Não gosto da pessoa que sou quando estou com você e detesto como me sinto depois de ouvir tantas coisas horríveis.”

“Quem você é quando está comigo?”, pergunto. Gosto de quem ela é. É uma pessoa melhor do que a maioria.

“Alguém que não quero ser, uma pessoa que trai o namorado e chora o tempo todo.” Sua voz está embargada. Ela está com vergonha da pessoa que se torna quando está comigo. Isso faz com que eu me sinta um merda. Quero que ela

esteja contente ao ficar comigo. Quero que queira ficar comigo do mesmo jeito irresistível que quero ficar com ela.

“Sabe quem eu penso que você é quando está comigo?”, pergunto a ela. Meu polegar contorna seu rosto, e ela fecha os olhos ao sentir meu toque.

“Quem?”, sussurra ela, quase sem mexer os lábios. O clima entre nós está calmo enquanto ela espera minha resposta.

“Você mesma. Acho que esse é seu verdadeiro eu, mas está distraída demais se preocupando com o que os outros pensam para se dar conta disso. E sei muito bem como me comportei depois de fazer você gozar.” Ela se retrai ao me ouvir sendo tão direto. “Desculpa… depois do que tivemos, sei que o que fiz foi errado. Fiquei me sentindo um lixo depois que você saiu do carro.”

“Duvido.” Ela revira os olhos.

“É verdade, juro. Sei que você me considera uma péssima pessoa… mas você me faz…” Não consigo terminar. Ela está me pressionando cada vez mais, e é assustador. “Esquece.”

“Termina de uma vez essa frase, Hardin, ou vou embora agora mesmo.” Percebo que ela está falando sério, com a mão na cintura e os olhos frios.

“Você… você me faz querer ser bom… Quero ser uma pessoa melhor para você, Tess”, eu murmuro, e ela solta um suspiro de susto.

20



Quando ela começou a pressioná-lo em busca de rótulos e provas de compromisso, ele entrou em pânico. Sentiu-se como um animal selvagem encurralado e preso. Sua jaula era a sinceridade, e ela ameaçava trancá-lo para fora sem chave. Ele não podia perdê-la, mas a cada dia ficava mais difícil mantê-la. Ela virou o jogo para cima dele, questionando coisas que ele pensou que ela nunca perceberia. Quando ela quis mais, exigiu, e não aceitou nada diferente de um sim como resposta, mas, quando ele quis mais, ela resistiu com uma desculpa atrás da outra.

"Isso não tem como dar certo, Hardin, nós somos muito diferentes. Pra começo de conversa, você não namora, lembra?", ela dispara contra mim, dando um passo para trás. Fico torcendo para que ela não tente sair da casa de meu pai. Parece que nosso único assunto agora é o futuro. Casamento, morar juntos, terminar, não terminar. Tessa se sente pressionada a planejar sua vida toda, mas eu não. Nesse momento, acho que concordamos que eu não sei lidar muito bem com esse tipo de pressão. Apesar disso, Tessa continua me estimulando a ser cada vez melhor para ela.

"Não somos tão diferentes assim… gostamos das mesmas coisas. Nós dois somos apaixonados por livros, por exemplo", argumento.

Eu sempre tenho que me justificar para ela. "Você não namora", ela repete.

"Eu sei, mas podemos… ser amigos."

Amigos? Sério, Hardin?

A frustração é nítida em seus olhos. "Pensei que você tivesse dito que não

podemos ser amigos. E não vou ser sua amiga… e você sabe o que quero dizer com isso. Você quer todas as vantagens de ter uma namorada, mas sem assumir nenhum compromisso."

Solto o corpo dela e perco o equilíbrio. Eu me recomponho depressa. "E qual é o problema? Por que precisa desse rótulo?" Fico contente por haver espaço entre nós e o ar sem cheiro de uísque.

"Porque, apesar de não andar demonstrando muito autocontrole ultimamente, Hardin, não quero abrir mão da minha dignidade. Não vou ser seu brinquedinho, principalmente se isso significa ser tratada como lixo." Irritada, ela joga as mãos para cima. "E, além disso, já sou comprometida."

Ela está usando aquele cara como desculpa? Ah, por favor! Quem ela quer enganar aqui?

"E mesmo assim olha só onde você está agora."

Ela está esfregando o namorado na minha cara, está usando a presença dele para me provocar e ainda reclama quando eu faço a mesma coisa com Molly. Ela não vê a hipocrisia dessa história toda, e o uísque está deixando tudo pior hoje. Sou esperto o suficiente para saber disso, mas não para me controlar e não ser imbecil. Também já bebi o suficiente para não ligar para nada. Eu arrebentei a sala de jantar do meu pai.

Ela entorta a boca de um jeito ameaçador, mostrando os dentes e tudo. "Eu *amo* Noah e ele me *ama*."

Suas palavras perfuram meu peito. A última parte atinge os meus ossos. Eu me afasto dela e chuto a cadeira. Que se foda a minha falta de equilíbrio.

"Não diga isso pra mim." Levanto uma das mãos como se ela pudesse me proteger das palavras de Tessa.

Ela não recua; está bem puta, e mirando direto na minha jugular. "Você só está dizendo tudo isso porque bebeu. Amanhã já vai ter voltado a me odiar."

Odiar? Eu *odeio* Tessa? Como poderia odiá-la?

Frustrado, eu recuo, tentando me concentrar no verde das árvores depois da chuva. "Não odeio você", digo finalmente. "Se me olhar nos olhos e disser que não quer mais nada comigo, eu aceito." Não quero ouvir isso, porque me mataria, mas, se Tessa quiser que eu me afaste, faço isso por ela. "Juro que

nunca mais chego perto de você. É só me falar.”

Tento imaginar minha vida se ela fosse embora. Ela levaria embora toda a cor com que tenho pintado minha vida.

Antes que ela possa responder, eu continuo: “Pode falar, Tessa, diz que nunca mais quer me ver”. Pressiono os dedos em seu pescoço e delicadamente vou descendo por suas vértebras, e então passo pelo osso da clavícula. Ela praticamente está ofegante, sem conseguir falar. Eu me aproximo ainda mais, meu rosto está a dois centímetros do seu. Consigo sentir a eletricidade sob a pele; o murmúrio distante nos distrai. “Que nunca mais quer que eu beije você…” Baixo o tom de voz, e ela estremece.

“Diz, Theresa.” Eu insisto para que ela pronuncie as palavras que não quero ouvir.

Mal consigo escutar quando ela diz meu nome, mas sinto sua respiração contra meus lábios.

“Você não consegue resistir a mim, Tessa, nem eu a você.” Ela parece hesitante, mas não chocada. “Fica comigo hoje à noite?”, pergunto enquanto a beijo.

Os olhos de Tessa passam dos meus para a casa, e ela se afasta. Eu me viro para ver o que a assustou, mas não vejo nada. Ela diz que precisa ir embora.

Não, ela não pode ir embora. Não estou pronto para ficar nessa casa sozinho ainda. Nem acredito que vou ficar aqui.

“Porra”, murmuro, passando os dedos pelos cabelos. “Por favor, fica. Passa a noite comigo, e de manhã você decide se não quer mais me ver… só fica comigo, por favor. Estou implorando, e não sou de implorar, Theresa.”

Nunca implorei por nada na vida. É a bebida ou é ela que me deixa tão maluco? Não sei dizer.

Tessa assente, com os olhos brilhando sob a luz. “E o que vou dizer a Noah?” Sinto uma pontada na lateral do corpo ao ouvir o nome dele, e isso me faz lembrar de que ela é só temporariamente minha. Preciso de mais tempo com ela. “Ele está me esperando, e estou com o carro dele”, ela explica.

Ela o deixou no alojamento? Por minha causa?

Não sei o que pensar. Eles terminaram? Ele sabe que ela está aqui comigo? Eu

me pergunto se o cara sabe meu nome. Fico maluco por não saber o quanto ela está envolvida comigo emocionalmente. Steph não me conta nada, e Tessa não dá pistas.

Será que ela se importa tanto com o que o namorado pensa? Olho para a casa. As trepadeiras estão dominando a parede de tijolos aparentes. As luzes estão claras demais. Acho que não demora muito para ela voltar à realidade. “É só dizer que você precisa ficar porque… sei lá. É só não falar nada. O que ele pode fazer?”

Estou curioso para saber por que Noah parece exercer tanto controle sobre ela. Ela suspira; seu lábio inferior se contorce, e ela parece muito preocupada, de verdade. O que poderia ser tão ruim… ele contaria alguma coisa para a mãe dela? Ela tem dezoito anos… não sabe disso?

“Ele deve estar dormindo mesmo”, completo. É verdade; ele ainda não está acostumado a ficar acordado até tarde.

Tessa sacode a cabeça. Eu me recosto na parede. “Não, ele não tem como voltar para o hotel.”

Hotel? O cara está hospedado numa merda de *hotel*? Ele tem idade para reservar um quarto sozinho? “Hotel? Espera… ele não fica com você?” Estou abismado.

“Não, ele fica num hotel ali perto.” Tessa olha para o piso de madeira e remexe os pés. Está desconfortável.

“E você está dormindo lá com ele?”

“Não, ele fica lá”, responde ela em voz baixa, envergonhada. Sem tirar os olhos do chão, complementa: “E eu fico no meu quarto”.

Não acredito. Ele gosta dela? Gosta de mulheres? Porra, qual é, olha só para ela! “Ele pelo menos é *hétero*?” Não consigo não perguntar. A menos que ele esteja traindo Tessa, o que seria bem idiota — mas me ajudaria pra caramba.

Não que ela não esteja fazendo a mesma coisa com ele.

Tessa abre a boca, aterrorizada. “Claro que é!”

É uma loucura para mim que ela não veja nada de esquisito no fato de seu namorado não querer ficar no quarto com ela. “Desculpa, mas tem alguma coisa errada nisso aí. Se eu pudesse, não sairia nunca de perto de você, ia querer

aproveitar toda oportunidade que surgisse para trepar.” É verdade. Eu a acordaria toda manhã com meu rosto entre suas pernas. Eu a levaria para a cama toda noite e a deixaria louca, gritando meu nome.

O rosto de Tessa fica todo corado, e ela desvia o olhar. Adoro ver como minhas palavras a afetam. A escuridão está me dando dor de cabeça. As árvores estão se mexendo demais, seus troncos se retorcem de um jeito estranho. Além disso, quero entrar, ficar sozinho com ela. Principalmente depois da noite que tive.

Eu me viro para Tessa e não consigo parar de olhar para seus lábios entreabertos. “Vamos lá pra dentro”, digo. As árvores balançam de um lado para o outro. Acho que é sinal de que bebi demais.

Tessa olha para a casa e para mim. “Você vai dormir aqui?”

Faço que sim com a cabeça e pego sua mão. Ela também vai dormir aqui. Ainda não consigo acreditar que vou dormir na casa de Ken depois da merda que ele fez. “Sim, e você também. Vamos lá.” Seguro sua mão antes que ela possa se recusar de novo.

Entramos na casa, e ela tenta se desvencilhar de mim caminhando mais depressa do que eu. Aperto o passo quando passamos pela cozinha.

Um pouco da bagunça ainda está no chão. Muitos pedaços da porcelana quebrada estão agora dentro do lixo, e a maior parte do vidro já foi varrida do piso. Ótimo, Landon pode se encarregar da limpeza. Afinal, ele está ganhando de presente o merda do meu pai. A verdade é que ele já o tem. Alguém — ou alguma coisa — sempre teve Ken Scott. O uísque, os bares, Karen, Landon, esse casarão. Ele se desdobra em várias facetas, mas não tinha espaço para mim em sua vida até ano passado, e acha que agora vou aceitar essa merda numa boa? De jeito nenhum.

Seguro a mão de Tessa com mais força enquanto atravessamos a casa e subimos a escada. Se eu me lembro bem, o quarto a que estamos indo é o último do corredor no andar de cima. Tem um monte de portas aqui. Não ia ser legal entrar no quarto de Landon e encontrá-lo batendo uma.

Finalmente chegamos à última porta. Tessa ficou calada durante o trajeto, e não tenho problema nenhum com isso. Não quero pressioná-la demais, e ainda

estou tentando parar de pensar no meu doador de esperma idiota.

O quarto está escuro. Eu procuro o interruptor.

“Hardin?”, Tessa sussurra na escuridão.

A cortina está levemente aberta, deixando que entre um pouco do luar. Solto a mão de Tessa e entro. Esse maldito interruptor é impossível de encontrar. Continuo passando a mão pela parede lisa, mas não encontro nada.

Cadê essa porra?

Consigo ver o contorno de uma mesa, provavelmente de uma luminária, do outro lado do quarto, então caminho em direção a ela. A ponta da minha bota bate em algo sólido, e quase caio no chão. “Porra!”, resmungo. O quarto provavelmente nem sequer tem uma maldita lâmpada; Ken e Karen provavelmente só quiseram me enganar.

Quando chegamos à mesa, meus dedos procuram a luminária. Bingo! “Estou aqui”, digo a Tessa quando puxo a cordinha. A lâmpada se acende, e a luz forte de uma pequena luminária me cega. Pisco algumas vezes e olho ao redor do quarto. Meu quarto.

O quarto que nunca usei. Nunca mesmo.

O quarto me lembra um hotel com uma decoração exagerada. As paredes são pintadas de cinza-claro, com gesso branco pelo teto e no canto do piso de madeira. O carpete tem até uns desenhos feitos com aspirador de pó. A cama encostada na parede mais distante é grande, com um monte de travesseiros decorativos empilhados e encostados na cabeceira de cerejeira. Uma cama tão grande só seria necessária se Tessa fosse se deitar nua no meio do edredom cinza. Infelizmente, para mim, ela não está fazendo isso. Está de pé ao lado da escrivaninha que combina com a cama, sobre a qual há um iMac novinho. Desgraçados exibidos.

Passo a mão pela nuca. “Este é meu… quarto.” Não sei o que mais dizer sobre ele.

Tessa morde o lábio inferior e pergunta: “Você tem um quarto aqui?”.

Não parece meu quarto, nem um pouco, mas teoricamente é. Ken me disse, muitas vezes, que aqui tenho um quarto só meu. Como se eu fosse me impressionar com a cama de dossel ou com o computador com monitor enorme.

“Pois é… Mas nunca dormi aqui… até hoje”, explico, todo sem graça. Espero que ela não faça mais perguntas, mas sei que fará.

Tem um baú enorme no canto da cama, que eu imagino ter um único propósito: guardar o monte de travesseiros. Eu o torno mais útil quando me sento nele e tiro minhas botas. Tessa me observa, provavelmente formulando uma lista de perguntas para fazer, já que é tão enxerida. Tiro as meias e as enfio dentro das botas. Tenho alguns cortes no tornozelo. Parece que alguns caquinhos de vidro entraram nos meus calçados. Que merda.

Tessa deve ter terminado a lista. Ela dá um passo à frente e abre a boca. “Ah. E por quê?”

Respiro fundo e decido responder em vez de fugir. “Porque nunca quis. Detesto este lugar”, respondo com sinceridade. E detesto mesmo. Detesto o fato de que minha cama na casa de minha mãe na Inglaterra ficou com o mesmo colchão manchado e o mesmo lençol e o mesmo edredom desde a minha infância.

Enquanto Tessa processa minha resposta sincera e formula a próxima pergunta, eu desabotoo a calça e a tiro. Os olhos de Tessa passam de distantes a arregalados, e logo em seguida ficam alertas.

“O que está fazendo?”, pergunta ela.

“Hã…. tirando a roupa”, respondo, erguendo a sobrancelha. Sei que ela gosta de fazer perguntas, mas por que tantas delas precisam ser tão desnecessárias?

“Sim, mas por quê?” Ela olha para minha virilha. Se está tentando ser discreta e fingir que não está pensando no meu pau agora, está fracassando feio.

Olho nos olhos dela. “Bom, eu é que não vou dormir com essa calça apertada.” Meus cabelos descem pela minha testa, e eu os afasto.

“Ah”, diz ela, baixinho.

Fico esperando mais algum comentário, mas ela não diz nada. Observo seus olhos ao tirar a camiseta. Ela olha para meu pescoço e desce para a minha barriga, analisando cada linha preta. Concentra-se por mais tempo na árvore tatuada ali. Fico tentando imaginar se está gostando ou se essa parte de meu corpo não é atraente para ela. Seu olhar me deixa inquieto. Não sei o que fazer enquanto ela me observa. Cada parte do meu corpo pela qual seus olhos passam

se arrepia. Em vez de sentir o calor sobre o qual sempre li, meu corpo fica gelado.

Tessa continua olhando, ainda concentrada no meu corpo. Eu a surpreendo jogando minha camiseta nela. Está hipnotizada demais por mim para conseguir pegá-la a tempo. Tento imaginar como poderia tirar sua roupa para poder observar seu corpo, com meus olhos fixos nela, observando cada pedaço, cada pintinha em relação à qual ela se sente insegura, mas que não verei.

Gostaria de saber em que ela está pensando. Gostaria de conhecê-la melhor. Eu me pego desejando conhecê-la de um jeito diferente. Ela poderia ser minha vizinha que passa para pegar coisas emprestadas, e eu poderia fazer quantas perguntas quisesse. Eu perguntaria por que ela faz tantas perguntas, por que sempre ergue as sobrancelhas quando está confusa ou brava. Perguntaria o que ela quer fazer da vida. Perguntaria como se sentiria se não me visse mais. Perguntaria se poderia me perdoar.

Mas estou preso à realidade, e, na realidade, continuo sendo um desconhecido para ela. Ela não sabe quase nada sobre mim, e se tivesse ideia de metade das merdas que já fiz não estaria tão curiosa. Minhas tatuagens, ou sua reação a elas, desapareceriam, e sua reação ao meu comportamento deixaria de ser sarcástica e se tornaria cruel. Preciso tomar cuidado com isso, porque, se meu mistério desaparecer, ela também desaparece.

Merda, tudo isso faz minha cabeça rodar. A embriaguez está passando, e minha cabeça está começando a ficar maluca. Preciso clarear as ideias, e depressa. “Você pode dormir com ela.” Sorrio para Tessa. “Acho que você não vai querer dormir só de calcinha e sutiã. Mas é claro que não ligo se quiser.”

“Não ligo de dormir de roupa”, diz ela com o tom menos convincente que já ouvi. Ela não quer dormir com a saia longa e a camiseta folgada. Gosto da camiseta dela; o azul-claro combina bem com seus olhos. Nunca pensei isso antes… *Combina bem com seus olhos*? O que isso quer dizer?

Ela está mexendo comigo mais do que o uísque.

“Tudo bem. Você que sabe. Se prefere ficar desconfortável, por mim, tudo bem.” Eu me aproximo da cama, pego o primeiro travesseiro que vejo e o jogo no chão.

Tessa parece ofendida com isso. Ou talvez seja por eu estar seminu. Não sei. Ela caminha até a ponta da cama e abre o baú. “Ei, não joga no chão. É pra guardar aqui dentro”, avisa ela, como se eu não soubesse. Ela acha que nunca vi esses travesseiros na vida? Pensa que, por eu ter sido criado por uma mãe solteira, não sei colocar almofadas caras de algodão dentro de uma caixa?

Não, Hardin, ela só está tentando ajudar… Eu me acalmo. Minha mente sempre imagina a pior situação possível, e eu detesto isso. Minhas inseguranças me comem vivo. Pego outro travesseiro ainda mais cheio de frescura e o jogo no carpete. Ela resmunga, reclamando enquanto se abaixa para pegar.

Enquanto Tessa continua bancando a arrumadeira, eu afasto o edredom e subo na cama. Ninguém nunca dormiu nela, percebo. É como deitar em nuvens. É melhor até que um hotel. Vejo Tessa me observando quando cruzo os braços atrás da cabeça. Ela está sempre de olho em mim. Eu nela.

Cruzo os tornozelos quando ela joga o último travesseiro no baú e fecha a tampa. Uma maníaca por limpeza, é o que ela é.

Ela vai ficar aqui a noite toda? Seria melhor que ela tirasse as roupas largas e deitasse na cama comigo. “Você não vai reclamar de ter que dormir na cama comigo, né?”

“Não, a cama é grande o suficiente para nós dois.” Seu sorriso não parece nervoso, mas as mãos trêmulas cutucando a cutícula, sim. Ela está sendo brincalhona. Adoro.

“Essa é a Tessa que eu adoro”, brinco. Ela arregala um pouco os olhos, e eu procuro não pensar no motivo. Não hoje — não vou nem começar a pensar nessas coisas hoje.

Toda sem jeito, Tessa sobe na cama depois de tirar os sapatos. Permanece totalmente vestida, e fica na beirada da cama *king size*, o mais longe de mim que consegue. Ela se deita, e eu penso em me aproximar, mas tenho medo de assustá-la e fazê-la cair. Quando visualizo sua queda, dou risada, e ela se vira para me encarar.

“Qual é a graça?” Ela está erguendo as sobrancelhas de novo. Que gracinha!

“Nada”, minto. Não acho que dizer que eu estava imaginando um tombo dela vá ajudar muito. Ainda assim, não consigo segurar o riso quando ela faz um

bico.

“Conta!” Ela olha para a frente por um segundo e espicha deliberadamente o lábio inferior. Apesar de ser um bico falso, ou por causa disso, seus lábios ficam uma delícia. Mal posso esperar para senti-los descendo lentamente pela extensão do meu pau. Pensar na cabeça dela subindo e descendo em mim me faz puxar o piercing entre os dentes. O metal está frio na minha língua quente.

Eu rolo para o lado, fico de frente para ela, e pergunto: “Você nunca dormiu na mesma cama que um cara, né?”. Na verdade, eu também nunca dormi com uma garota. Não era o meu lance. Não sei se é agora, mas até aqui tudo bem.

Fico aliviado quando ela responde que não. Sorrio para mostrar como me sinto por ser o primeiro com quem está dividindo uma cama. Adoro o fato de ela ainda ter que viver muitas coisas. De certo modo, tenho muito a oferecer a ela também.

Tessa está de frente para mim, deitada a poucos centímetros de onde estou. Ainda está vestida demais, e isso está me deixando louco. Ela estende a mão e toca a covinha do lado direito de meu rosto. É um toque simples, mas muito delicado. Ninguém, nem mesmo minha mãe, tocou meu rosto nos últimos dez anos, pelo menos. Mesmo durante o sexo, às vezes eu beijo as garotas, mas não deixo passarem muito a mão pelo meu corpo.

Olho em seus olhos e percebo o pânico. Ela se afasta, mas eu seguro sua mão e a puxo de volta para meu rosto. É bom sentir seu toque, que é muito delicado. Quero que ela me toque em todas as partes. “Não sei por que ninguém nunca comeu você, mas essa mania de planejar tudo deve aumentar bastante sua capacidade de resistir”, digo para provocá-la. Tem que haver um motivo que explique sua inexperiência. Não dá para acreditar que ela não tenha experiência nenhuma sem um bom motivo.

“Nunca *precisei* resistir aos avanços de ninguém”, afirma ela. Não acredito nessas palavras, mas em seus olhos sim. Ainda assim, é difícil acreditar piamente.

“Ou isso é uma mentira deslavada ou você estudou em uma escola para cegos. Só essa sua boca já torna essa história bem difícil de acreditar.” Já estou de pau duro, ela poderia comprovar facilmente se me tocasse. Sinto vontade de dizer

isso, mas não quero estragar o momento.

Tessa me satisfaz ao se surpreender com as minhas palavras maliciosas. Dou risada e penso em todas as maneiras como posso enlouquecê-la. Ela é como dirigir um carro zero, a excitação que se sente ao ouvir o ronronado baixo do motor pela primeira vez. Quero fazê-la ronronar — eu a faria *gritar* se Landon não estivesse aqui. Quero pegar leve hoje, mas indo um pouco além do que mostrei no riacho. Aquele foi só um de meus muitos truques.

Passo a língua pelos lábios, seguro a mão de Tessa, e levo as duas mãos à minha boca. Ela respira fundo, e eu passo sua mão por meus lábios molhados. Seus dedos estão trêmulos quando separo seu dedo indicador e mordo a ponta com delicadeza. Ela geme por instinto, e meu pau lateja. As mãos de Tessa estão quentes quando as guio pelo meu pescoço. É muito bom ser tocado, é boa a sensação de prazer que toma meus sentidos. O efeito do uísque já passou quase totalmente, e agora estou à mercê de uma loira teimosa e sensual. Tessa afasta a mão, e eu baixo a minha para o colo. As pontas de seus dedos passam pela hera tatuada na base do meu pescoço. Não consigo me concentrar em nada, só no caminho tranquilo que ela está traçando na minha pele.

Depois de alguns segundos de silêncio, eu falo. Estou curioso e com tesão, e vou me divertir com ela. Levo a mão de volta à dela. “Você gosta do jeito que eu falo com você, não?”

Olho para ela e vejo sua respiração se tornar cada vez mais ofegante. Ela desvia o olhar, e eu continuo: “Dá pra perceber que sim, porque você fica vermelha e sua respiração acelera. Responde, Tessa, usa essa sua boca para alguma coisa”. Gostaria que ela a usasse de mais de uma maneira. Ela permanece em silêncio. Cara, pensei que eu fosse teimoso. Eu me aproximo dela e seguro seu braço. Tessa parece abalada, e está toda corada. Ela é viciante.

Quando penso que vai falar sobre a atração que sente, ela diz: “Você pode ligar o ventilador?”. Sério, Theresa? Ela acha que sou bobo? Que vou sair dessa cama confortável onde ela está tão perto de mim? Olho para seu rosto, para seus olhos acinzentados. “Por favor.” Ela sussurra, ainda olhando para mim. Quando me dou conta do que estou fazendo, estou saindo da cama. Caramba, ela tem o dom.

Ela parece tímida quando olho para a cama. Também parece muito desconfortável com as roupas pesadas. A saia tem tanto tecido quanto o edredom. “Se está com calor, por que não tira essas roupas quentes? Essa saia parece ser bem incômoda.”

Tessa sorri, revirando os olhos.

Mas estou falando sério… ela usa roupas horrorosas. “Você tem que usar roupas que valorizem seu corpo, Tessa. Essas escondem todas as suas curvas. Se eu não tivesse visto você de calcinha e sutiã, jamais teria descoberto como é gostosa. Essa saia parece mais um saco de batata.”

Ela ri. Isso foi melhor do que o esperado. “E o que você sugere que eu use? Meia arrastão e tomara que caia?” Ela levanta a sobrancelha e espera uma resposta.

Penso em Tessa de tomara que caia e short jeans. “Não… Bom, eu até ia gostar de ver isso, mas não. Você pode se cobrir o quanto quiser, mas usando roupas do tamanho certo. Essa blusa não tem decote, e você não devia esconder esses peitos de jeito nenhum.”

“Pare de usar essas palavras comigo!” Ela balança a cabeça, e eu dou risada quando volto para a cama. Não sei se devo me deitar perto, por isso vou me aproximando devagar até praticamente tocá-la. Ela se senta e sai da cama. Meu peito arde.

“Aonde você vai?”, pergunto, me arrependendo de tê-la irritado.

Ela atravessa o quarto com passos apressados. “Me trocar.” Ela se abaixa e pega minha camiseta suja do chão. Sorrio, feliz por ela querer usá-la tanto quanto eu quero que a use.

“Agora vira para o outro lado e nada de espiar”, diz ela, como se eu fosse uma criança. Ela sabe muito bem que vou olhar.

“Não.”

“Como assim ‘não’?”, pergunta ela, frustrada.

Sou sincero quando digo: “Não vou me virar. Quero ver você”.

Ela concorda, mas acaba com minha alegria apagando a luz. Que absurdo! Resmungo, adorando o joguinho que ela está fazendo. Resmungo mais alto, para mostrar que não vou jogar limpo se ela não jogar. Ouço o tecido pesado cair no

chão — a saia. Puxo a cordinha para acender a luz, e Tessa se assusta com a claridade. Ela diz meu nome como se fosse um palavrão: “Hardin!”.

Continuo a olhar para ela, das pernas aos olhos e de novo mais para baixo. Ela respira fundo e levanta os braços para vestir minha camiseta. O sutiã de Tessa é de algodão branco e liso sem muitos detalhes. Não que precise. A calcinha combina; o modelo cobre quase seu quadril todo. A bunda dela é perfeita. Redonda e arrebitada… Eu adoraria tocá-la também.

“Vem cá”, sussurro. Não consigo esperar nem mais um segundo para tocar seu corpo. Tessa está caminhando em direção à cama, transformando o quarto no cenário de um show, e eu adoro isso. Preciso ver melhor. Eu me encosto na cabeceira, de costas. Tessa fica corada sob o calor de meu olhar, tornando meu prazer ainda maior.

Quando ela chega até mim, coloca sua mão pequena sobre a minha, e eu a puxo para mim. Ela monta sobre mim, com os joelhos apoiados nas laterais do meu corpo. Adoro tê-la assim. Minha imaginação está a mil. Tessa se mantém erguida, sem encostar em mim. *Assim não.* Seguro seu quadril com cuidado e a guio para que desça e me toque. Ela morde o lábio, e olha nos meus olhos. A princípio desvio o olhar, porque sinto meu pau muito duro. As pernas de Tessa são muito macias, e o modo como minha camiseta cobre seu corpo até as coxas é muito sensual.

Sorrio para ela, admirando sua beleza.

“Bem melhor assim.” Espero que ela retribua o sorriso, mas isso não acontece.

“Que foi?” Toco seu rosto com delicadeza, fazendo com que sorria. Ela fecha os olhos, e me pergunto se isso seria quebrar as regras da aposta. Acho que já não ligo mais para isso.

“Nada… só não sei o que fazer”, diz Tessa. Ela não olha em meus olhos, e sei que se sente envergonhada.

Não quero que ela sinta muita pressão. Seja qual for seu toque, será prazeroso. Não sei como explicar nada disso nesse momento sem mostrar a ela. “Pode fazer o que quiser, Tess. Não precisa ficar pensando muito.”

Tessa levanta a mão e parece estar prestes a encostar no meu peito nu. Ela não

me toca, então a encaro. Ela olha dentro de meus olhos, pedindo permissão para me tocar. Ninguém nunca fez isso antes. Concordo, nervoso mas excitado, e a observo. Seu dedo indicador desce lentamente pela minha barriga até a cintura. Tento ficar parado apesar de querer segurar seu braço, virá-la e fodê-la. Fecho os olhos e sinto seu dedo contornar minhas tatuagens. Gosto quando ela faz isso.

Quando ela afasta a mão, abro os olhos. Preciso de mais. Estou viciado.

"Posso… hã… tocar você?" Tessa está hesitante ao ver o volume em minha cueca.

Claro, porra! Sinto vontade de gritar. Mas fico muito calmo. Mexendo a cabeça para afirmar, eu imploro: "Por favor".

Tessa parece nervosa ao descer a mão para o meu pau. Ela hesita um pouco antes de pegar. Abaixa a mão um pouco mais e continua a sentir. Seus dedos delicados percorrem para cima e para baixo a extensão de meu pau, que cresce por causa dela.

"Quer que eu mostre pra você como faz?", sugiro. Quero que ela fique à vontade.

Quando Tessa assente, coloco minha mão sobre a dela delicadamente. Minhas mãos são muito maiores do que as suas, e as pontas dos dedos dela mal passam os nós dos meus. Desço minha mão com a dela pelo meu corpo e paro em cima da cueca. Eu a ajudo a segurar meu pau. Ela aperta com delicadeza, e eu solto um gemido e afasto a minha mão. Ela está pronta. E faz uma cara de safada quando percebe que tem total controle, mas tenta se fazer de inocente. Suas pupilas estão dilatadas, os lábios estão entreabertos, e o rosto está corado.

"Porra, Tessa, não faz isso", digo. Vou explodir se ela voltar a fazer essa cara.

Tessa me escuta e para. Porra, eu sempre me esqueço de que ela é muito literal.

"Não, não isso. Pode continuar… só falei pra você não me olhar desse jeito", explico.

Tessa pisca os olhos do modo mais ingênuo possível. "Que jeito?"

"Com essa carinha inocente… Esse olhar me dá vontade de fazer um monte de coisas indecentes com você." Muitas, muitas coisas, Theresa.

Ela está nervosa e mexe a mão. Não segura tão forte quanto poderia, mas não

quero dizer isso. Ela vai aprender sozinha. Com certeza vou ajudá-la a aprender. Ela está mordendo o lábio, e seu movimento suave me faz gemer seu nome baixinho. Se eu pudesse ter uma coisa para sempre, seria isso.

“Ai, Tessa, que delícia.” Minhas palavras a incentivam, mas talvez um pouco demais. Ela me aperta, e sinto uma onda de dor. “Não tão forte assim, linda.” Eu a guio delicadamente, tomando cuidado para não envergonhá-la.

Ela me beija e continua em movimentos lentos. “Desculpa”, sussurra contra meu pescoço ao encostar os lábios na minha pele. Ela passa a língua pelo meu pescoço até a base da orelha. *Poooorra*, isso é muito bom. Preciso tocá-la, não vou conseguir aguentar muito tempo.

Minhas mãos encontram seu peito, e o sutiã mais parece uma parede entre o corpo dela e eu.

“Posso… tirar seu sutiã?”, imploro. Quero sentir seu corpo sensual. Enfiando a mão por dentro da camiseta, sinto seus seios perfeitos: redondos e cheios. Tessa assente, sem fôlego. Minhas mãos tremem quando com gestos apressados abro o fecho e deixo seus seios livres. Desço as tiras de seus ombros por seus braços. Preciso de muito controle para não rasgar a peça. Tessa afasta as mãos de mim para poder tirar o sutiã totalmente. Eu o jogo no chão, levo as mãos de volta aos seios e a beijo. Delicadamente, aperto seus mamilos endurecidos, e ela geme enquanto me beija. Gosto de como ela me beija, de um jeito suave, mas intenso. Ela segura meu pau e movimenta a mão para cima e para baixo. Tessa está me dando prazer, na minha cama, vestindo minhas roupas.

“Ah, Tessa, eu vou gozar”, digo. Meu corpo está sem controle. Tessa se tornou senhora da situação, proporcionando sensações como bem entende. Estou pegando fogo e congelando ao mesmo tempo, e preciso me controlar para não gritar seu nome. Eu me concentro em beijá-la, massageando sua língua deliciosa com a minha. Minhas mãos ainda estão apertando seus seios. Ela geme e me mostra que está gostando. Tiro as mãos dos seios dela enquanto gozo. O calor da porra se espalhando pela cueca é como o alívio de respirar livremente.

Quando a sensação começa a passar, jogo a cabeça para trás e fecho os olhos. Tessa permanece sentada sobre minhas coxas. Estou satisfeito. Apesar do que dizem, eu morri e fui para o céu, tenho certeza. Sinto Tessa ficando ansiosa,

então abro os olhos e a encaro. Estou um pouco desconfortável por perceber que tenho prestado atenção a suas pequenas manias. Ela sorri para mim, e me acalmo. Eu sorrio e me inclino para beijar sua testa. Ela suspira, e eu gosto desse som.

“Nunca gozei desse jeito antes”, eu conto. Gosto do fato de ela estar me proporcionando novas experiências.

“Foi tão ruim assim?”, pergunta ela, assustada e tirando conclusões precipitadas.

“Quê? Não, foi bom demais. Geralmente preciso de muito mais do que uma esfregadinha por cima da cueca.”

Ela olha para o nada e não reage. Tem alguma coisa esquisita. Tento repetir os últimos trinta segundos na minha cabeça para ver se a ofendi. Acho que não. Decido perguntar: “O que você está pensando?”.

Ela não responde. Vive me acusando de não ser comunicativo, mas ela mesma é assim comigo.

“Ah, qual é, Tessa, me conta”, reclamo. Então, decido fazer cócegas nela. Os seriados a que eu assistia na infância me ensinaram que fazer cócegas é uma maneira fácil de fazer as mulheres falarem e, além disso, aumenta o charme do homem. Eu preciso ganhar pontos desse tipo.

“Tudo bem… tudo bem! Eu conto!”, Tessa grita, esperneando como um cavalo dando coices. Ela fica engraçada com o rosto todo contorcido, os dentes à mostra, me chutando para que eu pare de fazer cócegas. Sinto a barriga doer de tanto rir.

“Muito bem”, digo, sentindo a umidade na cueca. “Só espera um pouquinho. Preciso trocar de cueca.”

Não trouxe uma troca de roupas, e só tenho camisetas no porta-malas do carro. Quando me levanto, olho ao redor à procura de uma opção. A cômoda está cheia de roupas, segundo Karen. Não gostei nada da ideia — é esquisito demais deixar uma cômoda cheia de roupas para alguém que não quer nada com ela.

Foda-se. Não tenho outra opção, e Karen não é tão ruim assim. Eu quebrei a sala de jantar toda; acho que posso deixá-la feliz vestindo as roupas que me doou como caridade. Fico torcendo pelo melhor quando abro a gaveta. Minha

esperança é destruída quando vejo um monte de cuecas xadrez. Azul e branca, vermelha e branca, verde e vermelha, vermelha e azul, branca e verde. A coisa não tem fim. Sinto vontade de fechar a gaveta com força, mas estou desesperado. Pego a menos feia, uma azul e branca, e a seguro com o polegar e o indicador como se estivesse contaminada.

"O que foi?", pergunta Tessa. Ela se levanta, apoiando-se nos cotovelos, e olha para mim. Estou fazendo com que ela dê risada; ela está se divertindo aqui. Consigo ver em seus olhos. A cada minuto que fico com ela, eu a conheço melhor.

"Esta cueca é horrível", resmungo. Xadrez? De algodão? Tamanho extragrande? Para quem ela comprou isso?

"Não é tão ruim assim", ela mente. Seguro a monstruosidade xadrez branca e azul e balanço a cabeça.

"Bom, é a única opção. Já volto." Pego a cueca feia e saio do quarto sem olhar para Tessa na cama. A caminho do banheiro, passo pelo quarto de Landon. Encosto a orelha na porta. Não me surpreendo quando ouço um personagem de um filme dizer algo sobre duendes. Bato levemente para que Tessa não ouça. Espero para ver se ele vai atender, mas está tarde, então, provavelmente dormiu com a TV ligada. Bato de novo, e a porta se abre. O rosto dele está relaxado, a princípio, mas só até perceber que sou eu. Dou um passo em sua direção, e ele ergue as mãos à frente do corpo para se defender.

"Não estou aqui para arrumar confusão", sussurro. Ele é um idiota por achar que eu queria brigar.

Percebo que ele não acredita em mim, nem um pouco.

"Então o que você quer?", pergunta ele de um jeito meio desconfiado.

Balanço a mão. "Posso entrar?", pergunto, fazendo um gesto lá para dentro. Olho para o quarto escuro e reparo no tamanho da televisão na parede. Deve ser de pelo menos sessenta polegadas. Claro que sim. Também tem uma parede cheia de camisas penduradas em molduras reluzentes, provavelmente feitas à mão por alguma senhora meiga de uma loja de artesanato. Ela provavelmente grudou tudo com o próprio suor, só para Landon. Parece que ele tem tudo o que quer. Mede cerca de cinco centímetros a menos do que eu, e tem muito mais

músculos. Meu corpo é alto e esguio, e o dele é mais baixo e mais troncudo. Parece até uma versão mais jovem e mais nerd de David Beckham. Está vestindo uma camiseta da WCU e calça de flanela. Um caso perdido.

Ele me mede de cima a baixo e ergue a sobrancelha ao ver minha cueca.

"Vá se foder, foi sua mãe que comprou", digo a ele.

Ele levanta uma das mãos para cobrir a boca e poder fingir que não está rindo.

"Eu sei, por isso é engraçado." Ele ri às minhas custas, e eu me lembro de como é irritante.

"Deixa quieto." Passo por ele e caminho em direção ao banheiro. Eu deveria saber que não podia tentar falar com esse cara.

Ele levanta as mãos. "Espera, desculpa. Só achei engraçado porque minha mãe ainda compra essas cuecas, apesar de eu sempre dizer que são horrorosas."

Não rio com ele, mas na verdade é um pouco engraçado, *sim*. "Queria falar com você sobre a Tessa."

Ele fica na defensiva. Percebo que endireita o corpo e contorce os lábios. "O que tem ela?"

Afasto os cabelos do rosto. "Queria saber se você sabe que ela…"

Ele ergue as mãos de novo, dessa vez para me fazer calar a boca. "A Tessa sabe o que está fazendo, não precisa de mim para se cuidar", diz ele. O tom de voz é firme, mas sem maldade.

Não faço ideia do que dizer. Pensei que ele seria um chato, o amigo protetor que diria a ela para fugir de mim.

"Bom…" Fico hesitante no corredor. "Vou dormir agora." Olho para ele enquanto fecha a porta e vejo que está sorrindo. Ora, foi esquisito… mas melhor do que eu esperava.

Depois do banho, volto para o meu quarto e vejo Tessa na cama, enrolada como uma gatinha. Ela olha diretamente para a cueca que estou usando. Que horror.

"Gostei", ela mente.

Essa cueca é horrorosa. Não dá nem para ver o tamanho do meu pau. Lanço um olhar malicioso para ela e acendo a luminária. Pego o controle remoto. Fico surpreso ao ver que o sr. Scott não instalou uma televisão holográfica aqui. Ligo

a TV em um canal qualquer para ter som de fundo e abaixo o volume quase no silencioso. Subo na cama e me deito ao lado de Tessa, de frente para ela.

“Então, o que você ia me contar?”, pergunto a ela. Ela morde o lábio inferior. “Não vai querer dar uma de tímida, você acabou de me fazer gozar na cueca.” Dou risada da ironia do embaraço dela. Eu a abraço e a puxo para perto de mim.

Espero a performance dramática de Tessa terminar. Adoro quando ela parece mais despreocupada. Parece que eu desperto isso nela, o que é motivo de orgulho. Quando minha amiga dramática volta ao normal, seus cabelos estão despenteados. Madeixas soltas caem ao redor de seu rosto. Sem pensar, toco seus cabelos e os prendo atrás da orelha. Ela está usando brinquinhos. Eles me fazem lembrar de quando passei por uma fase de querer colocar alargador nas orelhas, até que as de meu amigo Mark infeccionaram. Ficaram nojentas, e fediam.

Preciso pensar em outra coisa.

Eu beijo seus lábios com delicadeza, e ela toma conta de meus pensamentos.

“Você ainda está bêbado?” Essa pergunta é outro exemplo de como é enxerida.

“Não, acho que aquela gritaria lá no quintal me deixou sóbrio.”

“Bom, pelo menos alguma coisa boa aconteceu por causa disso.”

Não sei o que fazer com meu braço. Devo passá-lo pelas costas dela? Não sei bem. Olho para ela e toco de leve suas costas. “É, acho que sim.” Descanso o braço agora, quando ela apoia a cabeça no peito. Ela se movimenta a cada respiração minha, como se já tivesse se acostumado com a posição. Gosto disso.

Ela está sorrindo, um sorriso escancarado, para mim. “Acho que gosto mais do Hardin bêbado”, diz ela.

Hardin bêbado…

Quase ouço a voz de minha mãe gritando pela casa: *“Você não passa de um alcoólatra, Ken!”*.

Deixo as lembranças que ameaçam estragar meu momento com ela de lado.

E ela provavelmente estava só me provocando. Preciso tentar aprender a pensar antes de falar. Estar com Tessa é uma boa maneira de praticar. “É mesmo?”

“Talvez.” Ela faz um biquinho. Se acha que essa tolice vai me fazer esquecer

que quero uma resposta, está muito enganada.

Voltando ao assunto, digo: “Você é muito ruim em tentar mudar de assunto. Conta logo”.

“Bom, eu estava pensando em todas as meninas com quem você… tipo, fez essas coisas.” Assim que diz isso, ela esconde o rosto em meu peito.

É nisso que ela está pensando agora? Só consigo pensar em como adoro que seus cabelos piniquem meu nariz, e que ela deve ter tomado banho de perfume com fragrância de baunilha antes de vir aqui. “Por que estava pensando nisso?”

Ela suspira, como se eu devesse prestar atenção ao que está dizendo. Não faço ideia. “Sei lá… porque não tenho experiência nenhuma, e você tem um monte. E isso inclui até Steph.” A amargura em sua voz fica bem evidente. Imagino que eu me sentiria da mesma maneira se ela tivesse transado com o Zed. Penso pouco nisso, mas a raiva vem sem que eu esperasse.

Tiro essa questão da minha cabeça por enquanto. Zed não dorme na mesma cama que ela. Queria que ele pudesse ver como ela está me olhando, ansiosa pela minha atenção.

Não sei se está chateada, com ciúme ou curiosa. Às vezes, consigo entendê-la perfeitamente, e às vezes, o livro se fecha.

Então, como não sei, decido perguntar. “Você está com ciúme, Tess?”

Espero muito que esteja.

“Não, claro que não.”

Está mentindo descaradamente.

Resolvo provocá-la um pouco, já que ela praticamente pediu. Seu corpo está muito quente contra o meu. Nunca fiquei assim numa cama, agarrado numa menina depois de ter gozado na cueca. Nunca fiz isso antes, e também nunca me senti tão ligado a alguém durante uma atividade sexual, e certamente nunca dormi com outra pessoa. “Então tudo bem se eu contar alguns detalhes?”

Ela responde depressa. “Não! Por favor, não!” Eu a abraço com mais força e dou risada. Gosto de saber que a ideia a incomoda. Prefiro furar meus tímpanos a ouvi-la dizendo que transou com outro. Olho para o teto e tento me lembrar se algum dia pensei em como seria passar as noites com alguém na cama. Com exceção de algumas ideias malucas enquanto estava embriagado, nunca. Tessa

está calada, calada demais. Acho que pode ter adormecido. Pego meu telefone sobre a mesa e confiro que horas são. Nem meia-noite.

“Você não vai dormir, né? Ainda está cedo”, provoco.

“Ah, é?” A voz de Tessa está rouca de sono. Ela realmente pretendia dormir. Sinceramente, eu preciso dormir, mas quero passar mais tempo com ela. Tessa boceja, e eu reviro os olhos.

Quase minto e digo a ela que são só dez. “É meia-noite ainda.”

Aposto que ela dorme as oito horas por noite que os médicos recomendam. Por isso está sempre tão sorridente, feliz e tal.

“Isso não é cedo.” O segundo bocejo consegue ser ainda mais bonitinho.

Ela costuma ser fácil de convencer, então vou ver o que consigo. “Para mim é. Além disso, quero retribuir o favor.”

Tessa fica tensa nos meus braços. Consigo imaginar seu rosto corado. Sua mente provavelmente está a toda, imaginando que uma língua quente e molhada vai escorregar por sua boceta e fazer movimentos circulares em seu clitóris.

“Você também quer que eu retribua, não é?”, pergunto bem baixinho. Ela estremece ao meu lado, e é o sinal de que preciso. Ela olha para mim, com os lábios esboçando um sorriso. Passo meu outro braço ao redor de seu corpo e delicadamente a viro, para ficar por cima dela. Imagino sua boca aberta em êxtase. Ela puxa meus cabelos, e sinto sua umidade com a língua. Na realidade, Tessa passa uma perna pelas minhas costas e me puxa mais para perto. Meus dedos passam por sua coxa e vão até seu joelho.

É bom senti-la embaixo de mim. Seu corpo é uma tentação. Tenho certeza de que ela foi enviada para me torturar, para testar meu autocontrole. Uma voz baixa na minha mente me lembra de que talvez, quem sabe, tenha sido mandada para cá pelo motivo oposto. Talvez ela precise de mim, para ter uma nova perspectiva na vida. Provavelmente é besteira, mas talvez ela não esteja aqui para me castigar — talvez esteja aqui para me salvar.

“Tão macia…” Subo e desço a mão por suas pernas deliciosas de novo. Pensar no ponto onde as pernas terminam faz minha mente e minha cueca transbordarem. Ela estremece de novo, com a pele toda arrepiada. Adoro o modo sempre ardente como seu corpo reage a mim. Seu tesão parece que não acaba,

seu corpo responde a cada toque meu. Molho meus lábios e os pressiono no lado interno do joelho dela. Sua pele é muito macia e tem gosto de baunilha. Eu poderia devorar seu corpo todo em segundos. *Autocontrole… autocontrole…*

"Quero sentir seu gostinho, Tessa." Observo os olhos dela, esperando sua reação. Ela não faz ideia do nível de prazer que posso proporcionar. Minha língua vai deixá-la maluca — ela não vai querer que eu pare.

Os lábios carnudos de Tessa se entreabrem, e ela se inclina para mim, esperando que eu beije sua boca. Sua inexperiência é incitante e frustrante ao mesmo tempo.

"Não. Aqui *embaixo*." Levo a mão a sua boceta por cima da calcinha, e ela respira fundo. Seu peito se move para cima e para baixo, e tenho a impressão de que consigo sentir seus hormônios em polvorosa pelo corpo. Com toques delicados, eu a provoco, e a umidade de sua calcinha aumenta sob as pontas de meus dedos.

Ela já está encharcada, e eu digo isso em voz alta. Ela é tão linda, e sua beleza é ainda mais radiante quando ela está assim, inchada e molhada para mim.

"Fala comigo, Tessa. Diz o quanto você quer." É uma obsessão ouvi-la implorar por mim.

Meus dedos continuam a estimulá-la, concentrados em seu clitóris.

"Eu não queria que você parasse." Ela está ofegante. Adoro.

"Você ficou aí quieta", respondo. "Não sabia se você estava gostando."

"Não dava pra perceber?"

Eu ergo o corpo e me sento em cima de suas coxas. Não consigo ficar sem tocá-la. Meus dedos percorrem a pele macia de suas pernas, fazendo seu corpo se remexer sob o meu.

"Então fala", eu insisto. "Nada de balançar a cabeça, você precisa me dizer o que está querendo, linda." Adoro ouvi-la dizendo o quanto me quer.

"Eu quero que você faça." Ela aproxima seu corpo do meu. Tento conter minhas mãos para que ela me diga o que quer.

Levanto a sobrancelha.

"Você quer que eu faça o quê, Theresa?", pergunto.

"Você sabe… que você me beije."

Eu beijo seus lábios duas vezes. Ela franze o cenho.

“Era isso que você queria?”, provoco. Ela dá um tapinha em meu braço, brincando. Quero que ela implore pela minha língua.

“Que você me beije… lá embaixo.” Quando me movimento para obedecer, Tessa cobre o rosto e balança a cabeça. Não consigo conter o riso quando seguro suas mãos e as abaixo. Ela está fazendo uma cara feia. “Você está me deixando sem graça de propósito.” Ela está contrariada. Quando isso aconteceu?

Ela revira os olhos quando tento explicar que não consigo me controlar, só queria ouvi-la dizer aquelas palavras.

“Esquece, Hardin.” Ela puxa a coberta para cobrir o corpo e se esconder de mim. Droga. Está virada para o outro lado agora, olhando para a parede.

Detesto tornar o contato sexual uma experiência ruim para ela. Na cama comigo, ela deveria se sentir segura, podendo se desligar de todos os pensamentos e se esquecer de tudo, exceto do prazer que estou proporcionando. Eu estraguei tudo, e agora essa experiência vai irritá-la sempre que se lembrar disso. Eu não deveria ter insistido tanto. Ela é muito nova nisso tudo, e eu sou um imbecil.

“Ei, desculpa”, digo. Odeio brigar com ela. Eu só estava provocando; só não soube quando parar. Sou um trouxa às vezes, se por acaso ela ainda não percebeu.

“Boa noite, Hardin.” Sua voz está séria. Ela não está a fim de brincar comigo, então uso todo o meu controle para deixá-la em paz. A última coisa que preciso fazer é irritá-la ainda mais.

Viu, estou aprendendo, sinto vontade de dizer.

“Tudo bem, sua teimosa”, resmungo. Observo sua respiração calma, e então a abraço e tento dormir. Ela suspira algumas vezes, murmurando pensamentos incoerentes. Quando adormece, eu me sento e a observo por um tempo, tentando imaginar por quanto tempo vai ficar brava comigo, e se vou conseguir ser um bom namorado.

21



Tudo estava mudando tão depressa em sua vida, que ele mal teve tempo de acompanhar. Estava feliz… finalmente aprendera o sentido dessa palavra. Os dias passavam depressa demais para ele perceber o que estava acontecendo. Quando ela se abriu para ele, mergulhou de cabeça, criando um lar dentro dela. Ela deu a ele a parte mais profunda de sua inocência, e ele a tomou sabendo que não tinha direito, mas estaria mentindo se dissesse que gostaria que ela nunca descobrisse. Ele a estava amando e usando, e não sabia ao certo como poderia conciliar as duas coisas. Ele a amava, e sabia que isso não era desculpa para todos os erros que estava cometendo, um atrás do outro, mas esperava poder aproveitar o tempo que tinha com ela e possivelmente convencê-la de que merecia seu perdão.

Estou entrando no estacionamento do alojamento de Tessa e me perguntando qual é meu plano. Eu tinha uma ideia clara quando saí de casa. Iria ao quarto dela, contaria tudo e imploraria por seu perdão. Não era um plano totalmente sólido, mas era tudo o que eu tinha. A culpa está me consumindo, me corroendo, implorando para ser libertada. Fico apavorado ao pensar no que acontecerá quando eu contar, mas ela merece saber. Precisa saber.

Só bebi um pouco. Só alguns goles para me soltar.

Não posso enganá-la com meus beijos nem distraí-la com meu toque por mais uma hora. O estacionamento do prédio B nunca fica totalmente lotado, e paro na vaga mais próxima da calçada. O alojamento me faz lembrar de um prédio antigo com um monte de janelas, mas a parede vermelha de tijolos aparentes dá

um toque assustador. É o menos vigiado pelos funcionários da universidade. Eu sei — já me expulsaram dos prédios A e D.

Digito uma mensagem de texto rápida para a Steph para avisar que ela deve ficar longe do quarto, se estiver fora. Ela não responde, então saio do carro e torço para que não esteja lá. Tem uma mensagem de texto de Tessa logo abaixo, desejando boa-noite. Eu deveria ter respondido. Por que sou tão idiota?

O corredor está vazio, e eu fico parado na frente do quarto B20, e não do B22 sem notar durante cinco minutos, pelo menos. Não decido se devo bater à porta. Ela não está me esperando, exatamente, mas tenho certeza de que está aqui. Não, é melhor não bater. Não tem motivo para isso. Minhas mãos tremem quando giro a maçaneta. Quando a porta de madeira se abre, eu entro imediatamente, torcendo para não levar uma sapatada na cabeça nem encontrar Steph com um pinto na boca.

Meus olhos se ajustam ao quarto escuro quando a luminária é acesa.

“O que está fazendo?”, pergunta Tessa. Ela está sentada na cama com os olhos semicerrados por causa da luz forte.

Passo pela cama de Steph e paro a poucos metros da de Tessa.

“Vim ver você”, digo e, agora que estou diante dela, algo dentro de mim muda, se acalma. Ela se vira e deita de lado, apoiando a mão no quadril. Quando se senta, os pés descalços se movem em direção ao chão, e os cabelos loiros estão ondulados, cobrindo a maior parte de suas costas. A camiseta de algodão que está usando parece muito macia. Sinto vontade de tocar o tecido que cobre sua pele. Quero passar o polegar pela testa dela e afastar os cabelos soltos de seu rosto. Preciso tocar seus lábios.

Ela fecha a cara, franzindo as sobrancelhas, e parece um gatinho bravo.

“Por quê?” Sua voz está alta e muito estridente.

Sem saber o que fazer, eu me sento na cadeira diante da escrivaninha de madeira organizada. Depois de um momento de hesitação, respondo com sinceridade.

“Porque senti sua falta.”

A desconfiança e a raiva são claríssimas em seu rosto, e ela revira os olhos. Será que sentiu minha falta?

Eu a conforto em seu sono como ela faz comigo ou a assusto? Não faço a menor ideia.

Ela suspira e encolhe os ombros.

“Então, por que você saiu?”

Suas palavras saem delicadas. Demoro um pouco analisando o quarto de Tessa. A cama está desarrumada pela primeira vez; o edredom está amontoado na ponta do colchão, e um dos travesseiros está caindo do colchão. O lado de Steph no quarto está bagunçado, como sempre, e preciso controlar o riso ao pensar em como isso deve deixar Tessa puta da vida. Fico surpreso por ela não limpar o quarto quando fica sozinha. Até onde sei, é o que gostaria de fazer.

Dou de ombros, e ela cruza os braços. *Tenho muito a dizer, Tessa, por favor fique quieta pelo menos uma vez…* “Porque você estava me irritando.”

Ela bufa e bate os pés como uma menininha. “Certo, vou dormir. Você está bêbado e certamente vai ser um babaca de novo.” Ela balança a cabeça e fecha os olhos. Meu peito arde com a raiva dela, e meus punhos ardem por causa da minha raiva.

Tento convencê-la de que não estou sendo mau, que só estou um pouco embriagado, e que queria vê-la. Desesperadamente tento não me sentar na cama. Quero que ela se deite e me deixe tocá-la. Continuo com meu discurso e tento fazê-la sorrir.

Ela não está acreditando.

“É melhor ir embora”, diz ela. Ela se deita de costas para mim, virando-se para a parede. Uma teimosa é o que ela é. Dá raiva, mas é bonitinho também.

Se ela quiser agir como uma criança, vou tratá-la assim. “Ah, linda, não fica brava comigo.” Seus ombros ficam tensos, e eu gostaria de ver seu rosto. Apesar de ter dito isso para irritá-la, a palavra *linda* fica bem quando está relacionada a ela. “Você quer mesmo que eu vá? Sabe o que acontece quando durmo sem você.” Espero que a vulnerabilidade toque algo dentro dela.

Ela suspira de modo dramático, e eu prendo a respiração. Não quero ir embora. Não quero que ela queira que eu vá.

“Tudo bem. Você pode ficar, mas vou voltar a dormir.”

Ela não se vira. Eu tento imaginar a força com que bateria em mim se eu me

deitasse atrás dela ou segurasse seu ombro e a virasse para mim.

Não me importo que ela durma, mas gostaria de curtir sua companhia. Eu tinha o esboço de um plano quando apareci aqui, e agora está totalmente fora de questão. Ela já está irritada; não vai querer conversar se eu falar dessa merda agora. “Por quê? Não quer ficar conversando comigo?”, pergunto.

Mais uma vez, ela diz que sou um bêbado cruel. Digo que não sou nada disso, e que ela está agindo como uma criança.

“Não é uma coisa legal de dizer. Principalmente porque só perguntei sobre seu trabalho.”

“Ai, Deus, esse papo de novo, não. Deixa isso pra lá, Tessa. Não quero falar sobre esse assunto.”

Percebo que, se eu fosse sincero, a maioria de nossos problemas desapareceria. O problema é que ela iria embora com eles.

“Por que você bebeu?”, pergunta ela.

Parecia uma boa ideia. Eu estava tenso e triste e, quando tentei pensar, não consegui. O destilado torna minhas confissões menos importantes, menos ofensivas. Posso reclamar e, se ela se assustar, negar minhas palavras amanhã.

Bosta, não consigo parar de mentir.

“Eu… eu não sei… Só gosto de tomar uma… bom, *umas*. Pode parar de ficar brava comigo? Eu te amo.” Eu a amo de verdade e preciso ficar perto dela. Detesto que esteja brava comigo, mas, de um modo doentio, o fato de ela se importar comigo me oferece um consolo.

A raiva dela está diminuindo a cada segundo que passa. “Não estou brava com você, só não quero que a gente ande para trás. Não gosto quando é grosso comigo sem motivo e vai embora. Se está bravo, quero que converse comigo a respeito.”

O que é isso, um consultório de psicólogo? Demoro um pouco para perceber que ela está falando comigo como se estivéssemos namorando sério. O que está bem longe de ser a realidade. Ela está falando sobre nos comunicarmos melhor, mas então simplesmente se vira para o lado e me ignora. Estou me esforçando pra caramba por essa garota, e ainda assim não basta. Estou tentando ser razoável, não deixando minha raiva tomar conta, mas é difícil fazer isso com

alguém como Tessa, que me perturba o tempo todo.

"Você sempre precisa controlar tudo", rebato. Ainda não acredito que ela está tentando me dar conselhos a respeito de como lidar com os meus problemas. Como se ela soubesse de tudo, como acha que sabe.

"Como?" Sua voz sai estridente. Ela se inclina e apoia os cotovelos nos joelhos.

Digo que ela é muito controladora. Ela nega.

Tessa me pergunta se eu tenho mais alguma ofensa a fazer, e peço a ela para ir morar comigo. Ela fica tão surpresa quanto pensei que ficaria. Eu também, perplexo por minha boca ter escolhido esse exato momento para trazer o assunto à tona. Ela observa meu rosto com atenção, como se estivesse memorizando o que digo a respeito do lugar. Está animada, dá para perceber. Mas também está em dúvida, e não é boa em esconder isso. Vou mostrar que ela não tem nada a temer. Posso continuar sendo uma pessoa melhor por ela e fazê-la feliz. Sei que posso. A energia entre nós mudou drasticamente, e ela está mordendo o lábio inferior e me testando, e mal posso esperar para irmos morar juntos.

O turbilhão de verdades está pairando sobre nós, rodando e aumentando, pronto para desabar a qualquer momento. Finjo que estamos em um romance e que ela vai me perdoar como Elizabeth perdoou Darcy. Se fôssemos palavras em uma página, ela estaria nos meus braços de novo, independentemente do tamanho do meu erro, assim como Catherine. Sentiria falta da aventura que eu proporciono a sua vida e acharia impossível permanecer longe, assim como Daisy. O desastre não pode nos alcançar se estivermos seguros no nosso mundo, no nosso apartamento, no nosso livro.

Esse lugar será uma fortaleza, não uma prisão, prometo a ela em silêncio. As palavras morrem em minha língua, e eu me viro para ela de novo. Ela está me encarando com os olhos vidrados, tomados pela animação.

"Então, você vai morar comigo?"

Diga sim, Tessa. Por favor, diga sim.

Ela endireita os ombros, e uma alça de sutiã cor-de-rosa aparece. Eu pensava que ela só tinha lingerie preta e branca, de algodão. Fico olhando para seu ombro, esperando ver um pouco mais.

“Meu Deus, vamos dar um passo de cada vez. Por enquanto, vou parar de ficar brava com você”, diz Tessa, contemporizando à sua maneira. “Vem pra cama comigo.” Ela se deita na cama e bate a mão no colchão para me chamar. De repente, eu me transformo num cachorrinho cujo dono deixou que ele fosse para a cama. Desabotoo a calça jeans, desço-a pelas pernas e a jogo em cima de uma pilha de livros perto da cama de Steph. Olho para Tessa, que está concentrada na minha camiseta, sugerindo, sem nada dizer, que eu a tire. A camiseta fina de algodão que ela está vestindo é bem sexy, mas não existe nada igual a vê-la vestindo as minhas. Eu adoro quando ela as usa para dormir.

Quando a tiro e a coloco na frente dela, ela abre um belo sorriso e levanta a própria camiseta. Sua pele lisa é muito sensual, assim como as curvas de seus seios macios. Meus olhos quase pulam para fora ao ver seu conjunto de renda. Estou acostumado com os de algodão macio, com o sutiã simples que cobre seus seios, não um sutiã com bojo e renda nas bordas.

“*Porra*”, não consigo me controlar. “O que é isso?” Essa garota é tão sensual e nem faz ideia. Seu rosto está muito vermelho.

Sua voz não passa de um sussurro. “Eu… comprei lingerie nova hoje.” Ela está envergonhada, apesar de parecer uma deusa, com os cabelos loiros compridos, as pernas macias e os lábios carnudos implorando para eu enfiar meu pau entre eles…

Começo a imaginar o que mais ela comprou hoje, e como seria difícil convencê-la a experimentar tudo para mim em um show particular.

Nunca me excitei tanto com uma mulher na vida. Ela é muito sexy sem precisar se esforçar, e não tem ideia de quantas mulheres fariam qualquer coisa para ser ela, para ter seu corpo sensual e cheio de curvas. “Estou vendo… Porra!”

Tessa sacode a cabeça. “Você já disse isso.” Mas ela adora ouvir. Tessa se abre com meus elogios, e é muito, muito satisfatório. Fico surpreso todos os dias por ela não ver a si mesma como realmente é. Eu repito que ela está linda, e seu sorriso se escancara. Não consigo desviar os olhos de seus seios, puxados para cima pelo sutiã, e o meu pau não se controla dentro da cueca. Os olhos de Tessa estão focados nele, no meu pau inchado querendo sair da cueca preta.

Os olhos de Tessa estão famintos quando ela passa a língua no lábio superior, mordendo-o levemente. Ela diz algo para mim, mas eu não conseguiria repetir nem se minha vida dependesse disso.

“Hum…” Concordo com o que ela está dizendo. Não consigo pensar em mais nada além do modo como o corpo dela me chama; parece que ela foi feita para mim. Usando o joelho, eu apoio o peso de meu corpo sobre o dela e pressiono minha boca contra seus lábios molhados e carnudos. Sua língua está aveludada e molhada, macia e firme ao passar pela minha, derrubando minhas defesas e me curando ao mesmo tempo.

Esse jogo que estou fazendo é perigoso, estou caminhando na corda bamba, mas desenvolvi um talento e me equilibro. Se ela for morar comigo, vai ver como estou pronto para ser uma pessoa melhor. Vai ver que um erro é muito pouco em comparação a quanto a amo, em comparação ao que posso me tornar.

Sua boca está faminta pela minha. Ela é especialista nisso; sua língua se move com a minha, e a cada som que emite eu me apaixono mais. Passo a mão pelos seus cabelos macios, desesperado para me aproximar ainda mais. Pressiono meu corpo contra o dela, precisando de um pouco de fricção no meu pau para a coisa pegar fogo. O alívio que toma meu corpo quando me esfrego contra ela me assusta. Tessa controla minha mente e meu corpo, e não sei o que ela vai fazer com eles.

Eu me apoio no cotovelo, observando sua beleza. Seus lábios estão rosados agora e, na minha mente, estou percorrendo um livro todo de coisas que quero fazer com ela. Com a outra mão, toco a renda cor-de-rosa em seu peito; o tecido fino mal consegue conter seus seios.

Com paciência e muita delicadeza, passo os dedos sobre o bojo, por baixo da alça, enfio os dedos no tecido e sinto os mamilos duros. Ela é um paraíso.

“Não consigo decidir se quero que você fique com isto…” Eu poderia passar todas as horas de todos os dias com ela aqui, esperando meu toque. Aplico um pouco de pressão nos mamilos, e ela geme de surpresa.

Quero seus seios nus nas minhas mãos. “Tira”, resmungo. Estou com tesão e impaciente e, quando ela arqueia as costas enquanto abro os fechos, quase gozo na cueca. Toco seus seios carnudos, movimentando-os para cima e para baixo

para ver o modo perfeito como se movem. Os mamilos dela são perfeitos — ela é meu fetiche encarnado. “O que você quer fazer, Tess?”

Quero fazer tudo com ela. Coisas que nunca fiz, e reviver o que já fiz no passado de um jeito novo.

“Eu já disse”, responde ela, pressionando o seio em minha mão. É uma tarada, isso sim.

Estamos prontos? Ela está pronta? Acho que está pronta. Está ofegante, e consigo ver a umidade no fundo de sua calcinha à luz da luminária.

Desço a mão por sua barriga até a barra de sua calcinha de renda. Tento me controlar, mas ela geme, e eu preciso ouvir mais dos meus sons preferidos. Porra, ela me tem na palma da mão.

Toco sua boceta, batendo de levinho na elevação inchada, sentindo sua umidade. Seu odor gostoso toma o ar, e quero sentir seu gosto. Eu a penetro com os dedos, até os nós dos dedos. Ela geme alto. Esse som me domina quando ela me abraça para acalmar o corpo trêmulo. É apertadinha ao meu toque, e puxa o ar sempre que penetro sua boceta.

As mãos de Tessa estão descontroladas quando encontram meu pau duro, tocando-o com a palma, apertando e me acariciando por cima da cueca.

“Você tem certeza?”, pergunto. Preciso que ela tenha certeza absoluta. Preciso que seja tão perfeito para ela quanto será para mim.

Tessa demora um pouco para perceber que estou falando com ela. Seus lábios estão entreabertos, e seus olhos, arregalados.

“Sim, tenho certeza. Não pensa demais.”

Abaixo a cabeça e dou risada contra seu pescoço. A ironia disso está me matando. Ela é quem costuma pensar demais, mas agora sou eu. Estou muito perto de finalmente tê-la, e o momento está sendo arruinado por causa da maldita aposta. A culpa que tenho levado comigo desde que me apaixonei está pesando sobre mim. Estou vivendo um dilema: o mocinho que ama a mocinha e o vilão que é perturbado demais para amar alguém estão no meio de um duelo. Cada um quer algo diferente da princesa. O garoto de preto cai no chão.

“Eu te amo. Você sabe disso, certo?”, digo enquanto a beijo. Será que ela consegue perceber meu pânico?

Se consegue, não demonstra. “Sei…” Ela me beija, lenta e delicadamente. “Amo você, Hardin.”

As pernas de Tessa estão se movimentando como se seu corpo não conseguisse tolerar o prazer dos meus dedos penetrando-a. Ela está gemendo meu nome e, na minha cabeça, aparecem imagens de seu corpo embaixo do meu enquanto sinto o cheiro de sua pele e tomo seu corpo. Mas só se a atitude partir dela… Esse vai ser o limite. Levo os lábios ao seu pescoço para estimulá-la de um jeito diferente. Chupo a pele macia dali, sentindo o calor do sangue correndo sob a superfície. Ela é minha.

“Hardin, eu vou…”, ela geme quando a deixo. Está prontinha, preparadíssima para ser devorada. Nesse momento, me torno um homem faminto. Preciso beijá-la. Eu me deito na cama, tiro sua calcinha e abro suas pernas. O cheiro é delicioso, inebriante. Nunca senti nada parecido com essa fome que me toma por dentro. Meus lábios traçam um caminho até sua barriga. Ela está encharcada. Sopro a região e me delicio com a maneira como ela geme, erguendo o traseiro da cama. Eu mergulho.

Seu gosto toma meus sentidos quando passo a língua pelo seu corpo. A cada gemido, minha língua lambe mais forte, com mais precisão, e ela agarra os lençóis brancos para não gritar.

“Isso é bom?”, pergunto, tomando o cuidado de deixá-la sentir meu sopro.

Ela responde ofegante. “Muito…”

Eu a chupo e lambo, deixando-a toda trêmula e gemendo.

Quero dar a ela todo o incentivo de que precisa. “Isso, linda, goza para mim, preciso sentir em minha língua.” Ela obedece. Fico maluco ao senti-la gozar, não estou mais embriagado com a bebida; agora estou embriagado pelo poder.

Monto sobre ela, com o pau encostado a sua barriga, e a beijo. Ela sai do estado de transe e me beija com intensidade. Ela já está pronta para mais. Estou impressionado. “Você tem…”, pergunto a ela, para ter certeza.

Ela assente na hora, encostando os lábios nos meus.

“Shh… Sim, tenho certeza.” Ela finca as unhas nas minhas costas quando me beija de novo. Seus lábios sugam os meus, sua língua entra em minha boca, e fico louco de novo. Ela puxa minha cueca para baixo, e a sensação de estar nu e

tão duro contra sua pele me deixa doido.

Preciso entrar nela… Tenho que tomar o corpo dela.

Isso vai mudar tudo. Nenhum de nós será o mesmo de novo. Ela não será mais uma menina inocente; será uma mulher com vida sexual. Terá que marcar a opção de “sexualmente ativa” quando for ao médico. Um dia, quando se casar, terá que contar ao cara que ela transou comigo. Qualquer assunto sobre suas experiências sexuais do passado será a meu respeito. Eu sinto uma culpa enorme, mas também uma satisfação muito grande. É uma experiência libertadora, mas também assustadora.

“Tessa, eu…” Preciso contar. Meu corpo está se dilacerando.

“Shh…”, ela faz de novo. Não tem ideia do que está dizendo.

Sinto o peso do meu corpo sobre o dela, o encaixe perfeito. Observo seu rosto, tentando guardar o momento para sempre. “Tessa, preciso dizer uma coisa…”

“Shh. Hardin, por favor, para de falar.” Ela está me implorando agora. Seus olhos estão cheios de amor e excitação. Ela assume o controle antes que eu possa dizer mais alguma coisa e me beija na boca. Sua mão segura meu pau duro, e ela começa a me masturbar, me provocando e me acalmando ao mesmo tempo. Respiro fundo quando seu polegar passa pela cabecinha molhada pelo líquido pré-ejaculatório.

“Vou gozar se você fizer isso de novo”, aviso, gemendo. Quero sentir seus dedos delicados contornando a cabeça do meu pau, me provocando, me fazendo pedir mais.

Acima de tudo, preciso me enterrar dentro dela. Agora.

Ela não deve ter camisinha, e fico meio envergonhado por sempre andar com uma. Não tenho algumas regras no que diz respeito ao sexo, mas de usar preservativo eu não abro mão.

Tessa está olhando para mim da cama enquanto pego a calça do chão e remexo nos bolsos. Eu me sinto como um pervertido, levando um preservativo na carteira na esperança de trepar.

Olho nos olhos ansiosos de Tessa e me esqueço disso. Volto para a cama, com a camisinha na mão. Espero um pouco para que ela a pegue da minha mão, mas isso não acontece. Não é à toa, ela provavelmente nunca viu um preservativo

fora da aula de educação sexual.

“Você…” Não sei como perguntar se ela quer tentar colocá-la em mim. Algumas mulheres gostam de fazer isso, outras não.

Ela fala mais alto. “Se perguntar de novo se tenho certeza, eu mato você.”

Eu acredito nela.

Então eu escolho a opção dois, que é aproveitar o momento. Faço que não com a cabeça e balanço a camisinha na frente dela.

“Eu ia perguntar se você vai me ajudar a colocar ou se devo fazer isso sozinho.” Eu sou mais rápido, com certeza.

Tessa parece nervosa, mordendo o lábio. Meu pau está latejando por ela. Sinto vontade de transar sem camisinha mesmo.

Preciso me lembrar de que essa ideia é muito idiota.

“Ah, eu quero ajudar… mas você precisa mostrar como se faz.” Ela é muito tímida e muito sensual. Seus seios, tão pesados e redondos, estão me distraindo. Preciso acelerar esse processo.

“Certo”, concordo. Tessa se aproxima de mim e cruza as pernas. Quero ensiná-la, mas estou meio fora da realidade. Estou quase todo em cima dela, quase dentro dela. Ela está gemendo e arranhando minhas costas e meus braços. Está implorando por mais, está gozando, e estou tomando seu corpo.

“Nada mal para uma virgem e um bêbado”, Tessa provoca quando a camisinha está posicionada. Digo a ela que não estou bêbado, e explico que sua boca gostosa me deixa sóbrio.

“E agora?”, pergunta ela, interessada.

Eu guio sua mão ao meu pau.

“Está com vontade?”, pergunto a ela.

Ela assente.

“Eu também”, digo. Estou com *muita* vontade, nunca quis nada quanto quero isso. Ela ainda está me masturbando; meu pau duro está em sua mão. Eu me posiciono entre suas pernas e as afasto com o joelho.

Mais uma vez, sua boceta está molhada. “Você está bem molhadinha, então

vai ser mais fácil.” Consigo sentir seu cheiro de novo. Ela responde tão bem, e isso me deixa maluco. Eu a beijo, encostando os lábios nos cantos da sua boca macia, do seu nariz e da sua boca de novo. Tessa me abraça, e eu respiro fundo quando ela se ergue. Eu passo o pau em sua umidade e quase explodo. Ela está impaciente, e me puxa para mais perto.

Eu a alerto. “Devagar, linda, precisamos ir devagar.” Beijo sua testa. Não quero machucá-la. Eu não a machucaria. “Vai doer no começo, então diga se quiser que eu pare. Estou falando sério, tá?” Olho para ela. Suas pupilas estão dilatadas, seu rosto está corado, e seus cabelos estão despenteados sobre o travesseiro.

“Tá.” Ela hesita. Olho para ela, para fazê-la se lembrar de que eu a amo, preciso dela e a valorizo. A cada respiração, vejo que se abre mais, e a penetro com delicadeza. Sinto sua vagina apertada a cada movimento, e paro quando ela fecha os olhos com força.

“Você está bem?”, pergunto, ofegante. Ela está assentindo, seus lábios estão contraídos. Ela é muito quente, apertadinha para mim.

“*Porra*”, solto um gemido quando ela me aperta de novo.

“Posso me mexer?” Porra, eu preciso me mexer. Eu sabia que penetrá-la seria o paraíso, mas não fazia ideia de que seria tanto assim.

Ela respira fundo algumas vezes e responde: “Sim”. Vou devagar, não quero machucá-la. Consigo senti-la mais leve em meus braços a cada beijo meu. Beijo seu pescoço, sua boca linda, seu nariz. Amo cada centímetro de seu corpo. Cada centímetro do *meu* corpo.

Eu repito o quanto a amo enquanto entro e saio dela lentamente. Seus olhos ainda estão fechados, mas ela não está demonstrando nenhum sinal de desconforto. Quando vinte segundos se passam e ela não responde, eu paro. “Você… porra… você quer que eu pare?”

Ela nega com a cabeça, e fecho os olhos de novo. Consigo sentir cada centímetro dela sob o meu corpo. Sua pele macia, seu corpo se moldando ao meu. Ela é minha agora e para sempre, mesmo depois de sairmos dessa cama. Eu mantenho o ritmo, e ela me abraça. Consigo sentir meu coração no peito, bombeando e ganhando vida conforme me aproximo do limite. Nunca senti nada

assim durante o sexo.

Eu me sinto vivo e radiante. Quando olho para meu amor, ela está olhando para mim com admiração, e agora sei que, de alguma forma, tudo vai ficar bem.

A força de Tessa me surpreende de novo quando uma única lágrima desce por seu rosto. Eu a beijo e elogio, pois ela merece. “Você está se saindo muito bem, linda. Eu te amo demais.” Seguro seus cabelos e beijo a pele suada do seu pescoço.

“Eu te amo, Hardin”, Tessa declara. É só disso que preciso para chegar lá.

Beijo sua boca, lambendo seus lábios e a língua com intensidade. “Ah, linda, eu vou gozar. Tudo bem?” Minha coluna está pegando fogo, sua pele está suada e brilhando. Estamos malucos.

Tessa assente, me incentivando a gozar nela. Nesse momento, sinto raiva da barreira entre nós. Quero preenchê-la — quero que ela seja minha de todas as maneiras. Ela beija meu pescoço, e eu fico tenso, meu corpo cede ao prazer, e digo seu nome entredentes enquanto gozo. Eu me deito sobre ela, recuperando o fôlego, e ela acaricia minha pele com carinho.

Tudo mudou agora. Eu mudei tudo entre nós. Eu a conforto e ignoro a pressão da verdade, que está ameaçando me queimar vivo. Enquanto a acaricio, rezo para que quem estiver ouvindo não deixe meu mundo virar um monte de cinzas.

22



Tudo começou a ir por água abaixo para ele, e o castelo de cartas que construiu estava se tornando mais frágil a cada dia. A cada menção a suas mentiras, ele entrava em pânico, procurando criar uma saída. Tinha certeza de que fora amaldiçoado na infância… não havia outra explicação para o sofrimento com o qual lidava. Estava começando a se perguntar se Tessa era sua salvação ou sua maior maldição. Ele a tinha, todas as partes dela, mas ainda assim ela se afastava a cada segundo.

Tessa está no estágio quando passo pelo quarto dela alguns dias depois. Segundo Molly, Steph está enlouquecendo. Existem sinais de que Steph pode estar perdendo a cabeça, e preciso conversar com ela antes que isso aconteça.

Quando chego ao quarto, Steph está deitada na cama, com os cabelos ruivos todos despenteados. As madeixas estão presas com grampos na cabeça. A maquiagem está escura; a sombra cinza cobre suas pálpebras, fazendo com que pareça uma assombração. Sua pele está pálida, e seus lábios estão vermelhos.

“Ela não está aqui”, diz Steph, e abaixa a tela do laptop de Tessa. O que isso está fazendo aqui? “Só estou vendo um filme. Relaxa, doente.”

Pego o laptop da cama e o enfio embaixo do braço. “Sei que ela não está. Eu queria falar com você”, digo a ela. Ela se apoia em um dos cotovelos, e os seios se elevam embaixo do vestido justo, revelando uma boa parte.

“Falar comigo sobre o quê?” Seus olhos estão frios enquanto ela espera minha resposta. Sempre soube que tem um parafuso a menos, mas nunca sei até que ponto pode ser perigosa. Todo mundo tem um ou outro parafuso solto, mas no

caso da Steph às vezes parece que não é só isso. Eu achava que ela fosse uma garota legal, mas acabou se mostrando bem louca.

"Você sabe sobre o quê." Eu me sento na cama de Tessa e me viro para Steph.

"Molly ligou para você", diz ela, ligando os pontos. "Ela está ficando tão chata, não é?" Steph joga a cabeça para trás e se senta. "Não vou contar nada para a Tessa. Sei que você só está aqui para implorar para que eu não diga nada a ela. Não vou falar."

"E que garantia eu tenho para acreditar nisso?", pergunto, e ela cobre os dentes com a língua.

"Acredite se quiser. Eu já me diverti com isso. Mas agora estou entediada, e começando a me sentir mal por ela." Para ser sincero, isso me surpreende totalmente.

"Ah, é?" Eu me sento na beira do colchão de Tessa e apoio os cotovelos nos joelhos.

Ela começa a rir — rir alto e de verdade —, e eu suspiro. Eu deveria saber. "Não, claro que não. Mas estou entediada, sim." Observo quando ela puxa o vestido para baixo para expor mais os seios. Eu desvio o olhar.

Isso é pela Tessa. Preciso tomar cuidado para não causar um escândalo.

"Mas você já deve ter quase acabado o que tinha que fazer com ela, com certeza."

Quase acabado? Ela está maluca?

"Não é? Você trepou com ela… agora já era. É assim que as coisas são para você."

O mais esquisito é que Steph não está tirando sarro da minha cara, só está fazendo uma constatação. Com base no meu histórico, sua avaliação estaria correta, mas Tessa me exigiu mais tempo do que qualquer outra.

Tessa me fez lutar por ela, porque vale muito a pena. Pena que estraguei tudo.

"Não…" Pigarreio. "Não acabei."

Steph revira os olhos e lambe os lábios. "Sabia que não. Quantas vezes você já trepou com ela? Ela *ainda* está apertada? Sei lá, mais cedo ou mais tarde você sempre estraga tudo."

Meus olhos devem parecer prestes a pular para fora das órbitas, porque ela se

afasta mais.

"*Está*?", Steph repete. "Tenho certeza de que ela está no jeito para você. Agora pode seguir em frente, e ela pode ir embora. Já sei que é o que vai acontecer."

"Você não gosta dela mesmo." Coço a nuca. Tessa pensa que Steph é sua amiga, e não quero me meter nisso se não precisar. Mas, se Steph aprontar alguma para Tessa, eu seria obrigado a me envolver.

"Não, não gosto dela mesmo. Vamos seguir em frente. Dá um pé na bunda dela e volta a ganhar um boquete da Molly um dia sim um dia não."

"Vou continuar com a Tessa." Não sei como dizer isso a ela. Não quero que Steph tenha mais poder sobre mim do que já tem, mas também não quero que fique com a impressão de que Tessa não é uma presença permanente na minha vida.

Ela ainda não é, mas estou torcendo para encontrar uma maneira de fazer isso acontecer.

Mas isso não é da conta da Steph. Porra, que bagunça. Uma baita bagunça.

"Por que você veio aqui, Hardin? Sei que não foi só para ver minha boca grande." Ela lambe os lábios de novo e pressiona os braços nas laterais do corpo para destacar os seios de modo muito sutil.

Por um momento, perco a paciência e me levanto. "Você tem que estar louca se acha que vou encostar em você!"

"Tessa não é especial. Não sei por que você e Zed estão tão obcecados com ela."

"Zed não é relevante nessa conversa." Minhas mãos estão tremendo, e vejo que Steph está cada vez mais contente consigo mesma e com a reação que me causou ao mencionar o nome de Zed.

Não se deixe afetar por ela, Hardin.

Ela está me irritando de propósito, e estou deixando. Como é que minha avó dizia?

Merda, não me lembro.

"Zed é uma parte *bem* relevante…"

"Chega." Junto as mãos e as levo ao meu rosto. Aperto o nariz entre os olhos,

inspiro e expiro.

Vim aqui para conversar com ela sobre a preocupação de Molly, para ter certeza de que Tessa não sairia prejudicada, por minha causa, em uma atitude maluca ou doente da parte de Steph. Mas, agora que estou aqui, Steph está sendo um ser humano excepcionalmente terrível e, sinceramente, estou bem a fim de ser idiota. O fato de Steph agir como a Rainha dos Idiotas faz com que eu perceba que não estou diferente do que era antes de Tessa. Pensei que fosse melhor do que Steph e os outros, de alguma forma, mas aqui estou. Vou para o inferno ao lado dela.

Não consigo me controlar e começo a perturbá-la. Quero fazer com que ela se sinta tão mal quanto me sinto. Olho para Steph e abro o maior sorriso. “Talvez você devesse se preocupar com seu namorado e com o jeito como ele olha para a Molly. Eu já vi os dois sozinhos algumas vezes…” Digo algumas outras coisas sobre eles — nem sei o que, sinceramente — e, quando termino minha mentira, os olhos dela estão marejados, irados, e eu estou triunfante.

“Mentira sua.” Ela está tentando controlar as lágrimas. *Isso*.

“Não é, para o seu azar”, digo a ela. Coloco o laptop de Tessa na primeira gaveta da cômoda. Preciso tirá-la desse alojamento, e logo.

Antes que Steph possa dizer mais alguma coisa, eu saio do quarto. Quando entro no carro, o bom senso retorna. Percebo que minha atitude foi muito idiota. Steph não é como a maioria das garotas. Não vai controlar a raiva e esperar o momento certo para atacar. É irracional, e consigo imaginá-la informando todos os detalhes da aposta a Tessa, exagerando muito. Eu mesmo deveria contar — deveria dizer a Tessa toda a verdade nojenta antes que ela descubra. Isso tem me corroído por dentro.

Saio do carro e caminho de volta até o alojamento para tentar outra conversa com Steph.

Mas ouço a voz de Tessa assim que chego perto da porta. *Merda*.

Eu me recosto na superfície de madeira, ouvindo a conversa das garotas. “Acho que Tristan não teria nada com ela. Vejo como olha para você. Ele gosta de você de verdade. Acho que você só precisa conversar com ele”, ouço Tessa dizer. Pressiono a orelha ainda mais contra a porta e espero que ninguém passe

por ali.

“E se ele estiver com ela?”, pergunta Steph.

Ela acreditou naquela merda?

“Não vai estar.” Tessa consola sua colega de quarto.

“Como você sabe? Às vezes, a gente acha que conhece as pessoas, mas não conhece”, diz Steph.

Que merda. Steph vai contar tudo. Vai contar *agora*.

“Har…”

Eu abro a porta.

“Oi…”, digo quando entro no quarto. Elas parecem estar bem próximas; quem visse de fora pensaria que são amigas. “Hum… é melhor eu voltar depois?”

“Não, vou procurar Tristan e me desculpar.” Steph se levanta. “Obrigada, Tessa.” Ela abraça Tessa e olha para mim, deixando claro que ainda não terminou.

Distração… preciso de uma distração. “Está com fome?”, pergunto enquanto Steph se prepara para sair.

“Estou”, diz ela, passando a mão na barriga. Está distraída agora, e não parece notar o olhar de ódio que Steph lança para mim.

23



A paranoia tomou conta dele, afastando-o cada vez mais. Ele tentou se apegar ao restinho de esperança de que poderia ter a vida que queria com ela. Tentou criar planos e mais planos para salvar a única coisa boa que já tinha acontecido em sua vida. Implorou aos inimigos, e pediu aos amigos, seu silêncio. Nenhum de seus planos funcionaria, nada seria capaz de esconder o que fez com ela, e ele sabia que tudo acabaria explodindo em sua cara.

Levo Tessa ao shopping, onde meu azar prossegue quando nos sentamos na praça de alimentação antes de decidir em qual lugar comer. A paranoia parece estar me assombrando, me seguindo para todos os lados. Não consigo parar de pensar em tudo que Steph pode ter contado. Ela sabe de tudo que venho tentando esconder? Vai finalmente me ver como sou, indigno de tê-la?

Eu mexo na comida do prato, distraído, enquanto Tessa come devagar e me observa o tempo todo. O que ela está procurando? Sinais de mentira vindo à tona?

“Podemos comprar sua roupa primeiro”, digo. Ainda não acredito que concordei em ir ao casamento. Vai ser muito esquisito para mim, e meu único plano é me concentrar em Tessa e não me lembrar de nada que aconteceu antes de três meses atrás.

“Bom, você tem a sorte de ficar linda com qualquer roupa.”

O rosto dela fica corado com meu elogio. “Você é que faz o tipo que não liga para o que usa, mas está sempre lindo.” Ela está rindo, e meu peito dói um pouco menos ao ver seu sorriso.

“É verdade.” Sorrio para ela. Mas Tessa fica linda de qualquer jeito também. Muito mais do que eu, e nem se esforça para isso.

O telefone de Tessa vibra sobre a mesa. Ela está se comportando de um jeito bem normal para alguém que sabe que está sendo usada assim. Talvez ela esteja agindo normalmente de propósito para me distrair até poder se vingar.

Ou talvez realmente não saiba.

“Landon”, ela diz enquanto leio o nome na tela. Meu coração dispara, descontrolado. Ela atende ao telefone, e observo sua boca enquanto fala. Ela morde o lábio inferior por alguns segundos e me olha de cima a baixo.

Pensei numa maneira de impedir que ela fique sozinha com Steph. Preciso mantê-la mais perto de mim a partir de agora. Estou sendo muito relaxado em relação a tudo isso. Preciso tê-la ao meu lado o tempo todo.

“Certo, vou fazer meu melhor para ele usar uma gravata”, diz ela ao telefone, e fica claro a quem se refere quando diz “ele”.

Ela encosta a mão no rosto e apoia o cotovelo na mesa. É insistente, mas é linda. Uma gravata? Vai ter que se esforçar muito.

Tessa começa a dizer outra coisa a Landon, mas olho para o meio da praça de alimentação, onde vejo Zed, Jace e Logan. Estão vestidos cada um de uma maneira diferente, cada um querendo afirmar quem é por meio de suas roupas. Logan é o cara descolado, meio punk com cara de novinho, menos fodão do que os outros dois. Zed, alto e moreno, parece ser modelo de uma loja de roupas de couro, apesar de estar no shopping no intervalo entre as aulas. Sua presença não combina com o lugar. Jace parece o delinquente, aquele de quem todas as adolescentes precisam manter distância.

“Já volto.” Eu me levanto da mesa e deixo minha comida. Graças a Deus ela está ao telefone, assim não vai me acompanhar. Não agora.

Logan está passando protetor labial quando me aproximo deles. Jace está com uma cara péssima, e Zed parece bem estressado. “Que bom ver você também”, diz Logan, e bate o pé no chão enquanto Jace ri alto, uma risada descontrolada. Os três estão com as pupilas dilatadas e com veias vermelhas finas nos olhos. O cheiro é de maconha e de fumaça de cigarro. Se Zed e Tessa se beijassem, ela gostaria desse gosto de tabaco?

“O que vocês estão fazendo aqui?”, pergunto, olhando para Tessa de canto de olho.

“Onde? No shopping, um lugar público?”, pergunta Jace.

Respiro fundo, lançando uma ameaça silenciosa a ele. Se estragar tudo hoje, não terei problemas em acabar com ele.

“Só estamos na área”, Logan explica. Ele dá de ombros e olha para mim com uma certa compreensão. Sabe bem com o que estou me preocupando, e de algum modo está me dizendo que não é esse o motivo pelo qual estão aqui. “Sério”, ele insiste, e eu relaxo um pouco.

“Onde está sua cachorrinha?” Jace põe a língua para fora de um jeito nojento. Zed se retrai, e Logan ignora todos nós e olha para a tela rachada de seu iPhone.

“Ah, ela está ali!”, Jace fala mais alto, e quase parto para cima dele. É um cara muito escroto, bem parecido com meu amigo Mark, que tratava as pessoas como brinquedos e não sentia remorso de suas atitudes idiotas. *Mas acho que sou igual,* penso ao me lembrar da aposta e de que, no fim das contas, fui eu quem ficou com o prêmio.

“Para com isso”, digo, dando um passo à frente, e Jace abre um sorriso maldoso. Ele adora me deixar agitado. Ele está me irritando de propósito. Ele sabe disso, com certeza, e logo Tessa vai saber também.

“Ela está vindo.” Logan ainda está olhando para o telefone, mas nos avisa da presença de Tessa. As palmas das minhas mãos estão ensopadas, e a pele dos meus dedos se estica sempre que cerro os punhos. Eles vão destruir minha vida agora, aqui neste shopping em uma cidade de merda dos Estados Unidos.

“Oi, Tessa, como você está?”, pergunta Zed, e eu dou um passo à frente. Ele a abraça, e sinto vontade de arrancar os braços dele.

“Hardin, você não vai apresentar sua amiga?”, Jace se vira para mim, e seus olhos vermelhos são puro sarcasmo.

“Hum… sim. Esta é minha amiga Tessa. Tessa, este é Jace.”

Tessa franze o cenho com raiva, e eu olho ao redor, confuso. Por que ela está brava? Observo seu rosto e espero que ela olhe para mim. Não olha.

“Você estuda na WCU?”, ela pergunta a Jace. Por que ela sempre precisa ser educada com todo mundo? Fica claro que ela não tem muito traquejo social;

parece ter zero senso de malícia.

“De jeito nenhum. Não sou chegado em faculdade.” Ele ri, e Tessa relaxa um pouco. “Mas, se todas as garotas forem como você, posso reconsiderar.”

Tessa parece um pouco assustada, e eu estou fazendo uma relação mental dos tons de roxo em que posso deixar a cara de Jace se começar a estrangulá-lo.

“Vamos ao porto hoje à noite. Vocês deveriam aparecer por lá”, diz Zed.

Aparecer? Vai se foder, Zed.

“Não podemos. Talvez da próxima vez”, digo, pondo fim à conversa.

“Por que não?”, pergunta Jace, claramente me desafiando na frente de Tessa e Zed.

“Ela tem que trabalhar amanhã. Acho que posso ir mais tarde. Sozinho.” Deixo claro para todos. As coisas não vão voltar ao normal entre nós. Vai ser difícil, mas sou tonto o suficiente para achar que posso escapar dessa. Eu ganhei a aposta, ela é minha, e Zed pode apodrecer, não estou nem aí.

“Que pena.” Jace sorri para Tessa, e eu me esforço para me controlar. Ele está me provocando. Está fazendo o jogo infernal do qual concordei em participar como se eu fosse um ratinho e ele tivesse um belo pedaço de queijo para mim.

“Bom, ligo para vocês mais tarde quando estiver indo”, minto para ele.

Tenho que pensar no que fazer em relação a ele. Jace está louco para encontrar um momento para contar a Tessa sobre a aposta… ele é um idiota desse nível. Mas sei que, se eu tocar nesse assunto com ele, só vou incentivá-lo a abrir sua boca grande ou plantar a ideia em sua cabeça caso ainda não tenha pensado nisso sozinho.

Os três se afastam, e Tessa olha para eles sem esconder sua contrariedade. Fico calado e aturo o acesso de raiva dela na Macy’s. Ela anda mais depressa, de um jeito infantil e petulante, para mostrar que está brava, e também fecha a cara.

“O que foi?”, pergunto. Alguma coisa sempre parece estar errada com ela. Estou dizendo alguma coisa, fazendo alguma coisa, ou então alguém olhou torto para ela… sempre tem alguma coisa.

“Ah, não sei, Hardin!”

“Nem eu! Você acabou de abraçar Zed!”, grito com ela. Só consigo pensar nela abraçando Zed, e ela vem arrumar confusão comigo agora?

“Você tem vergonha de mim ou algo assim? Olha, eu entendo, não sou exatamente a garota mais legal, mas pensei…”

Não entendo aonde ela quer chegar com isso. Está pensando que sinto vergonha de estar com ela? Por que sempre faz isso?

“O quê? Não! É claro que não tenho vergonha de você. Está maluca?”

Ela está maluca. Nós dois estamos.

“Por que você me apresentou como amiga? Quer que a gente more junto, mas aí diz que somos amigos? O que você vai fazer, vai me esconder? Não vou ser o segredo de ninguém. Se não sou boa o suficiente para que seus amigos saibam que estamos juntos, então não quero ficar com você.”

Como posso dizer que ela é mais do que uma amiga? Ela vai me odiar mais do que odiaria um inimigo quando meu tempo acabar. Tessa é muito mais do que um segredo para mim. Não estou tentando escondê-la. Não quero mais deixá-la escondida. Quero exibi-la com o maior orgulho, e mostrar para todo imbecil que ela é minha. Só minha. Mas sou idiota demais para conseguir fazer as coisas darem certo entre nós, e por isso tenho que esconder a coisa mais linda, o único tesouro da minha vida toda. Tenho que escondê-la, em vez de deixar que floresça ao sol, e isso está me matando por dentro.

“Tessa! Que droga…”, digo, e ela olha em direção ao provador da seção feminina da loja. “Vou atrás de você”, aviso. Estou falando sério. Gostaria de entrar no provador e transar com ela na frente do espelho de corpo inteiro.

Ela levanta as sobrancelhas e contrai os lábios. Sabe muito bem que vou atrás dela. Eu iria atrás dela até a vala mais profunda do inferno se me pedisse.

“Quero ir para casa. Agora”, ela exige. Ir para casa? Tudo por causa de uma briga idiota? Tessa reafirma sua posição caminhando na minha frente e saindo da loja até chegar ao carro. No estacionamento, tento abrir a porta para ela, mas Tessa não deixa.

“Já cansou de dar chilique?”

“Chilique? Você não pode estar falando sério!” Ela está gritando.

“Não sei qual é o problema de ter chamado você de amiga. Só fui pego de surpresa.” Uma meia verdade.

“Se tem vergonha de mim, então não quero ficar com você.” A voz dela está

trêmula. Está tentando se controlar para não chorar. Já conheço bem seu jeito para saber que está pressionando as unhas nas pernas e que os olhos acinzentados estão cheios de lágrimas. Mais lágrimas provocadas por mim.

"Não diz isso." Passo as mãos pelos cabelos oleosos, querendo arrancá-los fio a fio. "Tessa, por que acha que tenho vergonha de você? É ridículo." Não tenho motivos para sentir vergonha dela; no mínimo, é o contrário. Para meus amigos, ela é uma piada; todos os momentos que passei com essa garota não valem nada. Eu transformei tudo em nada, e ela vai descobrir logo e não tem nada que eu possa fazer para impedir que esse trem desgovernado acabe com a minha vida de novo. Eu a estava reconstruindo, mas agora estraguei tudo.

"Divirta-se na festa hoje", diz ela, fazendo bico no assento do passageiro.

"Eu não vou. Só disse aquilo para o Jace sair do meu pé." É verdade. Não quero ir a uma festa idiota. Quero ficar dentro de Tessa a noite toda.

"Se não tem vergonha de mim, então me leva à festa."

Eu deveria saber que ela faria isso. Tudo é sempre um jogo para ela, tudo.

"De jeito nenhum", respondo.

É claro que fomos à maldita festa porque, mais uma vez, Theresa Young conseguiu o que queria.

Conforme os dias passam, eu me sinto mais à vontade com a mentira, mais do que gosto de admitir. Finjo que tudo não está ruindo lentamente, que pequenos pedaços daquilo que nos mantêm de pé não estão caindo a cada minuto que passa e que não conto tudo. Não posso contar. Não posso abrir esse ninho de cobras e deixar que elas nos destruam. A verdade vai nos afogar; não tem como fugir disso. É inevitável, assim como meu amor por Tessa.

"Então… seja bem-vinda ao lar", digo quando o corretor sai do apartamento, finalmente. Pensei que ele nunca mais iria embora. Tessa ri, cobrindo a boca com as costas da mão, e caminha na minha direção. Eu a abraço, agradecendo a quem quer que a tenha dado a mim por deixar que fique um pouco mais antes de ser arrancada de minha vida. Mereço um pouco de felicidade, não?

"Nem acredito que moramos aqui agora. A ficha ainda não caiu." Os olhos

dela estão curiosos, animados e vivos de um jeito que só vi quando a conheci. Eu dei a ela liberdade num sentido muito amplo. Dei a ela um lindo apartamento, onde pode ser quem é, a versão que ninguém pode julgar, nem exigir coisas. Sua mãe não está aqui para dizer que ela deve escovar os cabelos, e Steph não está aqui para pensar em modos manipuladores de nos magoar.

"Se alguém me dissesse que estaria morando com você, ou até namorando você, dois meses atrás, teria dado risada ou um soco na cara da pessoa… ou as duas coisas." Dou risada e seguro seu rosto entre as mãos. Ela está muito quente, e as faces estão coradas de alegria.

"Ah, mas que gracinha." Ela apoia as mãos no meu quadril e se inclina para mim. A cabeça pesa em meu peito, minha âncora. Minha vida está perfeita pela primeira vez, até onde me lembro. Estou ignorando totalmente a catástrofe que se aproxima, mas, por enquanto, minha vida está perfeita. "É um alívio ter um espaço só pra gente. Chega de festas, colegas de quarto e chuveiros coletivos", ela comenta. Meu coração bate forte, e fico me perguntando se ela consegue perceber minha paranoia crescente.

"Nossa própria cama." Escondo a sensação com bom humor. "Vamos precisar comprar algumas coisas, tipo pratos e tal." Quanto mais coisas ela tiver aqui, mais difícil será quando precisar ir embora. Merda, estou preso nessa mentira, e me enrolando cada vez mais enquanto conversamos. Essa garota linda nunca vai me perdoar, não vai.

Vou pensar nisso depois. Vou dar um jeito.

Ela toca minha testa e aplica uma leve pressão. "Está se sentindo bem?" Ela sorri. "Está tão bonzinho hoje…" Seu sarcasmo me deixa ainda mais interessado nela.

Levo a mão dela aos lábios e a encho de beijos. "Só quero ter certeza de que você vai gostar daqui. Quero que se sinta em casa… comigo." E quero mesmo. Nunca experimentei a sensação de ter um lar antes de Tessa assinar aquela linha pontilhada para morar comigo. Acordar com o alarme irritante dela todos os dias passou a ser algo de que preciso, algo que me faltava e eu não sabia.

"Mas e você? Está se sentindo em casa aqui?" A voz dela está muito esperançosa. Espero que seja uma esperança boa… ela está esperando que eu dê

uma opinião sincera a respeito de nossa situação. Consigo ver em seus olhos; está esperançosa, mas espera o pior de mim porque é o que sempre recebe.

“Para minha surpresa, sim”, respondo com sinceridade enquanto tento fazer com que minha voz pareça convincente. Eu adoro tudo aqui com ela.

“A gente precisa ir buscar minhas coisas”, diz ela, e então me conta que são livros e roupas, que já peguei.

“Feito.” Abro um sorriso.

Ela inclina a cabeça, confusa. “Quê?”

“Já tirei todas as suas coisas do dormitório. Estão no seu porta-malas.” Não consegui esperar. Queria que ela visse o apartamento e nunca mais tivesse que ir embora. Preciso que ela nunca vá embora, por isso tenho que deixá-la o mais confortável possível.

“Como você sabia que eu ia assinar o contrato? E se eu detestasse o apartamento?” Ela ergue o queixo para mim, curiosa e desafiadora.

“Se não gostasse, eu ia procurar outro melhor”, respondo.

Ela assente, reconhecendo que estou falando sério. “Certo… Mas e suas coisas?”

“A gente pode ir buscar amanhã. Tenho umas roupas no porta-malas.”

“Por que isso, aliás?”

“Sei lá. Acho que porque a gente nunca sabe quando vai precisar de roupas limpas.” Ela é intrometida, muito intrometida. Deixo roupas no porta-malas por muitos motivos; a maioria ela certamente não gostaria de saber. “Vamos até o mercado comprar comida e coisas de cozinha”, sugiro.

Tessa se vira para mim quando saímos do apartamento. “Certo. Posso dirigir seu carro de novo?”

“Não sei…” Eu a provoco. Mas é claro que ela pode dirigir meu carro.

PARTE TRÊS

DEPOIS



Ele finalmente estava se tornando o homem que nunca pensou que seria. Sua raiva foi canalizada para os textos, e ele estava ficando orgulhoso de quem era. Ela era a única razão pela qual sua vida havia se transformado, e ele cairia de joelhos e agradeceria o tempo todo, se pudesse. Ela se manteve ao seu lado até não mais ser bom para os dois, e então deu a ele um tempo para que resolvesse sua vida. Ela apoiava suas escolhas todos os meses e não deixava de incentivá-lo a ir mais longe.

Durante essa época, a cada mês que passava sóbrio, ele enviava um cartão a ela pelo correio, à moda antiga, com seu nome e um coração. Ele a conhecia bem o suficiente para ter certeza de que os dois anos que tinham passado juntos não foram fáceis para ela. Era um inferno para ela, e um purgatório eterno para ele.

Quando as palavras escritas à mão de seu fichário se tornaram linhas numa página impressa, ela passou uma semana sem telefonar. Ele sabia que ela lera o livro, e tinha certeza de que passara a semana toda andando pelo apartamento pequeno que dividia com o irmão dele. Ele já tinha se mudado para um lugar novo, ajustando-se a uma cidade com muito vento, prédios altos e uma grande quantidade de cachorros-quentes e beisebol. Não parecia sua casa, apesar de ela visitá-lo mais vezes do que ele merecia. Seus dias transcorriam assim, trabalhando, esperando que ela telefonasse ou mandasse e-mail, planejando a próxima vez em que poderia vê-la. Conforme foi se tornando cada vez mais digno dela, começou a gostar do homem que via no espelho toda manhã.

Quando aquela semana terminou e ela telefonou, finalmente, sua voz ficou embargada logo na primeira palavra, e ele não conseguia encontrar a coisa certa a dizer. Queria que ela compreendesse que não havia duas pessoas que tinham sido mais feitas uma para a outra. Ela o parabenizou pelo livro, mas com certo distanciamento. Ele se cansou, e se perguntou se assim seria sua vida, sozinho num apartamento comendo comida pronta enquanto assistia a reprises

de Friends.

Semanas mais tarde, ele não conseguiu controlar a emoção quando ela ligou para contar a respeito de sua ida à cidade dele, para um casamento. Ela dançou com ele a noite toda e se deitou ao seu lado na cama por três dias…

Até ir embora, levando o coração dele com ela.

Ele a visitou depois, na caótica cidade de Nova York, e ficou impressionado com a vida nova dela. Mas ele não se encontrou ali. Havia algo de bom por lá para ela: amigos e família. Ele tinha uma vida imaginária com ela, e estava esperando que ela aparecesse para tornar tudo realidade. Vendo isso como sua única esperança para uma boa vida, ele continuou a mostrar a ela que era uma pessoa melhor do que costumava ser. Muito melhor. Mais vivo.

Em algum ponto, seu desenvolvimento como ser humano, e o modo como isso aparecia em seu comportamento com outras pessoas, começou a fazer com que ele se sentisse mais vulnerável, e com isso vinham responsabilidades mais pesadas. Seu irmão sofreu uma decepção amorosa, e ele estava sempre presente para conversar e ajudá-lo. De modos diferentes, grandes e pequenos, percebeu que estava sendo útil à sua família.

Ele foi o padrinho no casamento de seu irmão. Ela estava presente, radiante em seu amor por ele, e de algum modo os dois perceberam que a separação tinha cumprido sua missão. Os dois estavam amadurecidos, mais preparados para lidar com o mundo juntos. Ele havia deixado de ser egoísta; ela havia entendido quem era. O tempo que passaram separados fez bem para os dois, mas eles estavam prontos para começar a vida juntos.

Juntos, eles sofreram uma decepção — maior do que tinham causado um ao outro nos primeiros anos como casal — e às vezes, eles não sabiam se conseguiriam seguir em frente. No dia mais solitário de todos, quando recolheu as coisas do quarto do filho que perderam, ele se perguntou se estava sendo castigado, se seus pecados do passado eram os motivos pelos quais eles tinham que lidar com tamanha perda.

No dia em que seu primeiro bebê nasceu, ele também nasceu. Renasceu, reviveu. Ele havia percorrido um longo caminho, e estava diferente. Alcançar um nível mais profundo e mais alto de amor e compreensão tornou-se possível

para ele. Os dedos da menininha eram pequenos, mas ela segurava o coração dele. Ele viu a garota que amou por anos se transformar numa mulher, e então, em mãe para sua filha. Não havia nada mais lindo do que isso…

Até ela se tornar mãe uma segunda vez, do menininho deles.

Conforme os filhos cresciam, esse novo homem e essa nova mulher… eles se sentiram mais jovens, e se apaixonaram de novo a cada dia.

Ele se sentia muito sortudo, muito abençoado, tremendamente orgulhoso da vida que construíram juntos; não conseguia acreditar em sua sorte.

Zed



Todo romance dá ênfase ao mocinho. A maioria dos romances usa um artifício clássico do qual já estamos cansados: o triângulo amoroso. Wickham mentiu sobre o pai de Darcy para ganhar o afeto de Elizabeth. Jay Gatsby levou Daisy Buchanan para jantar, oferecendo a ela uma vida que seu marido, Tom, não podia oferecer. Linton foi a opção segura de minha protagonista preferida, Catherine Earnshaw, que o escolheu em vez de uma vida de paixão destrutiva com Heathcliff. Até mesmo um lobisomem bronzeado tentou ganhar o coração de Bella Swan num conflito com seu amante vampiro cheio de brilho.

Aconteceu muitas vezes e, como ele tinha vivido história após história, o bad-boy-que-quer-se-regenerar com problemas com o pai tenta afastar a virgem inocente teimosa do garoto moderno e emotivo que quer salvar as flores e o planeta de uma vez só. Os clássicos terminam com as mortes da maioria dos personagens mencionados, ou o nascimento de bebês meio vampiros, mas todos têm um tema comum: um dos dois homens nunca tem chance e, no que dizia ao seu relacionamento com ela, ele não sabia se o amor dela por ele significaria que venceria no fim.

Ainda assim, eles merecem reconhecimento, os outros caras que voltam ao jogo depois de serem derrotados pelo pretendente mais óbvio.

Outra festa. Outra festa lotada na qual todo mundo faz a mesma merda em um dia diferente. Bebidas são servidas em copos vermelhos, e a música toca em todos os cômodos. Todas as pessoas por quem passo ao atravessar o corredor parecem muito entediadas, por isso acho estranho que a primeira festa deste ano

esteja muito mais lotada do que a do ano passado. De onde aparecem todas essas pessoas? Todo mundo está tão entediado que prefere se juntar a uma aglomeração e fingir ter vidas sociais incríveis? Estou começando a ver que a faculdade é só isso. Washington é muito diferente de onde cresci, na Flórida, mas as universidades parecem ser iguais em todos os lugares.

"Preciso mijar", reclamo sozinho quando me encosto na parede ao lado da porta do banheiro. Alguns momentos depois, uma garota baixinha com cabelos loiros na altura do ombro sai do banheiro. Ela olha em direção à porta quando passa por mim. Está usando uma camisa de mangas compridas que desce até envolver seu quadril perfeitamente, apesar da calça jeans mais solta.

"Com licença", diz ela, e sorri para o chão de carpete ao passar por mim e atravessar o corredor.

Eu entro no banheiro e fecho a porta. O cômodo pequeno cheira a spray artificial de baunilha. É bem incômodo, por isso me alivio depressa, lavo as mãos e abro a porta… e encontro um grupo de meninas. Uma delas me mede de cima a baixo, com os olhos arregalados ao me ver. Quase consigo ler sua mente. Ela abre a boca para falar, mas quando olho por cima de sua cabeça, a loira com o quadril de matar está de pé no topo da escada. Observo quando ela enfia a mão no bolso de trás para pegar alguma coisa, mas não pega nada, lambe os lábios e revira os olhos. Consigo ler seu comportamento de onde estou. Decidi não procurar ninguém por um tempo depois do lance com Tessa, mas me pego atravessando o corredor em direção à loira. Não estou à procura de nada sério, mas seria bom ter uma boa conversa agora.

Quando me aproximo do topo da escada, a mão pequena dela segura o poste de metal de um jeito muito delicado. Dou alguns passos para observá-la, e ela desce a escada devagar e com cuidado, apesar de estar usando tênis. Seus cabelos são grossos, cobrindo metade das costas. Observo seus olhos percorrerem a multidão. Está ciente de seus arredores — percebo pelo modo como olha para todos os rostos que vê. Está procurando alguém? Vejo quando ela morde o lábio superior e decido me aproximar dela. Sua calça jeans está com as barras dobradas, e consigo perceber o formato de uma estrela perto do tornozelo.

“Está procurando alguém?”, pergunto a ela.

Quando ela se vira para mim, seus olhos castanhos são grandes, quase grandes demais para seu rosto, o que faz com que pareça um pouco assustada. “Estava procurando meus amigos, mas acho que eles foram embora.” Ela franze o cenho.

“Ah. Quer que eu ajude você a encontrá-los?”, pergunto.

Continuando a olhar ao redor, ela estende o braço e levanta um boné de um cara que passa. Ele resmunga e ela sorri, um pouco envergonhada e meio desesperada.

Olho para ela, me perguntando por que fez isso. “Meu amigo John está usando um boné também”, ela explica. Não sei se é tímida ou agressiva, mas quero descobrir.

“Não pode ligar para eles?”, pergunto.

“Não, meu telefone está na bolsa da minha amiga”, diz ela com um suspiro. “Eu não queria ter que trazer uma. Sabia que não deveria ter vindo aqui. Não curto muito festas.” Sua voz fica mais alta, e ela começa a fazer um gesto com as mãos. “Mas a Macy ficou implorando sem parar. Disse que ia ser divertido, que a gente só ia ficar uma horinha.”

Ela resmunga e enruga o nariz, e eu mordo meu lábio inferior para não rir.

Ela fica corada, com vergonha. “O quê?”

“Nada”, minto. Ela é bem linda. “Quer uma bebida ou alguma coisa?”

“Não tenho o costume de beber”, diz ela baixinho.

“Não tem o costume ou não bebe nunca?”

“Às vezes, mas com certeza não em festas lotadas com um monte de desconhecidos.”

“Bom, acho que isso faz sentido.” Abro um sorriso, mostrando que acho bacana ela não sentir a necessidade de encher a cara, como a maioria das meninas aqui. E dos caras também, aliás.

“Eu sei me divertir sem beber até cair.”

“Certo.” Balanço a cabeça afirmativamente, considerando-a cada vez mais atraente. “Bom, posso buscar um pouco de água ou refrigerante e você pode ficar comigo e com os meus amigos até encontrar os seus.”

“Hum, não sei.” Ela olha para a sala de estar cheia de desconhecidos. “Não

conheço ninguém, e festas assim costumam ser bem esquisitas.” Ela olha para os dois caras embriagados ao redor de um grupo de calouras com vestidos curtos.

Ela tem razão.

Nate balança a mão para mim do outro lado da sala, e eu olho para essa garota intrigante mais uma vez. “Bom, se você decidir que não quer ficar aqui sozinha, vai ser bem-vinda no nosso grupo logo ali.” Aponto para o meu grupo e vejo os olhos dela se arregalarem ao ver as centenas de tatuagens que todos temos.

“Eles são mais legais do que parecem”, digo, em tom de brincadeira. Quando ela sorri de modo incerto, acrescento: “Bom, pelo menos alguns deles”.

Ela me surpreende ao rir, e então me segue até meu grupo de amigos. Tristan se levanta, deixando que ela se sente no sofá, e ela agradece com educação. Eu não o tenho visto com frequência ultimamente, mas fico feliz por ele ter voltado da Louisiana, solteiro e oficialmente longe das besteiras da Steph.

“Um brinde ao último ano de merda na faculdade.” Ele ergue o copo e encosta no de Logan. Molly se une a eles e se ajeita no colo dele.

“Ah, para mim, não. Ainda tenho mais dois”, Nate reclama. A garota com quem ele está saindo — acho que se chama Briana — revira os olhos, murmura o que acredito ser um “quanto mimimi” e pega o copo dele para tomar um gole.

“Eu deveria ter feito um curso técnico.” Ele joga a cabeça para trás, e a garota o observa, divertindo-se. “A faculdade é uma bosta.”

“Eu disse para você fazer aquele estágio no estúdio de tatuagem”, ela o repreende. Ele revira os olhos e puxa a faixa fina da alça de sua camiseta; boa parte de sua pele morena está à mostra, mas eu não me importo nem um pouco.

“Ainda estou pensando nisso”, diz ele. Na verdade, parece uma ideia legal, já que ele tem tido muita dificuldade para acabar a faculdade.

“Bom, já chega dessa besteira de planejar carreira. Quem é essa?” Molly aponta a garota que conheci no corredor.

“Esta é…” Olho para ela em busca de ajuda. Esqueci de perguntar qual é seu nome.

“Therise”, diz ela, e percebo um sotaque que não tinha notado até então.

Caramba.

“Você só pode estar brincando”, Molly ri, recostando-se em Logan.

“Belo nome.” Jace sorri, lambendo as pontas do papel que está segurando.

“Quer brincar, Therise?”, pergunta Molly com um tom que conheço. “Verdade ou desafio?” Ela olha para mim, e faço que não com a cabeça.

“Não, ninguém quer brincar dessa merda”, digo, arregalando os olhos para Molly. Therise não entende, e parece ansiosa e um pouco desconfortável.

“Ah, qual é. *Aposto* que seria divertido”, diz Jace.

Molly concorda. “Sim, pelo jeito dela, talvez você consiga ganhar…”

Logan estica o braço e tampa a boca da namorada. Ainda não acredito que esses dois estão juntos.

“Para com isso”, diz ele.

Ela revira os olhos, mas fica calada quando ele afasta a mão.

“Não vou querer um repeteco do ano passado. Foi dramático demais.” Logan beija o ombro de Molly, e ela sorri, dessa vez com sinceridade, parecendo bem menos maliciosa.

Therise olha para mim franzindo o cenho, e depois para o restante do pessoal, com suas vibrações esquisitas. “O que houve ano passado?”, ela pergunta.

“Nada”, digo, e olho para meus amigos, esperando que eles fiquem calados. Acabei de conhecer essa garota — está cedo demais para bombardeá-la com essas besteiras.

“Um cara chamado Hard…”, Molly não sabe manter a boca fechada.

“Não vamos mais falar sobre Hessa!”, Logan resmunga. “Eles são tipo o casal de reality show que ninguém deve mencionar.”

“O que é uma Hessa?”, pergunta a namorada de Nate.

Molly levanta a mão com orgulho. “Fui eu que inventei esse nome!”, ela praticamente grita. “Tenho crédito total por essa merda. Eu dei esse apelido àqueles idiotas, e espero ser convidada para o casamento.” Ela ri. Seus cabelos cor-de-rosa estão bem mais desbotados, e ela não os tinge há um tempo. Está quase todo loiro agora, e bem curto.

“Eles não vão se casar”, digo a ela.

Estou de saco cheio de ouvir sobre esses dois. Estou cansado de ver os posts de Tessa no Facebook. Ela está muito feliz em Nova York. Hardin está muito feliz; todo mundo está feliz pra caramba.

Que ótimo para eles.

“Não no momento, mas eu apostaria que sim.” Ela sorri. “E eu? Eu *ganharia*.” Ela traçou círculos ao redor dos olhos com lápis preto e, quando pisca para mim, parece um gato.

Logan joga sal na minha ferida ao concordar. Como se fosse uma coisa óbvia para *todo mundo*.

Molly balança a mão pedindo silêncio para o grupo. “Bom, antes de todos chegarem, estávamos contando uma história a respeito da ex-namorada de Zed.”

“*Não* é minha ex-namorada”, digo entredentes.

“*Nossa*”, alguém diz. Jace, talvez?

“Bom…” Therise se levanta e estala os nós dos dedos de um jeito esquisito. “Essa é a minha deixa.” Ela sorri com hesitação e se afasta.

Minha expressão deve ser de incômodo ou raiva — senti todas essas coisas —, porque Logan diz: “É melhor você deixar pra lá; assim você só vai conseguir outro inimigo. Ela provavelmente tem um namorado que vai rasgar os pneus de sua picape”.

Pelo jeito, meus amigos decidiram que vão me perturbar a semana toda a respeito de meu histórico com erros.

A expectativa de que minha vida amorosa sempre será um desastre atrás do outro diminui um pouco a minha raiva. Não tenho energia para me irritar, é sempre a mesma coisa. “Eu não sabia que aquela garota era noiva, e tenho certeza de que foi ela, não o noivo, que fez aquela merda”, digo, fazendo uma careta ao me lembrar do que Jonah Soto fez com meu carro. Aquele cara não deveria ser professor aqui. É um louco de pedra.

Nate dá de ombros, tomando um gole da bebida. “Para de dormir com qualquer uma, então.”

“Isso faz mais de um ano, e como eu ia saber que o noivo dela era professor daqui?”

Aquele fim de semana foi um desastre. Se eu soubesse que a garota estava na balada para sua despedida de solteira, eu não teria ido para casa com ela. Bom, existe um motivo para a tradição ditar que elas usem aquelas echarpes de penas e coroas falsas, além de faixas nas quais se lê DESPEDIDA DE SOLTEIRA ou coisa

assim. É como se fosse um aviso para que os caras não façam nada idiota — ou para que ela não faça algo idiota. A faixa seria a primeira coisa a ser retirada, por isso, sua presença é um lembrete para ela de que, sim, vai se casar. Nesse caso, no dia seguinte.

Foi muito azar que, na única vez em que fiz sexo casual na vida, isso tenha acontecido. (Posso ter levado meus amigos a acreditar numa versão bem exagerada de minha vida sexual, mas eles não precisam saber disso.) O cara foi legal, mais do que eu teria sido, mas então resolveu me tirar do programa de ciências e lutar para evitar que Hardin fosse expulso. Ninguém quis saber por que um jovem professor defenderia um cara problemático que nem conhecia. Aquilo foi uma besteira, mas, no fim das contas, fiquei feliz por Hardin não ter sido expulso.

"Mas quem são vocês para falar, afinal?" Balanço a mão, englobando todo mundo. "Porque a Molly transou com metade de vocês."

"Cuidado aí", diz Logan, e todo mundo fica tenso.

Mas, em vez de discutir com ele, decido ir atrás da garota nova.

Não a conheço, mas ela parece bacana e é linda de morrer. Sim, ela me faz lembrar de Tessa, e sim, demorei muito para superar isso, e talvez seja uma má ideia — mas não é assim na maior parte das vezes?

Com tudo isso passando pela minha cabeça, eu me levanto para procurá-la.

Não queria que a situação com Tessa virasse o que virou. Eu me importava com ela, sim, mas me ferrei por ser ciumento e mesquinho, querendo me vingar de Hardin por ter feito sexo com Samantha. Eu gostava muito de Tessa, mas meus sentimentos não chegavam nem perto daqueles que Hardin nutria por ela.

Samantha era incrível; era divertida e alguns anos mais velha do que eu. Isso me excitava, mas ela era maluca. Desde que o lance com Tessa terminou, pensei muitas vezes que o relacionamento dela com Hardin era parecido com o que tive com Samantha. Mas Samantha dormiu com Hardin, e não viu problema nisso. Agiu como se fosse uma coisa normal, dormir com meu amigo. É claro que ele também não se importou.

Eu me importei. Fiquei arrasado e puto, e deixei as coisas se acumularem dentro de mim, esperando o momento certo de atacar. Tessa confiava em mim,

mesmo depois de meu envolvimento na aposta no começo. Fui eu quem contei a ela os detalhes da situação, e ela sempre me procurava quando precisava de mim. Mas esse foi o problema: ela só me procurava quando ele a decepcionava, e eu não curto essas coisas. Não quero ser a segunda opção sempre. E, além disso, era drama demais e, depois que irritar Hardin perdeu a graça, ficou exaustivo ficar correndo para salvá-la e aturar o relacionamento infantil dos dois.

Eu deveria ter me afastado quando o namorado maluco dela me bateu na primeira vez. Mas não, a raiva dele só me deu mais vontade de ganhar. Por que *ele* podia dormir com Samantha, e então participar da aposta e decidir quando tudo estava resolvido e terminado, só restando a *mim* admitir a derrota?

Tudo foi muito infantil, consigo perceber agora. Eu não deveria ter tentado me aproximar dela naquela noite na casa de sua mãe, e não deveria ter dito metade das merdas que falei. Minha estupidez me deixou sozinho desde então, e não tenho notícias de Tessa há mais de um ano. O lado triste é que sinto falta de conversar com ela.

Soube que ela se mudou para Nova York com seu amigo Landon, mas com certeza não vai demorar muito para Hardin ir atrás dela. Por mais que eu deteste admitir, os dois têm algo especial. Por mais descontrolados que sejam, nunca vi duas pessoas lutarem tanto uma pela outra como aqueles dois. Certamente, Hardin não a merece, mas isso não é problema meu, não mais.

Eu saio e observo o jardim à procura de Therise, e então a vejo sentada no muro quebrado, o que me trás mais uma lembrança. Ela está passando a mão pela pedra rachada e, quando me aproximo, faz um movimento indicando que quer descer.

“Espera.” Levanto a mão e faço um gesto de paz. “Posso ajudar você a encontrar seus amigos ou a arrumar uma carona para casa.”

“Não sei.” Ela me observa com atenção, à procura de sinais de que eu seja um assassino em série, talvez.

“É só uma carona. Meus amigos são idiotas, mas nenhum deles vai machucar você. Posso ir junto, se quiser. Eu bebi, por isso não posso dirigir.”

Levanto uma sobrancelha; ela balança a cabeça. “Uau, então o carinha punk e bonito tem juízo.” Ela sorri de um jeito descontraído.

“Às vezes”, admito, dando de ombros. Estendo a mão para cumprimentá-la. “Sou o Zed.”

Ela hesita por um momento antes de me cumprimentar. “Prazer em conhecer, Z-ed.” Ela diz meu nome como se estivesse com medo.

“Prazer em conhecer também, Therise.”

Landon



Ele detestava o mocinho perfeito antes mesmo de conhecê-lo. Quando seu pai disse que ele teria um novo irmão, foi como se esperassem que se sentisse feliz. De repente, precisaria se importar com coisas como família, jantares e assados para poder acompanhar o novo filho de seu pai.

Quando conheceu esse outro irmão, seu ódio só aumentou. Ele sabia que não tinha motivo nenhum, além de inveja pura, para detestá-lo, mas o detestava mesmo assim. Não conseguia se lembrar dos nomes de atletas nem de notícias do esporte como o novo filho de seu pai, e não conseguia chamar a atenção no jantar. Sabia que não podia competir com o garoto, mas, conforme mudou sua vida, percebeu que nunca precisou fazer isso. Lutou tanto — mas tanto — para se distanciar do Garoto de Ouro que, no fim, acabaria por se tornar seu amigo mais próximo.

Os três primeiros pensamentos que tomam minha mente todos os dias são:

Aqui está menos lotado do que pensei.

Espero que Tessa esteja de folga hoje para podermos passar um tempo juntos.

Que saudade da minha mãe.

Sim, sou estudante do segundo ano da New York University, mas minha mãe é uma das minhas melhores amigas.

Sinto muita falta de casa. É bom ter Tessa por perto; ela é a pessoa mais próxima do que posso chamar de família por aqui.

Sei que os universitários sempre fazem isso: saem de casa e mal podem esperar para deixar sua cidade, mas eu não sou assim. Eu gostava da minha,

apesar de não ser a cidade onde fui criado. Eu tinha um plano quando tentei entrar na NYU; só não deu tão certo como deveria. Mudei para cá para começar meu futuro com Dakota, minha namorada do ensino médio. Não fazia ideia que ela decidiria passar o primeiro ano da faculdade solteira.

Fiquei arrasado. Ainda estou, mas quero que ela seja feliz, ainda que não comigo.

A cidade é fria em setembro, mas quase não chove, em comparação com Washington. Já é alguma coisa, pelo menos.

Enquanto caminho até o trabalho, confiro meu telefone, como faço cerca de cinquenta vezes por dia. Minha mãe está grávida de minha irmã, e quero ter certeza de que, se alguma coisa acontecer, eu possa pegar um avião e chegar para ajudá-la depressa. Até aqui, as únicas mensagens que recebo dela são fotos das coisas incríveis que ela cria na cozinha.

Nenhuma emergência, mas como sinto falta das coisas que ela prepara.

As ruas estão lotadas. Estou esperando na calçada com um monte de gente, a maioria é de turistas com câmeras pesadas ao redor do pescoço. Dou risada sozinho quando um adolescente levanta um iPad enorme para fazer uma selfie.

Nunca vou entender esse impulso. Quando o sinal fica amarelo e o símbolo de pedestres começa a piscar, aumento o volume nos meus fones de ouvido.

Aqui, uso fones praticamente o dia todo. A cidade é muito mais barulhenta do que eu esperava, e acho útil ter alguma coisa que bloqueie parte do ruído, e que pelo menos dê cor aos sons com alguma coisa de que gosto.

Hoje é Hozier.

Uso os fones até enquanto trabalho — pelo menos em um dos ouvidos, para que eu ainda consiga ouvir os pedidos de café que me fazem. Hoje me distraio com dois homens, ambos usando fantasia de pirata e gritando um com o outro, e, quando entro no café, encontro Aiden, o colega de trabalho de quem menos gosto.

Ele é alto, muito mais do que eu, e tem cabelos loiros quase brancos que o deixam muito parecido com Draco Malfoy, então me assusta um pouco. Além de se parecer com Draco, ele é um pouco grosseiro, às vezes. É legal comigo, mas vejo como olha para as universitárias que entram no Grind. Ele age como se o

café fosse uma balada.

Quando ele sorri para elas, paquerando e fazendo com que se sintam pressionadas sob seu olhar “de gato”, acho tudo muito brochante. Ele não é tão bonito assim; talvez, se fosse mais gentil, eu visse alguma beleza nele.

“Cuidado, cara”, murmura Aiden, batendo em meu ombro como se estivéssemos num campo de futebol americano.

Ele está me irritando logo cedo hoje…

Mas deixo para lá, sigo em direção ao fundo da loja, visto meu avental amarelo ao redor da cintura e confiro meu telefone. Quando bato o cartão, encontro Posey, uma garota que preciso treinar por algumas semanas. Ela é bacana. Calada, mas trabalha bastante, e gosto do fato de ela sempre aceitar o cookie que damos todos os dias como incentivo para agir de modo mais simpático durante o turno. A maioria dos estagiários recusa essa cortesia, mas ela comeu todos que demos esta semana: chocolate, chocolate com macadâmia, açúcar e um sabor verde misterioso que acredito ser alguma coisa natural e sem glúten.

“Oi”, digo, sorrindo para ela quando se recosta na máquina de gelo. Seus cabelos estão presos atrás da orelha, e ela está lendo a parte de trás de um dos sacos de café moído. Quando olha para mim, sorri rapidamente e volta a ler.

“Ainda não faz sentido eles cobrarem quinze dólares por uma coisinha de café destas, tão pequena”, diz ela, jogando o saco para mim.

Eu o pego com dificuldade, quase escorrega da minha mão, mas consigo segurar.

“*Nós*.” Eu a corrijo rindo, e coloco o saco em cima da mesa, onde estava. “Nós cobramos.”

“Não trabalho aqui há tempo suficiente para ser incluída nesse ‘nós’”, ela brinca, pega um elástico do punho e levanta os cabelos castanho-avermelhados e encaracolados. Ela tem muito cabelo, e prende direitinho. Em seguida, meneia a cabeça indicando que está pronta para trabalhar.

Posey me segue e espera ao lado da caixa registradora. Está aprendendo a pegar os pedidos dos clientes esta semana e, na próxima, provavelmente fará algumas bebidas. Eu gosto de pegar os pedidos, porque prefiro conversar com as

pessoas a queimar os dedos na máquina de expresso, como sempre acontece.

Estou colocando tudo em ordem em meu espaço de trabalho quando ouço a sineta da porta. Olho para Posey para ver se ela está pronta, e como esperava, já está atenta para receber os viciados em cafeína da manhã. Duas garotas se aproximam do balcão falando alto. Uma das vozes chama minha atenção, então olho para elas e vejo Dakota ali. Está usando um top esportivo, shorts largos e tênis coloridos. Deve ter acabado de correr; se estivesse indo para uma aula de dança, estaria com uma roupa um pouco diferente, um collant e shorts mais justos. E estaria igualmente linda. Sempre está.

Dakota não vem aqui há algumas semanas; fico surpreso ao vê-la agora. E nervoso; minhas mãos tremem, e eu me pego tocando a tela do computador sem qualquer motivo. Maggy, a amiga dela, me vê primeiro. Toca Dakota no ombro, e ela se vira para mim com um sorriso aberto. Seu corpo está coberto por uma camada fina de suor, e os cabelos pretos estão presos num coque.

“Imaginei mesmo que você estaria trabalhando.” Ela acena para mim e então para Posey.

Imaginou? Não sei o que pensar. Sei que concordamos que seríamos amigos, mas não sei se estamos apenas conversando como amigos ou se isso é alguma outra coisa.

“Oi, Landon.” Maggy também acena. Sorrio para as duas e pergunto o que gostariam de beber.

“Café gelado com creme extra”, dizem as duas em uníssono. Estão vestidas quase da mesma maneira, mas Maggy é facilmente ofuscada pela pele bronzeada e pelos olhos castanhos e brilhantes de Dakota.

Entro em modo automático, pego dois copos de plástico e os enfio no compartimento de gelo com habilidade, e então puxo a alça da máquina de café e encho os dois. Dakota me observa, consigo sentir seu olhar em mim. Por algum motivo, isso está fazendo com que me sinta bem esquisito, então, quando vejo que Posey também está me observando, percebo que poderia — *deveria*, provavelmente — explicar a ela o que estou fazendo.

“Você tem que despejar isto sobre o gelo; o turno da noite deixa pronto, para continuar frio e não derreter o gelo”, digo.

É muito elementar o que estou dizendo, e quase sinto vergonha de fazer isso na frente de Dakota. Não nos tornamos inimigos — só não conversamos nem nos vemos como antes. Entendi totalmente quando ela terminou nosso relacionamento de três anos. Ela estava em Nova York com novos amigos e um novo ambiente. Eu não quis segurá-la, por isso cumpri minha promessa e continuei sendo seu amigo. Nós nos conhecemos há anos, e sempre vou gostar dela. Dakota foi minha segunda namorada, mas o primeiro relacionamento de verdade que tive até agora. Tenho saído com So, uma mulher que é três anos mais velha do que eu, mas somos só amigos. Ela tem sido ótima com Tessa também, porque a ajudou a conseguir um emprego no restaurante onde trabalha.

"Dakota?" A voz de Aiden sai mais alta do que a minha quando começo a perguntar se elas querem que eu coloque creme batido, algo que costumo fazer para mim.

Confuso, observo Aiden chegar perto do balcão e segurar a mão de Dakota. Ele levanta a própria mão e a dela e, com um sorrisão, ela gira na frente dele.

E então, olhando para mim, ela se afasta um pouco e diz de modo mais neutro: "Não sabia que você trabalhava aqui".

Olho para Posey para me distrair e não ouvir a conversa dos dois, e então finjo que estou olhando para o horário na parede atrás dela. Não é da minha conta com quem ela tem amizade.

"Pensei que tivesse falado ontem à noite", diz Aiden, e eu tusso para disfarçar o fato de que acabei de fazer um barulho.

Felizmente, ninguém além de Posey parece ter notado, e ela faz o que pode para esconder o sorriso.

Não olho para Dakota, apesar de conseguir perceber que ela está pouco à vontade; em resposta a Aiden, ela ri como riu para minha avó quando abriu seu presente de Natal ano passado. Um som muito bonitinho… Dakota deixou minha avó muito feliz quando riu do peixe cantor preso a uma placa de madeira. Quando ela ri de novo, percebo que ela está *muito* desconfortável. Querendo tornar a situação menos esquisita, entrego a ela os dois cafés com um sorriso e digo que espero encontrá-la em breve.

Antes que ela possa responder, sorrio de novo e vou até o fundo da loja,

aumentando o volume dos meus fones.

Espero a campainha tocar de novo, sinalizando a saída de Dakota e Maggy, e percebo que provavelmente não vou ouvi-la, porque o jogo de hóquei de ontem está tocando no meu ouvido. Mesmo o fone em um ouvido, a multidão e o barulho dos tacos encobririam o som da campainha. Volto para o trabalho e encontro Posey entediada com Aiden, que exibe a ela suas habilidades para servir leite quente. Ele fica esquisito com uma nuvem de vapor na frente dos cabelos quase brancos.

“Ele disse que os dois fazem aulas juntos na academia de dança que ele frequenta”, Posey sussurra quando eu me aproximo.

Eu paro e olho na direção de Aiden, que está distraído, perdido em seu próprio mundo, aparentemente glorioso. “Você perguntou para ele?”, questiono, impressionado e um pouco preocupado em relação a quais seriam suas respostas para outras perguntas envolvendo Dakota.

Posey assente, pegando um copo de metal para enxaguar. Eu a acompanho até a pia, e ela abre a torneira.

“Eu vi como você ficou quando ele segurou a mão dela, então pensei em perguntar o que estava rolando entre os dois.” Ela dá de ombros, e seus cabelos encaracolados balançam.

Suas sardinhas são mais claras do que a maioria que já vi, e se espalham por suas faces e pelo nariz. Os lábios são grandes — chegam a formar um bico —, e ela é quase da minha altura. Foram as coisas que notei no terceiro dia de treinamento, quando acho que meu interesse aumentou.

“Eu namorei Dakota por um tempo”, admito para minha nova amiga, e entrego a ela um pano de prato com o qual pode secar o copo.

“Ah, acho que eles não estão namorando. Ela seria louca de namorar um membro da Sonserina.” Quando Posey sorri, eu sorrio com ela.

“Você também notou?”, pergunto.

Esticando o braço entre nós dois, pego um cookie com pistache e entrego a ela.

Ela sorri, pega o cookie da minha mão e come metade dele antes mesmo de eu conseguir tampar o recipiente.

Christian



As ligações de família deveriam ser de alma. Temos que amar nossos pais e irmãos e todo o resto simplesmente porque nascemos com o mesmo sangue correndo nas veias. Na infância, ele questionava isso. Então era obrigado a amar o homem trôpego cuja voz sempre o acordava à noite? O homem que via ao entrar na sala de jantar, recostado no mantel da lareira, esforçando-se para tirar as botas? O menininho se escondia atrás da parede enquanto observava o homem se complicar todo e cair no chão. Então, ele voltava correndo para seu quarto quando esse homem jogava a bota perto de sua cabeça.

Ele detestava aquelas noites, e contava os dias até o amigo de sua mãe, que ria muito, chegar para uma visita. Queria que o amigo de sua mãe fosse seu pai. Talvez esse outro homem o levasse a alguns lugares, ele pensava. Lembrava-se do homem que sempre levava um livro embaixo do braço. Falava sobre os livros com o menino, contava a ele sobre as histórias, os assuntos, fazia com que se sentisse inteligente e maduro.

O primeiro livro com que o homem o presenteou sempre será lembrado. Aquele livro logo se tornou o primeiro amigo de verdade do menino e, conforme ele foi crescendo e o amigo da mãe aparecia cada vez menos, passou a sentir falta do homem e dos livros durante os longos períodos entre uma visita e outra. Ainda assim, mesmo nos anos de rebeldia adolescente, quando o homem chegava, sempre trazia livros. O menino sabia que sua mãe amava o amigo, mas não fazia ideia de que sua vida era uma mentira por causa disso.

A casa está silenciosa. Olho para Kim, adormecida no sofá com Karina sobre

o peito; as mãozinhas da menina seguram a blusa de lã da mãe. Kim dormiu conversando com ela sobre mim e meu sotaque, contando a nossa menininha que terá uma voz linda, uma mistura dos tons suaves da voz da mãe e do sotaque diabólico do pai. “Diabólico”, foi o que ela disse. Como se a mulher pudesse dizer alguma coisa. Ela é a mulher mais teimosa que existe, e eu a amo muito.

Kimberly passou de secretária a sócia, e tem bom faro para descobrir gente promissora. Talvez tenha sido por isso que ela se casou comigo. Ou talvez ela goste muito do meu filho, Smith. É difícil não gostar dele.

Há um monte de páginas na minha frente sobre o balcão: um contrato para o restaurante de Nova York que vamos abrir ano que vem. Por mais animador que seja, não é nada comparado a minha filha recém-nascida. Expandi meus investimentos em restaurantes de Washington a Nova York, passando por Los Angeles, mas isso não é nada em comparação à alegria de poder ver essa menina crescer, algo que não tive a sorte de fazer com meus outros filhos.

Olho para a minha esposa de novo; está roncando mais alto do que o normal. Então, num gesto doce e amoroso, pego o telefone para filmá-la. O contrato pode esperar até amanhã. Sinto falta da minha esposa. Observo enquanto ela respira; o barulho é tenebroso.

Começo a gravar e me aproximo do sofá em silêncio. Em cinco segundos, ela acorda, arregalando os olhos para o telefone que estou segurando, e na mesma hora eu me sinto um idiota por interromper seu sono, já que ela tem dormido tão pouco.

“Você não deveria estar trabalhando?”, meu amor sussurra, com a voz baixa e ensonada enquanto estende o braço acima da cabeça, olhando para Karina.

“Sim, querida, mas perturbar você é muito mais divertido.” Dou risada, e ela me dá um chute. Karina se remexe em seu peito, abrindo os olhinhos para observar seus pais chatos.

“Pronto, olha o que você fez”, Kimberly me repreende com um sorriso. Senta-se e ergue Karina ao mesmo tempo, e, quando faço um gesto para pegar minha filha, ela coloca a pequena em meus braços.

“Minha menininha linda”, digo baixinho para Karina, acariciando seu rostinho gordo com o nariz. Ela boceja, e vejo muito de meu sorriso em seu rosto. Smith

e Hardin têm o mesmo sorriso com covinhas.

Eu me lembro de Anne e de Ken discutindo nomes para o menininho uma noite, quando estávamos todos na cozinha da casa deles. A barriga de Trish estava tão grande que ela não conseguia amarrar os sapatos.

“Gosto dos nomes Nicholas ou Harold”, Ken havia sugerido.

Harold? Não.

Nicholas. Duas vezes não.

Trish sorria, passando a mão na barriga. “Harold… até que gosto desse.”

Confesso que não *odeio* esse nome, mas não parece o certo. O bebê maltratou o corpo de Trish, chutando sua barriga a noite toda e crescendo tão depressa que esticou muito a pele dela. Ele era um lutador… o nome Harold — *Harry* — seria muito doce, muito calmo.

“É muito comum”, falei antes que Ken pudesse dizer alguma coisa. “E o nome Hardin?”

Era um nome que eu tinha escolhido para o meu primeiro filho na adolescência. Quando era um garoto em Hampstead, acreditava que escreveria um belo romance um dia, e que o personagem principal se chamaria Hardin. Não é comum, mas parece verossímil na Inglaterra antiga.

Trish o disse para ver como soava. “Hardin. Não sei…”

Mas, quando ela olhou para o marido — de quem eu estava morrendo de inveja naquele momento —, ele só deu de ombros, nem um pouco interessado, mas tentando ser gentil.

“Parece legal”, disse baixinho.

Ele deu de ombros de novo, e Trish sorriu sem muita animação. “Hardin?… Hardin.”

“Pronto, está resolvido”, Ken declarou, parecendo aliviadíssimo.

Trish não pareceu surpresa nem incomodada com a reação indiferente de Ken na escolha do nome de seu primeiro filho. Mas para mim era importante, e eu sabia que para Trish também.

Eu gostaria de achar que para Ken normalmente seria, mas ele estava na faculdade e estava sempre ocupado, pensei na época. Estudava muito, e havia boatos de que havia começado a usar ecstasy enquanto se preparava para as

provas de direito. Suas pupilas estavam sempre dilatadas, mas ele tinha que estudar muito, e eu entendia. Não podia julgá-lo, mas sabia que ele não estava sendo um bom pai para o garotinho, antes mesmo da chegada dele. Isso me incomodava mais do que deveria, dada a situação na qual eu havia me enfiado.

DUAS DÉCADAS ANTES…

O sol está quente, escaldante para Hampstead em abril. Trish está deitada ao meu lado na grama, e o vento sopra seus cabelos castanhos no meu rosto, e ela parece considerar esse o instante mais divertido de seus dezesseis anos de vida. Na maior parte do tempo, ela é madura para a idade que tem, fala sobre suas teorias a respeito do mundo e seus governantes, mas no momento decidiu ser uma versão de onze anos de idade de si mesma.

Afasto os cabelos dela do meu rosto pela décima vez.

"Você não ia cortar essa juba de leão?", pergunto de modo brincalhão ao afastar meu corpo um pouco do seu. Semana passada, ela disse que cortaria os cabelos por algum motivo, mas me esqueci qual era.

O parque Hampstead Towne está quase vazio hoje, e a risada de Trish ecoa pelas árvores que nos cercam no gramado. Costumamos vir aqui com frequência, mas, na maior parte das vezes, Ken falta a nossos encontros porque está muito ocupado.

"Eu estava pensando, mas assim é mais divertido", diz ela. Trish rola para mais perto de mim e joga os cabelos castanhos no meu rosto de novo. Eles cheiram a flores com um toque de menta. É um cheiro que sempre me atrai. Seu corpo está pressionado contra o meu, e ela passa a perna por cima da minha.

Eu deveria me afastar, mas não faço isso. É muito bom ficar assim.

"E se os bebês nascessem com cabelos compridos?"

É uma pergunta aleatória, mas não surpreende. Trish Powell é conhecida pelas perguntas que faz. *E se isso? E se aquilo?* É uma coisa dela, que eu considero esquisita e legal. Ela é muito diferente de todas as garotas da minha escola — nem mesmo as garotas da universidade da região são como ela. Seus cabelos

revoltos foram a primeira coisa que notei quando a conheci, e agora se tornaram o maior problema na minha tarde de terça-feira.

“Nós matamos aula para falar sobre bebês nascidos com cabeleiras de roqueiros?”, pergunto.

Abro os olhos e me deito de barriga para baixo para olhar para ela, que tem muitas sardas. Sinto vontade de ligá-las com as pontas dos meus dedos e observar seus olhos se fecharem de felicidade.

“Não, acho que não.” Ela ri, e eu noto que seus olhos estão voltados para a sombra que se aproxima de nós. Ken se senta na grama, e vejo que os olhos dele saem da sombra e ficam iluminados ao ver o rosto de Trish.

Ela sorri para ele, e Ken faz uma cara de quem ganhou na loteria ao caminhar pela grama alta. Não sei se ela percebe o modo como ele a olha. Eu sempre notei — e me acostumei a fingir que isso não faz meu sangue arder.

Todo mundo sabe que, entre nós dois, ele é o melhor.

O sol está esquentando demais minha pele, e eu fico de pé, protegendo os olhos com uma das mãos.

“Vou embora… tenho um encontro”, digo, e passo as mãos na bermuda jeans. Ao ver o tom bronzeado delas contra o jeans desbotado, eu me pergunto como consegui essa cor no verão. Trish fala disso quase todo dia. Deve ser por ficar tanto tempo com ela.

Trish revira os olhos e diz algo bem feio para nós dois. Ken fica um pouco corado. Seus cabelos estão ficando compridos, e estão desgrenhados sobre a nuca. Ele tem olheiras escuras por estudar como um louco para se preparar para o vestibular da faculdade de direito. Ken Scott é o aluno mais constante da nossa turma; não faço ideia de como alguém como ele acabou sendo nosso melhor amigo. Acho que Trish é um pouco mais estável do que eu. Ela é brilho do sol e fogos de artifício, mas também é pedra fria e ondas constantes. Sabe quando relaxar e quando ser cuidadosa e esperta. Sempre amei isso nela.

“Posso falar com você por um minuto?”, Ken pergunta quando me levanto. Ele se aproxima um pouco de mim; é alguns centímetros mais alto do que eu. Concordo e fico esperando que ele comece, mas ao vê-lo olhar para Trish percebo que quer conversar a sós e faço um gesto para que lidere o caminho. Eu

o sigo por cerca de vinte metros, e ele para ao lado de um banco velho de metal. Ele se senta primeiro e dá um tapinha no espaço vago ao seu lado.

Está todo solene — devo me preocupar? Um casal jovem passa por nós, de mãos dadas. Ken espera que eles passem, e minha preocupação começa a aumentar, até que ele resolve falar.

"Queria conversar com você sobre uma coisa", diz ele. Seu cenho está franzido, o que faz com que aparente muito mais do que dezessete anos.

"Você não vai morrer, vai?" Encosto o ombro no dele, que relaxa um pouco.

Ele faz que não com a cabeça. "Não, não, não é isso." O som que ele emite é meio uma risada, meio uma expressão de nervosismo.

Com o que pode estar tão tenso? Queria que ele simplesmente dissesse de uma vez.

"Quero-pedir-a-Trish-em-namoro", diz ele de uma tacada só.

Minha vontade é poder enfiar as palavras de volta em seu rosto ansioso, ou desejar que talvez ele fosse de fato morrer. Certo, não tão drástico, mas alguma outra coisa. Qualquer outra coisa.

"O quê?" Eu me esforço para manter a compostura.

Ken revira os olhos. "Em namoro, seu idiota."

Quero dizer que ele não pode fazer isso, que não é justo que peça primeiro. *Deixe Trish escolher*, é o que quero dizer. *Era para ela ser minha*, quero argumentar.

"Por que está me contando isso?", é o que digo.

Meu amigo se recosta no banco e apoia as mãos nos joelhos. "Só queria ter certeza…", ele começa, mas as palavras estão presas em sua garganta.

E, naquele silêncio momentâneo, percebo que estou dividido entre ser sincero com meu melhor amigo e deixá-lo feliz. É impossível fazer as duas coisas.

Eu sorrio, escolhendo a felicidade dele, e não a minha.

Não me surpreendo quando Trish aceita o pedido de Ken, mas estaria mentindo se dissesse que não tinha um pouco de esperança de que talvez ela me amasse também. Como ela gosta mais de estabilidade, durante o ano seguinte, evito pensar em Trish de qualquer outro modo que não seja como namorada do meu melhor amigo. Às vezes, quando eles se beijam na minha frente, eu a vejo

olhando para mim em busca de apoio depois que eles se afastam. Mantenho a esperança viva, e isso torna meu ano muito difícil. Quando transo, penso nela. Quando beijo alguém, sinto o gosto dela.

Tenho que parar com isso.

É uma tarefa fácil, no começo. Paro de comparar todas as garotas que namoro com ela. Ela para de segurar minha mão enquanto conversamos. Começo a ver o mundo de um jeito diferente agora que não penso mais nela como um motivo para ficar na cidade. Ela não mais me prende aqui. Nada me prende.

Hampstead ficou pequena para mim. Sei disso. Trish sabe disso. Até mesmo o padeiro local tem estranhado meu comportamento recentemente e o fato de minhas idas semanais à padaria para comprar doces deixarem de acontecer.

De repente, quero mais do mundo do que viver nessa cidade. Quero me mudar para os Estados Unidos, para longe das mentes estreitas de meus colegas sem planos para o futuro — e ainda mas longe de minhas duas meninas preferidas. Eu estou segurando vela para Ken e Max e suas namoradas. Quero conhecer mais sobre o mundo, sobre as pessoas em geral, e não posso me fixar aqui. Todos ao meu redor têm raízes bem fincadas aqui. Abriram contas no banco e escolheram uma faculdade. Eu já consigo prever a ambição deles crescendo quando conseguirem o primeiro emprego no mesmo ramo de um de seus pais. Eles se fixam nesses papéis e não testam outros.

Trish se tornou uma deles. Deixou de se interessar pelas aulas de belas-artes e agora mal vai à faculdade. Ela e Ken se mudaram para um apartamento pequeno perto do campus para não perderem tempo se locomovendo. Ele está péssimo ultimamente, trabalhando muito. Sempre que o vejo, está atrás de uma pilha de livros. Trish está mais mãezona do que nunca. Programa o despertador para ele toda noite. Cuida para que as roupas dele estejam limpas e prontas em cima da cama de manhã. Prepara o café dele, faz a marmita. Espera até ele voltar para casa, serve uma refeição quente e é ignorada, porque Ken se volta para os livros, e então, no dia seguinte, o mesmo ciclo tedioso se repete. Ela não é mais a menina vibrante e ousada que já foi. É a mulher que espera muito, trabalha demais e dorme pouco. Graças aos esforços dela, o apartamento é tão limpo quanto pequeno, e ela conseguiu deixar o lugar bem bonito. Trish até adotou um

gato de rua e deu a ele o nome de Gat por causa de um de meus personagens preferidos. Acho que Ken não gosta do animal, nem do nome que ela escolheu.

As perguntas dela se tornam cada vez menos frequentes, e cada vez mais seu comportamento pode ser descrito como uma ansiedade descontrolada. Ela não mais embarca em divagações divertidas; em vez disso, se preocupa com coisas banais, e não sou mais um companheiro de brincadeiras, mas alguém que precisa lhe transmitir segurança, apesar de não ser o dono de seu coração.

Apesar de tudo isso, ela ainda mantém o bom humor — e rezo a Deus todas as noites para que não o perca totalmente. Quanto mais vou a sua casa, mais alegre ela parece ficar. Procuro passar toda semana, e então duas vezes por semana, quando ela pediu. Ken passa cada vez mais tempo longe, deixando a casa vazia. Ela divide comigo suas preocupações e sussurra as perguntas mais sombrias na sala escura. Finjo ter todas as respostas e, como um bom amigo de ambos, eu a incentivo a dividir seus medos com seu amor.

Em pouco tempo, me arrependo. Certa noite, uma rara noite na qual Ken está em casa e não está estudando, estamos todos sentados à mesa da cozinha, cada um com um copo de uísque na mão. Durante uma pausa na conversa, quando tentamos nos atualizar sobre os acontecimentos recentes na vida de cada um, Ken enche seu copo. Ele não se dá ao trabalho de procurar gelo, não faz mais isso.

Trish suspira alto e se levanta, vai para a pequena sala de estar e se senta no braço do sofá. “E se o mundo todo existir em uma caixa de vidro dentro do quarto de uma criança qualquer, como um viveiro de formigas?” Posso jurar que o sotaque de Trish fica mais forte a cada vez que ela bebe.

“Que puta pergunta bizarra”, eu digo, com o uísque fazendo minhas narinas arderem. Ken não sorri; nem sequer faz menção disso. Eu me levanto para me alongar, para não ser o único sentado à mesa com ele.

“Tudo bem. E se o mundo terminar amanhã, provando que estamos todos perdendo nosso tempo trabalhando tanto e dormindo tão pouco?” Seus olhos brilham na sala escura. Gat sobe no colo dela, e ela acaricia sua pelagem marrom.

Começo a pensar na pergunta. Se eu morresse amanhã, ela saberia o quanto a

desejo? O quanto a amo?

Ken dá risada, finalmente, mas seu comentário não é o que eu esperava. "*Trabalhando tanto?* Como se você soubesse o que é isso."

Ele está sorrindo agora, jogando a cabeça para trás de um jeito sinistro quando se apoia na mesa. Gat parece sentir a ameaça quando Trish respira fundo. Eu nunca vi os dois brigarem, mas se começarem, vou tomar partido dela. O gato salta e parte pelo corredor. Eu deveria segui-lo — deveria sair daqui e me manter longe disso, mas não consigo.

Ken leva o copo aos lábios e bebe o resto da bebida marrom.

"Desculpa, eu não devo ter ouvido bem", diz Trish entredentes.

Ignoro o tremor de minhas mãos embaixo da mesa quando ele se levanta e começa a falar alto. Ignoro meu impulso de agarrá-lo até acordar do estado sonâmbulo em que tem ficado ultimamente, um estado no qual começa a gritar com ela, dizendo palavras horríveis, e berrando coisas terríveis sobre ela. Ignoro a azia que sinto quando ela dá um tapa na cara dele. Ignoro o modo como as lágrimas dela queimam a pele de meus braços quando a abraço no sofá, depois de ele ter partido, bêbado de cair e dirigindo por aí mesmo sem conseguir andar em linha reta — mas, depois do jeito como saiu daqui, sem nem se virar quando o chamei, fico feliz por ele ter partido.

"E se ele não voltar?" Os lábios de Trish tremem quando ela finalmente começa a se acalmar, com a cabeça em meu peito.

"E se ele voltar?", pergunto.

Ela suspira e aperta minha mão. Olho para seu rosto, e meu coração se aperta. Ela é tão linda, mesmo com os lábios vermelhos por tê-los mordido, e com os olhos inchados de chorar. Está calma agora, olhando para minha boca.

"E se eu estiver perdendo o homem que pensei conhecer?" A pergunta de Trish sai depressa, e a seguinte vem logo depois. "E se eu preferir receber atenção a uma vida estável?"

Ela parece desesperada agora, passando os dedos pelos cabelos castanhos. Olha para mim, ajeitando os ombros. "E se eu confundi amizade com amor? Você acha que Ken e eu fizemos isso?"

Ela olha para as minhas mãos, que estão procurando por ela sem que eu

percebesse.

“Não sei”, respondo, afastando as mãos para passá-las pelos cabelos e me recostando no sofá. Eu confundi amizade e amor quando escolhi a amizade e não meus sentimentos por Trish, mas agora meus melhores amigos construíram uma vida juntos. O problema que enfrentam não é falta de amor, é falta de tempo. Só isso. Ele a ama e, se ela fosse apaixonada por mim e não por ele, teria me dito há muito tempo.

Ela se ajoelha no sofá para me alcançar. Passa as mãos em meus cabelos e os afasta para mim. “E se não for tão simples?”

Será que Trish percebe o que sinto por ela? É por isso que está se aproximando a cada suspiro?

Quando seu rosto está a poucos centímetros do meu, ela olha em meus olhos. “Você pensa em mim?”

O uísque em nosso hálito toma o ar, apesar de nós dois termos bebido bem menos do que Ken. Aqui estou eu, falando de Ken de novo; parece que a presença dele está impregnada no apartamento. Ele marcou o corpo de Trish como se fosse o dele; ele se mistura com a energia dela toda noite. Sente os seios dela em suas mãos. Toca a pele pálida de sua barriga, de suas coxas. Ela o beija. Ele sente seu gosto…

E eu nunca farei isso.

“Eu não deveria…”, respondo.

Mas eu seria um tolo se não pensasse em seu quadril largo e em sua pele perfeita. Eu a vi crescer, e sonhar com ela sempre foi algo constante e diário.

Trish gosta de minha resposta. Consigo perceber pelo modo como ela lambe os lábios enquanto olha para mim, o modo como mantém os lábios levemente entreabertos. Isso quer dizer que ela tem… bem, pensado em mim? Por que mais perguntaria?

Quando ela olha nos meus olhos, e então para a minha boca, o bom senso e o autocontrole deixam de fazer parte do meu vocabulário e eu seguro seus cabelos e a beijo. O beijo é lento, exploro cada pedacinho de sua língua, de seus lábios. Ela é minha nesse momento, e nós dois estamos aproveitando ao máximo. Em pouco tempo, ela fica mais intensa, agressiva nos movimentos, e me empurra

para o chão, sobe em cima de mim. Seu olhar é de profundo alívio quando enfia a língua na minha boca. Eu solto um gemido, erguendo o quadril para ela. Estou duro para ela, e quero que sinta isso.

Seus dedos se entrelaçam nos meus, e ela os guia para o meio das pernas. Está ansiosa para me mostrar como está molhada; está pronta para confessar que me deseja. Também estou pronto, e mostro isso me esfregando nela; Trish solta um palavrão, implorando para que eu leve a situação para a próxima etapa.

Podemos mesmo…

"E se formos flagrados?", ela pergunta, afastando-se um pouco.

Não sei se me importo como sempre pensei que me importaria.

"E se não formos?", ela diz a si mesma e silencia qualquer outra pergunta que possamos ter com a língua entre meus lábios e as mãos desabotoando minha calça. Escorrega a mão para dentro, me segura, e eu derreto dentro dela. Meus medos de ser flagrado por um Ken irado, saber que ela não é minha, a ansiedade que sinto quando penso em sair daqui — tudo isso desaparece. Só consigo pensar em me enterrar nela, desejando cada parte de seu corpo.

Puxo minha calça, e a desço com a cueca. Ela está me sentindo, me lambendo, descendo a língua pela veia central inchada. Em seguida fecha os olhos, adorando o modo como sua boca molhada me acomoda até a garganta, e volta. Torna-se cada vez menos cuidadosa conforme vai me devorando, depressa, mas com eficiência. Está me satisfazendo como se nunca mais fosse sentir meu gosto. E não vai mesmo.

"Deita de barriga para cima, com as pernas bem abertas. Quero olhar para você", digo a ela. Preciso olhar para ela quando finalmente tenho o que quero na minha frente. Trish se deita no meio do carpete, arrastando a mesa de centro de cerejeira escura para o lado. Rapidamente, ela se despe, e eu não me importo, porque observá-la é demais. O vestido comprido de algodão cai a seus pés, e os braços já afastam as alças do sutiã branco simples. Meus olhos acompanham a curva de seu corpo; seus mamilos são bolinhas sob meus olhos. Sua barriga é lisa; os músculos de sua barriga se fundem com o quadril.

Estou latejando e muito duro quando a toco. Ela está deitada no carpete, com as pernas abertas para mim. Meu pau fica entre nós, e consigo sentir o cheiro de

sua umidade entre as pernas. Chego a sentir como ela vai estar apertada. Eu me aproximo, fazendo pressão até preenchê-la lentamente. Ela parece uma luva enquanto entro e saio. Acho que não vou conseguir parar nunca mais. Já preciso mais dela. Os olhos de Trish estão revirados, e sei que não vou conseguir me controlar por muito mais tempo. Mexo o quadril, e ela envolve minha cintura com as coxas. Trish diz que está gozando, “muito forte”, ela geme, fincando as unhas em meus braços enquanto a penetro com mais força.

Gozo dentro dela, desejando que não fosse a primeira e única vez que poderei aproveitar seu corpo desse modo. Ela respira com força contra meu ombro, e beijo as marcas molhadas de seu pescoço, deixadas com as lambidas.

Minutos depois, voltamos à realidade numa mistura dolorida de braços e pernas, de suor e respiração ofegante. Trish está sentada no chão, pernas cruzadas, e eu estou no sofá, abrindo o máximo de distância entre nós.

“E se não conseguirmos parar?”, pergunta ela, olhando para mim, e então, para a mesa da cozinha.

Não sei o que fazer. Não sei o que quero, o que ela quer. Não sei o que é possível. “Temos que parar”, digo sem pensar. “Vou embora mês que vem.”

Apesar de saber disso — apesar de ter me ajudado a reservar a passagem de avião —, ela se vira para mim de repente como se tivesse ouvido isso pela primeira vez.

E então, sem nada dizer, meneia a cabeça, e nós dois sentimos uma tempestade de culpa, alívio e perda por algo que na verdade nunca tivemos.

O MARAVILHOSO PRESENTE…

Ken era meu amigo, meu amigo mais próximo, diria, e eu era totalmente maluco por sua esposa. Amava aquela mulher maluca e o fogo que sua presença trazia. Ela era desafiadora e brilhante, o meu ponto fraco. Era inaceitável o que estávamos fazendo, e ela sabia disso. Sabia muito bem, mas nenhum de nós conseguia evitar. Estávamos presos, vítimas de um momento ruim e de escolhas piores ainda. Não era nossa culpa, eu me convencia sempre que caía, exausto e

ofegante, sobre seu corpo nu. Simplesmente não conseguíamos evitar; não era nossa culpa. Era o universo, e as circunstâncias de nossa situação.

Eu fui criado dessa maneira. Desde menino, aprendi que nada era minha culpa. Meu pai estava sempre certo, mesmo quando não estava, e ensinou o filho mais velho a pensar da mesma maneira. Fui uma criança mimada, mas não pelo dinheiro. Durante o tempo que pude passar com meu pai, absorvi sua arrogância. Meu pai nunca assumia seus erros; nunca teve que fazer isso. Aprendi que na vida sempre havia outra pessoa a culpar. Tentei ser um pai diferente do que ele foi, um pai melhor.

Kimberly diz que estou fazendo um ótimo trabalho. Ela me elogia muito mais do que mereço, mas eu aceito. Ela sabe falar mal também — tem a boca mais suja do que qualquer um de meus amigos de faculdade depois de beber doze latas de cerveja barata.

“Coloque a Karina na cama e depois vai me encontrar à sua espera.” Kimberly me dá um beijo no rosto e um tapinha na bunda, piscando e sorrindo ao caminhar para nosso quarto.

Eu amo essa mulher.

Karina solta um soluço enquanto dorme, e eu passo a mão em suas costas delicadamente. Ela ergue uma das mãozinhas e segura a minha.

Ainda não acredito que sou pai de novo. Estou velho. Fios grisalhos não param de aparecer em minha cabeça.

Quando Rose morreu e ficamos só Smith e eu, nunca pensei que teria outro filho. Nem esperava descobrir que já tinha outro filho. Menos ainda, principalmente pelo modo como as coisas começaram, nunca pensei que teria um filho de vinte e um anos na minha vida como amigo e homem. Hardin deixou de ser meu maior arrependimento e passou a ser minha maior alegria. Eu temia pelo seu futuro, tanto que o contratei na Vance só para que tivesse um emprego.

O que eu não esperava era que ele se revelasse um gênio. Teve tantas dificuldades na adolescência que imaginei que fosse arruinar ou acabar com a própria vida antes mesmo que começasse. Estava puto o tempo todo, e o merdinha fazia a mãe sofrer horrores.

Vi Hardin passar de garoto problemático a cara solitário, e depois se

transformar num autor famoso e defensor dos jovens confusos. Ele se tornou tudo aquilo que eu poderia ter sonhado. Smith admira Hardin em todos os aspectos, exceto suas tatuagens, sobre as quais os dois adoram discutir. Smith as considera horríveis, e Hardin adora mostrar a Smith cada novo desenho que dá um jeito de fazer caber na pele já repleta.

Olho para a lindinha dormindo no berço, acendo a luminária sobre a penteadeira e prometo, em silêncio, que ela vai ter o melhor pai que eu conseguir ser.

Smith



Na adolescência, ele não sabia ser um modelo de comportamento. Não fazia a menor ideia do motivo pelo qual alguém desejaria ser como ele, mas o menininho queria. O garotinho de covinhas o seguia por todos os lados sempre que o visitava e, conforme o cara foi amadurecendo, o garoto também cresceu. O garoto acabaria se tornando um de seus melhores amigos e, quando alcançou a mesma altura, tornou-se seu irmão, de fato.

Hardin vem de novo hoje, e estou mais animado do que o normal porque ele não aparece há alguns meses. Pensei que talvez não fosse voltar. Quando ele se mudou, prometeu que me visitaria de vez em quando, sempre que pudesse. Que bom que ele tem cumprido a promessa.

Nestes últimos dias, meu pai fica me mandando fazer coisas para me distrair, coisas como lição de matemática, guardar a louça lavada e levar o cachorro da Kim para fazer xixi. Gosto de passear com o cachorro, Teddy — ele é bonzinho e muito pequeno, por isso eu o levo no colo quando fica com muita preguiça de andar. Mas, ainda assim, estou muito animado porque Hardin está vindo.

Hoje foi um dia comprido: escola, aula de piano e agora, dever de casa. Kimberly está cantando no outro quarto. Cara, ela faz barulho. Às vezes, chego a achar que ela pensa que canta bem, então não vou dizer que não. As notas estridentes dela às vezes assustam seu cachorro.

Sempre que Hardin vem aqui, ele me traz um livro. Sempre os leio, e então conversamos ou trocamos mensagens de texto depois. Às vezes, ele me dá livros difíceis, com uma linguagem que não entendo, ou livros que meu pai toma de

mim por achar que sou novo demais para ler. Ele sempre bate na cabeça de Hardin com o livro antes de guardá-lo para “um dia” me dar.

Acho engraçado quando Hardin xinga o meu pai. Isso normalmente acontece com as batidas na cabeça.

Um dia, a Tessa me contou que Hardin me ensinava palavrões quando eu era pequeno, mas não me lembro disso. Tessa sempre me conta coisas sobre a minha infância. Ela fala mais do que qualquer outra pessoa, a não ser Kim — ninguém fala tanto ou tão alto quanto Kim, mas Tessa chega perto.

Quando passo pela porta da frente, o alarme toca algumas vezes, e vejo uma pequena tela surgir na TV da sala de estar. O rosto de Hardin, com o nariz grande, cobre a telinha. Seu pescoço aparece também, as tatuagens fazem parecer que ele rabiscou a tela toda. Dou risada e aperto o botão para falar.

“Seu pai mudou a senha de novo?”, pergunta Hardin, o que é engraçado, porque seus lábios se movimentam mais depressa na tela do que sua voz sai pelo alto-falante.

A voz dele é a mesma do meu pai, praticamente, só que mais lenta. Minha avó e meu avô falam como eles também, porque todos nasceram na Inglaterra. Meu pai diz que eu estive lá quatro vezes, mas só me lembro da viagem do ano passado, quando fomos ao casamento do amigo dele.

Meu pai se machucou naquela viagem — eu me lembro que a perna dele ficou parecendo carne moída. Parecia *The Walking Dead* (mas não diga a ele que dei um jeito de ver alguns episódios). Ajudei Kim a trocar os curativos, e eram muito nojentos, mas deixaram umas cicatrizes legais. Kim teve que empurrá-lo numa cadeira de rodas por um mês; ela disse que fazia isso porque o ama. Se eu me machucasse e precisasse ser empurrado numa cadeira de rodas, tenho certeza de que ela também faria isso por mim.

Abro o portão para Hardin e caminho até a cozinha quando ouço os passos dele na sala de estar.

“Smith, querido”, diz Kim quando entra na cozinha. “Quer comer alguma coisa?” Hoje, os cabelos dela estão soltos; ela meio que parece o cachorro, o Teddy, com seus pelos crespos e desgrenhados. Eu nego balançando a cabeça, e Hardin se aproxima de nós.

“Eu quero”, diz ele. “Estou com fome.”

“Não perguntei para você. Perguntei para o Smith”, diz ela, e passa a mão no vestido azul.

Hardin dá uma risada bem alta. Balançando a cabeça, ele olha para mim.

“Está vendo como ela me trata? É terrível.”

Eu também dou risada. Kim diz que o Hardin a *perturba*. Os dois são muito engraçados.

Kim abre a geladeira e pega uma jarra de suco. “Olha quem fala.”

Hardin ri de novo e se senta na cadeira ao meu lado. Está segurando dois embrulhos pequenos de papel branco. Não tem fitas nem nada escrito do lado de fora. Sei que são meus, mas não quero ser mal-educado.

Olho para eles e tento ler o título dos livros através do papel, mas não consigo. Eu me viro para a janela e finjo estar olhando para fora para não parecer grosseiro demais.

Hardin coloca os embrulhos em cima do balcão, e Kim me dá um copo de suco antes de ir até o armário pegar uns salgadinhos. Meu pai sempre diz para Kim não me deixar comer muitos salgadinhos, mas ela não ouve. Meu pai diz que ela nunca ouve.

Estendo a mão para pegar o saco, mas Hardin é mais rápido, e segura o pacote acima da minha cabeça por um minuto.

Ele sorri para mim. “Pensei que você não estivesse com fome.”

O furo embaixo de seu lábio faz parecer que alguém desenhou um pontinho em seu rosto. Ele tinha um piercing, eu me lembro. Sempre falo para ele voltar a usá-lo. Ele me pede para parar de ouvir o que Tessa diz.

“Mas agora estou.” Eu me levanto e pego o saco de novo, que acaba fazendo um barulho estridente na minha mão. Hardin dá de ombros, e parece feliz. Ele me acha engraçado. Diz isso para mim o tempo todo.

Quando abro o saco, ele pega um punhado de salgadinhos e enfia na boca grande. “Vai abrir seus presentes antes de se entupir de salgadinhos?” Pedaços de comida voam de sua boca enquanto ele fala, e Kim faz uma cara de nojo.

“Christian!”, ela grita chamando meu pai.

Dou risada, e Hardin finge estar assustado.

Eu pego o saco de salgadinhos. “Bom, já que perguntou, quero abrir os livros primeiro.”

Hardin pega os dois embrulhos e segura contra o peito. “Livros, é? Por que você acha que eu comprei livros?”

“Porque sempre compra.” Estendo a mão para pegar o mais volumoso, e ele o escorrega por cima do balcão.

“*Touché*”, diz ele — seja lá o que isso quer dizer.

Esquecendo um pouco os bons modos, eu rasgo o papel até ver uma capa colorida. Ela mostra um garoto com um chapéu de mago.

“*A câmara secreta*”, leio o título em voz alta. Fico feliz com esse livro. Acabei de ler o primeiro.

Quando olho para Hardin, ele afasta os cabelos do rosto. Concordo com meu pai — ele deveria cortar os cabelos. Estão tão compridos quanto os da Kim.

Ele aponta o livro. “Foi o Landon que mandou. Ele gosta desse bruxinho.”

Meu pai entra na cozinha e xinga Hardin, que dá um tapa no ombro dele, e Kim os chama de infantis. Ela diz que eu ajo de modo mais adulto do que eles.

“Bem, que bom para ele”, diz meu pai. “Smith, não se esqueça de agradecer o amigo da Tessa.”

Hardin solta um riso de deboche. “Amigo da Tessa? Ele é *meu* irmão.” Ele sorri e coça as tatuagens que tem nos braços. Quero fazer tatuagens como as dele quando for mais velho. Meu pai não quer deixar, mas a Kim me falou que, quando eu tiver idade para sair de casa, ele não vai poder me impedir.

Vou poder fazer o que quiser quando crescer.

“Ele não é seu irmão *de verdade*”, digo a ele. Meu pai explicou que o Landon não é irmão dele de verdade.

O sorriso de Hardin desaparece, e ele meneia a cabeça. “Sim, mas, mesmo assim, ele é meu irmão.”

Quando penso no que ele quer dizer com isso, Kim pergunta se meu pai está com fome, e Hardin olha ao redor. Ele parece um pouco triste por algum motivo, de repente.

“Seu pai é meu pai. Então, a mãe do Landon é sua mãe?”, pergunto.

Hardin balança a cabeça para negar, e meu pai dá um beijo no ombro de Kim,

o que, claro, faz com que ela sorria. Ele sempre a faz sorrir.

“Às vezes, as pessoas podem formar uma família mesmo não sendo filhos dos mesmos pais.”

Hardin olha para a minha cara como se eu tivesse que responder alguma coisa. Sério, não sei o que ele quer dizer, mas, se quer que Landon seja seu irmão também, por mim, tudo bem. Landon é muito legal. Ele mora em Nova York, então não o vejo muito. Tessa também está lá. Meu pai tem um escritório na cidade; é minúsculo e tem cheiro de hospital.

Hardin toca minha mão, e eu olho para ele. “Só porque o Landon é meu irmão não quer dizer que você não seja. Sabe disso, né?”

Fico meio envergonhado, porque a Kim está com cara de quem vai chorar, e meu pai parece assustado.

“Eu sei”, digo a ele, e olho para o livro do Harry Potter. “O Landon também pode ser meu irmão.”

Hardin parece feliz quando sorri, e eu olho para cima e vejo Kim fazendo aquela careta de novo.

“Sim, pode.” Ele olha para Kim e diz: “Pode parar, mulher! Quem vê pensa que alguém morreu, pelo jeito como está agindo”.

Meu pai xinga Hardin, e Kim sai da frente quando Hardin lança uma maçã no peito dele. Ele parece um jogador de beisebol, pelo modo como se movimenta… e dá uma mordida, o que faz com que todos comecem a rir.

Hardin escorrega o outro livro pelo balcão, e eu o pego. O papel é mais duro para rasgar do que o outro, e acabo me cortando um pouco numa das pontas. Faço uma careta, mas espero que ninguém tenha notado. Se eu contar, Kim vai me obrigar a lavar a mão agora e fazer um curativo, mas estou curioso para ver que livro é.

Quando rasgo o resto do papel, vejo uma cruz grande na capa. “Dra-cula?”, leio o título. Já ouvi isso antes. É um livro de vampiro.

Meu pai se afasta de Kim e dá a volta no balcão. “Drácula? Você só pode estar brincando. Ele ainda não tem nem dez anos!” Ele estende a mão para pegar o livro.

Me volto para Kim para pedir ajuda. Ela contrai os lábios e olha feio para

Hardin.

“Normalmente, eu fico do seu lado”, diz ela. Hardin responde que ela está mentindo, mas ela continua falando: “Mas Drácula? Justo esse livro? Harry Potter e Drácula… que mistura”.

Meu pai assente e fica de pé como se fosse uma estátua gigante, como sempre faz quando quer mostrar que está certo.

Depois de um momento, Hardin revira os olhos e puxa a gola de sua camiseta preta. “Desculpa, cara, seu pai está sendo um mala. Pode ler a *Câmara secreta* agora e, quando eu vier da próxima vez, vou trazer outro…”

“Um sem violência”, meu pai interrompe.

Hardin suspira. “Claro, claro. Sem violência”, diz ele com uma voz engraçada.

Dou risada de novo. Meu pai sorri, e Kim o abraça.

Fico pensando quanto tempo vai demorar para eu ver o Hardin de novo.

“Quando você vai voltar?”, pergunto.

Hardin coça o queixo. “Hum. Não sei bem. Talvez daqui a um mês.”

Um mês parece muito tempo, mas o livro do Harry Potter parece ser *bem* longo…

Hardin se inclina para a frente, mais para perto de mim. “Mas vou voltar, e vou trazer um livro sempre que vier”, sussurra.

“Como meu pai fazia com você?”, pergunto, e ele olha para meu pai. Para o nosso pai. Mas Hardin não o chama de pai. Ele o chama de Vance, que é nosso sobrenome. Não o de Hardin, que é Scott. É o sobrenome que ele ganhou do pai falso dele.

Quando tentei chamar meu pai de Vance, ele disse que eu ficaria de castigo até os trinta anos se dissesse aquilo de novo. Não quero ficar tanto tempo de castigo, por isso eu o chamo de pai.

Hardin se ajeita na cadeira. “Sim, como ele fez comigo.”

Ele parece triste de novo, mas não tenho certeza do motivo. Hardin fica triste, depois fica bravo, depois ri — é assim o tempo todo.

Ele é bem esquisito.

“Como você sabia disso, Smith?”, pergunta meu pai.

O rosto de Hardin fica vermelho, e ele me pede silenciosamente para não contar.

Levanto as mãos e pego mais salgadinhos. “O Hardin disse para eu não contar.”

Hardin dá um tapa na própria testa, depois na minha, e Kim sorri para nós dois. Ela sorri muito, o tempo todo. Eu também gosto quando ela ri; gosto do som.

Meu pai se aproxima de nós.

“Bom, o Hardin não faz as regras, lembra?” Meu pai apoia as mãos nos meus ombros e faz uma massagem. Gosto quando ele faz isso. “Conte o que o Hardin disse, e levo você para tomar sorvete e para comprar um trilho novo para seu trem.”

Meu trem é meu brinquedo preferido. Meu pai sempre compra trilhos novos para aumentar o trajeto, e, no mês passado, a Kim me ajudou a levar tudo para um quarto vazio, então agora tenho um quarto inteirinho só para os trens.

Hardin parece estar suando. Mas não está bravo, então decido que posso contar ao meu pai.

Além disso, tem a promessa de mais coisas para o trem.

“Ele disse que você comprava livros para ele.” Ergo os livros pesados. “E que ele se sentia feliz, quando era pequeno como eu.”

Hardin vira a cabeça e meu pai parece surpreso com o que eu disse. Os olhos dele estão brilhando agora, e ele se vira para mim.

“É mesmo?” A voz do meu pai está esquisita.

“Sim”, digo, assentindo.

Hardin fica calado, mas olha para mim. Seu rosto está vermelho, e seus olhos estão brilhando como os do meu pai. Olho para Kim, e ela está cobrindo os lábios com a mão.

“Eu disse alguma coisa errada?”, pergunto a eles.

“Não, não”, meu pai e Hardin respondem ao mesmo tempo.

“Você não disse nada de errado, carinha.” Meu pai apoia as mãos nas minhas costas e em Hardin.

Geralmente, quando ele faz isso, Hardin se afasta.

Mas hoje, não.

Hessa



É um dos verões dos mais quentes em Nova York quando Tessa dá à luz Auden. É terça-feira, dia de lançamento do meu mais novo livro, e Tessa e eu estamos deitados no chão, olhando para o ventilador de teto que instalamos semana passada.

Não paramos de redecorar nosso pequeno apartamento, por algum motivo maluco. Sabemos que acabaremos não ficando aqui, mas não paramos de gastar dinheiro nesse lugar. Nossa decisão impulsiva de redecorar totalmente o quarto de nosso filho quando ele tinha só oito semanas de vida acabou sendo uma tarefa muito mais difícil do que previámos. Com a reforma, colocamos o berço de Auden no nosso quarto, na frente da nossa cama. O cômodo está apertado e abafado, como se fôssemos refugiados em um barco, que decidiram dar à filha de cinco anos, Emery, a cabine, enquanto ocupam um compartimento menor.

Tess está adorando.

Em algumas noites, ela adormece com os pés virados para a cabeceira e segura a mão dele, e os dois dormem assim. Na metade do tempo, eu acordo para ajeitá-la, mordiscando sua orelha, massageando seus ombros tensos. Na outra metade, abraço as pernas dela e durmo assim. Tenho que tocá-la de alguma forma. De manhã, ela acaba do meu lado, mordiscando a *minha* orelha e massageando a *minha* lombar.

Eu já me sinto um idoso; minhas costas doem por causa da postura ruim na hora de escrever; fico sentado e curvado no sofá ou de pernas cruzadas no chão com o laptop no colo.

Tessa aponta o ventilador. “Está torto. Deveríamos pintar de novo.”

No momento, o quarto do bebê está pintado com um amarelo-claro que

combina com o cômodo neutro. Queríamos manter a leveza do lugar, e já tínhamos aprendido com o erro — e a dor de cabeça subsequente — de termos pensado que uma menina desejaria ter paredes cor-de-rosa, como pintamos antes de Emery nascer. Mas, assim que ela percebeu que não gostava muito de cor-de-rosa, precisamos de três tardes e muitas demãos de verde para cobrir a maldita cor. Aprendemos uma lição com isso, e Tessa aprendeu alguns palavrões novos comigo. Então, insistindo que um amarelo em tom pastel seria a escolha, seguimos em frente; todos sabem que eu faço de *tudo* para seguir o que minha mulher quer. Isso sem contar o fato de que será uma cor muito fácil de pintar por cima quando Auden começar a expressar suas preferências.

O quarto do bebê tem muitos tons de amarelo. Eu não sabia que existiam tons distintos de amarelo, nem que eles eram tão diferentes uns dos outros. Cada um deles veio depois das idas de Tessa à IKEA e à Pottery Barn, que eu juro que ocorrem pelo menos três vezes por semana. Ela encontra todos os tipos de coisas que ama e as segura contra o peito, exclamando frases como “Essa almofada vai ficar liiinda!” e “Esse brinquedo é tão lindo que eu seria capaz de comê-lo!”. E, no fim, a tal coisa acaba enfiada embaixo de uma almofada do sofá ou em alguma prateleira no quarto que ela ainda não tinha preenchido.

O quarto acabou se tornando um cubo amarelo dentro do qual Tessa não consegue passar mais de dez minutos sem enjoar. Ela me fez prometer que eu nunca mais deixaria que decorasse um quarto — muito menos um de bebê. E, agora, quer que eu pinte tudo de novo.

O que eu não faço por essa mulher?

E eu faria mais. Faço tudo o que posso.

Uma coisa que eu precisaria fazer, de algum modo, é convencê-la a pegar mais leve no trabalho. Ela anda muito cansada ultimamente, e isso está me deixando maluco. Tessa não desacelera, mas eu sei o quanto ama seu trabalho. Sua carreira é seu terceiro filho. Ela trabalha muito para organizar os casamentos mais lindos imagináveis. Ela é nova, novata no ramo, mas é incrível no que faz.

Tessa estava aterrorizada quando conversou comigo sobre a possível mudança de carreira. Andava de um lado a outro em nossa pequena cozinha. Eu havia acabado de encher a lava-louças e “terminado” de pintar as unhas de Emery.

Achava que estava me dando bem com a troca de papéis, mas Emery fez Tess me demitir quando eu disse que a sujeira que estava fazendo em suas mãos era normal, que o esmalte vermelho fazia parecer com que ela havia acabado de matar alguma coisa.

Eu não sabia que uma filha minha podia ter o pavio tão curto e um senso de humor tão azedo.

“Então, eu quero recusar a promoção na Vance e voltar a estudar”, anunciou Tessa de modo casual na mesa da cozinha. Ou pelo menos achei que fosse casual. Emery permaneceu em silêncio, sem ideia do impacto que tais decisões têm na vida das pessoas.

“Sério?” Passei uma toalha num prato molhado para secá-lo.

Tessa mordeu o lábio inferior e arregalou os olhos. “Ando pensando muito nisso ultimamente e, se eu não fizer isso, vou enlouquecer.”

Ela não precisava explicar isso para mim. Todo mundo precisa mudar de vez em quando. Até eu já fiquei entediado com os livros, e Tessa me deu a ideia de ser professor substituto por dois ou três dias por mês em Valsar, a escola de ensino fundamental de Emery, onde Landon trabalha. Certo, eu larguei depois de três dias, mas foi uma experiência divertida, e consegui alguns pontos com minha filha.

Como sempre, incentivei Tessa a fazer o que queria. Queria que se sentisse feliz, e não precisamos tanto do dinheiro. Eu havia acabado de assinar um contrato com a Vance, meu terceiro nos últimos dois anos. O dinheiro do *After* foi direto para uma conta para as crianças. Bom, isso depois de eu ter comprado para Tessa um presente para me desculpar por ser tão idiota tantas vezes seguidas. Foi simples: uma pulseira de metal para substituir a antiga, que era de pano. Ao longo dos anos, o tecido se rasgou, mas Tessa guardou as pulseiras e ficou muito animada porque na nova era possível acrescentar novos pingentes conforme ela quisesse. É bem idiota, na minha opinião, mas ela adorou.

Na manhã seguinte, Tessa se reuniu com Vance e educadamente recusou a promoção, e então chorou por uma hora quando chegou em casa. Eu sabia que ela se sentiria culpada por deixar o emprego, mas não ia ser por muito tempo. Eu sabia que Kim e Vance dariam força a ela até o aviso prévio de duas semanas

terminar.

Quando ela conseguiu o primeiro cliente para um casamento, deu um grito, e eu a vi animada de um modo que nunca tinha visto. Eu ainda não sabia por que essa louca tinha ficado comigo depois de todas as merdas que fiz na juventude, mas fiquei bem feliz por ela ter ficado, ainda que fosse só para vê-la tão feliz quanto estava naquele momento.

Obviamente, Tessa mandou muito bem no primeiro casamento e passou a ser recomendada sem parar, e, com isso, conseguiu contratar duas funcionárias depois de poucos meses. Fiquei orgulhoso dela, e ela de si mesma. Analisando o que passou, parece besteira que tenha temido fracassar. Tessa é uma daquelas pessoas irritantes que transformam merda em ouro.

Foi bem o que aconteceu comigo.

Ela trabalhava muito, e voltou à carga com tudo depois que Auden nasceu.

Eu a cutuquei. “Você precisa de uma noite de folga. Está praticamente dormindo no chão enquanto olha para o ventilador de teto.”

Ela cutuca meu quadril com o cotovelo. “Estou bem. É você que quase não dorme à noite”, sussurra ela, encostada em meu pescoço.

Sei que ela está certa, mas tenho prazos, e não posso me dar ao luxo de dormir. Além disso, quando empaco num trecho que estou escrevendo, ele gruda em mim e não consigo relaxar. Ainda assim, odeio saber que ela percebe minha falta de sono, já que sempre se preocupa muito mais comigo do que eu mesmo.

“Estou falando sério. Você precisa dar um tempo. Ainda está se recuperando do monstrinho que viveu dentro de você”, digo, e escorrego a mão por baixo da camiseta dela, pousando-a em sua barriga.

Ela se retrai. “Não faz isso”, resmunga, tentando afastar minhas mãos de sua pele macia. Odeio ver que ela ficou muito insegura desde que nosso filho nasceu. O nascimento de Auden maltratou seu corpo mais do que o de Emery, mas, para mim, ela está mais sensual do que nunca. Detesto ver que minha mão a deixa desconfortável assim.

“Linda…” Eu afasto a mão, mas só para poder me apoiar no cotovelo. Olhando para ela, balanço a cabeça.

Pressionando dois dedos quentes em meus lábios, ela sorri. “Conheço essa

parte do romance. É onde você faz o discurso heroico de marido preocupado dizendo que minhas cicatrizes são marcas lindas e que estou ainda mais bonita por causa delas", diz Tessa, dando um tom dramático às palavras.

Ela sempre foi uma espertinha.

"Não, Tess, agora é quando *mostro* como me sinto quando olho para você."

Aproximo minha mão de seu seio e o aperto com força suficiente para excitá-la, deixando seu corpo aquecido para mim. Ela geme quando toco seu mamilo duro e o belisco por baixo da roupa.

Ela está pronta. Eu sei, e ela sabe. Ela aceita isso abertamente, e eu reajo o mais rápido que consigo.

Minhas mãos logo encontram seus shorts e escorregam por baixo do tecido. Como esperava, tem um ponto úmido na parte da frente da calcinha. Adoro senti-la molhada e quero sentir seu gosto. Afasto os dedos e os levo aos lábios. Tessa geme, puxa meu dedo do meio e o indicador e chupa as pontas.

Caramba, essa mulher acaba comigo.

Os olhos dela estão grudados nos meus quando mordisca as pontas de meus dedos. Encosto o corpo no dela, para que sinta como meu pau ficou duro com suas provocações. Puxo o elástico de seus shorts de algodão e os desço por suas pernas até os pés. Ela os afasta depressa quando a calcinha fica presa. Ela quer agora, precisa de mim agora. Chupo seu pescoço e sinto sua mão segurando meu pau. Ela está tão desesperada quanto eu quando tira minha roupa. Quando sobe em mim, estou só de meias. As inseguranças de Tessa parecem desaparecer quando ela encosta o corpo no meu e leva os lábios molhados à minha ereção. Passando a língua quente pela ponta, levando uma gota de mim. Continua movimentando a boca num ritmo estável, tomando mais e mais de mim enquanto digo seu nome aos gemidos.

Eu encosto a cabeça no chão e levanto as mãos em direção a seus seios, que ainda estão inchados devido à amamentação — uma mudança corporal que ela *ama*, e com certeza não estou reclamando, porque agora tenho ainda mais com o que brincar.

"Porra, como eu amo os seus peitos", digo quando ela desce a boca pela extensão de meu pau.

Tessa me chupa com força, e me envolve enquanto sinto a tensão aumentar em minhas costas. Quando passo as mãos por seus cabelos, ela se afasta, lambendo os lábios enquanto me olha. Em seguida apoia-se nos cotovelos e encosta os seios no meu pau. Estou ofegante como um cão à espera do carinho de seu dono depois de passar um dia todo no canil, sozinho. Tessa une os lindos seios e escorrega meu pau entre eles. Com três movimentos, gozo em sua pele. Enquanto me recupero, a língua de Tessa aparece entre os lábios, e ela abre um sorriso tímido, com as faces coradas pelo modo como seu corpo reage ao fato de me dar prazer.

Ela fica de pé e então, olhando para o peito, diz: “Vou precisar de um banho”.

Ainda ofegante, pego a camiseta preta do chão e entrego para ela. Tessa recusa, fazendo uma careta para mim, e toma o caminho da porta. Ao longo dos anos, ela tem se tornado cada vez mais contrária à ideia de eu limpar os fluidos corporais com minhas camisetas. Parece que não é legal, e para isso servem as toalhas, é o que ela sempre diz.

Eu a sigo até o banheiro, pensando em todas as maneiras como vou retribuir a gozada no chuveiro.

Os seios dela ficam lindos pressionados contra o vidro. O espelho na parede deve ser uma das melhores coisas desse apartamento.

Hessa



PÁSCOA

“Hardin, o Auden acordou.” A voz de Tessa invade meu sono. “Precisamos acordar Emery para eles encontrarem os cestos de Páscoa.”

Ela aperta meu ombro, implorando para que eu acorde.

“Hardin, vamos.” Ela está falando baixo, mas a animação é evidente em seus sussurros contidos.

Se eu for despertado assim pelo resto da vida, sou um cara de muita sorte.

Resmungo, quase sem abrir os olhos, quando a puxo contra meu peito.

“O que foi?”, pergunto, encostando os lábios em sua têmpora. Seus cabelos grudam em meu rosto, e eu afasto as mechas. Ela está sem blusa, com os seios macios pressionados na lateral de meu corpo.

Ela sussurra, passando a perna pela minha. Eu me retraio, e ela me aperta de modo brincalhão. “As crianças precisam encontrar os cestos, e eu quero começar a fazer o café da manhã, então você precisa acordar.”

E assim, como se não estivesse me excitando, ela afasta o corpo do meu e rola para o lado para sair da cama.

“Vem cá, linda”, resmungo, sentindo falta do calor de seu corpo.

Quando ela abre a cômoda, olho para seu peito nu. Acabo gemendo sem querer, e me arrependo por não ter acordado antes para ficar com ela na cama. Estaria dentro dela agora, bem fundo na umidade e no calor da…

Um travesseiro voa na minha cara. “Saia da cama! Temos um dia cheio hoje.”

Suspirando, levanto de nossa cama *king size* e visto uma camiseta antes que ela jogue mais alguma coisa em cima de mim. Ela passou meses redecorando o

apartamento, e faz pouco tempo; tenho certeza de que não quer estragar nenhuma das peças que escolheu com o decorador maluco que ela me convenceu de que precisávamos. O cara era um pirado, pintou a sala de estar de salmão, e voltou a pintar uma semana depois com um tom levemente menos nauseante.

“Eu sei, linda. Cestos, coelhos, ovos e essa merda toda.” Olho para meu reflexo no espelho pendurado na parede e passo os dedos pelos cabelos. Usando o elástico em meu pulso, prendo os cabelos e olho para Tessa. Ela está tentando não rir, mas não está conseguindo se controlar.

“Sim, essa merda toda.” Ela acaba rindo e pega a escova de cabelos. “Temos que estar na casa do Landon às duas. Karen e Ken chegaram, e eu ainda não fiz a salada de batata que vamos levar.”

Depois de terminar de cuidar dos cabelos compridos, ela me entrega a escova com um sorrisinho.

Balanço a cabeça, negando. Não preciso escovar os cabelos; meus dedos cumprem a função.

“Vou fazer a salada enquanto você se arruma”, digo. “Agora, vamos ver as crianças procurando os cestos.”

Ela faz uma careta, julgando minha capacidade de fazer a salada e chegando à conclusão de que não é uma proposta aceitável. Sou totalmente capaz de cozinhar… a não ser, talvez, pelo Natal passado, quando queimei o peru.

Tessa está usando uma calça branca de algodão e uma camiseta azul-marinho; sua pele está um pouco bronzeada por passar tanto tempo no quintal cuidando da pequena horta. Ela ama o nosso quintal aqui no Brooklyn; é sua parte preferida da casa que comprei para comemorar meu contrato para um novo livro.

No corredor, ela para na frente do quarto de Emery. “Vá acordá-la, e me encontrem na sala de estar.” Ela me dá um beijo e grita para chamar nosso filho. Eu dou um tapa em seu traseiro quando ela se afasta, e Tessa revira os olhos — como sempre.

Quando entro no quarto de Emery, ela está espalhada na cama, com as pernas compridas penduradas para fora por cima da colcha com desenho da Disney.

“Em”, chamo, tocando seu braço.

Ela se remexe, mas continua com os olhos fechados.

Quando encosto nela de novo, ela resmunga “Nãããooo”, e se deita de bruços, enterrando o rosto no travesseiro.

Que dramática.

“Querida, você precisa levantar. O Auden vai pegar todos os chocolates se você não…”

E, de repente, ela levanta da cama, com os cabelos loiros todos despenteados. Seus cabelos são ondulados como os meus, e grossos como os da mãe.

“É melhor ele *nem sonhar*!”, ela grita quando se levanta e calça os chinelos, correndo para fora do quarto.

Quando eu consigo alcançá-la, ela está abrindo todos os armários da cozinha.

“*Onde está o meu*?”, ela grita.

Tessa ri, e Auden desembrulha um ovo de chocolate com os dedinhos gordos e começa a comer um pedação. Mastiga por um momento, e abre a boca.

Tessa se aproxima e tira um pedaço de papel-alumínio de sua boca, e ele sorri, com chocolate cobrindo os dentes tortos. Ele perdeu o dente da frente semana passada, e está adorável. Eu tiro sarro dele porque está falando engraçado, já que essa é uma das vantagens de ser pai: posso perturbá-los quando quiser. É um rito de passagem.

“Mãe!”, Emery resmunga no armário do corredor. “O papai escondeu o meu… não é? Por isso não consigo encontrar!”

Dou risada do drama que ela faz. “Sim, sim, escondi.”

Ela é uma menina meiga, mas cheia de opinião aos onze anos. Por isso não tem muitos amigos.

Emery continua procurando enquanto Auden devora metade de seu cesto de chocolates, jogando pedacinhos de grama falsa no chão.

“Tem um tambor aí dentro também”, digo a ele. Ele assente, com a boca ainda cheia de doce, aparentemente pouco interessado em qualquer outra coisa que não seja feita de chocolate.

“Papai.” Emery entra na cozinha com as mãos vazias. “Pode me dizer onde escondeu meu cesto? Está muito difícil. Mais difícil do que o ano passado.” Ela se aproxima e passa os braços pela minha cintura. É bem alta para sua idade, e está tentando me fazer de bobo.

“Por favoooor”, ela implora.

“Você não engana ninguém, querida. Vou dar uma dica, mas um abraço e uma vozinha meiga não vão me chantagear. Você precisa se esforçar pelas coisas, lembra?”

Ela contrai os lábios ainda mais. “Eu sei, papai”, diz, agarrada a meu peito.

Sorrio diante de sua nova tática e, quando olho para a frente, vejo Tessa observando Emery com olhos desconfiados.

“Está em um lugar aonde você não vai nunca. Está onde suas roupas ficam e você não ajuda a dobrar.” Passo a mão pelas costas dela, que me solta.

“A máquina de lavar!”, Auden grita, e Emery solta um berro. Ela corre até o irmão e passa a mão na cabeça dele. Ele sorri e parece um cachorrinho feliz ao ser elogiado pela irmã.

Em um minuto, Emery volta correndo para a cozinha com um cesto. Pequenos ovos de Páscoa caem no chão. Ignorando todos eles, ela continua a olhar dentro do cesto. Tessa se levanta para ajudá-la com a sujeira que a própria Emery não parece interessada em limpar.

Emery se senta no chão. Apoia o cesto nas pernas cruzadas, e está comendo um monte de balas de goma. Eu me viro para Tessa e para Auden. Ele está no colo da mãe, abraçando-a pelo pescoço. No colo dela, ele parece quase de seu tamanho. Não faço a menor ideia de como o tempo passou ou de como eu — um merdinha rebelde — consegui fazer filhos tão calmos e cheios de empatia.

Bom, Emery já deu seus chiliques, claro. Como quando jogou um vaso na parede. Mas não foi difícil lidar com isso: eu dei uma bela bronca. Não aceito essa raiva de menina mimada. Ela não tem motivo para ser revoltada aos onze anos, não como eu tinha. Ela tem dois pais que a amam e que estão sempre do seu lado.

Sério, os dois são ótimos.

Tessa e eu sempre apoiamos nossos filhos. Eles nunca ficaram sem um abraço, um beijo e pelo menos dois *eu te amo* durante um dia. Emery tem algumas das coisas da moda entre as meninas populares da escola. Não quero que meus filhos sejam como eu, os alunos de sapatos furados. Quero que saibam como é querer coisas como brinquedos e ensinar a eles uma maneira de merecê-

los, fazendo coisas simples como beijar e abraçar, o que nunca vai faltar por aqui. Decidimos isso quando eles nasceram. Eu não seria como meu pai, como nenhum dos dois. Criaria filhos que sabem que são amados, sem pensar que estão sozinhos no mundo. O mundo é grande demais para ficar sozinho, principalmente dois pequenos Scott.

Interrompi o padrão de pais ruins para não estragar essas duas vidinhas.

Dentro de uma hora, Emery está dormindo, com uma perna pendurada no encosto do sofá e um braço pela lateral. Auden está no sofá preferido dele, que, apesar de ser uma "miniatura", toma muito espaço. Tessa levou para casa apesar de meus protestos. O sofá veio com um apoio para os pés bem caro, o que também toma muito espaço para uma sala de estar do Brooklyn. Eu perdi feio na discussão a respeito da mobília, por isso aqui estou, olhando para meu filho de seis anos, desmaiado depois de comer muitos doces, ainda com manchas de chocolate no queixo. Ele se parece mais comigo do que com a mãe.

"Olha como eles são lindos", diz Tessa atrás de mim. Quando olho para ela, vejo que está exausta; seus olhos estão pequenos, e a pele está meio pálida.

Encosto os lábios em seu rosto, torcendo para conseguir ver um pouco de cor nele. Ela suspira, e sinto suas mãos em meu peito.

"O que você pretende fazer durante esse cochilo?", pergunto. Ela sempre consegue usar cada minuto do cochilo das crianças — que tem se tornado cada vez mais curto — para coisas produtivas. Ela é ocupada demais, mas não me ouve, por isso não posso fazer nada a respeito.

Observo enquanto ela confere os itens de sua lista mental.

"Bom", diz ela lentamente, e começa a dizer coisas como: "Telefonar para a Fee para falar sobre o bolo", e "Pedir para a Posey conferir aqueles buquês", e mais alguma coisa que não consigo ouvir quando levo a mão à parte da frente de sua calça larga. Ela olha para mim com atenção quando puxo o cordão da calça e enfio meus dedos dentro de sua calcinha.

"Não me distraia", ela resmunga, mas aproxima o corpo do meu, fazendo com que eu aplique mais pressão.

"Você está trabalhando demais", digo a ela pela trigésima vez na semana. Ela revira os olhos pela trigésima primeira.

Segura meu braço e leva minha mão ao peito. “Olha quem fala, o cara que fica sem dormir durante dias quando tem que cumprir um prazo.”

Ela está disposta a ser distraída por mim hoje, o que não é assim tão comum, mas vou aproveitar, com certeza. Toco seus seios, para cima e para baixo. Ela geme, pedindo mais. Vou dar.

Pego sua mão e a levo pelo corredor. Ela caminha depressa, ansiosa para chegar ao nosso quarto. Assim que passamos pela porta, Tessa a bate com força, e quase derruba um quadro enorme das crianças da parede. Quando ela propôs que fosse emoldurado, eu achei bizarro, mas ela adorava a ideia de ter uma imagem deles do tamanho de um outdoor aqui. A única coisa que pude decidir foi que fosse pendurado longe de nossa cama. De jeito nenhum eu ficaria olhando para uma versão abstrata e neon de meus filhos enquanto trepasse com minha esposa. De jeito nenhum.

“Venha aqui”, digo a ela, fazendo um gesto para que ela se sentasse em meu colo. Estou na beirada de nossa cama *king size*. Nos últimos meses, às vezes, dividimos a cama com os dois filhos. Auden passou por uma fase de pesadelos, durante a qual me preocupei, achando que pudesse ser algo que havia herdado de mim. Emery fez a mesma coisa, sentindo inveja do irmão, e veio pedir proteção para os “sonhos ruins”, que eu sabia que não eram verdadeiros. Ela ficava inclusive coçando os olhos como se tivesse seis anos.

Os dois dormiam entre nós.

Foi incrível, posso dizer.

“Hardin?” A voz de Tessa é suave, rouca, e ela olha em meus olhos. “Em que está pensando?”, pergunta ela, subindo e descendo os dedos pela minha barriga, com as unhas arranhando minha pele devagar.

“Nas crianças e quando elas dormiam na nossa cama.” Dou de ombros e sorrio para ela.

“Que esquisito”, diz ela balançando a cabeça. Mas ela sorri.

“Só é esquisito porque dessa vez eu me distraí, e não você, linda.”

Acaricio seus mamilos duros, e ela geme. Levanto sua camiseta, que cai no chão, e ela balança os cabelos, fazendo com que fiquem despenteados, com as faces vermelhas e os lábios rosados. Cabelos loiros revoltos e olhos famintos.

Estendo a mão, passando o dedo pela costura de seu sutiã preto de renda. Essa mulher usa os sutiãs mais sensuais do mundo. Enfio a mão por baixo do tecido e aperto seus mamilos.

“Deite-se, linda”, oriento. Ela desce a calça e a calcinha, deixando-as no chão, e se deita de costas na cama. Em seguida pega um travesseiro e o coloca embaixo da cabeça. Seus olhos me dizem exatamente o que ela quer: sexo oral. Tem sido seu preferido.

Está cansada, exausta, e com os pés doloridos, por isso simplesmente quer ser mimada. Claro que isso será retribuído — minha mulher devolve o favor, e chupa meu pau nas manhãs em que as crianças dormem além das sete. Tessa levanta as pernas, flexiona as duas e as abre bem na minha frente. Mordo meu lábio, tentando conter um gemido.

Ela está encharcada, brilhando sob a luz, e não tenho o menor autocontrole. Quase me jogo para a frente, pressionando minha boca contra sua pele úmida e macia. Minha língua faz um movimento firme, e chupo com delicadeza.

Ela ergue o quadril, empurrando o corpo contra mim. Passo os braços ao redor de suas coxas e a puxo para a beirada da cama. Ela geme, um adorável som de surpresa misturado com excitação. Minhas mãos seguram suas nádegas, e minha boca a devora enquanto ela geme meu nome e *isso* e *nossa*, além de mil outras coisas bem indecentes.

Adoro suas pequenas exclamações de incentivo. Isso me faz querer deixá-la com as pernas bambas, agarrada aos lençóis. Agora, ela está puxando meus cabelos, um punhado deles. Adoro isso.

“Har-din…” Ela diz, e eu enfio um dedo em sua boceta, pondo e tirando, deixando-a maluca. Faço movimentos circulares em seu clitóris com a língua, murmurando e circulando, murmurando e circulando. Sinto seu gosto quando ela goza, é uma delícia.

Puxo o ar e me levanto para deitar a cabeça em sua barriga enquanto ela recupera o fôlego. Ela puxa meus cabelos, me atraindo para ela. Ainda estou excitado e, deitado em cima de seu corpo nu, não consigo pensar em mais nada além de sexo. Tessa sabe disso, e está se erguendo da cama, esfregando-se contra mim.

“Quer foder mesmo? Ainda não cansou?”, pergunto, pressionando meu pau duro em sua umidade.

“Nunca vou me cansar…”, ela geme, e eu perco o controle quando segura meu pau e me guia para dentro dela. Eu a penetro de uma vez e observo, encantado, seus olhos se revirarem. Seus peitos estão pressionados contra meu peito, e suas coxas envolvem minha cintura.

“Mais”, ela implora, querendo que eu me movimente dentro dela. Obedeço, com estocadas rápidas. Uma de suas mãos agarra meus cabelos, e a outra aperta minhas costas.

Não vou aguentar muito.

Nem um pouco.

Sinto as pernas dela me apertando, e atinjo meu ápice nesse momento, fazendo os últimos movimentos enquanto seu corpo se contrai com o meu. Ela mantém os olhos fechados, e eu desabo na cama.

Conforme minha respiração diminui, olho para Tessa. Seus olhos cinza-azulados estão fechados, os lábios estão entreabertos, e ela está tão linda quanto era no dia em que a conheci.

Mal consigo me lembrar do moleque que eu era quando a conheci, mas todos os detalhes de nossa vida juntos desde então passam por mim como uma canção.

Essa mulher teimosa ainda se recusa a se casar legalmente comigo, mas é minha esposa em todos os aspectos importantes, a mãe dos meus filhos lindos. Queremos ter pelo menos mais um, quando ela diminuir o ritmo de trabalho.

Tenho receio de colocar outro filho no mundo. Fico um pouco preocupado todas as vezes.

A responsabilidade de criar um ser humano decente pesa em mim, mas Tessa carrega metade do peso e me diz que somos ótimos pais. Não sou como meu pai era. Sou diferente. Claro, cometi meus erros. Mas cumpri minha pena e fui perdoado. Não sou um homem religioso, mas sei que deve existir algo maior do que Tessa e eu aqui. Meu mundo foi do nada para tudo, e sinto orgulho de quem sou agora. Vejo minha luz nos olhos dos meus filhos, e escuto a minha felicidade no riso deles.

Sinto orgulho da diferença que faço na vida dos adolescentes com minhas

doações para o centro comunitário. Conheci milhares de pessoas cujas vidas foram afetadas por minhas palavras nas páginas. Lutei por muito tempo para deixar tudo guardado, mas, quando relaxei, meu coração se abriu. Teria sido egoísta de minha parte não dividir minhas experiências, não ajudar adolescentes que sofrem com vícios e doenças mentais. Ao longo dos anos, aprendi a não me concentrar no passado e só olhar para o futuro. Tenho consciência de que meus pensamentos parecem piegas, mas é a minha verdade.

Vivi na escuridão por muito tempo; quero ajudar a iluminar o caminho dos outros.

Sou abençoado com uma família com a qual nem sequer poderia sonhar, e estou criando filhos que serão melhores do que fui.

A cabeça de Tessa cai para o lado, e eu afasto os cabelos de seu rosto. Ela tem sido minha calma, meu fogo, meu ar, minha dor e, independentemente do que passei, cada segundo valeu a pena para chegarmos à vida que temos agora.

Arrastei Tessa comigo pelo inferno, mas estamos aqui. Depois de tudo, criamos nossa própria versão do paraíso.

Agradecimentos



Tenho a sensação de que os agradecimentos neste livro são exatamente os mesmos do último, mas as mesmas pessoas incríveis me ajudaram com eles — então, muito obrigada a todos!

Adam Wilson: Mais uma vez, obrigada por trabalhar comigo com tanta dedicação. Aprendo muito com você e com sua paciência. Fizemos cinco livros (que são do tamanho de dez) em um ano, e isso é maluco demais. Mal posso esperar pelos próximos três J.

Kristin Dwyer: Você é poderosa, cara. Você me mantém organizada (o máximo que consegue, já que não tenho muita prática em verificar os compromissos no meu calendário). Obrigada por tudo!

Wattpad: Obrigada por ainda ser minha casa e por permanecer como é, dando a milhões de pessoas um lugar para fazer o que amam.

Ursula Uriarte: É muito maluco pensar que você entrou na minha vida como uma blogueira que por acaso gostava dos meus livros e agora é uma das minhas amigas mais próximas. Apesar de ainda não saber escrever seu nome direito, você é muito, *muito* importante para mim, para o Hardin e para a Tessa. Você os ama tanto quanto eu, e isso significa muito para eles. (Eles me disseram!)

Wilma e RK: Amo vocês duas e valorizo muito sua amizade. Vocês me ajudaram ao longo deste livro e ouviram meus chiliques. Amo vocês duas.

Ashleigh Gardner: Obrigada por ser a melhor amiga e agente que eu poderia ter!

Obrigada aos revisores e editores que trabalharam com afinco para cumprir prazos muito apertados.

Um obrigada enorme a todas as editoras estrangeiras que me publicam, desde os editores ao pessoal do marketing, e todos os envolvidos. Todos vocês se empenham muito em traduzir e comercializar os livros pelo mundo, e isso é muito importante para mim e para os leitores. Eu me diverti demais visitando tantos lugares e conhecendo tantos leitores do mundo todo.



JD WITKOWISKI

ANNA TODD vive em Austin, no Texas, com seu marido, com quem se casou um mês depois de se formar no ensino médio. Durante os três períodos em que ele serviu no Iraque, ela teve empregos em lojas de maquiagem e escritórios da Receita Federal americana. Anna sempre foi uma leitora ávida, fã de boy bands e de livros românticos. Está vivendo um sonho desde que conseguiu combinar as três coisas e tornar-se escritora.

Copyright © 2015 by Anna Todd

Todos os direitos reservados.
Publicado em língua portuguesa por acordo com Gallery Books,
um selo da Simon and Schuster, Inc.
A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor
no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Before

CAPA Tamires Cordeiro/ Inspirada no design da capa do Grupo Planeta, Espanha

IMAGEM DE CAPA Britt Erlanson/ Getty Images

IMAGEM DE MIOLO Departamento de Arte do Grupo Planeta, Espanha

PREPARAÇÃO Alexandre Boide

REVISÃO Renata Lopes Del Nero e Carmen T. S. Costa

ISBN 978-46-438-0528-3

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.editoraparalela.com.br
atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br

Sumário

Capa
Rosto
Créditos
Playlist de Hessa
Parte um
Natalie
Molly
Melissa
Steph
Parte dois
Hardin
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
Parte três
Zed
Landon
Christian
Smith

Hessa
Hessa
Agradecimentos
Sobre a autora